



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara – SP/

Université de Limoges - LIMOGES

École Doctorale “Cognition – Comportements – Langages(s)”



PATRICIA VERONICA MOREIRA

A EMERGÊNCIA DO SENSÍVEL NA SEMIÓTICA DISCURSIVA: Uma abordagem historiográfica



ARARAQUARA/LIMOGES
2019

PATRICIA VERONICA MOREIRA

A EMERGÊNCIA DO SENSÍVEL NA SEMIÓTICA DISCURSIVA: Uma abordagem historiográfica

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara e l'École Doctorale “Cognition – Comportements – Langage(s)” – Unilim/Limoges como requisito para obtenção do título duplo de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela convenção estabelecida.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamentos discursivos e textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Co-orientador: Prof. Dr. Jacques Fontanille

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA/LIMOGES
2019

Moreira, Patricia Veronica

A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica / Patricia Veronica Moreira — 2019

285 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)
— Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Jean Cristtus Portela

Coorientador: Jacques Fontanille

1. Semiótica Discursiva. 2. Historiografia
Linguística. 3. Semiótica Historiográfica. 4. Sensível.

I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PATRICIA VERONICA MOREIRA

A EMERGÊNCIA DO SENSÍVEL NA SEMIÓTICA DISCURSIVA: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara e l'École Doctorale “Cognition – Comportements – Langage(s)” – Unilim/Limoges como requisito para obtenção do título duplo de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela convenção estabelecida.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamentos discursivos e textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Co-orientador: Prof. Dr. Jacques Fontanille

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 30/08/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela (Unesp/Fclar)

Membro Titular e co-orientador: Prof. Dr. Jacques Fontanille (Unilim)

Membro Titular: Profa. Dra. Elizabeth Harkot-de-La-Taille (Usp/FFLCH)

Membro Titular: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes (Usp/FFLCH)

Membro Titular: Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann (Unesp/Fclar)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais, Cleonice e Tadeu

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, prof. Dr. Jean Cristtus Portela, por ter acreditado e confiado na minha pessoa, enquanto semioticista em devir. Não existem palavras para medir minha gratidão pelo percurso que percorremos juntos. Agradeço pelos ensinamentos teóricos e acadêmicos que me possibilitaram ver a academia de outra forma. Agradeço pelas reuniões, pelos cafés juntos em que discutíamos a tese e a vida. Agradeço pela amizade que cultivamos, pelo carinho que dali surgiu. Pela paciência sem fim e pela ternura até nos momentos mais difíceis. Meus sinceros agradecimentos por me acolher no grupo e minha eterna admiração e amizade.

Ao meu co-orientador, prof. Dr. Jacques Fontanille, por ter acolhido nosso projeto e por ter estabelecido conosco a convenção de cotutela. Agradeço imensamente pela recepção em Limoges e pelos encontros marcados pela cordialidade e pelas críticas construtivas. Agradeço pelos conselhos e pelos ensinamentos semióticos. Agradeço pela confiança e pela imensa paciência. Agradeço por toda ajuda acadêmica e burocrática. Agradeço pela correção cuidadosa do resumo em francês. Agradeço, especialmente, por ter assumido um papel mais de orientador do que de co-orientador. Meus sinceros agradecimentos e minha eterna admiração.

À prof. Dra. Isabelle Klock-Fontanille, pela recepção cordial em Limoges, pelos encontros e pelos ensinamentos.

À Unesp, por ser mediadora da minha formação e por ter possibilitado jornadas inimagináveis. Aos funcionários da pós-graduação por sempre responderem e ajudarem com paciência.

À Unilim, pelo acolhimento e pelo financiamento pelos três meses de estágio em Limoges, agradeço pela paciência e pela ajuda burocrática.

À Capes, pela bolsa concedida no segundo ano de doutorado. Sem a bolsa, a jornada teria sido tão difícil quanto o seu início. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao professor Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann, pelos ensinamentos semióticos em sua disciplina, pelos conselhos na qualificação, pela parceria no Selin, pelo trabalho em conjunto e pelos momentos de descontração. Meus sinceros agradecimentos.

Ao prof. Dr. Arnaldo Cortina, pelos ensinamentos semióticos durante as disciplinas da pós-graduação.

Aos professores Dr. Denis Bertrand e Dra. Veronica Estay-Stange, pela recepção calorosa e pelos ensinamentos. Ainda, pelo seminário oferecido em 2015, que possibilitou o encontro com o amor da minha vida.

Aos professores Dra. Norma Discini, Dra. Carolina Tomasi e Dra. Lúcia Teixeira, pelas leituras críticas nos debates do Selin.

Aos meus pais e aos meus irmãos, pela confiança e pelo amor depositados em mim. Mesmo distantes, sempre me senti amada e apoiada. Agradeço imensamente por me ensinarem a persistir, mesmo nos momentos mais árduos.

À minha família e aos novos integrantes, pelo carinho, pelo apoio emocional e pelo apoio financeiro.

Aos amigos, em especial, Allice, Flavia, Geiza, Janice, Mário, Raíssa, Renata, Thaís, entre outros, pela amizade sincera, pelas discussões sobre a semiótica e pelo apoio em momentos felizes e em outros nem tão felizes assim.

À minha amiga Flavia, pela revisão cuidadosa deste texto e pelas parcerias acadêmicas e pessoais.

Ao prof. Dr. Sebastião Elias Milani, pela introdução aos estudos da historiografia linguística.

À banca de defesa por ter aceitado o convite e pelas contribuições dadas a este trabalho.

Ao meu amigo, companheiro e amado, Fernando, pelas inúmeras demonstrações de que é possível construir um relacionamento baseado no respeito mútuo, no carinho, na admiração. Agradeço imensamente por me ouvir e me acolher, nos mais diversos momentos, sempre me incentivando. Agradeço pela confiança, pelas risadas e pelo amor que construímos dia a dia. Minha eterna gratidão e meu eterno amor.

Ao universo, porque somos todos feitos de poeira estelar.

“Vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou?”

Carlos Drummond de Andrade (2017, p. 271).

RESUMO

Esta pesquisa objetivou compreender o conceito de sensível na semiótica greimasiana e pós-greimasiana pelo viés da historiografia linguística, contextualizando seu surgimento e sua permanência nos estudos semióticos contemporâneos. Neste trabalho, o sensível é definido como um hiperônimo e os outros conceitos circunscritos no seu campo são vistos como seus domínios: a corporeidade, a passionalidade e a sensibilidade. Em cada domínio, destacamos termos relacionados ao sensível: corpo, afeto, paixão, emoção, contágio, sensação, percepção, estesia e estética. Recuperamos a espessura teórica desses conceitos pelo viés dos princípios historiográficos de *contextualização*, *imanência*, *adequação* e *influência*, de K. Koerner (1996, 2014a), dos parâmetros de *cobertura*, *perspectiva* e *profundidade*, bem como dos tipos de *componentes heurístico*, *hermenêutico* e *reconstrução-sistemática* de P. Swiggers (2009, 2015), de *grupos de especialidades* de S. O. Murray (1994, 1998) e de *horizontes de retrospectão* de S. Auroux (2008), traçando seu percurso desde suas origens em *Semântica Estrutural* (1966), de A. J. Greimas, e passando pela emergência e pela sua repercussão nas obras de J. Fontanille, E. Landowski e C. Zilberberg, que integram o período que aqui chamamos de pós-greimasiano. Depois, definimos em que medida o sensível apareceu na retórica e/ou na imanência das obras dos semioticistas escolhidos. Após ter estabelecido os desdobramentos epistemológicos do sensível, finalmente, conseguimos definir o lugar histórico e epistemológico de uma semiótica, hoje, considerada do sensível ou mais sensível, explicitando sua relevância nos estudos da linguagem.

Palavras – chave: Semiótica discursiva. Historiografia linguística. Sensível.

ABSTRACT

This research aimed to understand the concept of “sensitive” in greimasian and post-greimasian semiotics, due to the bias of linguistic historiography, contextualizing its emergence and permanence in contemporary semiotic studies. In this work, the “sensitive” is defined as a hyperonym and the other concepts circumscribed in its field are seen as its domains: of corporality, of passion and of sensibility. In each domain, we highlight terms related to the sensitive: body, affection, passion, emotion, contagion, sensation, perception, esthetics and aesthetics. We retrieve the theoretical thickness of these concepts through the bias of the historiographic principles of *contextualization, immanence, adequacy and influence*, by K. Koerner (1996, 2014a), *the coverage parameters, perspective and depth, heuristic, hermeneutic and reconstruction-systematic component types* P. Swiggers (2009, 2015), SO Murray *specialties groups* (1994, 1998) and *retrospection horizons* S. Aurox (2008), tracing his course since his origins in Structural Semantics (1966) by A. J. Greimas, and passing through the emergency and its repercussion in the works of J. Fontanille, E. Landowski and C. Zilberberg, which correspond to the period we call post-Greimasian. Then we define to what extent the “sensitive” appeared in the rhetoric and / or immanence of the works of the chosen semioticians. After establishing the epistemological unfolding of the “sensitive”, finally, we were able to define the historical and epistemological place of a semiotics, considered today as sensitive or more sensitive, explaining its relevance in language studies.

Keywords: Semiotics of discourse. Linguistic historiography. Sensitive.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Principais acontecimentos do século XX (1905-1948).	41
Figura 2	Marcos da Linguística Moderna (1915-1933)	42
Figura 3	Marcos da Linguística Moderna (1954-1987)	43
Figura 4	Principais acontecimentos do século XX (1953-1980)	44
Figura 5	Organograma da <i>Actes Sémiotiques</i>	67
Figura 6	Camadas do conhecimento	88
Figura 7	Os domínios e os termos do Sensível (versão preliminar)	90
Figura 8	Quadro das especificações das dimensões pragmática, tímica e cognitiva	102
Figura 9	Esquema passional canônico em <i>Semiótica das paixões</i>	130
Figura 10	Esquema passional canônico em <i>Sémiotique et littérature</i>	131
Figura 11	Primeira formulação explícita do percurso patêmico canônico	134
Figura 12	Capa original de <i>De l'imperfection</i>	192
Figura 13	Esquema da identidade corporal	197
Figura 14	Modelo da produção do ato em ponto triplo	199
Figura 15	Os domínios e os termos do Sensível na semiótica discursiva	213

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Tipologia das citações tensivas: triagem	56
Gráfico 2	Tipologia das citações tensivas: mistura	57
Gráfico 3	Formação e dispersão do grupo de especialidades de Semiótica	74
Gráfico 4	Esquema do conhecimento teórico e da vivência	180

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Diferentes tipos de citação	54
Quadro 2	Histórico das publicações do grupo	66
Quadro 3	Resumo do grupo de especialidades de Greimas	69
Quadro 4	Principais forças temáticas	113
Quadro 5	Experiência sensível da prática de leitura em <i>Da imperfeição</i>	194
Quadro 6	Valências do espaço	205
Quadro 7	<i>Actes Sémiotiques – Les Bulletins</i>	227
Quadro 8	<i>Actes Sémiotiques – Documents</i>	230

Sumário

INTRODUÇÃO.....	16
1. O FLORESCER DA METODOLOGIA	27
1.1 Escolas Historiográficas.....	27
1.2 Historiografia Semiótica “Selvagem”	32
1.2.1 Os historiógrafos-semiotistas ou os semiotistas-historiógrafos?	33
1.3 Princípios historiográfico-linguístico-semióticos para um conceito	39
1.3.1. Princípios historiográfico-linguísticos semiotizados	51
1.4. Recepção da Semiótica Francesa no Brasil: a escolha do corpus	75
2. EM BUSCA DO SENSÍVEL PERDIDO	82
2.1 Cartografia do Sensível.....	84
2.2 O domínio da corporeidade	90
2.3. O elo entre a corporeidade e a sensibilidade: sensação, percepção, estesia e estética	94
2.4. O elo entre a corporeidade e a passionalidade: afeto, paixão e emoção	101
3. REDUZINDO O HIATO ENTRE O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL: A PASSIONALIDADE	109
3.1 O domínio da passionalidade	111
3.2 Sobre a Semiótica das paixões	120
3.3 O surgimento do percurso patêmico	128
3.4 Uma nota sobre o contágio.....	134
4. O LUGAR NÃO-LINGUÍSTICO DO SENTIDO: A SENSIBILIDADE.....	148
4.1 Sobre os sentidos	155
4.2 Sobre heranças filosóficas.....	158
4.3. A percepção e o mundo visível	165
4.4 Entre o manual e as sínteses da sensibilidade	170
5. UMA PANCÁLIA ORIGINAL: A CORPOREIDADE.....	184
5.1 A fratura do corpo – Körper e Leib	191
5.2 O corpo – a coesão, a coerência e a congruência	195
5.3 O regime de união – o corpo sociossemiótico	199
5.4 O corpo em Zilberberg – de Valéry à afetividade	204
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215

ANEXOS	226
ANEXO A – LES BULLETINS	227
ANEXO B – LES DOCUMENTS	230
RÉSUMÉ DE LA THÈSE	233
INTRODUCTION.....	234
1. LA METHODOLOGIE.....	240
1.2 Les principes historiographique-linguistique-sémiotiques pour un concept	243
1.3 Concepts historiographiques : une contribution de la sémiotique.....	247
2. CARTOGRAPHIE DU SENSIBLE	262
2.1 Le domaine de la passionnalité	265
2.2 Le domaine de la sensibilité	273
2.3 Le domaine de la corporéité.....	279
CONSIDÉRATIONS FINALES.....	283

INTRODUÇÃO

[...] it may be useful to cultivate some kind of meta-awareness [...] as to the inevitable, universal limitations of historiographical work. Historiographical activity always involves a “conditional interpretation”. This has a straightforward explanation: on the one hand, all historiographical work is source-bound, and thus incomplete, and subject to change; on the other hand, it is always, to some extent, subjective, non-definitive, and non-neutral. In other words, we have to be aware of the inevitable presence of ‘dark holes’ in our documentation, and of ‘loose ends’ in our analysis and synthesis. Or, put more briefly: historiographical work is always a matter of probabilistic approximation (SWIGGERS, 2017, p. 89).

Ao longo de seu desenvolvimento, a semiótica discursiva, preconizada por Algirdas Julien Greimas e seus colaboradores, passou frequentemente por mudanças teórico-metodológicas, ainda que tenha mantido, em grande medida, a sua unidade. Sobre o devir da semiótica estrutural e a consequente ampliação de objetos de estudo, Jacques Fontanille (1995b), nos anos 1990, já falava de um “novo paradigma”, de uma “nova semiótica”, uma vez que aquela semiótica nascida nas bases do estruturalismo, nos anos 1960-1970, acrescentou ao seu escopo diferentes interesses, tais como: a substância, o contínuo, o sujeito, a percepção, a dimensão passional, etc.

Em outros momentos, o autor também reconhece que houve uma virada do sensível na teoria. A título de exemplo, na entrevista que concedeu a Portela, publicada na Revista *Alfa*, Fontanille retoma o fim dos anos 1980 como momento de transição de uma semiótica narrativa para uma discursiva, cujas mudanças teriam como consequência o tipo de semiótica que se faz hoje, ou os tipos de semióticas para sermos mais exatos: “[...] é inicialmente o seminário sobre as paixões, a virada sensível das pesquisas semióticas, o aumento das abordagens fenomenológicas, é o momento em que nasce a semiótica que se faz hoje” (FONTANILLE, 2006, p. 166, tradução nossa)¹. Percebemos as mudanças na disciplina por intermédio da retórica de outros autores também. Eric Landowski afirma que, em pouco tempo, ela se deslocou de uma semiótica de discursos enunciados para uma semiótica de situações e, hoje, toma a “forma” de uma semiótica da experiência sensível (LANDOWSKI, 2004, p. 105). No entanto, a dualidade que sempre existiu entre o sensível e o inteligível na semiótica não é restrita à disciplina. Essa discussão retoma um longo caminho de retrospectão.

¹ Trecho original: “[...] c’est d’abord le séminaire sur les passions, le virage ‘sensible’ des recherches sémiotiques, la montée en puissance des approches phénoménologiques, c’est le moment où prend naissance la sémiotique qui se fait aujourd’hui”.

Desde os gregos, os estoicos, os moralistas, os positivistas, os estruturalistas, entre outros, o sensível é visto como o prejuízo na relação homem-mundo, sendo a racionalidade exaltada por muitos, resultando, por sua vez, na extrema decisão de deixar na periferia os temas em torno da subjetividade. Portanto, entende-se que há muito tempo o sensível se opõe ao inteligível. Se, de fato, essa é a única oposição entre o sensível e o inteligível, como ela aconteceu ou acontece na semiótica discursiva? Se não, como essas duas dimensões se relacionam e/ou se sobrepõem? Diante desses questionamentos, decidimos resgatar as origens de um percurso do sensível na semiótica, tomando-o como objeto de estudo desta pesquisa.

Primeiramente, é preciso estabelecer o que entendemos por sensível. Para isso, adotamos o posicionamento presente no campo dos trabalhos desenvolvidos sobre: o corpo, a percepção, as paixões (GREIMAS; FONTANILLE, 1991; FONTANILLE, 1989b, 2004, 2011), o contágio, a estesia e a estética (GREIMAS, 1987; FONTANILLE, 1989b; LANDOWSKI, 2004, 2006), a afetividade (ZILBERBERG, 2006; ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998; ZILBERBERG, 1988, 2011), entre outros.

Levando em consideração esse posicionamento, podemos empreender como se deu o surgimento do sensível na semiótica. Observa-se que se mais modernamente, depois dos anos 2000, a semiótica retomou a reflexão sobre a existência para dar conta do sujeito em narrativas mais complexas, foi justamente por meio da perspectiva fenomenológica merleau-pontiana que a percepção encontrou sua porta de entrada na teoria, possibilitando a articulação entre o sensível e o inteligível na apreensão do sentido. É possível recuperar a influência de Merleau-Ponty desde a obra de Greimas, mais especificamente, a partir do artigo “L’actualité du saussurisme” (1956). Entretanto, a preferência epistemológica instaura-se na *Sémantique structurale* (1966), sem grandes aprofundamentos, para, finalmente, “romper” as barreiras de uma semiótica da ação com a publicação de *De l’imperfection* (1987), seguida de *Sémiotique des passions* (1991), em coautoria com Fontanille. Vê-se que a fenomenologia, curiosamente, esteve presente tanto no começo quanto na última fase do pensamento greimasiano.

No artigo “A atualidade do saussurismo”, Greimas cita uma passagem da aula inaugural de Merleau-Ponty no *Collège de France*: “Saussure bem que poderia ter esboçado uma nova filosofia da História” (MERLEAU-PONTY, 1953 apud GREIMAS, 1956, p. 191, tradução nossa)². Podemos observar que Greimas foi convidado a “redescobrir” o *Curso de Linguística*

² Trecho original: “Saussure pourrait bien avoir esquissé une nouvelle philosophie de l’Histoire”.

Geral e rever sua atitude em relação ao saussurismo; sendo Saussure uma fonte essencial para o desenvolvimento da “primeira” fase da semiótica, reforça a releitura de sua obra por Greimas. Além disso, Greimas ressalta que os esforços de Merleau-Ponty são reconhecidos pela sua tentativa de desvincular a dicotomia entre pensamento e linguagem em prol de uma psicologia da linguagem, cuja concepção tem o sentido imanente à forma linguística, aproximando, dessa maneira, Saussure de Merleau-Ponty.

Na *Semântica Estrutural*, o homem é, para Greimas, atormentado cotidianamente pelas significações, pois a significação é o elemento que define o “mundo humano”, convertendo-o no “mundo da significação”, visto que só podemos ser chamados de “humano(s)” enquanto significamos alguma coisa. Para distinguir a semântica linguística e a semiologia saussuriana, o pesquisador lituano delinea sua primeira escolha epistemológica ao colocar “[...] a percepção como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação” (GREIMAS, 1966, p. 8), admitindo sua preferência pela teoria fenomenológica merleau-pontiana, predileção sentida também, segundo Greimas, nas ciências humanas do século XX.

Qual seria, então, o resultado de pensar a percepção como lugar não-linguístico da significação? Vê-se aqui um resgate do mundo sensível a ser explorado. Para muitos semioticistas, o sensível teve sua verdadeira “retomada” na obra *Da Imperfeição*, publicada em 1987, trazendo a fenomenologia de Merleau-Ponty como referência, novamente. Nessa obra, Greimas trata de questões estéticas na semiótica, como afirma Landowski (2004, p. 39, grifo do autor, tradução nossa): “Greimas abriu caminho a uma série de pesquisas complementares tratando de uma outra importante forma de encontro entre o sujeito e o objeto, o encontro *estético*³”. Se em *Da imperfeição* Greimas radicalizou a “visão perceptiva do sentido”, em *Semiótica das paixões* [1991], escrita com Jacques Fontanille, há uma aproximação ainda maior com a fenomenologia nas análises dos sistemas modais da narrativa.

De acordo com Barros (2005, p. 46), por muito tempo a semiótica temeu o “psicologismo” no estudo dos “temperamentos”. Todavia, amadurecidas as análises discursivas, a semiótica se permitiu empreender o estudo das paixões e “[...] os resultados dos estudos da modalização do ser foram, sem dúvida nenhuma, fundamentais para esse avanço” (BARROS, 2005, p. 46). Outros aspectos foram aos poucos reintroduzidos na teoria (corpo, afeto, percepção,

³ Trecho original: “Greimas a ouvert la voie à une série de recherches complémentaires portant sur une autre forme majeure de la rencontre entre sujet et objet, la rencontre esthétique”.

contágio, etc.), devido à preocupação do psicologismo. Exemplo disso é o observador, que também foi excluído das teorias narrativas:

As principais teses narratológicas foram concebidas nos anos 60-70, depois da grande febre cinemato-perspectivista do pós-guerra, e no contexto do estruturalismo antimentalista, em que acusações de “psicologismo” floresciam como anátemas; na época, não se podia nem pensar em admitir entre as instâncias da narrativa um sujeito “cognitivo” (FONTANILLE, 1989, p. 37, tradução nossa)⁴.

A chamada descontinuidade encontrada em *Semiótica das paixões* dá-se na passagem de uma semiótica da ação para uma semiótica da paixão, tendo a primeira o objetivo de analisar as transformações “do estado de coisas”: “[...] vimos que a semiótica da ação, atribuindo o *status* formal aos conceitos de actante e de transformação, condição para a instauração de sua sintaxe, não fez outra coisa senão deslocar a problemática dos investimentos semânticos, descarregando-se (sic) sobre a noção de estado” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 [1991], p. 14). Contudo, o sujeito também passa por transformações e experimenta diferentes “estados de alma”, “em vista da ação e a própria competência modal” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 [1991]).

Pensando no sensível, ambos os estados se conciliam numa dimensão semiótica “sensibilizante”, pois “[...] é pela mediação do corpo que se percebe que o mundo transforma-se em sentido [...]” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 [1991], p. 13). A significação se dá pela percepção, pela mediação entre um sujeito sensível e um objeto sensível. Retomando as primeiras impressões de Greimas na *Semântica*, podemos concluir que se a significação é o que define o mundo humano e se somos humanos porque significamos algo, fica claro o papel da percepção na construção do sentido.

Assim, o “sentir” aparece na *Semiótica das paixões* como parte da epistemologia, em que “[...] as paixões não são propriedades exclusivas dos sujeitos, mas propriedades do discurso inteiro [e decidir] poder falar de paixão é, portanto, tentar reduzir esse hiato entre o ‘conhecer’ e o ‘sentir’” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 [1991], p. 21-22). Conforme Zilberberg, em *Elementos de semiótica tensiva*, o sensível já não era “contestado”, apenas foi preciso esperar a publicação de *Semiótica das paixões* para saber onde colocá-lo exatamente, e a partir dos anos

⁴ Trecho original: “Les principales thèses narratologiques ont été conçues dans les années 60-70, après la grande fièvre cinémato-perspective de l’après guerre, et dans le contexte du structuralisme antimentaliste, où les accusations de « psychologisme » fleurissaient comme des anathèmes ; pas question, à cette époque, d’admettre parmi les instances du récit un sujet ‘cognitif’”.

1980, a semiótica o (re)introduzirá, esclarece, em definitivo no seu escopo teórico com a “virada modal” (Le tournant modal en sémiotique, FONTANILLE, 1995b), quando Greimas o insere na “sintaxe modal”, ancorando o “sentido na afetividade” (ZILBERBERG, 2011a [2006], p. 45).

Depois desse rápido panorama sobre o sensível na pesquisa de Greimas e sobre o modo como os outros semioticistas veem esse percurso no horizonte histórico, acreditamos que essa problemática poderia se beneficiar dos estudos historiográficos para tentar entender até que ponto o sensível se insere nas obras de Greimas e a partir de qual obra ou quais obras exatamente. Também buscamos encontrar essa problemática nos estudos posteriores aos do fundador da semiótica. Assim, considerando a teoria como um todo, por meio de um viés interpretativo historiográfico, recorreremos àqueles autores mais próximos a Greimas a fim de tecer um fio contínuo e coerente.

Para tanto, chamamos de pensamento pós-greimasiano os autores que mais se destacaram na semiótica discursiva europeia e, em especial, brasileira, lugar de onde falamos, pois somos, do ponto de vista teórico, fruto de uma certa recepção da teoria. Pensando nesse aspecto e em questões geográficas, é fácil perceber a atividade institucional da semiótica em três universidades específicas em São Paulo: a Universidade de São Paulo, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho”. Essas três universidades podem ser associadas, de maneira geral, aos seguintes nomes: Claude Zilberberg, Eric Landowski e Jacques Fontanille, respectivamente. Cada um desses nomes representa um tipo de semiótica estudado hoje por diferentes semioticistas brasileiros na medida em que partem do ponto de vista tensivo, sociossemiótico e do vestígio (práticas, formas de vida). Outra razão para termos analisado suas obras é o fato de serem semioticistas de produção mais ativa bibliograficamente e mais propositiva no quadro geral da teoria. Dessa forma, Greimas, Fontanille, Landowski e Zilberberg são os nomes que compuseram nosso *cópus* de pesquisa.

Pioneiro nos estudos semióticos, Algirdas Julien Greimas, nascido na Rússia (Tula), no dia 09 de março de 1917, fenece em 27 de fevereiro de 1992. É autor da obra fundadora da semiótica francesa, *Sémantique Structurale*, publicada em 1966, que possibilitou e possibilita ainda hoje diferentes frentes de pesquisa na área: semiótica tensiva, subjetal, formas de vida, sociossemiótica, etc. Organizador intelectual e líder da *Escola de Paris*, publicou artigos e livros durante toda sua vida tanto individualmente quanto coletivamente. Entre suas principais obras, destacam-se: *Du Sens: Essais Sémiotiques* (1970); *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices*

pratiques (1976) ; *Du sens II: Essais sémiotiques* (1983); *De l'imperfection* (1987). Sobre *De l'imperfection*, é uma obra considerada por muitos a base da virada fenomenológica na semiótica. Uma obra para ser lida enquanto teoria ou na qualidade de consolidação e avanço teóricos, ou então para ser apreciada como objeto estético.

Jacques Fontanille, nascido na França em 1948, é professor emérito da Universidade de Limoges, tendo publicado obras relevantes na semiótica, ora individualmente, ora em coautoria: *Le désespoir* (1980); *Le savoir partagé* (1987); *Les espaces subjectifs: introduction à la sémiotique de l'observateur*; *Semiótica das paixões* (1991), em coautoria com Greimas; *Tensão e significação* (1998), em coautoria com Zilberberg; *Semiótica do discurso* (1999); *Soma et Séma* (2004); *Corps et sens* (2011), entre outras. A *Semiótica do discurso*, para ilustrar, foi um projeto de caráter didático para tentar resgatar o que há de comum entre diferentes semioticistas atuais (Denis Bertrand, Jean-François Bordron, Jean-Claude Coquet etc.), levantando inúmeras questões, entre elas, o aspecto do sensível na semiótica discursiva (FONTANILLE, 2007, p. 21).

Eric Landowski, nascido na França em 1942, diretor de pesquisa aposentado do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), em Paris, e codiretor do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), em São Paulo, publicou obras relevantes, como *A sociedade refletida. Ensaio de sociossemiótica I* (1992); *Do inteligível ao sensível* (1995), em conjunto com Ana Claudia de Oliveira; *Presenças do outro. Ensaio de sociossemiótica II* (1997); e *Passions sans nom. Essais de socio-sémiotique III* (2004), entre outras. O livro *Presenças do outro*, publicado na França em 1997 e no Brasil em 2002, aponta caminhos de análise para uma semiótica discursiva mais preocupada com a dimensão sensível do sentido.

Claude Zilberberg, nascido na França em 1938, faleceu em 12 de outubro de 2018, e foi um dos responsáveis pelo modelo da gramática tensiva. Entre suas principais obras estão: *Razão e poética do sentido* (1988); *Tensão e significação* (1998), obra conjunta com Fontanille; *Elementos de semiótica tensiva* (2006); e *Des formes de vie aux valeurs* (2011). O ponto de vista tensivo na semiótica ficou mais conhecido, de maneira geral, pela obra em coautoria com Fontanille, *Tensão e significação*, em que, já no “Prólogo”, os autores esclarecem que a intenção do livro não é a de substituir a semiótica clássica, mas de se situar como uma das possíveis semióticas numa semiótica mais geral e em devir, cujas escolhas compreendem a complexidade, a tensividade, a afetividade e a percepção.

Diante do que foi apresentado aqui sobre o sensível no pensamento greimasiano e pós-greimasiano, verificamos que, cada vez mais, os semioticistas advogam, de diferentes maneiras, por uma semiótica do sensível. Em 2014, Eric Landowski concedeu a Luiza Helena Oliveira da Silva uma entrevista sobre o que chamou de “semiótica do vivido”, na qual o autor retoma o projeto inicial de Greimas, pois a semiótica não é apenas uma teoria que trata de textos, mas que busca, segundo ele, o “sentido da vida”. Assim, no decorrer da entrevista, Landowski, por um lado, defende que se faça uma semiótica rigorosa (clássica), e, por outro, diz que para que esse projeto seja retomado, a semiótica precisa “transgredir” o discurso científico e tratar do sensível como “uma semiótica **ela mesma** sensível” (LANDOWSKI, 2014, p. 356, entrevista, grifo do autor).

No cenário brasileiro, semioticistas também apontam para a necessidade do estudo do sensível, como Norma Discini, no artigo “Da presença do sensível” (DISCINI, 2010), trabalho em que afirma a vizinhança entre a semiótica e a fenomenologia e ressalta a necessidade de uma investigação apurada do sensível. É essa direção de reflexão que Discini (2015) adota em *Corpo e estilo*, que foi sua tese de Livre-docência, defendida em 2013.

No campo dos estudos sobre o sensível, as relações da semiótica com a fenomenologia estão longe de serem pacíficas, como procura demonstrar Waldir Bevidas (2011). Segundo o autor, Greimas não teria acolhido a fenomenologia de maneira tão profunda como se acredita atualmente, e, sim, como uma escolha epistemológica necessária à época, vista como mais uma das aporias encontradas na semiótica. Além disso, Bevidas (2011), retomando Saussure, defende que o ato semiológico antecede o perceptivo, pois “a língua, via semiose, guia a percepção, via sentidos” (BEVIDAS, 2011, p. 31). São opiniões variadas, indo de encontro inclusive com o programa que buscamos seguir nesta tese. Apesar disso, foi importante ressaltar as opiniões e as posições divergentes, pois elas nos auxiliaram, multiplicando os pontos de vista que esboçamos do nosso objeto.

Sobre essa problemática vasta que é o sensível e pela breve exposição de alguns dados referentes ao tema, este trabalho propôs responder, a partir dos desdobramentos e dos questionamentos sobre o sensível na semiótica greimasiana e pós-greimasiana, pelo viés da Historiografia Linguística-Semiótica, às seguintes perguntas:

- Como o conceito de sensível é evocado e elaborado nas obras de Greimas e, conseqüentemente, nas bases da semiótica discursiva?

- Como o sensível foi sistematizado metodologicamente e se desenvolveu na semiótica pós-greimasiana?
- Como semioticistas que participaram da construção da teoria escrevem explicitamente, definem, o sensível? Essa definição se encontra em convergência com o próprio conceito, ou seja, está apenas na retórica e/ou na imanência das obras?
- O que seria considerado, atualmente, uma semiótica do sensível?

Ao procurar responder a essas perguntas, a presente pesquisa pretendeu contribuir para os estudos contemporâneos de semiótica discursiva, uma vez que não há muitas pesquisas de cunho historiográfico no âmbito da semiótica greimasiana e nem sobre esse tema, especificamente, justificando, dessa forma, a escolha pela metodologia do trabalho proposto.

Quando buscamos pesquisas sobre a semiótica discursiva desenvolvidas segundo o viés da Historiografia Linguística no Brasil, poucos trabalhos foram encontrados: “A vertente tensiva da semiótica greimasiana no Brasil: breve estudo historiográfico” (ALMEIDA, 2009); “O Percorso Historiográfico-Linguístico das Paixões” (GOMES, 2011); “Historiografia Linguística da Semântica Estrutural de Greimas” (NESTOR, 2012); “Paradigma e progresso – uma questão sobre o desenvolvimento da teoria semiótica acerca das modalidades *crer e saber*” (DOMANESCHI, 2014); “De Propp a Ricoeur: origens e impasses da semiótica narrativa” (SANTOS, 2014); “Sémiotique de la bande dessinée: regards sur la théorie franco-belge” (PORTELA, 2016); “A enunciação na semiótica discursiva: Um estudo historiográfico” (PRADO, 2018) e “História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores” (PORTELA, 2018). Até então, não se tinha feito, em ampla escala, uma historiografia *per se* da semiótica (apenas historiografias “selvagens”)⁵, e sua relevância nos remete à própria compreensão de seu funcionamento, com o objetivo de ampliar também nossa compreensão sobre sua história e sobre seus desenvolvimentos futuros.

É preciso acrescentar que uma das instituições supracitadas de pesquisa semiótica no Brasil – UNESP/Araraquara – tem reunido esforços coletivos para o desenvolvimento de historiografias sobre temas importantes da teoria em estudo⁶. Ademais, outra provável causa para

⁵Em relação ao termo *selvagem*, entendemo-lo como algo feito de maneira intuitiva, criativa, “devorativa” (cf. 1.1).

⁶ “Semiótica da história em quadrinhos: um estudo sobre a produção acadêmica brasileira” (Amanda Helena Granado/mestranda); “A noção de planos da linguagem na semiótica discursiva” (Carolina Mazzaron de Castro/doutoranda); “O conceito de figuratividade em semiótica” (Flavia Karla Ribeiro Santos/doutoranda);

a escassez de pesquisas historiográficas que se interessem pela semiótica talvez seja o trato da terminologia semiótica, como confirmam as palavras de Portela (2012, p. 2), “[...] a semiótica discursiva é uma teoria do discurso frequentemente considerada difícil pela especificidade de sua metalinguagem”. Ainda sobre a metalinguagem, o semioticista afirma que “a metalinguagem não é um dialeto, não é a senha para o bom convívio científico, mas, antes, a manifestação lexical de uma fina rede conceitual que se organiza por meio de dependências, de modo a explicitar e a descrever a complexidade das semióticas-objeto” (PORTELA, 2012, p. 6). Assim, acreditamos que o esforço de se construir uma historiografia ampla da disciplina poderá ser benéfico para os pesquisadores e demais interessados na área.

Quanto ao léxico semiótico emprestado de outros domínios, como da fenomenologia, percebe-se o quanto a problemática do sensível mobiliza o vocabulário na disciplina, compreendido neste projeto como um hiperônimo conceitual dos seguintes domínios: da corporeidade, da passionalidade e da sensibilidade, vistas aqui como seus hipônimos. Nesses domínios, destacamos, inicialmente, os seguintes lexemas: corpo, afeto, paixão, emoção, sensação, percepção, estesia, estética e contágio, justificados ao longo de nosso trabalho.

Para finalizar, nesta pesquisa, objetivamos, principalmente, delimitar e definir a presença do conceito de sensível no âmbito da semiótica greimasiana e pós-greimasiana, procurando contextualizar seu surgimento e sua permanência nos estudos semióticos contemporâneos, por intermédio das obras de Algirdas Julien Greimas, Claude Zilberberg, Eric Landowski e Jacques Fontanille, como já explicitamos. Concernente aos nossos objetivos específicos, destacamos:

- Traçar o percurso do conceito de sensível até à semiótica;
- A partir da leitura do conjunto de obras de Greimas, estabelecer a emergência do sensível e a sua repercussão;

“Epistemologia e história da semiótica do discurso: a questão das estruturas elementares” (Igor Rezende Nardo/graduado); “A enunciação na semiótica discursiva: um estudo historiográfico” (Maria Goreti Silva Prado/doutora); “Textualização: uma abordagem discursiva” (Vinicius Felix Godoi/mestrando) – todos sob a orientação do Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, que também coordena o Grupo de Pesquisa em Semiótica (GPS) e o Grupo de Leituras em Semiótica (LESEM), ambos da UNESP. Alguns dos participantes desses grupos são orientandos desse professor, desde alunos da graduação aos mestrandos e aos doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Eles têm desenvolvido seus trabalhos em prol de uma contribuição historiográfica para a semiótica.

- Recuperar, entre os continuadores (Fontanille, Landowski e Zilberberg) da semiótica greimasiana, a permanência do conceito de sensível;
- Definir em que medida o sensível se encontra na retórica e/ou na imanência das obras;
- Circunscrever o campo do sensível e seu desdobramento epistemológico nos domínios da corporeidade, passionalidade e da sensibilidade.

Plano de tese

Este trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro dedicado aos estudos historiográfico-linguístico-semióticos. Entre os aspectos historiográficos, definimos o fazer do historiógrafo. Em seguida, elucidamos qual ponto de vista historiográfico buscamos nas análises, por meio das diferentes escolas de Historiografia Linguística. Depois, permitimo-nos resgatar na semiótica os estudos feitos com viés histórico, denominados como historiografias “selvagens”. Recuperamos também, nos textos de Fontanille (2017) e de Portela (2018), alguns aspectos semióticos que podem contribuir para o desenvolvimento de um estudo historiográfico. Seleccionamos, conseqüentemente, alguns princípios e parâmetros estabelecidos no campo da historiografia. Arriscamo-nos, ainda, a elaborar alguns princípios autorais, que foram necessários para a resolução de impasses no decorrer das análises. Por fim, procedemos ao recorte do cópús, baseando-nos em dois princípios: o grupo de Greimas e a recepção da teoria no Brasil.

No segundo capítulo, esforçamo-nos para estabelecer as bases do sensível, com o auxílio de uma espécie de cartografia⁷, segundo os domínios da corporeidade, da passionalidade e da sensibilidade que circunscrevem os termos do corpo, do afeto, da paixão, da emoção, da sensação, da percepção, da estesia, da estética e do contágio. Para construir a cartografia, fizemos uso de dicionários de língua, de filosofia e de semiótica.

⁷ Segundo a Associação Cartográfica Internacional, o termo cartografia diz respeito à disciplina da Geografia que aborda a arte, a ciência e a tecnologia de confeccionar e utilizar mapas. Neste trabalho, a cartografia foi utilizada como metáfora para nos posicionarmos no espaço que compreende o sensível na semiótica, possibilitando a investigação que fizemos nos capítulos 3, 4 e 5. Definição disponível em: <https://icaci.org/mission/>.

Do terceiro ao quinto capítulo, dividimos cada capítulo de acordo com cada domínio da cartografia estabelecida. Nossa análise partiu do ponto de vista temático. Procuramos, nas obras de Greimas, Fontanille, Landowski e Zilberberg, amparados pelos comentadores e pelos princípios historiográfico-semióticos escolhidos, construir um percurso coerente do sensível na semiótica.

Nas considerações finais, propusemos-nos a responder às perguntas de pesquisa, levando em consideração os objetivos previamente estabelecidos e procurando demonstrar até que ponto pode-se falar hoje de uma semiótica que não seja, por fim, sensível.

1. O FLORESCER DA METODOLOGIA

[...] les propriétés accessibles à la pensée sauvage ne sont pas les mêmes que celles qui retiennent l'attention des savants. Selon chaque cas, le monde physique est abordé par des bouts opposés: l'un suprêmement concret, l'autre suprêmement abstrait ; et soit sous l'angle des qualités sensibles, soit sous celui des propriétés formelles (LEVI-STRAUSS, 1962, p. 356).

Neste estudo, privilegamos para análise de nosso objeto – a emergência e a permanência do sensível na semiótica discursiva –, o aparato metodológico da Historiografia Linguística que, *grosso modo*, é a maneira pela qual escrevemos a história dos estudos da linguagem e da língua, neste caso, os estudos realizados pela semiótica, utilizando princípios que melhor acomodem os objetivos estabelecidos em nosso projeto de tese.

Primeiramente, definimos a esfera do fazer historiográfico linguístico *sui generis* (cf. 1.1), então, observamos, em que medida, a própria semiótica tem se ocupado de sua própria história ao longo das décadas (cf. 1.2). Depois, esboçamos os princípios que mais se adequaram ao percurso que escolhemos para analisar o sensível na semiótica, buscando, ao mesmo tempo, integrar alguns aspectos da semiótica à proposta de análise, uma vez que a disciplina que se encarrega do sentido pode contribuir para a escrita da história enquanto texto (cf. 1.3). Por fim, destacamos como a formação do grupo de especialidade greimasiano somada à recepção teórica que se deu nas Universidades de Araraquara (Unesp) e de São Paulo (Usp e Puc) foram fundamentais na escolha e no recorte do nosso *corpus* de análise (cf. 1.3 e 1.4).

1.1 ESCOLAS HISTORIOGRÁFICAS

A historiografia linguística, desde o início dos anos 1970, (KOERNER, 1996; SWIGGERS, 2013) atraiu muitos estudiosos (Simone, Hymes, Koerner, etc.). Interessados nas pesquisas da história linguística, eles procuraram propor uma conduta metodológica e desenvolver o que posteriormente seria reconhecido como Historiografia Linguística⁸, isto é, uma disciplina institucionalizada na academia, contando com diferentes associações e revistas⁹. Isso

⁸ Sobre discussões de nomenclatura da disciplina Historiografia (da) linguística, conferir *Introdução à historiografia da linguística*, de Ronaldo de Oliveira Batista, p. 16-21, 2013.

⁹ Alguns exemplos de revistas: *Historiographia Linguistica* (1974), *Histoire, Épistémologie, Langage* (1979), *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (1991), *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística* (2002), *Language & History* (2009) e a *Revista Argentina de Historiografía Lingüística* (2009).

também se deve à publicação da obra de Thomas Kuhn (1962), *A estrutura das revoluções científicas*, que chamou atenção de forma generalizada nas ciências humanas para a historicidade das ciências.

Segundo Koerner (1996), a década de 1980 vivenciou discussões que seguiam especificamente a abordagem da história linguística, como se pode ver nos estudos de Bahner (1981), Bokadorova (1986), Christmann (1987), mas sem sucesso no que tange ao estabelecimento de uma conduta historiográfica homogênea e aceita. Mesmo assim, é nesse período que são percebidos os esforços conjuntos para estabelecer um programa comum de conduta na historiografia linguística (ALTMAN, 2003; BATISTA, 2013; KOERNER, 1996, 2014a; SWIGGERS, 2009, 2015). Ainda hoje, podemos constatar que não existe um programa comum e único na pesquisa historiográfica, pois cada objeto demanda princípios específicos. Esta maleabilidade metodológica torna a área atraente, já que não coloca o pesquisador em uma “camisa de força” para desenvolver sua pesquisa. No entanto, ela também possui seus limites bem definidos, ao quais recorreremos para delinear os procedimentos que contribuíram para selecionar e analisar nosso corpus.

Em primeiro lugar, destacamos a definição do que é a Historiografia Linguística. Definição essa que pode ser recuperada nos diferentes textos da área, com concepções semelhantes e complementares. Segundo Koerner (1996 [1993], p. 45), ela pode ser vista como o “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios”. O mesmo autor, no ano seguinte, ao fazer um balanço da disciplina, afirma que: “atualmente, a ‘historiografia linguística’ deve ser entendida como uma atividade consciente metodológica e epistemologicamente da escrita da história” (KOERNER, 2014b [1994], p.17). Ambas as definições de Koerner nos oferecem uma visão específica da tarefa do historiógrafo de como proceder, seguindo princípios bem definidos e mostrando sua inclinação para o desenvolvimento de um método consistente.

Para Altman (2009, p. 128), a “historiografia linguística [é] uma disciplina à vocação científica que tem como principais objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo”. Swiggers (2009, p. 69), adotando a mesma direção, entende que a historiografia linguística tem como objeto de estudo a história da linguística e o “estudo do desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas” (SWIGGERS, 2013, p. 3) e tem nos textos o seu objeto,

estejam esses textos publicados ou não. Percebemos em Altman (2009) e em Swiggers (2009, 2013), uma definição da historiografia linguística voltada para o objeto e o seu produto final; e tal como Koerner (1996, 1994), buscam o estabelecimento de princípios que possam ser utilizados. Entretanto, pela perspectiva de Altman (2009), a historiografia se coloca como um campo fechado que já se “desenvolveu”, enquanto para Swiggers (2009, 2013), a historiografia é um campo em “desenvolvimento”. Os três teóricos valorizam abordagens complementares, Koerner salientando o fazer do historiógrafo, e Altman e Swiggers contemplando o produto final, ou seja, a própria história da linguística.

Cabe, portanto, ao historiógrafo a tarefa de “descrever, interpretar e explicar (segmentos da) a história da linguística” (SWIGGERS, 2009, p. 4, tradução nossa)¹⁰. Uma tarefa nada fácil, uma vez que nesse percurso o historiógrafo linguista se depara com algumas dificuldades. A primeira, segundo o autor, está na disponibilidade e na acessibilidade das fontes. Depois do acesso às fontes, é preciso que o pesquisador retome as outras fases para a interpretação de seus dados, utilizando os parâmetros disponíveis (SWIGGERS, 2009, p. 4).

Buscando no domínio da historiografia (no domínio da História) para problematizar a relevância das fontes, Peter Burke (2011, p. 25) afirma que, para os novos historiadores, tanto as fontes quanto o método escolhidos são os maiores problemas, pois ao se debruçarem sobre novos questionamentos do passado na busca de objetos novos, os documentos oficiais se tornaram insuficientes, justificando a adoção da história oral, de imagens e da estatística como fontes suplementares.

Esses problemas também atingem o historiógrafo linguista, pois a seleção das fontes é o que “erige” a historiografia linguística, segundo Altman (2012, p.20). Autores como Malkiel e Swiggers (1969; 1982 apud ALTMAN, 2012, p. 21) defenderam o uso de fontes tais como autobiografias, memoriais, prefácios, correspondências, resenhas, arquivos orais e fotográficos, etc. Os problemas de fonte que se impõem aos historiógrafos são abordados, em essência, pela proposta descrita por Batista (2013) ao determinar diretrizes para o desenvolvimento da pesquisa na seleção dos materiais, cuja relevância determina a apropriação dos objetos escolhidos:

A seleção das fontes determina os objetos de análise de fato – as fontes primárias – e outras fontes podem auxiliar na reconstrução do clima de opinião, tendo em vista compreender reflexões linguísticas presentes nas obras em

¹⁰ Trecho original: “Describir, interpretar y explicar (segmentos de) la historia de la linguística”.

análise, para a relação com outros saberes que devem ser articulados para a escrita da narrativa historiográfica, preocupada sobretudo com a compreensão da solução da história dos estudos sobre a linguagem (BATISTA, 2013, p. 78).

Essa seleção pressupõe alguns questionamentos por parte do historiógrafo, entre eles, aqueles referentes aos materiais reconhecidos oficialmente, materiais que realcem o “herói” e materiais vistos como marginais (BATISTA, 2013, p. 78). A questão do “herói” traz em si uma configuração semiótica; resumidamente, pensando em termos dos actantes escolhidos para protagonizar nossa narrativa, acreditamos que a posição deles possa variar em diferentes esferas actanciais, ora em conjunção com o nosso objeto de valor – o sensível – ora disjunto dele. Consequentemente, a seleção das fontes principais e/ou marginais não implica necessariamente em excluir os antissujeitos. O foco da pesquisa parte mais do viés da relação entre sujeito-objeto do que entre sujeitos, que também aparece; e, nisso, podemos apenas destacar que eles ocupam diferentes papéis actanciais. Além disso, Altman (2003, 2012) sugere, de maneira mais ampla, que a atividade historiográfica (cf. Swiggers, 2009) consiste em: selecionar, reconstruir, ordenar e interpretar os fatos, pressupondo uma competência do historiógrafo linguista em estar familiarizado com “as fontes primárias” e ter “sensibilidade aos anacronismos e presentismos” (ALTMAN, 2012, p. 27).

Outro problema que encontramos na pesquisa historiográfica vem da ideia de ruptura *vs.* continuidade, oriunda, principalmente, dos conceitos kuhnianos. Todavia, percebemos a seguir que, para a historiografia linguística, existe uma escala entre esses dois termos. A tensão entre continuidade-ruptura desconstrói, na história, a ideia de linearidade e progresso do positivismo, compreendendo que a construção da história se dá de forma contínua ou descontínua e não mais cumulativa. O descontínuo pode ser recuperado nas ideias de Gaston Bachelard (1938), Thomas Kuhn (1963) e Konrad Koerner (1999), o primeiro com a noção de “obstáculo epistemológico”, o segundo com a noção de “mudança de paradigma” e o terceiro com modelos que enfraquecem, de acordo com Altman (2003, p. 38), a ideia de revolução científica dada pelo par continuidade-ruptura, do próprio Kuhn, uma vez que na linguística isso se deu de maneiras diferentes.

Utilizando as palavras de Bachelard para pensar o desenvolvimento da ciência, é preciso questioná-lo “em termos de obstáculos” (BACHELARD, 1996, p. 17), pois é nas rupturas epistemológicas que encontramos o desenvolver do pensamento científico. Thomas Kuhn, em *A estrutura das revoluções científicas*, com a noção de paradigma, visou uma história da ciência

que emerge a partir das grandes mudanças epistemológicas: “durante as revoluções, os cientistas veem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos já examinados anteriormente” (KUHN, 1997, p. 145).

No entanto, quando estamos tratando da história da linguística e seus avanços, a historiografia linguística nos mostra que é preciso relativizar o conceito de grandes mudanças amparadas pela comunidade acadêmica (KOERNER, 1999; ALTMAN, 2003). Segundo Koerner (1999, p. 52-56), o processo de desenvolvimento da linguística acontece por meio das escolhas de organização do próprio historiógrafo, ou seja, por modelos que articulam corrente principal *vs.* corrente secundária, continuidade *vs.* descontinuidade, progresso-relativo e, por último, as influências extralinguísticas, ou seja, esses modelos complementam o único par descrito por Kuhn: continuidade *vs.* ruptura.

Dessa forma, o historiógrafo-linguista tem como tarefa observar que a Linguística atravessou momentos de continuidade, ruptura, retomadas, acumulação, descontinuidades, como aponta Altman (2003, p. 39), ao enfatizar que embora a historiografia linguística não tenha uma “metodologia unívoca”, alguns princípios são aceitos entre os estudiosos.

Nesta pesquisa sobre o sensível, observamos, até o presente momento, que a obra greimasiana é amparada pela continuidade no nível metalinguístico dos textos, cujas recorrências hiponímicas do sensível são perceptíveis desde 1966. No entanto, também encontramos nela ruptura metodológica no modo de se fazer semiótica, sobretudo em publicações posteriores a *Semântica Estrutural*, em específico, a partir das publicações *Da imperfeição* e *Semiótica das paixões*, justificando nosso interesse em historiografar o sensível na semiótica discursiva, de modo que seja possível definir que caráter esse conceito adquiriu no desenvolvimento da disciplina, com Greimas e seus colaboradores.

Na próxima seção, abordamos em diferentes textos da semiótica, circunscritos ao longo de seu desenvolvimento, a maneira pela qual os semioticistas se propuseram “historiografar” conscientemente ou não sua própria história, assumindo um papel actancial de inovador ou de cronista (cf. 1.3, Portela, 2018). A essa atividade chamamos, em homenagem a Fontanille, de historiografia “selvagem” (fr. *Historiographie sauvage*), termo que ele utiliza no artigo “Les voies (voix) de l’affect” (2017), no dossier des *Actes Sémiotiques*, também em homenagem, neste caso, ao centenário de Greimas.

No corpo do texto, Fontanille explora a emergência do afeto nas obras greimasianas e pós-greimasianas. A ideia de historiografia “selvagem” aparece no artigo para ressaltar o fato constatado pelo autor de que ela é utilizada “muito frequentemente” pelos semioticistas que buscam apontar em seus trabalhos a aparição de “novos paradigmas” (FONTANILLE, 2017, p. 18). O *selvagem* é oriundo da obra de Lévi-Strauss, *La pensée sauvage* (1962), dedicada a Merleau-Ponty, e, conseqüentemente, constituindo um quarteto de homenagens: Merleau-Ponty – Lévi-Strauss – Greimas – Fontanille.

1.2 HISTORIOGRAFIA SEMIÓTICA “SELVAGEM”

Se considerarmos a publicação de *Semântica Estrutural*, em 1966, um marco histórico do surgimento da disciplina semiótica a vocação científica – chamada e reconhecida por seus seguidores como greimasiana, da escola de Paris, discursiva, do discurso, francesa, etc. –, perceberemos que ela é uma disciplina jovem, se amparada no fio da história do conhecimento humano. Nem por isso, descartamos ou descartaram na atividade do semioticista em meio à construção de seu edifício teórico, algumas paragens para apreciação de sua própria história – às vezes, de maneira mais ordenada e consciente, outras, mais “selvagens”, quiçá algumas inconscientemente da relevância de seu papel.

Acrescentamos a essas possibilidades dois tipos de historiografias semióticas reconhecidas hoje. Para tal, nos apoiamos nas ideias de Portela, no artigo “História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores” (2018), fruto de seu atual projeto de pesquisa na pós-graduação, cujo tema é *Semiótica discursiva: epistemologia e história*. Nele, Portela afirma que ser semioticista implica, em certa medida, que somos também historiógrafos pelo fazer da teoria que inclui:

[...] triar nossas fontes, organizar e explicitar as definições que balizam nosso pensamento e, sobretudo, de nos posicionar em relação à tradição. [...] Isso nos leva a nos apropriar da história da teoria, retocando-a com nossas próprias cores. [...] Desse modo, vemos que a atividade dos historiógrafos um pouco distraídos que nós somos não compreende apenas “projetos intencionais”, projetos explícita e conscientemente historiográficos. Isso nos autoriza a supor que o pensamento historiográfico é próprio ao pensamento científico, especialmente nas ciências humanas, em que a noção de progresso resta sempre por construir e por defender (PORTELA, 2018, p. 140).

Devido a essa atitude dos semioticistas, existem produções de cunho historiográfico que são separadas por Portela entre as que são **crônicas** e as que são **inovadoras**. Da primeira filiação, Portela destaca as seguintes obras: *l'École de Paris* (Coquet) e *História concisa da semiótica* (Hénault). Da segunda, temos: partes de *Razão e poética do sentido* (Zilberberg) e do preâmbulo na obra *Atelier de sémiotique visuelle* (Hénault) (PORTELA, 2018, p. 140-141). Além disso, os cronistas partem do viés diacrônico dos fatos, tal qual um “romance de ideias”, em que a causalidade e a linearidade são predominantes. Enquanto os inovadores também utilizam a diacronia, mas não em decorrência do tempo:

A diacronia apreendida nessa abordagem não é aquela dos fatos teóricos que, segundo as datas das publicações e dos acontecimentos julgados relevantes, se sucederam no tempo, mas aquela que se converte em sincronia para produzir seus resultados: o historiógrafo ultrapassa, suspende, as coerções temporais e “faz sistema” com os fatos teóricos, não raramente reconstruindo o próprio sistema e inovando. Segundo os “inovadores”, Hjelmslev pode revelar Saussure e Greimas pode iluminar Hjelmslev (PORTELA, 2018, p. 141).

Portela conclui enfatizando que, independentemente dos semioticistas serem historiógrafos cronistas ou inovadores, eles são convocados a semiotizarem a historiografia, a estabelecerem uma meta-historiografia de ordem semiótica, mais do que isso, do nosso ponto de vista, a teoria que é sede do sentido, do fazer sentido, tem muito a contribuir para e com a historiografia linguística, como procuramos demonstrar nas seções 1.2.1 e 1.3. Na primeira, evocamos exemplos de historiografias semióticas da ordem da crônica e/ou da inovação, ou seja, textos que já fazem parte do nosso repertório, enquanto estudantes, curiosos, professores e teóricos da área. Na segunda seção, buscamos a partir do texto de Portela, como inspiração, estabelecer outros princípios além da historiografia-linguística.

1.2.1 Os historiógrafos-semiotistas ou os semioticistas-historiógrafos?

Fidelidade e mudança. Essas são as palavras usadas por Greimas no “Preâmbulo” de *Du sens II* (1983). A obra se caracteriza pela reunião de ensaios/artigos publicados anteriormente que refletiam naquela época o “conhecimento” teórico acumulado da teoria, que pode ser disposto sob o gênero *dicionário*, tal qual havia sido feito alguns anos antes, em 1979; ou “narrado” em tramas (LABORDA, 2002), conceito próprio do fazer e do gênero histórico. As tramas históricas são importantes porque evitam que o historiógrafo se engaje em uma tentativa estéril: a de

descrever todos os acontecimentos relacionados a um fato, uma vez que ao selecionar épocas e materiais respectivos, ele percorre uma “trama histórica” por vez: “nenhum itinerário abraça o conjunto, nem pode ser a compreensão definitiva desse conjunto” (LABORDA, 2002, p. 19, tradução nossa)¹¹. Greimas tece sua trama em termos de continuidade (“Uma sintaxe autônoma”; “Sintaxe modal”) e de ruptura (“Novos dispositivos semióticos”; “Semióticas modais”) (GREIMAS, 2014, p. 17-29).

Portela (2018), na classificação dos cronistas e inovadores, toma *Raison et poétique du sens*, de Zilberberg (1988), como exemplo da abordagem inovadora, pois nas duas primeiras partes de sua obra, ele aponta para “[...] problemas teóricos em geral transversais e que reclamam uma síntese ou solução” (PORTELA, 2018, p. 141). Nesse caso, Zilberberg nos aponta para uma síntese constitutiva da semiótica greimasiana, sobretudo na primeira parte de seu texto – “O estruturalismo como continuidade” –, do ponto de vista historiográfico da continuidade: “O efeito de sentido esperado dessas aproximações [Brondal; Hjelmslev; Geimas] seria o de mostrar que o estruturalismo, rigoroso não menos que diverso, satisfaz à reflexividade (ele se conhece) e à transitividade (conhece seu objeto, não seria somente porque ele o decide)” (ZILBERBERG, 1988, p. 1, tradução nossa)¹².

Ao chegar a Greimas, Zilberberg coloca a semiótica enquanto “paradigma”, enfatizando a insistência de H. Parret para que ele empreenda esse esforço teórico que traria benefícios, sem dúvidas, e porque se coloca como atividade necessária, ou seja, a do retorno a “[...] suas origens, suas dívidas, seus esquecimentos, e, talvez, suas ingratidões” (ZILBERBERG, 2006 [1988], p. 91).

Colocando-se modestamente no papel de historiador de improviso (fr. de fortune), ele mostra que a semiótica greimasiana conseguiu tanto homogeneizar e compor “[...] heranças que tendiam à autossuficiência, bem como assegurou uma continuidade epistemológica para a seleção e garantia das aquisições posteriores” (ZILBERBERG, 2006 [1988], p. 91). Assim, Zilberberg segue seu trajeto perpassando pelas heranças de Genebra, de Praga, da Dinamarca, da Rússia, da França e, última parada, da Alemanha, para concluir que embora elas sejam de aporte heterogêneo, o mestre lituano soube homogeneizá-las a favor da construção da semiótica.

¹¹ Trecho original: “Ningún itinerario abraza el conjunto, ni puede ser la definitiva comprensión de este conjunto”.

¹² Trecho original: “L’effet de sens espéré de ces rapprochements serait de montrer que le structuralisme, rigoureux non moins que divers, satisfait à la réflexivité (il se connaît) et à la transitivité (il connaît son objet, ne serait-ce que parce qu’il décide)”.

Seguindo nossa análise, a obra *Histoire de la sémiotique*, escrita por Anne Hénault, em 1992, nos remete novamente à tipologia de Portela (2018), desta vez, no que diz respeito à primeira abordagem, isto é, a cronista, que por meio da diacronia, organiza os fatos tal qual “um grande romance” se orientando pelas possíveis continuidades e rupturas teóricas. Segundo Portela (2018), os cronistas narram suas histórias de forma “linear e causal”, buscando os engendramentos intelectuais, “[...], por exemplo, que Saussure engendra Hjelmslev, que engendra Greimas, e assim por diante” (PORTELA, 2018, p. 141).

Assim, Hénault (2006) expõe o encadeamento das ideias linguísticas que, do final do século XIX, sobretudo do século XX, resultaram na semiótica greimasiana e se apoia na cronologia dessas ideias para justificar ao leitor da impossibilidade de se escrever “uma verdadeira história semiótica”, pois:

Basta pensar na lista de tarefas e de pesquisas que foram recentemente assinaladas como seus pressupostos obrigatórios pelos – talvez temerários – editores de uma coletânea de *História da semiótica* [nota de rodapé: A. Esbach, J. Trabant (orgs.), *History of Semiotics*, 1983]. Acreditamos, contudo, que o dossiê que constituímos, seguindo a ordem histórica, contribui com perspectivas, com um esclarecimento novo e necessário ao que já podem saber da teoria semiótica aqueles que tendem, sobretudo, a pô-la em prática (HÉNAULT, 2006, p. 12, grifo da autora).

Além disso, a obra oferece aos leitores menos íntimos da teoria um sobrevoo introdutório da teoria, em especial, de sua constituição. Dividida em três partes, a autora se debruça na semiologia saussuriana, pela teoria hjelmsleviana, oferecendo um grande enfoque ao “formalismo russo”, e, finalmente, na última parte de seu trabalho, esboça o surgimento da escola de Paris, desde a publicação de *Semântica*, com uma parte introdutória e de caráter biográfico de seu autor, aos trabalhos publicados por Greimas nos anos que se seguiram, subdivididos em mais duas sínteses, de 1966 a 1979 e de 1980 a 1991. Para Hénault, a semiótica, mais do que uma teoria da significação, como assinalam Greimas e Courtés (1979), encontraria sua real definição em sua própria história (HÉNAULT, 2006, p. 153).

Levando em consideração os diferentes tipos de historiografias-semióticas “selvagens” (FONTANILLE, 2017; PORTELA, 2018), percebemos na imanência das obras que compõem o *cópus* desta tese, a prática recorrente de seus autores em empreender os recortes históricos fundadores de seu fazer metasemiótico com o intuito de avançar em suas elocubrações, permeando, por vezes, a esfera da ruptura e/ou da continuidade. O ponto de partida,

normalmente, é o do líder da escola de Paris, Greimas. Essa hipótese será explorada na próxima seção, quando procuramos na constituição do grupo greimasiano o suporte para entender as fontes que deveríamos recorrer, pensando no sensível, e a maneira pela qual as semióticas de hoje (de fato, no plural, pelo viés da recepção e, no singular, pelo viés da “origem”) se desdobraram enquanto posicionamento intelectual diverso. No exemplo supracitado de *Raison et poétique*, o recorte histórico possibilita não apenas a retenção teórica, isto é, um olhar para trás da teoria como a protensão se desenha diante de nossos olhos, ou seja, vemos em primeira mão a emergência¹³ e o estabelecimento da semiótica tensiva de Zilberberg, se assim pudéssemos colocá-la resumidamente.

O mesmo acontece com Fontanille. Durante nosso último encontro presencial da cotutela que aconteceu em janeiro deste ano, perguntamos ao autor, em que medida poderíamos recuperar em sua escrita um método que mostraria ao leitor mais atento um retorno à teoria, incorporando não apenas as definições específicas, mas também as mudanças, possibilitando nesse esforço de retorno teórico, oferecer um “saber compartilhado” aos leitores, aos semioticistas, porque esse tipo de “memória” ou de percursos deixados pelos vestígios semióticos mostram vários aspectos. Entre eles, destacamos a possibilidade de mostrar como a teoria mudou – os acréscimos ou os abandonos –, pois sendo a semiótica um projeto “inacabado”, esse tipo de percurso retomado não deixa que o leitor se perca nas alterações da teoria. Além disso, permite-nos observar o trabalho coletivo do grupo, visto que Fontanille, em sua escrita, destaca o trabalho dos semioticistas ao seu redor. Ao que ele comentou, em uma resposta de aproximadamente dez minutos, e que transcrevemos parcialmente com intuito de mostrar como o autor vê a-si-mesmo no seu fazer metasemiótico:

[...] a forma como trabalhamos não é, necessariamente, entendida. Entendida pelas pessoas que estão muito envolvidas com a semiótica, mas que não estão completamente atentas à maneira como os outros trabalham. Sim, estou muito feliz com a sua pergunta, você entendeu a maneira como trabalho. Eu explico o porquê. Porque eu observei nas ciências humanas e nos campos próximos que incluem a semiótica que é uma tendência cada um produzir seu pequeno trabalho, sua pequena teoria; então, vivemos um longo tempo, se possível, uma carreira inteira, sem nos preocupar muito com o que os outros fazem disso. Eu notei, mas não é apenas uma propriedade da semiótica, como é raro que as pessoas de uma determinada geração utilizem as obras de pessoas da mesma geração, citem-nas e façam (???) [buscando] realmente a ampliação e a

¹³ Cf. Claude Zilberberg, 1981, *Essai sur les modalités tensives*. Amsterdam: J. Benjamins, 150 p. (Coll. Pragmatics and Beyond).

acumulação de conhecimentos. Aqui, nos referimos apenas à geração anterior, ou, se possível, de Aristóteles ((risos)), que é necessariamente uma geração antecedente. Então, o resultado é que o esforço coletivo é perdido. Há esforços individuais, mas que não deixam qualquer vestígio [...]. Portanto, eu não quis trabalhar dessa maneira, quis trabalhar para que ao menos tivesse algo para transmitir e que fosse utilizável. Assim, o princípio que tenho trabalhado muito é o de uma ciência cumulativa, onde não há uma ruptura epistemológica toda vez que há um novo autor e, conseqüentemente, toda vez que eu abro um novo projeto, eu referencio a todos aqueles que já trabalharam nele, isto é, as gerações anteriores e as atuais; faço um balanço do que já foi projetado, estabelecido para poder saber qual é o próximo passo que vamos dar e até mesmo (???) para contradizer, não importa, de qualquer forma, pois até contradizer é prolongar, ou seja, aprovar, desenvolver, contradizer ou melhorar, é prolongar. Portanto, esta seria uma ciência cumulativa e é a única maneira de saber quando há verdadeiras rupturas. Imagine se os físicos tivessem trabalhado como os semióticos, nós nunca teríamos visto a diferença entre a física clássica e a física quântica [...] (FONTANILLE, 2019, informação oral, tradução nossa)¹⁴.

Esse fazer do semiótico é de fácil acesso em suas obras, como podemos observar em *Sémiotique du visible* (1995), *Tension et signification* (1998), em coautoria com Zilberberg, *Sémiotique du discours* (1998), *Sémiotique et littérature* (1999), *Soma et séma* (2004), entre outras. O percurso de uma ciência cumulativa é explícito na retórica de Fontanille. Peguemos um trecho concreto de sua semiótica do visível para ilustrar o seu modo de historiografar. Na introdução, Fontanille (1995), brevemente, retoma o estruturalismo como o lugar de partida da semiótica, devido ao interesse pela substância, pelo contínuo, pelo sujeito, pela percepção “[...] paralelamente, as pesquisas individuais e coletivas sobre a dimensão passional do discurso

¹⁴ Trecho original: “[...] la manière dont on travaille, elle n’est pas forcément comprise, comprise par les gens qui sont très occupés par la sémiotique, mais qui ne sont pas attentifs du tout à la manière dont les autres travaillent. Oui, moi je suis très content de votre question, vous avez bien compris la manière dont je travaille. Je vous explique pourquoi. Parce que ce que j’ai observé dans les sciences humaines et dans les domaines proches qui comprennent la sémiotique, c’est une tendance à ce que chacun produise sa petite œuvre, sa petite théorie, on vit ainsi longtemps, si possible toute une carrière, sans s’inquiéter trop de ce que les autres en font. J’ai noté, mais ce n’est pas seulement une propriété de la sémiotique, qu’il est assez rare que les gens d’une génération donnée utilisent les travaux des gens de la même génération, les citent et fassent (???) en effet (...) de grossissement et d’accumulation de connaissances. Ici, on ne se réfère qu’à la seule génération d’avant, ou si possible celle d’Aristote ((rire)), qui est forcément d’une génération d’avant. Donc, le résultat c’est que l’effort collectif est perdu, il y a des efforts individuels, mais qui ne laissent aucune trace [...]. Donc, moi je n’ai pas voulu travailler ainsi, mais je voulais travailler au moins pour qu’il ait quelque chose à transmettre et que ça soit utilisable. Donc, le principe sur lequel j’ai trop travaillé, c’est celui d’une science cumulative, où il n’y a pas une rupture épistémologique chaque fois qu’il y a un nouvel auteur et, donc, chaque fois que j’ouvre un nouveau chantier, je fais référence à tous ceux qui ont déjà travaillé dessus, les générations avant et actuelles, je fais le bilan de ce qui a déjà été conçu, établi pour pouvoir savoir quel est le pas suivant qu’on va franchir et y compris (???) pour contredire, peu importe, en tout cas, même contredire c’est prolonger, que ce soit approuver, développer, contredire ou amender, c’est prolonger. Donc, ça c’est une science cumulative et c’est la seule manière de savoir quand il y a de véritables ruptures. Imaginez que les physiciens, ils aient travaillé comme les semioticiens on aurait jamais pu voir la différence entre la physique classique et la physique quantique [...]”.

desencadearam um remanejamento global da teoria da significação [...]” (FONTANILLE, 1995a, p. 2, tradução nossa)¹⁵. Para o que o autor propunha – uma semiótica do mundo visível – foi preciso retomar mais amplamente os conceitos da teoria desde os anos 1960, no primeiro capítulo. Sendo esses conceitos já estabilizados nos *Dicionários I e II*, a configuração da luz ainda permanecia sem sistematização e demandava mais um sobrevoou, reproduzindo suas palavras, “[...] uma rápida síntese teórica nos parece agora necessária, para fixar as ideias, e delimitar em suma o domínio de um ‘saber compartilhado’” (FONTANILLE, 1995a, p. 5, tradução nossa)¹⁶.

No mesmo ano, surge no rol de publicações semióticas, a obra *Do inteligível ao sensível*: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas, dirigida por Landowski e Ana Claudia de Oliveira, publicada pela editora paulista EDUC, com apoio da FAPESP. Segundo o viés historiográfico, essas informações são imprescindíveis na aparição da rede de pesquisa, em especial, quando ela é marcada na folha de guarda (publicação do **Centro de Pesquisas Sociosemióticas**). De caráter coletivo, a obra é resultado do Colóquio *Unidade e pluralidade: em torno da obra de A. J. Greimas*, em São Paulo, no ano de 1994, onde se encontravam os “[...] especialistas brasileiros das ciências humanas e sociais para os quais tem *sentido* o projeto de construir, sob o nome de *Semiótica*, uma teoria geral dos processos de significação, ou, num nível mais concreto, o empenho de aplicar um ‘olhar semiótico’ à leitura do mundo” (LANDOWSKI, 1995, p. 7, grifo do autor). Landowski também aponta que a escolha do suporte para a publicação dos resultados obtidos nas discussões do Colóquio – o formato de livro – recai na pretensão de ir além dos discursos proferidos e arquivados, refletindo o aspecto coletivo, mesmo que as abordagens sejam oriundas dos diferentes tipos de semióticas:

[...] que a recontextualização das contribuições individuais no presente conjunto contribua, mais em profundidade, para esclarecer a *natureza mesma das relações recíprocas* que ligam ente si as posições em jogo e, portanto, que até certo ponto as *unificam* ao mesmo tempo que as conduzem em direções aparentemente divergentes (LANDOWSKI, 1995, p. 8, grifo do autor).

Assim, o autor prossegue na apresentação de uma autorreflexão histórica da construção teórica da semiótica, “por e sobre si mesma”, para utilizarmos suas próprias palavras, um

¹⁵ Trecho original: “[...] parallèlement, les recherches individuelles et collectives sur la dimension passionnelle du discours ont entraîné un remaniement global de la théorie de la signification [...]”.

¹⁶ Trecho original: “[...] une rapide synthèse théorique nous paraît dès à présent nécessaire, pour fixer les idées, et délimiter en somme le domaine d’un ‘savoir partagé’”.

percurso permeado tanto pela mudança quanto pela unificação. No entanto, Landowski não deixa de salientar a fragmentação que emerge na semiótica no ano de 1995, em diferentes países que recepcionaram a teoria, e também a própria “[...] perda de sentido devido ao império das forças de dispersão (sobretudo, naturalmente, após a morte do ‘Mestre’) [...]” (LANDOWSKI, 1995, p. 14). O aspecto dispersivo do grupo de especialidades e da teoria será retomado na próxima seção, em que buscamos estabelecer princípios próprios para análise do corpus desta tese, mas não sem antes nos questionarmos, diante desse breve trajeto de historiografias semióticas “selvagens”: mudanças... e a fidelidade?

1.3 PRINCÍPIOS HISTORIOGRÁFICO-LINGUÍSTICO-SEMIÓTICOS PARA UM CONCEITO

Na primeira seção deste capítulo, abordamos sucintamente a maneira pela qual a Historiografia Linguística é concebida por diferentes representantes do domínio, pois a historiografia linguística, tal qual a semiótica, é uma disciplina nova a vocação científica. Mesmo que em sua própria história não possamos recuperar um grupo tão coeso e longo quanto o de Greimas, encontramos sociedades, *Journals*, publicações coletivas dos historiógrafos em diferentes partes do mundo. Por exemplo: em 1978, foi criada a *Société d’histoire et d’épistémologie des sciences du langage* (SHESL), que teve um papel fundamental na institucionalização da história das ciências da linguagem na França, alcançando reconhecimento internacional. De acordo com Léon *et al.* (2016, p. 2), na criação da SHESL, encontravam-se em sua composição os “dezoitistas” Sylvain Auroux, Daniel Droixhe e Charles Porset. Outras ações desse grupo que corroboram nossas ideias é o aparecimento da primeira publicação da Revista *Historiographia Linguistica*, dirigida por Konrad Koerner, em 1974 e o primeiro Colóquio internacional da área: *International Conference on the History of the Language Sciences*, em Ottawa, também sob a iniciativa de Konrad Koerner, em 1978.

Consequentemente, ao pensarmos no movimento interno da própria historiografia e de suas ramificações (História das ideias, História das mentalidades, etc.), escolhemos focar nossos esforços metodológicos em dois eixos teóricos, talvez, até de forma injusta, mas que demonstram o porquê de nossas escolhas epistemológicas para tratar do nosso corpus. Assim, abordamos nesta seção os princípios de investigação de duas escolas: a alemã, liderada por Konrad Koerner (Pierre Swiggers) e, a francesa, por Sylvain Auroux. Tendo em perspectiva as primeiras dificuldades supracitadas (cf. 1.1) e a divisão escolástica, os procedimentos e princípios metodológicos

empregados neste trabalho foram selecionados, desenvolvidos, organizados por Koerner (1996, 2014a), Swiggers (2009, 2015), Sylvain Auroux (1992, 2008), como podem ser observados nas seguintes páginas.

Primeiramente, utilizamos os princípios em torno da questão da metalinguagem que circunscreve o campo historiográfico, estipulados por Koerner (1996) para a interpretação das fontes da pesquisa. Entre eles, destacamos os princípios de contextualização, de imanência e de adequação. A contextualização diz respeito, segundo Koerner (1996, p. 60), ao “clima de opinião” ou ao “espírito de época” – *Zeitgeist* – que retrata o período em que determinada teoria se desenvolveu, já que primeiro deve-se levar em conta as teorias precedentes àquela em estudo, segundo os aspectos socioeconômicos, políticos e institucionais que influenciam a produção de determinada obra. Na seguinte seção, apontamos nas relações extralinguísticas, como eventos *per se* históricos estão imbricados no nascimento da *Semântica Estrutural*, na forma em que a conhecemos.

*Uma anedota por contar: entre Sputnik e a Semântica*¹⁷

Sem a ambição de esgotar o assunto que segue, acreditamos que um recorte temporal e contextual, pôde nos fornecer pistas para compreender de maneira mais ampla o objeto de pesquisa em questão. Nossa análise começa pela imanência das obras (cf. capítulos 3, 4, 5), pois como disse o próprio Greimas: **Hors du texte, point de salut!** Portanto, não ousaríamos investigar o contexto social-histórico do sensível, sem antes nos aprofundar nas obras e selecionar, descrever e interpretar o conceito por ele mesmo, tal como convém na Historiografia Linguística. Neste caso, o percurso de investigação se iniciou pela *Semântica Estrutural*.

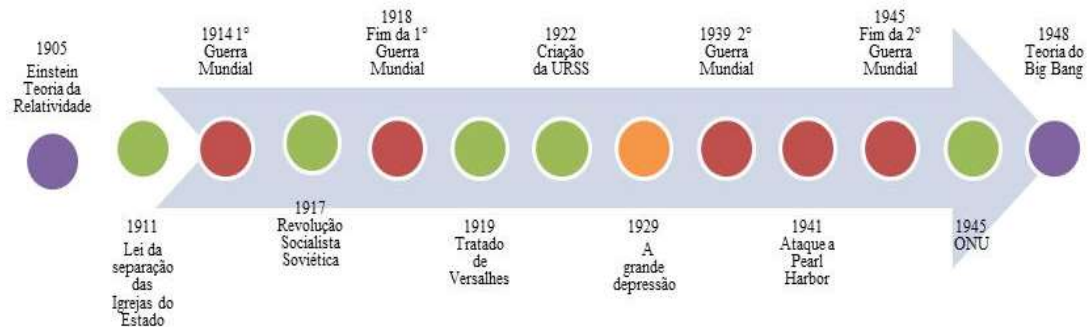
Nossa história começa conturbada pelas I e II Guerras Mundiais (figura 1), ao mesmo tempo, marcada por revoluções científicas: a teoria da relatividade e a teoria do *Big Bang*, que são, nos termos de Kuhn, verdadeiras mudanças de paradigmas na ciência e no modo de se fazer ciência. Interessante notar que a teoria do *Big Bang* (1948) altera nossa forma de perceber a

¹⁷ A contextualização desta anedota foi retomada do trabalho feito durante o mestrado, em 2014: “Historiografia-linguística do *Morfologia do conto maravilhoso* de Vladimir Iakovlevich Propp”(MOREIRA, 2014).

“criação do mundo”, opondo-se à visão tradicional cristã; essa separação também não está muito distante, podemos observar, da separação da Igreja e do Estado em 1911.

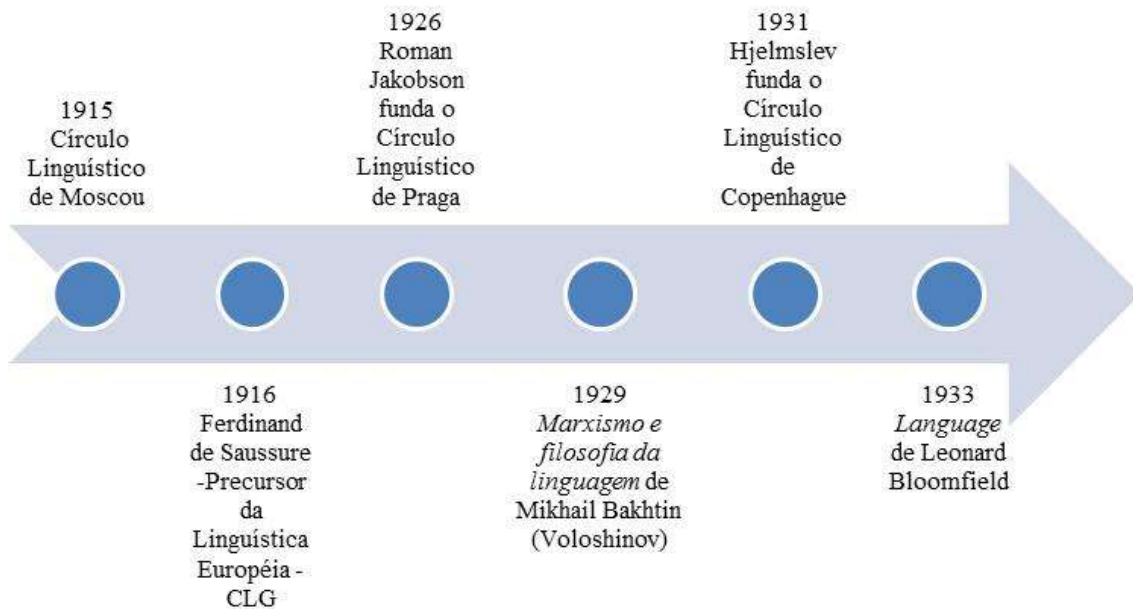
Figura 1: Principais acontecimentos do século XX (1905-1948)

Eventos: Científicos, econômicos, políticos e guerras.



Fonte: autora.

Ademais, a primeira metade do século XX também teve sua efervescência intelectual no âmbito das ciências da linguagem (figura 2), pois é, justamente, o momento em a Linguística se estabelece, por meio da publicação póstuma dos escritos de Ferdinand de Saussure, na forma do *Curso de Linguística Geral* (1916). De acordo com François Dosse (2007), os anos “50-60 foram espetaculares” e, o “triunfo do estruturalismo” esteve ligado ao desejo de legitimação da disciplina no panorama científico.

Figura 2: Marcos da Linguística Moderna (1915-1933)

Fonte: autora.

Momento de pós-guerras, o campo linguístico foi definido por uma tensão de abordagens, isto é, de um lado, o foco universalista, e, do outro, o particularista, advindos, por exemplo, da perspectiva dicotomizada de autores célebres como Saussure e Chomsky (cf. figuras 2 e 3). De acordo com Barbara Weedwood (2002), tanto Saussure quanto Chomsky tinham uma visão abstrata, sistematizada e universalista de Linguística. Esses aspectos, no final do século, seriam amplamente criticados por aqueles que se aproximavam de uma abordagem funcionalista da língua (MOREIRA, 2014).

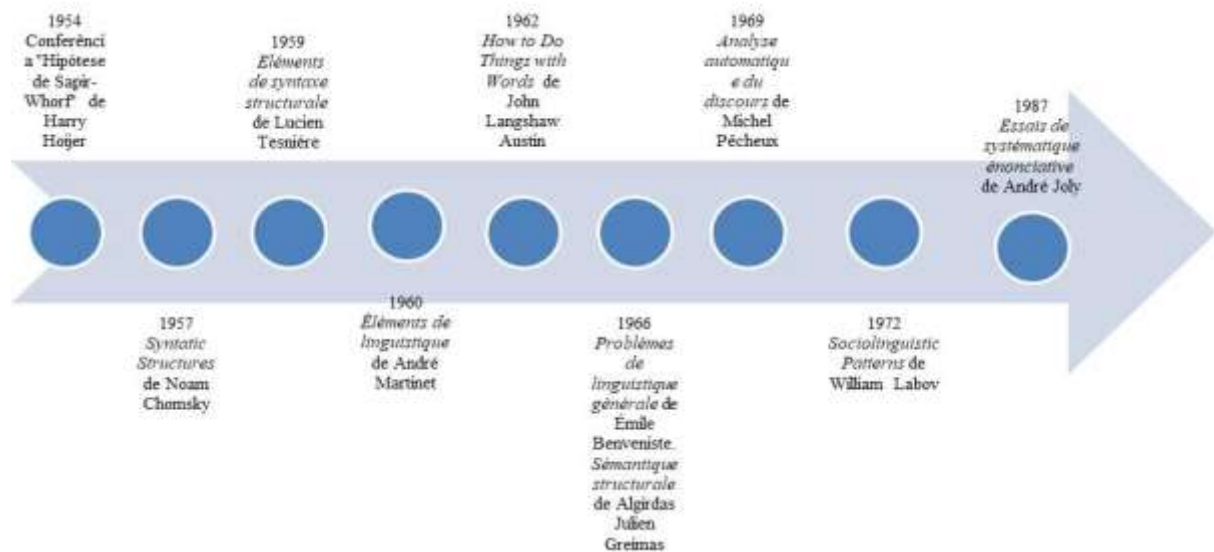
Segundo Dosse (2007), é preciso resgatar o paradigma estrutural europeu através de Saussure, uma vez que o *Curso de Linguística Geral* foi uma obra lida por diferentes gerações. Resumindo esse viés do estruturalismo saussuriano, podemos entendê-lo a partir da instituição de uma teoria do valor, pois “na língua há apenas diferenças sem signo opositivo” (NORMAND apud DOSSE, 2007, p. 84). Mesmo que antes já existisse a ideia de sistematização (por exemplo, em Goethe), foi somente por meio de Saussure que aconteceu a solidificação da linguística (COQUET apud DOSSE, 2007, p. 85).

Se o século XIX ficou reconhecido pelo seu historicismo, com Saussure os estudos da linguagem focariam, por sua vez, na estrutura e na sincronia. O atomismo também foi criticado

duramente no século XX. Émile Benveniste afirma que, “não é tanto a consideração histórica que se condena aí, mas uma forma de ‘atomizar’ a língua e de mecanizar a história” (2005, p. 5). Assim, com a mudança de objeto de estudo na linguística, o esforço era uníssono em formalizá-lo. Na Europa, Saussure, e na América, Bloomfield, com a obra *Language*, publicada em 1933 (MOREIRA, 2014, p. 59).

A estrutura passa ser a regra. Na Europa, é “o arranjo de um todo em partes e a solidariedade demonstrada entre as partes do todo, que se condicionam mutuamente; para a maioria dos linguistas americanos, será a distribuição dos elementos, tal como se verifica, e a sua capacidade de associação ou de substituição” (BENVENISTE, 2005, p. 9). Outros estudiosos norte-americanos, tais como Franz Boas e Edward Sapir, também apareceram no panorama, com o foco de elaborar princípios para analisar línguas não tão conhecidas antes que elas deixassem de existir (MOREIRA, 2014).

Figura 3: Marcos da Linguística Moderna (1954-1987)



Fonte: autora.

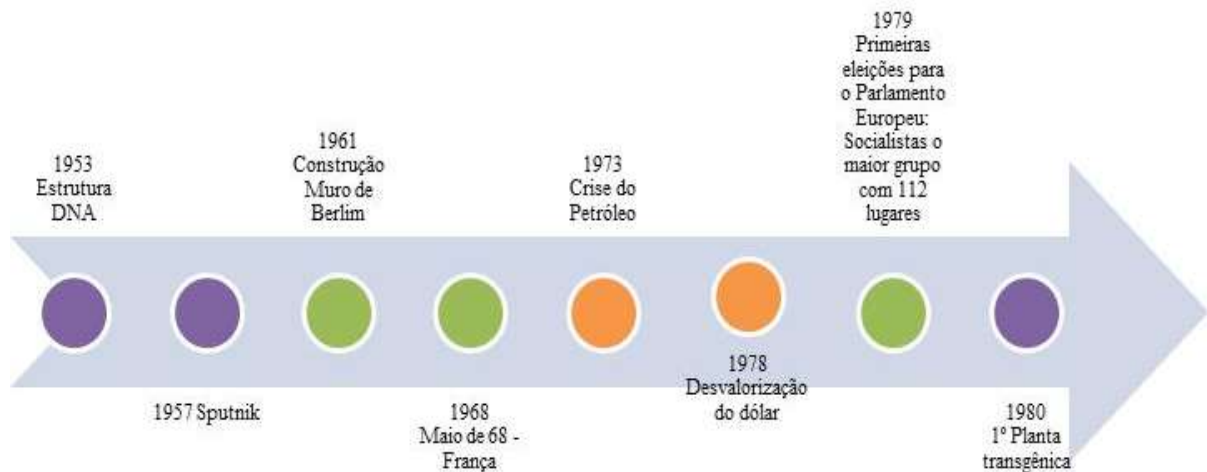
Benjamin Lee Whorf obteve grande destaque (cf. figura 3) ao estabelecer que a linguagem determina a percepção e o pensamento, ideia que ficou mais conhecida como a hipótese de Sapir-Whorf (WEEDWOOD, 2002, p. 130). Em 1958, a publicação de *Syntactic Structures*, de Noam Chomsky, foi considerada “um divisor de águas na linguística do século XX” (WEEDWOOD, 2002, p. 132). Contudo, o conceito de “gramática gerativa” de Chomsky divergia do

estruturalismo e de suas propostas. Os conceitos que mais se destacam de sua obra são a *competência* e a *performance*.

Notadamente, a linguística desempenhou naquele momento um importante papel para as outras ciências sociais. Tudo isso fez com que toda uma geração de intelectuais se voltasse para o Estruturalismo, de diferentes tipos: um estruturalismo mais científico, no qual se encontrariam as figuras de Lévi-Strauss, Greimas e Lacan; e outro estruturalismo mais flexível contando com as figuras de Barthes, Genette, Todorov ou Serres. Por fim, um estruturalismo histórico ou como nomeia Dosse, “epistêmico”, incluindo Althusser, Bourdieu, Foucault, Derrida e Vernant (DOSSE, 2007, p. 25-26).

Figura 4: Principais acontecimentos do século XX (1953-1980)

Eventos: Científicos, econômicos, políticos e guerras.



Fonte: autora.

A partir da segunda metade do século XX, é interessante ressaltar que houve “uma guinada pragmática” (cf. figura 3), uma vez que a preocupação com “a estrutura abstrata da língua, com seu sistema subjacente (com a langue de Saussure e a competência de Chomsky)” (WEEDWOOD, 2002, p. 144) havia sido abandonada em prol de um olhar voltado para os fenômenos em relação ao uso da língua pelos os falantes. Os pragmáticos mais conhecidos são John L. Austin (1911-1960), John Searle e H. P. Grice (1913-1988). Finalmente, Michel Pêcheux (1969), por intermédio da releitura do materialismo histórico de Althusser, inaugura a Análise do Discurso, em meio às turbulências ocorridas na França (cf. figura 4).

Relatado esse breve contexto, a semiótica francesa aparece em meados dos anos 60, mais especificamente, a partir da obra fundadora de Greimas, *Sémantique structurale*, publicada em 1966, e é curioso notar (cf. figuras 1 e 4) que eventos aparentemente aleatórios fazem parte da história da semiótica. Em 1957, foi lançado o Sputnik pela URSS, mas qual seria a conexão dele com o nascimento da semiótica, sendo ela o resultado de um seminário que aconteceu no Instituto Poincaré, nos anos 1963-1964 (DOSSE, 2007, p. 282)?

Não é segredo para nenhum leitor de Greimas que, partes de sua *semântica*, em particular, o modelo actancial e a transformação narrativa estão associados ao trabalho do russo Propp, *Morfologia do Conto Maravilhoso*, publicado em 1928, sob a cortina de ferro. No ano de 1958, a obra de Propp foi traduzida para o inglês *The morphology of folktale*. Sua primeira edição, traduzida por Laurence Scott, foi publicada pela editora University of Texas Press, em conjunto com Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore and Linguistics, cuja introdução foi escrita por Svatava Pirkova-Jakobson (1908- 2000)¹⁸.

Segundo Moreira (2014), Alan Dundes, em uma tentativa de defesa tardia de Propp, sobre a questão de sua obra fazer parte do formalismo russo ou não (também não é segredo para a comunidade científica o famoso debate entre Lévi-Strauss-Propp), publicou na revista *Western Folklore*, um artigo sobre esse debate “Binary opposition in myth: the Propp/Lévi-Strauss debate in retrospect” (1997). Além dessa retrospectiva, o autor nos fornece informações preciosas, do ponto de vista historiográfico e do clima de opinião em que a obra foi produzida/traduzida, como o fato de que enquanto a primeira publicação de *Morfologia*, apenas 1600 cópias foram impressas, ela só alcançou o ocidente depois que Thomas Sebeok organizou a tradução em 1958. Segundo Dundes (1997, p. 39), três anos antes, Lévi-Strauss havia sido convidado por Sebeok para participar de um simpósio sobre o mito, onde apresentou seu trabalho “O estudo estrutural do mito”, ainda sem o conhecimento da obra de Propp.

Parece-nos que essa colcha de retalhos começa a assumir sua forma. Mas, um dos fatos mais curiosos nessa contextualização anedótica são, na edição americana, os agradecimentos de Thomas Sebeok. Em primeiro lugar, ele agradeceu ao Comitê para Promoção de Estudos Culturais Eslavos Avançados; segundo David C. Engerman (2009, p. 147), esse comitê naquela época era liderado por George F. Kennan (1904-2005), Philip Mosely (1905-1972) e **Roman**

¹⁸ Ainda esposa de Roman Jakobson, que era um dos responsáveis pelo Comitê para Promoção de Estudos Culturais Eslavos Avançados.

Jakobson (1896- 1982). Sebeok também agradeceu ao Comitê Conjunto em Estudos Eslavos. Ora, desde a segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria – e chegamos ao nosso terceiro não-segredo – os EUA e a URSS promoveram entre si o desenvolvimento das relações “acadêmicas”¹⁹. Em 1957, a situação se acirrou com o lançamento do Sputnik pela Rússia, tornando mais do que necessário aos estadunidenses conhecerem *profundamente* seu inimigo. Acrescente a isso, o fato de que, em 1960, a Fundação Ford e o Departamento do Estado estavam contribuindo com mais de 300.000 dólares ao ano para apoiar programas de *intercâmbio científico* entre soviéticos e americanos:

Os estudos Soviéticos eram a quintessência do esforço intelectual na Guerra Fria, como muitos críticos da área reivindicam. Existiu durante a Guerra Fria e recebeu atenção e recursos em grande parte por causa de seu assunto – a URSS – em oposição aos Estados Unidos. Mesmo assim, o que significa descrever os Estudos Soviéticos como um campo da Guerra Fria? Não havia nenhuma linha partidária da Guerra Fria (ENGERMAN, 2009, p. 5, tradução nossa)²⁰.

A Universidade de Indiana foi a responsável pela tradução da obra proppiana. E existe, sim, a possibilidade de que ela também tenha feito parte da promoção do pensamento eslavo. Segundo Engerman (2009, p. 81), a Universidade de Indiana tinha estabelecido programas de estudos Russos e Europeus Ocidentais desde 1942. O Programa de Treinamento Especializado do Exército (ASTP) oferecia cursos em vários idiomas eslavos da região da Finlândia à Turquia. Thomas Sebeok – diretor de publicações da Universidade de Indiana em 1958 – era o responsável pelo grupo ASTP no período pós-guerra, o que explicaria seus agradecimentos na edição americana. Jakobson também teve um papel fundamental, pois, ao se tornar membro do “Joint Committee on Slavic Studies” e trabalhar com o “Committee for the Promotion of advanced Slavic Cultural Studies” – as duas fundações mencionadas na tradução de *Morfologia* de 1958 –, ele pôde mostrar como tais programas que incentivavam os estudos soviéticos trariam, ao mesmo tempo, ideias Europeias aos Estados Unidos (ENGERMAN, 2009, p. 143). Arriscamos dizer que as reflexões sobre o modelo actancial não teriam aparecido na *Semântica Estrutural*, tal qual conhecemos, sem os esforços intelectuais conjuntos proporcionados pela guerra fria, cujo

¹⁹ Não percamos de vista o título da obra de Engerman (2009), uma das fontes desta anedota, *Know your enemy. The rise and fall of America’s soviet experts*, ou seja, conheça seu inimigo.

²⁰ Trecho original: “Soviet Studies was the quintessential Cold War intellectual endeavor, as the field’s many critics claim. It existed during the Cold War and received the attention and resources that it did in large part because its subject—the USSR—opposed the United States. Yet what does it mean to describe Soviet Studies as a Cold War field? There was no single Cold War party line”.

intercâmbio propiciou que Propp fosse lido por Lévi-Strauss e, conseqüentemente, por Greimas, no auge do Estruturalismo.

Da imanência ao horizonte de retrospectão

Continuando nossa seleção de princípios historiográfico-linguísticos para análise, o princípio da *imanência*, de Koerner (1996), trata do quadro geral da teoria investigada, incluindo a terminologia utilizada na obra com o objetivo de que o historiógrafo linguista estabeleça um entendimento da obra em si nos elementos estruturais internos ao texto (compreensão histórica crítica e filológica do texto). Como tentamos demonstrar nos capítulos dedicados à percepção, às paixões e ao corpo. Quanto ao princípio de adequação, somente depois que os dois primeiros princípios forem seguidos, o historiógrafo linguista poderá introduzir, ainda que muito cuidadosamente, aproximações modernas do vocabulário técnico e um quadro conceitual que permita uma melhor compreensão de um determinado trabalho, de acordo com uma perspectiva comparativa e evolutiva da teoria (KOERNER, 1996). Voltaremos ao conceito de adequação posteriormente nesta seção.

Outro aspecto importante para a Historiografia Linguística remete ao problema do termo *influência*. Koerner (2014a [1987], p. 101-102) sugere três procedimentos: o estudo de materiais biográficos – notadamente os referentes aos anos de formação do autor pesquisado (*background*), que se relaciona, a nosso ver, com o princípio de contextualização –, o estudo cuidadoso e comparativo dos textos publicados e não publicados do autor (*evidência textual*), e o estudo das referências efetivamente por ele utilizadas (*reconhecimento público*).

Na concepção de Swiggers (2009, p. 68-70), as fases da pesquisa são “descrever, interpretar e explicar”. Para tal, existem três parâmetros de análise: a *cobertura*, a *perspectiva* e a *profundidade*. O primeiro, estabelecido a partir da documentação escolhida, trata do período, do campo geográfico e da temática do objeto. Aproximando-se de Koerner, seria a *imanência*. O segundo parâmetro é subdividido em perspectiva *interna* (ideias e práticas linguísticas) e *externa* (contexto das ideias e práticas) ou, novamente, em comparação a Koerner, teríamos, em certa medida, a *contextualização*. Por fim, o terceiro reflete o interesse teórico do historiógrafo e o que o próprio objeto/documentação permite observar (SWIGGERS, 2009, p. 70). No que diz respeito especificamente ao problema das perspectivas interna e externa, questão fundamental da

historiografia, Batista (2013) entende que na análise das fontes seria interessante fazer uma observação de ambos os parâmetros, pois “a pesquisa deve procurar, na medida do possível, correlacionar aspectos externos relacionados às obras com seus aspectos internos, com maior ênfase a um ou outro desses aspectos para a elucidação de determinado problema em destaque” (BATISTA, 2013, p. 75).

Outra proposta de Swiggers (2015, p. 12-13) que nos interessa é a divisão por componentes de análise: *heurístico*, *hermenêutico* e *reconstrução sistemática*. O componente heurístico é aquele que trata do problema das fontes, ou seja, da busca de materiais, de informações e de seus contextos de relevância histórica. Abordaremos mais especificamente a questão das fontes deste trabalho na seção 1.4, cruzando esses aspectos com o contexto da formação do grupo de especialidades de Greimas e a recepção de sua teoria no Brasil, sobretudo no Estado de São de Paulo. Ele é seguido de um componente hermenêutico para análise dos materiais e de uma interpretação que não a desconecte de seu contexto, relacionando-os, segundo Swiggers (2015, p. 12), a estágios anteriores ou posteriores do conhecimento. Essa hermenêutica do material selecionado se dá na forma do capítulo 2 desta tese, em que esboçamos uma cartografia do sensível, considerando em diferentes áreas e em diferentes momentos o tratamento dado ao sensível, estabelecendo uma rede conceitual do próprio tema. O último componente, a reconstrução-sistemática, entrelaça-se com o segundo, já que ambos tratam da categorização do *cópus*. Essa categorização cria mais um problema para o historiógrafo, uma vez que os objetos de estudo normalmente já são resultantes de uma categorização, pedindo, simultaneamente, que o historiógrafo faça uma categorização ainda mais abstrata e geral, como sugere o autor (SWIGGERS, 2015, p. 12).

De fato, o último componente é problemático porque o historiógrafo está finalmente diante de seu *cópus* e nem sempre as categorias estabelecidas são as mais apropriadas. A título de ilustração, na escrita desta tese, primeiro tínhamos separado o sensível e uma rede hiponímica, como categorias observáveis na imanência das obras e a tratamos conforme a ordem cronológica dos autores e das obras, o que se revelou pouco produtivo e cansativo. Por fim, recategorizamos mais uma vez as categorias, separando os hipônimos do sensível em domínios e em termos, buscando, no *cópus*, não apenas uma ordem cronológica, mas ao mesmo tempo, uma ordem conceitual e, sempre que possível, trazendo a recepção da teoria para dialogar. Entretanto, os componentes de análise não seguem exatamente essa ordem: seleção, análise, interpretação e

categorização. A princípio, sim. Contudo, no desenvolver da teoria essas fases acontecem mais de uma vez: coleta-se uma determinada quantidade de fontes e as interpreta. A partir delas, coleta-se mais e assim sucessivamente. Voltaremos a essa ideia posteriormente.

Para Auroux, por outro lado, a predefinição de um objeto a partir de outros saberes deve ser dispensada, pois “os conhecimentos não são acontecimentos e, por conseguinte não têm data; são os seus eventuais aparecimentos que têm” (AUROUX, 2008, p.137). Desta forma, a proposta de Auroux está voltada mais para uma análise fenomenológica do objeto, o que nos leva aos seguintes princípios definidos pelo autor:

- 1- *Definição puramente fenomenológica do objeto*, em que é preciso situar nosso objeto em relação só a um campo de fenômenos; apreensíveis à altura da consciência cotidiana” (AUROUX, 1992, p. 13);
- 2- *Neutralidade puramente epistemológica* que “decorre imediatamente de nossa forma de abordar o objeto [...] que todo saber seja um produto histórico significa que ele resulta a cada instante de uma interação das tradições e do contexto. Não há nenhuma razão para que saberes situados diferentemente no espaço-tempo sejam organizados do mesmo modo [...]” (AUROUX, 1992, p. 14);
- 3- *Historicismo moderado* “é um realismo metodológico que concede consistência ao saber e independência aos fenômenos, em sua existência, em relação a este saber. Resulta daí que o valor de um saber – queremos dizer seu grau de adequação a um fim dado, logo seu valor de verdade quando este fim é a representação – é uma causa em seu devir histórico” (AUROUX, 1992, p. 15).

Auroux (2008) também define que, para a construção da história uma pergunta seria suficiente como questionamento, isto é, questionar-se sobre os aspectos das dimensões e de suas relações na representação histórica. Em vista disso, o autor estabelece cinco dimensões: “um sistema de objetos (ou seja, uma representação construída a partir do domínio de objetos); um parâmetro temporal; um parâmetro espacial; um sistema de para-metragem externo que liga o sistema de objetos ao seu contexto; um sistema de interpretantes” (AUROUX, 2008, p. 138). Em que cada parâmetro escolhido pode variar tanto de força quanto nas relações entre si.

Outro conceito relevante nessa teoria é o de “horizontes de retrospectção”, cuja noção de “ato de saber” ou “produção de conhecimento” não é desvinculada de uma temporalidade, pois o sujeito quando em atividade cognitiva já tem em mãos um conhecimento prévio, e esses conhecimentos, que são anteriores, são o horizonte de retrospectção, cuja estrutura para o sujeito não é afetada pela temporalidade, uma vez que eles estão “co-presentes”. Em outras palavras, o que definimos hoje como referências em um trabalho acadêmico é o que presentifica o saber, como exemplifica o autor (AUROUX, 2008):

Parece-me que não se pode abordar seriamente a questão da historicização das ciências sem estudar a constituição e a estrutura dos horizontes de retrospecção, bem como a forma como os domínios de objetos são afetados pela temporalidade, o que podemos chamar de “modos de historicização”. Os dois não são independentes (AUROUX, 2008, p. 147).

Assim, com as cinco dimensões, o historiógrafo cria representações dos objetos (que já são representações também) pelo horizonte de retrospecção, permitindo uma visão vertical, e não horizontal (tradicional, rankeana), do objeto histórico. Consequentemente, trabalhamos com as publicações dos sujeitos, pois são acontecimentos e têm datas, ao passo que os conhecimentos em si não. Sendo assim, os saberes são recuperáveis através dos enunciados. Além disso, com a noção de horizonte de retrospecção percebemos sua relação intrínseca com o tempo, uma vez que precisamos dele para saber o próprio saber:

A existência dos horizontes de retrospecção atesta que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo: não há *conhecimento instantâneo*, o que não significa que o objeto de conhecimento ou o seu valor sejam temporais, como sustenta o relativismo. Isso significa *que é necessário tempo para saber* (AUROUX, 2008, 141, grifos do autor).

Pode-se afirmar que, o fazer da historiografia pela perspectiva da história das ideias é reparar e restaurar o esquecimento das ideias. Segundo Colombat *et al.* (2015, p. 12), percebemos que os saberes são construídos na longa duração na medida em que há uma acumulação de conhecimentos, e, ao mesmo tempo em que se transmite tais conhecimentos, há o esquecimento na memória acumulativa. Logo, é papel do historiador “produzir a informação sobre o sistema científico que constituem as ciências da linguagem e permitem, portanto, expandir, para os pesquisadores, aquilo que podemos chamar de ‘horizonte de retrospecção’ [...]” (COLOMBAT *et al.*, 2015, p. 13, tradução nossa)²¹.

Por isso, quando retratamos as historiografias semióticas “selvagens” destacamos na fala de Fontanille (2019) o seu fazer metasemiótico que busca, da mesma forma que os historiadores, reproduzir o que foi feito anteriormente, permitindo que na história da semiótica, o sujeito observador instaurado consiga apreender suas continuidades e suas rupturas, pois como ele mesmo diria: isso sim é uma ciência cumulativa. É nosso papel restaurar o esquecimento das ideias.

²¹ Trecho original: “[...] produit de l’information sur le système scientifique que constituent les sciences du langage et permet donc d’élargir, chez les chercheurs, ce que l’on peut appeler leur “horizon de rétrospection” [...]”.

Na seção seguinte, expandimos o escopo da historiografia por meio da semiótica – algumas poucas contribuições atendendo as demandas do nosso *cópus*, propriamente dito, e, também atendendo as provocações acadêmicas que recebemos ao longo dos quatro anos –, visto que já parece ser uma ideia comum de que a semiótica, enquanto teoria da significação, pode contribuir para o desenvolvimento de uma pesquisa em historiografia linguística, sobretudo quando se trata de historiografar conceitos e ideias.

1.3.1. Princípios historiográfico-linguísticos semiotizados

Em 2018, Portela publicou o já mencionado artigo “História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores” na revista *Estudos Semióticos*, de que já nos apropriamos para abordar os possíveis tipos de historiografias semióticas. Na verdade, esse artigo é fruto de seu atual projeto de pesquisa na pós-graduação, cujo título é *Semiótica discursiva: epistemologia e história*. Consequentemente, sua rede de pesquisa que, inclui seus orientandos, também se voltou, em parte, para as pesquisas relacionadas ao projeto (cf. introdução), desenvolvendo diferentes frentes, segundo as preferências pessoais.

Portela (2018) afirma que ser semioticista implica, em certa medida, saber que somos ao mesmo tempo historiógrafos, devido ao fazer da teoria. Isso ficou explícito quando enumeramos nas historiografias “selvagens” os trabalhos de Greimas (1983), Fontanille (1995), Hénault (2006), Landowski (1995), Zilberberg (1988), entre outras obras dos mesmos autores ou de outros semioticistas²².

Assim, percebe-se que não apenas a historiografia contribui para o desenvolvimento da semiótica, como ocorre o contrário, ou seja, pensando em uma historiografia que esteja atenta ao caráter discursivo dos seus objetos de análise. É a essa ligação metodológica que Portela trata como possíveis problemáticas, por meio de quatro possíveis princípios: a natureza dupla do fazer historiográfico, as estratégias enunciativas, a unificação das esferas interna e externa e a incorporação do fato teórico:

1. A própria natureza do fazer historiográfico. O semioticista não poderia se limitar a abordar a história da sua disciplina por meio do olhar do historiador [...]

²² O artigo de Arnaldo Cortina, “Percurso da semiótica por meio das obras de Greimas” (2017), o artigo de José Luiz Fiorin, “Semiótica e história” (2012), etc.

e deveria procurar tratar a narrativa histórica e seus textos como uma semiótica-objeto, analisável discursivamente, narrativamente, tensivamente, etc. Isso equivaleria a afirmar que natureza do fazer historiográfico é necessariamente dupla: histórica e semiótica.

2. A programação e a persuasão dos discursos teóricos analisados, ou seja, o que a teoria faz (o enunciado teórico) e o que diz que faz (a sua enunciação enunciada). O discurso teórico, expositivo e explicativo, opera pela extensidade da programação (a quantidade) e pela intensidade das asserções (a qualidade). Desse modo, cria seu objeto e garante ao mesmo tempo sua permanência e relevância, por meio de estratégias enunciativas que valorizam ou desvalorizam certos aspectos do programa científico.

3. A superação da análise “interna” e “externa” em historiografia. A semiótica, ao estabelecer as relações de dependência entre os textos e os discursos que proliferam no campo científico, possibilitaria ao historiógrafo integrar os elementos próprios à construção da teoria e ao universo socioletal em que ela é gestada a um só projeto analítico.

4. A definição de “fato teórico” e sua dinâmica no interior de um sistema científico. Os “fatos teóricos”, assim como os “fatos de língua”, são ocorrências particulares que remetem a continuidades e descontinuidades mais gerais que se encontram no âmbito do sistema científico. Eles são produzidos e podem ser analisados segundo os modos de existência semiótica (virtual, atual, potencial, realizado), segundo uma perspectiva diacrônica ou sincrônica, ou segundo a sua identidade e a sua alteridade no sistema (variação e mudança) (PORTELA, 2018, p. 142).

Por meio desses quatro princípios, Portela nos sugere semiotizar a historiografia linguística, uma vez que é próprio da disciplina generalizar todos os tipos de discursos, contribuindo, conseqüentemente, para uma metalinguagem historiográfica de cunho semiótico: “a semiótica, assim, não escapará de ser semiotizada” (PORTELA, 2018, p. 143).

Continuando nossa empreitada, destacamos mais três possíveis princípios (citação tensiva, bricolagem historiográfica e adequação conceitual) para análise historiográfica *semiótica* que, aparece no lugar de linguística, porque nos apoiamos em elementos da teoria semiótica para defini-los ou nos inspirarmos. Cabe dizer que esse fazer metalinguístico surgiu no decorrer das análises do *cópus*, como um zumbido no ouvido, alertando a falta de algum elemento. Esperamos poder tê-los encontrado. Assim, nas próximas seções tratamos dos princípios que envolvem as citações, a bricolagem, e a dispersão intelectual-geográfica do grupo de especialidades.

1.3.1.1 Citações tensivas

Segundo Saussure (2012), é o ponto de vista que cria o objeto, e, acrescentamos nesta pesquisa, que o objeto também cria ou deveria criar a metodologia empregada em sua análise. Dito isso, sentimos que no decorrer das análises, a incessante busca pelas influências do sensível na semiótica gerou um incômodo, especialmente, no que concerne às citações e às referências utilizadas pelos autores do *córpus* escolhido. Para a historiografia linguística, a influência indiscriminadamente utilizada pode se tornar uma “armadilha” para seus propositores (Koerner, 1996). O autor considera que os historiógrafos dificilmente distinguem os possíveis tipos de influência que tratam em suas investigações, se abordam as experiências compartilhadas ou se retomam uma influência documentada e explícita.

De acordo com Koerner, é mais comum que encontremos na história linguística casos de evolução/continuidade do que de revolução/descontinuidade das ideias, marcados por “movimentos de pêndulos, às vezes causados pelo afluxo extralinguísticos, tais como avanços em tecnologias, mas também acontecimentos sócio-políticos” (KOERNER, 1996, p. 62).

Antes desse texto, Koerner (2014a) havia publicado o artigo “O problema da ‘influência’ na historiografia linguística”, em 1987, com intuito de oferecer alguns princípios facilitadores da análise e que possibilitassem o uso do termo influência de maneira mais apropriada, como explicitamos anteriormente (cf. 1.3). Tendo isso em mente, Koerner propôs três princípios: o *background* do autor que inclui formação, estudos, interesses, correspondências, etc. que permitem recuperar as evidências, inconscientes ou não, de assimilação. A prova textual pode ser útil se a relação do texto e de suas fontes for encontrada, sendo o *background* um dos lugares a ser visitado. O terceiro recurso seria o reconhecimento público e o mais favorável na argumentação de uma influência, pois trata das referências diretas de um autor a outros autores e/ou a suas obras.

Pensando na questão do reconhecimento público por meio da referenciação explícita, decidimos buscar um aporte maior para compreender o processo de citação em si. As perguntas que surgiram no horizonte de nossa reflexão foram: por que citamos em nossas pesquisas? Quais são as razões pelas quais escolhemos determinados autores/trechos? Como escolhemos o tipo de citação, se será uma citação direta ou indireta? Responder a essas questões potencializa a reivindicação de influência, expõe as correntes de pensamentos entre autores que pesquisam um mesmo objeto ou possuem o mesmo arcabouço teórico/metodológico, revela as fontes em comum

desses autores ou grupo de pesquisa e o *zeitgeist* de determinado período em que o conhecimento foi publicado.

Inicialmente, retomamos o artigo “Citations, Citation Indicators, and Research Quality: An Overview of Basic Concepts and Theories”, publicado por Aksnes, Langfeldt e Wouters, em 2019, que discute o papel das citações em textos científicos e apontam os principais motivos para os autores citarem uns aos outros em seus trabalhos:

[...] Garfield sugeriu 15 razões diferentes para os autores citarem outras publicações (reimpresso em Garfield, 1977). Entre elas estavam oferecer leitura de base, identificar metodologia, prestar homenagem aos pioneiros, identificar publicação original ou outro trabalho que descreva um conceito eponímico, identificar publicações originais em que uma ideia ou um conceito foi discutido, dando crédito a trabalhos relacionados, criticar trabalhos anteriores, corrigir um trabalho, substanciando créditos, alertas para um trabalho futuro, prover indicações para trabalhos pouco disseminados, autenticar dados e categorias de fato – constantes físicas e etc. – refutar trabalhos de outros, e disputar prioridade de créditos (AKSNES; LANGFELDT; WOUTERS; 2019, p. 4, tradução nossa)²³.

Fica claro que os motivos são os mais variados possíveis e elaborar uma lista definitiva parece impossível, porque as escolhas são singulares e são advindas de diferentes modalidades que envolvem a esfera acadêmica, pois há protocolos a serem seguidos na produção científica, além do aspecto pessoal que parece ser o princípio mais óbvio. Além disso, os autores ressaltam as possíveis funções de uma citação no texto. Para isso, eles retomam os estudos de Small (1982 apud AKSNES; LANGFELDT; WOUTERS, 2019, p. 4) que publicou uma lista com cinco distintas funções:

Quadro 1: Diferentes tipos de citação

Trabalhos citados	Refutado	Apenas observado	Revisado	Aplicado	Apoiado
Função da citação	Negativa	Superficial	Comparada	Utilizada	Substanciada

Fonte: Adaptado de Aksnes, Langfeldt e Wouters (2019, p. 4).

²³ Trecho original: “Garfield suggested 15 different reasons for why authors cite other publications (reprinted in Garfield, 1977). Among these were providing background reading, identifying methodology, paying homage to pioneers, identifying original publication or other work describing an eponymic concept, identifying original publications in which an idea or concept was discussed, giving credit for related work, criticizing previous work, correcting a work, substantiating claims, alerts to a forthcoming work, providing leads to poorly disseminated work, authenticating data and classes of fact—physical constants and so on—disclaiming works of others, and disputing priority claims”.

No texto de Romancini (2010), “O que é uma citação? A análise de citações na ciência”, ao retomar os estudos de Leydesdorff (1998), observa-se como aspecto fundamental da prática de citação o par citado-citante, destacando nele a recursividade do processo citacional que, segundo o autor remete ao fato de um determinado texto citar outro que pode se referir também a outro(s) texto(s) (ROMANCINI, 2010). Acrescenta-se que esse processo nos permite identificar a existência de uma rede:

Essa rede constituída por citações possui certa arquitetura, capaz de revelar alguns padrões e características de um grupo. É esse aspecto que enseja possibilidades de uso das citações no estudo da ciência de maneira mais ampla, pois o nível micro (a citação) conecta-se com o macro (o sistema científico da qual a citação faz parte) (ROMANCINI, 2010, p. 20).

Para Leydesdorff (1998) antes de qualquer coisa é necessário esclarecer a definição do que é uma citação, que a seu modo de ver é, basicamente, quando referenciamos outro elemento textual, cujo par supracitado evidencia “relações operacionais”. O autor explica:

Uma relação operacional é capaz de funcionar em uma rede por causa de sua posição. Espera-se que as operações sejam reproduzidas se elas têm funções. Devido ao envolvimento da recursividade, as citações exibem o caráter coletivo das realizações científicas em cada momento no tempo. Na época da revolução científica, Newton expressou esse caráter coletivo da empreitada científica moderna com o seu conhecido aforismo: ‘Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes’ (Merton 1965). Esses gigantes eram pesquisadores como Galileu, Kepler e Huygens, com quem Newton se comunicava às vezes pessoalmente ou por escrito (LEYDESDORFF, 1998, s/p, tradução nossa)²⁴.

A recursividade das citações e suas possíveis funções não abrange a questão da tipologia citacional. Para o trabalho historiográfico que busca certas influências, a semiótica tensiva pode contribuir no entendimento da cultura de citação e dos seus valores empregados.

Brevemente, no que diz respeito à construção de valores no discurso, Fontanille e Zilberberg (2001) apontam para dois regimes, o da exclusão (triagem), que se encontra no eixo da intensidade, cuja tonicidade máxima repousa na unidade, e o da participação (mistura), voltada para

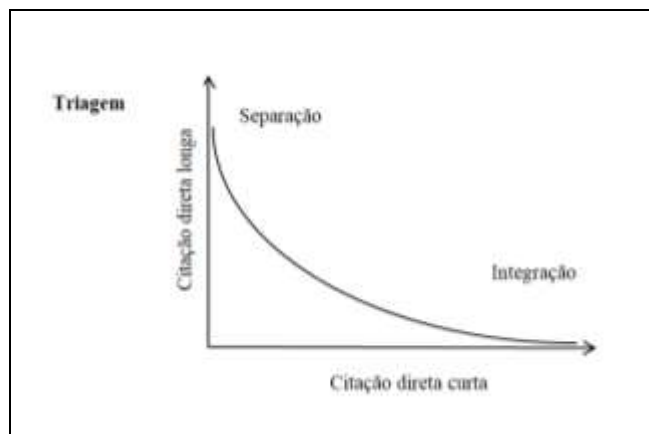
²⁴ Trecho original: “An operational relation is able to function in a network because of its position. Operations are expected to be reproduced if they carry functions. [...] Because of the recursivity involved, citations exhibit the collective character of scientific achievements at each moment in time. At the time of the scientific revolution, Newton expressed this collective character of the modern scientific enterprise with his well-known aphorism: ‘If I have seen further, it is by standing on the shoulders of giants’ (Merton 1965). These giants were scholars like Galileo, Kepler, and Huygens, with whom Newton sometimes communicated personally or in writing”.

extensão, em direção à universalidade. O operador da triagem mobiliza a concentração dos valores enquanto o operador da mistura mobiliza a expansão desses.

Levando em consideração esses aspectos e os aspectos da mestiçagem (ZILBERBERG, 2000), existem três tipos de citação utilizados nos trabalhos acadêmicos: a citação direta (curta e longa); a citação indireta e a citação de citação. Para nossa hipótese, acrescentamos a prova textual supracitada (Koerner, 2014a), que ao ser comprovada no texto demonstra a assimilação de dois enunciados, o que consideramos aqui como citação assimilada. Descartamos a citação de citação, uma vez que sua ocupação textual, pelas normas reconhecidas da cultura de citação em trabalhos acadêmicos (ABNT, APA, Vancouver, etc.), ocorre similarmente às citações longas, curtas ou indiretas.

No regime da triagem (cf. gráfico 1), temos no extremo da intensidade a citação direta longa, que demanda um recuo textual no texto-citante do texto-citado, mostrando a separação completa de dois enunciados. Na contiguidade, nos deparamos com a citação direta curta, normalmente marcada pelas aspas, gerando uma totalidade entre o texto-citante e o texto-citado, conseqüentemente, iniciando uma aproximação. Em ambos os casos, o reconhecimento público é explícito, uma vez que são disponibilizadas ao enunciatório as seguintes informações: autor, ano e paginação. Além de idêntico ao original, a separação total intensifica o enunciado-outro (o citado/o apreendido) no texto-citante, produzindo um valor “mais” veridictório, transparecendo seu sentido e sua fonte de influência, mesmo que a função no texto seja superficial, comparada ou negada, entre outras possibilidades já mencionadas.

Gráfico 1: Tipologia das citações tensivas: triagem

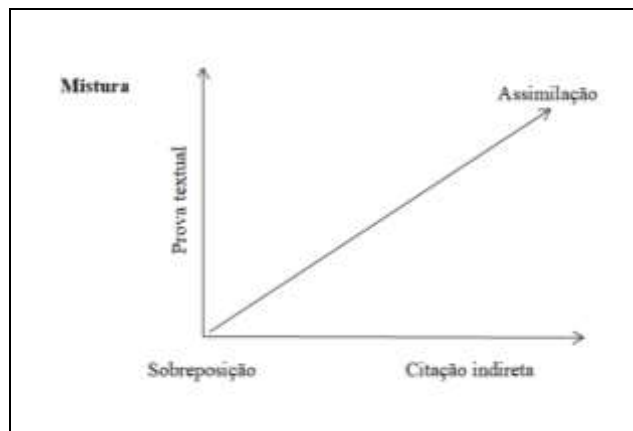


Fonte: autora.

No regime da mistura (cf. gráfico 2), a recuperação do reconhecimento público pelo historiógrafo exigirá um estudo mais aprofundado e rigoroso quanto ao levantamento de evidências das fontes utilizadas pelos autores, conscientemente ou inconscientemente, já que na operação de mistura, os enunciados se mesclam ou se encontram em estado de fusão. A mescla ocorre por meio da paráfrase, isto é, a citação indireta. Em alguns casos, encontra-se no texto a fonte completa, facilitando a recuperação da influência e, em outros exemplos, encontramos apenas a referência com o nome do autor e ano, sem paginação, distanciando-se, assim, do texto-citado (original), o que impõe ao enunciatário, se for o caso, a busca por conta própria do trecho exato.

Na citação assimilada, o estado da fusão, é a extensão máxima dos enunciados do texto-citante e do texto-citado, impossibilitando, em alguns casos, a recuperação do reconhecimento público, se não for encontrado nenhuma prova textual que confirme a real influência. Essa operação pode ocorrer de forma consciente ou não, já que fatores extralinguísticos – contexto sócio-histórico-político-econômico, *zeitgeist*, formação, etc. – podem interferir no texto-citante.

Gráfico 2: Tipologia das citações tensivas: mistura



Fonte: autora.

1.3.1.2 Bricolagem historiográfica

A *bricolagem*²⁵, termo emprestado de Lévi-Strauss (*La pensée sauvage*, 1962) por Floch em *Les identités visuelles* (1995), aponta para um aspecto interessante no que concerne à

²⁵ Tanto a tipologia citacional quanto a bricolagem nos interessam do ponto de vista analítico historiográfico, isto é, eles nos permitem recuperar o percurso de um conceito ao longo dos anos, as suas mudanças ou permanências nas obras/teorias estudadas. Esses princípios não abordam a questão do tipo de produtividade que é cobrada dos

atividade científica. Floch afirma que Lévi-Strauss construiu sua interpretação dos mitos utilizando a noção de *bricolagem* e, para o antropólogo, a bricolagem seria fundamental para o próprio pensamento humano: “na verdade, para Cl. Lévi-Strauss, a bricolagem não é resultado apenas do pensamento selvagem; o pensamento científico, ele também faz bricolagem” (FLOCH, 1995, p. 5, tradução nossa)²⁶. O autor traz para sua obra a *bricolagem* para tratar a práxis enunciativa no visual:

Como toda práxis enunciativa, a bricolagem implica a convocação de um certo número de formas já constituídas, das quais algumas já podem ser formas fixas. [...] o trabalho do bricoleur pode ser considerado como uma estrutura, como um objeto de sentido que tem seu próprio fechamento e seu próprio sistema. [...] O bricoleur faz “do novo com o velho” (FLOCH, 1995, p. 6-7, tradução nossa)²⁷.

Das formas plásticas, pode-se homologar a ideia de que o cientista também faz essa bricolagem ao citar, ao trazer novas vozes para o seu texto de forma direta ou indireta. Para Floch, essa relação também é possível, pois ao falar das aproximações entre as diferentes problemáticas da identidade em diferentes domínios – antropologia, filosofia, semiótica – deixa a sanção final de seu texto a critério do leitor, dizendo que ele mesmo havia sido “un peu (trop) bricoleur”. Além disso, sem abandonar o desafio, o pesquisador Floch destaca em seu texto a obra de Greimas, afirmando “[...] que existe também um *direito à bricolagem* – senão uma *virtude* da bricolagem – nas pesquisas e projetos ‘à vocação científica’ [citando claramente Greimas, homenageando-o] (FLOCH, 1995, p. 8, grifo nosso, tradução nossa)²⁸.

Talvez em homenagem a Lévi-Strauss, a semiótica faz uso da bricolagem desde seu início, desde a *Semântica*. Segundo Neira e Lippi (2012), retomando o pensamento de Denzin e Lincoln (2006), o sujeito que faz bricolagem confecciona – por meio de ferramentas, de estratégias e de métodos do seu domínio que estão ao alcance – uma colcha. Fazendo mais uma

pesquisadores hoje pelas práticas acadêmicas, nem buscam a rotulação de aspectos punitivos como o “autoplágio”. O princípio de bricolagem mostra, na verdade, como o conhecimento nas ciências humanas segue um caminho diferente da produção de massa e como a reescrita é uma ferramenta importante para entender o desenvolvimento do saber científico mesmo, que por não ser estagnado, encontra-se em constante transformação. As ideias têm plasticidade e a reformulação delas é um tipo de prática científica comum que não deveria ser penalizada.

²⁶ Trecho original: “En effet, pour Cl. Lévi-Strauss, le bricolage n’est pas le fait de la seule pensée sauvage; la pensée scientifique, elle aussi, bricole”.

²⁷ Trecho original: “Comme toute praxis énonciative, le bricolage implique la convocation d’un certain nombre de formes déjà constituées dont certaines peuvent être des formes figées. [...] le travail du bricoleur peut être considéré comme une structure, comme un objet de sens possédant sa propre clôture et son propre système. [...] Le bricoleur fait ‘du neuf avec le vieux’”.

²⁸ Trecho original: “[...] qu’il existe aussi un droit au bricolage – sinon une vertu du bricolage – dans les recherches et les projets ‘à vocation scientifique’”.

aproximação estratégica, podemos em prol da historiografia linguística, entender a bricolagem também como um processo de reescrita. Exemplo dessa estratégia, o livro *Passions sans nom*, como salientamos na análise dedicada ao contágio, é um livro construído quase que inteiramente por textos que já haviam sido publicados por Landowski e que foram reescritos para o livro em questão, com exceção do capítulo 3. A informação é fornecida pelo próprio autor na introdução da obra. Esta prática aparece no grupo, nas obras de Greimas, em *Du Sens I e II*; de Fontanille, em *Soma et Séma* e em *Corps et sens*; de Zilberberg, em *Précis de grammaire tensive* e em *Éléments de grammaire tensive*, só para citar algumas, refletindo, a nosso ver, a forma de vida do semiótico enquanto cientista e autor, expondo ao seu enunciatário que, claramente, um texto se desloca no tempo e no espaço, cuja finitude temporal pode ser *fraturada* pela reescrita.

A obra tem seu acabamento passageiro. Concordamos com Floch, bricolagem é uma virtude. Nesse sentido, a bricolagem historiográfica permitiria também a inserção de uma subcategoria no nível da reformulação conceitual, mesmo sendo um tipo de reescrita, na medida em que se diferencia pela intensidade. Assim, se no primeiro exemplo falamos da reescrita de um trabalho como um todo ou quase todo, nesse segundo caso exploramos uma reformulação pontual.

Historiograficamente, poderíamos utilizar a noção de *adequação* proposta por Koerner (1996), mas, em vez de adaptarmos ou atualizarmos um conceito-chave da obra para nosso leitor; identificamos no decorrer das análises (cf. análise das paixões, em especial, o percurso canônico passionnal) a fonte de uma ideia no autor em questão, cujos primeiros passos já aparecem em trabalhos anteriores ao que normalmente o conceito é atribuído (reconhecido). Dessa forma, optamos pela reformulação da *adequação* para o que chamamos aqui de *adequação conceitual*, uma subcategoria da bricolagem, pois a mudança ocorre no amadurecimento/desenvolvimento intelectual do autor estudado de um ponto específico – uma ideia, um conceito, um esquema, etc. –, recuperado por meio das provas-textuais encontradas na *imanência* da obra, das *citações* e da *contextualização*, o clima da época.

Assim, as noções de citação e de bricolagem estão interligadas pelo viés historiográfico, uma vez que recuperar os retalhos dessa colcha intelectual demanda diferentes recursos, como os citacionais, isto é, a recuperação da intertextualidade. Por outro lado, é importante que o historiógrafo ao perceber um texto bricolado, coteje-o com as suas outras fontes, inter, se forem citacionais e intra se forem parte do processo de reescrita e republicação, porque ao cotejarmos, podemos observar desde mudanças mais brandas a mudanças mais radicais, o que pode ser uma

pista de como constituir um percurso de análise, porque certas mudanças no nível sintagmático ou paradigmático podem indicar, exemplificando, que o autor mudou radicalmente seu ponto de vista, seja o estético, a necessidade de acrescentar mais argumentos ou de clarificar certos pontos, etc. Há uma infinidade de motivos que nos levam à reescrita. Cabe ao historiógrafo seguir, na medida do possível, esses vestígios deixados pelo autor.

1.3.1.3 A formação do grupo de especialidades de Semiótica: contextualização

Para recuperar o conceito de sensível no domínio da semiótica discursiva contemporânea pelo viés da historiografia, escolhemos o conceito de *reconhecimento público*, de Koerner (2014a, p. 102), uma das evidências mais relevantes a favor de reivindicações de influência, uma vez que essa pode aparecer nas referências diretas de um autor ao trabalho de outros, o que nos leva também ao componente heurístico de Swiggers (2015), e o conceito de *formação de grupos de especialidade* de Murray (1994, 1998), razão pela qual selecionamos a figura de Greimas e o seu entorno, os greimasianos (pós-greimasianos) Fontanille, Landowski e Zilberberg. Outros detalhes dessa escolha serão explicados na última seção deste capítulo.

Murray (1994, 1998) propõe uma classificação baseada nos trabalhos de Mullins (1973) para a formação dos grupos de pesquisa científicos que possuem um interesse, uma especialidade comum. Em sua proposta aparecem quatro estágios para que aconteça a legitimação do grupo, tanto internamente quanto externamente, levando em consideração, ainda, o tipo de retórica adotada, seja ela de continuidade seja de ruptura, a liderança e a organização. Além disso, esses estágios podem ou não acontecer sequencialmente e podem ter variáveis. Assim, nos interessa saber como se deu a formação dos ditos greimasianos e pós-greimasianos, averiguar sua dispersão não apenas temporal e geográfica, mas, em especial, epistemológica, que originou os diferentes ramos que conhecemos hoje na semiótica, e, que permanecem leais ao projeto científico de Greimas. Como isso aconteceu? E o que aconteceu?

Segundo Murray (1994, p.14-19), há quatro estágios para formação dos grupos de especialidades, que descrevemos a seguir. O primeiro estágio é denominado de normal, pois apresenta poucas relações sociais entre os pesquisadores que, normalmente são oriundos de diferentes instituições. Não há um problema de pesquisa bem definido e praticamente não existe um esforço coletivo (por exemplo, trabalhos em coautoria). Um elemento importante, neste

estágio, é a **liderança organizacional**, pois para que aconteça o reconhecimento de uma nova área ou paradigma, é preciso que exista um programa ou o surgimento de um exemplar/trabalho promissor, ou seja, é necessário um líder ou líderes intelectuais ou correntes de alunos em torno de algum projeto comum. Depois dessa formação mais rudimentar do grupo e do sucesso inicial, seja ele social e/ou intelectual, segundo Murray (1994), já se pode considerar a ideia de **rede**, resultando também no aumento do comprometimento, visto que as relações aluno-professor são relevantes. Assim, há um aumento na intracomunicação, o que, por sua vez, indica uma diminuição na extracomunicação do grupo.

Depois, temos a formação do Grupo (*Cluster*). Neste momento, os participantes se conscientizam de que eles formam um grupo, ou ainda, quando há uma rotulação exterior ao grupo. Além disso, a presença de alunos se torna mais evidente, bem como o aumento de coautoria, de trabalhos seguindo uma tradição. A visibilidade do grupo potencializa “ataques”, indicando o seu sucesso, uma vez que antes desse estágio, a reação costuma acontecer relativa ao trabalho individual (MURRAY, 1994, p. 16): “Um grupo geralmente inclui três ou mais profissionais que reforçam os interesses uns dos outros e vários graduados. [...] Intelectualmente, tal grupo se concentra em um específico conjunto de problemas definidos pela asserção do programa. Normalmente, uma grande quantidade de pesquisas é gerada” (MULLINS, 1973, p. 23 apud MURRAY, 1994, p. 16, tradução nossa)²⁹. Normalmente, nesse estágio, a reação de editores e/ou especialistas determina se o grupo se tornará uma “elite” de certa especialidade ou “revolucionário”, contando ou não com o apoio institucional. Assim, fatores sociais sobre a figura do líder e dos participantes também podem influenciar tal reação.

O terceiro é denominado de grupo de especialidade. A transição para este estágio não é rígida, da mesma forma que acontece nas primeiras movimentações, só pode ser observado pela retrospectiva (MURRAY, 1994, p. 17). Assim, o grupo (cluster) se torna um grupo de especialidade quando se torna institucionalizado ou possui uma organização formal:

A transição de um grupo para o estágio de especialidade começa quando os alunos alcançam sucesso por eles mesmos, e ambos eles e outros são contratados de suas locações originais. Nenhum lugar ainda tem sido capaz de apoiar um

²⁹ Trecho original: “A cluster generally includes three or more professionals who reinforce one another’s interests and several graduate students. [...] Intellectually, such a group concentrates on the specific set of problems defined by the program statement. Usually, large quantities of research are generated”.

grupo indefinidamente; é caro reter pessoas bem-sucedidas (MULLINS, 1973, p. 24 apud MURRAY, 1994, p.17, tradução nossa)³⁰.

No último estágio, o acadêmico, trata-se do desafio, segundo Murray (1994, p.18), do novo paradigma ter obtido sucesso e ter se tornado a nova “ciência normal”, ou seja, adquiriu uma rotina, uma comunidade científica trabalhando em prol de problematizações da própria disciplina, com apoio institucional, compromissos regulares, etc. O apoio institucional aparece em diferentes formas, ora em novas posições, ora em preenchimento de novas vagas no grupo, novas revistas, redefinição ou surgimento de organizações, e, principalmente, os participantes demonstram novos interesses que são, muitas vezes, individuais.

Esses seriam, portanto, os estágios da formação de grupos de especialidades, ou como aponta Murray (1994), o modelo ideal. Além dos estágios, Murray (1998, p. 14-15) trata dos pré-requisitos para formação do grupo científico que, precisam de três fatores: boas ideias, liderança intelectual e liderança organizacional. Embora as boas ideias não sejam suficientes, elas possibilitam a solução de problemas existentes ou a extensão de métodos/teorias voltados para novas pesquisas. Além disso, faz-se necessária a presença de uma liderança intelectual que fomenta as seguintes tarefas: fundar uma linha conceitual de pesquisa; explicar as implicações de boas ideias para a pesquisa; aprovar e validar o trabalho do outro; produzir uma afirmação programática, explicando-a ou produzindo uma pesquisa de referência (MURRAY, 1998, p. 15). De acordo com o autor, não apenas mais de um cientista pode realizar essas tarefas, como existe a possibilidade de uma sucessão de líderes no grupo. Finalmente, a liderança organizacional remete ao funcionamento interno/externo do grupo, financiamento, horários e instalações de pesquisa, etc. Essas tarefas podem ser realizadas por um ou vários indivíduos. Temos, assim, o modelo funcionalista do grupo de especialidades de Murray, com os pré-requisitos necessários para sua formação, ou seja, além dos estágios previstos (estágio normal, a formação do *cluster*, estágio da especialidade e o estágio acadêmico), é necessário que esses estágios sejam permeados pelas boas ideias e pela liderança tanto intelectual quanto organizacional, permitindo, conseqüentemente que esse grupo de especialidades possa emergir e se estabelecer no meio científico.

³⁰ Trecho original: “The transition from cluster to specialty stage begins as the students become successful themselves, and both they and others are hired from their original locations. No location has yet been able to support a cluster indefinitely; it is expensive to retain successful people”.

Levando em consideração as proposições de Murray (1994, 1998), descrevemos a seguir, como se deu o desenvolvimento do Grupo de Especialidades de Semiótica Greimasiana, no século XX, na França, mais especificamente, em Paris. Primeiramente, podemos estabelecer, resumidamente, como afirmação programática sobre a Escola de Paris – que abarca seu projeto inicial e as mudanças em seu desenvolvimento – que os semioticistas possuem como ambição a construção de “uma teoria geral da significação que permite compreender as condições de emergência e dos modos de articulação do sentido investido nos discursos, nas práticas e nos objetos de toda ordem” (LANDOWSKI, 2015, p. 15).

Segundo Landowski, é nos anos 70 que surgirá ao redor de Greimas, um grupo de colaboradores, de diferentes vocações disciplinares, mas com um mesmo objetivo: uma longa empreitada científica na qual a exigência de rigor também seria outro ponto comum entre eles. Antes desse acontecimento, precisamos retomar um pouco mais da história, começando pelos primeiros Seminários de Semântica Geral de Greimas, que ocorreram entre os anos de 1963 e de 1965, o que nos indica ser fonte de inspiração para a criação, em 1965, do *Groupe de recherches sémio-linguistiques* (GRSL), na *École pratique des hautes études* e do *Collège de France*. O conhecido “círculo semiótico greimasiano”, ainda não existia, mas os célebres participantes – Paul Bouissac, Gérard Bucher, Michel de Certeau, Claude Chabrol, Catherine Clément, Jean Cohen, Jean-Claude Coquet, Oswald Ducrot, Paolo Fabbri, Gérard Genette, Julia Kristeva, Louis Marin, Christian Metz, Herman Parret, François Rastier, Lucien Sebag, Tzvetan Todorov, Armando Verdiglione –, embora não possuíssem um projeto comum, tinham e viam o seminário como um espaço de encontro e de discussões (LANDOWSKI, 2015, p. 21).

O ano de 1968 trouxe para o GRSL um diferente grupo de pesquisadores, cujas discussões estavam voltadas para o desenvolvimento do projeto semiótico (LANDOWSKI, 2015, p. 22). Entre eles, encontram-se Michel de Certeau, Paul Ricoeur, Louis Marin, Bruno Latour, Umberto Eco, entre outros. Além disso, é importante destacar que nesses seminários foram discutidos os trabalhos desses autores antes de serem publicados, como *Maupassant: la sémiotique du texte* (GREIMAS, 1976).

De acordo com Landowski (2015, p. 23), alguns anos depois, o grupo se encontraria mais voltado e engajado para o desenvolvimento da teoria, seguindo diferentes temáticas e publicando, sempre que possível, coletivamente:

Posteriormente, mais espaço será dado às intervenções de seus colaboradores, como partes interessadas, plenamente envolvidas no desenvolvimento da teoria. E a partir de então, para agrupar os esforços orientando-os, os trabalhos se articulam dentro de temáticas renovadas de um ano para o outro e resultando, nos melhores casos, em algum volume escrito a dois ou mais [7]. “Devemos organizar a democracia”, ironizava, nosso estrategista de pesquisa sobre suas próprias estratégias.

Nota de rodapé 7: ou resultantes dos trabalhos do seminário, A. J. Greimas e J. Fontanille (1991); A. J. Greimas e E. Landowski (1979), com contribuições de, entre outros, J. Geninascia e J.-Cl. Coquet (LANDOWSKI, 2015, p.23, tradução nossa)³¹.

Outro passo importante foi a criação, em 1978, do *Bulletin* e, em 1979, dos *Documents* “[...] de caráter monográfico editados pelo *Institut National de la Langue Française*, depois, a partir de 1989, pela Presses de l’Université de Limoges [...]” (LANDOWSKI, 2015, p. 24, tradução nossa)³². Nesse período, sentiu-se uma diversificação nas pesquisas, no âmbito dos discursos analisados (o religioso, o visual, o musical, da arquitetura, da psicoterapia, entre outros – nos grupos CADIR e Entrevernes, em Floch, Tarasti, Rénier, Darrault). Assim, segundo Hénault (2006), com intuito de “agilizar” a publicação dos artigos da época foram criados os *Bulletins*, sob sua direção, seguido dos *Documents*, sob a direção de Eric Landowski, e que logo se tornariam os *Actes sémiotiques Bulletin* e *Actes Sémiotiques Documents*. É importante ressaltar que “apesar de o primeiro número da *Actes Sémiotiques* ter sido publicado no quarto trimestre de 1977, o ano oficial de surgimento da revista é 1978, idealizada por Anne Hénault, sob a direção de Algirdas Julien Greimas e com o apoio do CNRS [...] entre outras instituições” (SANTOS; PORTELA, 2018, p. 58)³³. Além disso, Portela nos lembra de que:

A AS-Bulletin, que circulou até 1987, era uma publicação temática que reunia diversas contribuições, geralmente introduzidas por um prefácio de Greimas ou de E. Landowski, redator da revista. Às contribuições seguiam-se resenhas,

³¹ Trecho original: “Plus tard, davantage de place sera donnée aux interventions de ses collaborateurs en tant que parties prenantes pleinement associées au développement de la théorie. Et à partir de ce moment, afin de regrouper les efforts tout en les orientant, les travaux s’articulent à l’intérieur de thématiques renouvelées d’une année à la suivante et débouchant, dans les meilleurs des cas, sur quelque volume rédigé à deux ou à plusieurs [7]. “Il faut organiser la démocratie”, ironisait notre stratège de la recherche à propos de ses propres stratégies. Note en bas de page 7: Soit, issus l’un et l’autre des travaux du séminaire, A. J. Greimas et J. Fontanille (1991) ; A. J. Greimas et E. Landowski (1979), avec des contributions, entre autres, de J. Geninascia et J.-Cl. Coquet”.

³² Trecho original: “[...] à caractère monographique édités par l’Institut National de la Langue Française, puis, à partir de 1989, par les Presses de l’université de Limoges [...]”.

³³ Para mais informações sobre a revista *Actes Sémiotiques* cf. o artigo: “A comunicação científica na revista *Actes Sémiotiques*: práticas e estratégias de difusão do saber científico” (SANTOS; PORTELA, 2018).

notícias de lançamentos de obras, necrológios, resumos e datas de defesas de teses, chamadas para congressos e, durante alguns números iniciais, uma seção de anotações semióticas esparsas, em estilo filosófico ou literário, intitulada *Marginales*. Em suma, a *Bulletin* trazia as pesquisas e as notícias do Seminário de Greimas, que a alimentava tematicamente. Já a *AS-Documents* geralmente publicava, a cada número, um ensaio de autoria individual ou coletiva e tinha a função de fazer circular, na forma de documentos de trabalho, as contribuições mais sólidas à teoria. Prova disso é que grande parte dos ensaios ali publicados foi retomada por seus autores e republicada em formato de livro nas décadas seguintes (PORTELA, 2008, p. 30).

Ainda sobre a questão da criação dos *Bulletins*, Barros no artigo “Continuidades e rupturas *em e com* Greimas” (2018) afirma que em um dos números especiais em homenagem a Greimas, da revista “*Semiotica*”, Broden organizou em um dos textos (“De semiologia à semiótica. Seleção de cartas de Greimas”) excertos de cartas trocadas entre Greimas e amigos, dos quais Barros resgata e transcreve para seu leitor uma carta de Greimas a Hénault, em 1989. Segundo Barros, “sobretudo para aqueles que não conviveram com Greimas, as cartas constituem oportunidade de reconhecer um estilo autoral, uma dicção própria, uma maneira específica de habitar o mundo” (BARROS, 2018, p. 155). Desse modo, pela oportunidade e pelo conteúdo da carta retomamos a transcrição feita pela autora na íntegra:

Querida amiga, preocupado em preservar minha juventude (penso que a mente, pelo menos), penso no futuro e cuido dele. Também as retificações e melhorias na história recente da Semiótica – foi Peirce que a fundou, Benveniste que a inventou, Coquet que a instituiu – me tocam pouco. No entanto, é com grande prazer que me lembro daqueles anos felizes, kairóticos, quando tudo parecia permitido à jovem semiótica: uma geração de jovens atingiu a maturidade, a confiança no saber fresco, belo e útil, a possibilidade de fazer, com poucos meios, “grandes feitos”. Era 1978, o fim dos anos 70, ano marcado, entre outras coisas, pela redação do Dicionário de Semiótica e pela publicação do *Bulletin des Actes Sémiotiques*, do qual você foi iniciadora e fundadora, papel cuja importância não deixei de enfatizar e que permaneceu inscrito durante os dez anos na capa da *AS*. Ato corajoso de sua parte e que nos uniu para um destino comum, para toda uma vida, de cumplicidade científica mútua. Eu gostaria que estas poucas palavras dessem testemunha disso. Seu, como nos primeiros dias de nosso encontro. GREIMAS/La Chaussée/16 de outubro de 89 (p. 61 apud BARROS, 2018, p. 156, tradução de Barros)³⁴.

³⁴ Trecho original: “Madame, chère Amie, préoccupé à conserver ma jeunesse (celle de l’esprit du moins), je pense à, me préoccupe de l’avenir. Aussi les rectifications et les améliorations de l’histoire récente de la Sémiotique – c’est Peirce qui l’a fondée, Benveniste qui l’a inventée, Coquet qui l’a instituée – ne me touchent que peu. Cependant, c’est avec un vif plaisir que je me souviens de ces années heureuses, kairótiques où tout semblait permis à la jeune sémiotique: une génération de jeunes parvenus à la maturité, une confiance dans le savoir tout frais, beau et utile, la possibilité de faire, avec peu de moyens, de “grandes choses”. C’était 1978, la fin des années 70, année marquée, entre autre, par la rédaction du dictionnaire de Sémiotique et la parution du *Bulletin des Actes Sémiotiques* dont vous

Depois de um ano de suspensão da publicação da *Actes Sémiotiques*, o periódico voltou a circular sob o nome de *Nouveaux Actes Sémiotiques* (1989-2006), versão impressa, sob direção de Henri Quéré, Jacques Fontanille e Eric Landowski. A partir de 2007, passou a ser publicada *online*. Em um caso atípico de retomada do nome inicial, a *Nouveaux Actes Sémiotiques* conheceu uma última alteração de nome em 2013, quando foi renomeada para *Actes Sémiotiques* e assim permanece até os dias atuais. Segundo Landowski (2013), havia encantado o próprio Greimas.

A publicação *online* possibilitou uma maior acessibilidade, além de praticamente triplicar a participação de semioticistas-colaboradores em diferentes línguas. No organograma da revista, podemos observar que a quantidade de colaboradores passou de uns 20 para uns 60 (cf. Quadros 2 e 3):

Quadro 2: Histórico das publicações do grupo

ANO	REVISTA	NÚMEROS	DIREÇÃO	REDAÇÃO
1978	Le Bulletin	1, 2-3, 4-5, 6 mimeografado	Greimas	Hénault
1979/1981	Bulletin du Groupe de Recherches Sémio- linguistiques	7-20 (trimestral) impresso	Greimas	Hénault
1979/1981	Documents du Groupe de Recherches Sémio- linguistiques	1-30 (10 por ano) impresso	Greimas	Landowski
1982/1987	Actes Sémiotiques (Bulletin)	21-43 (trimestral) impresso	Greimas	Coquet e Landowski
1982/1987	Actes Sémiotiques (Documents)	31-90 (10 por ano) impresso	Greimas	Landowski
1988	Suspensão			
1989/2006	Nouveaux Actes Sémiotiques	1-109 (6 por ano) impresso	Quéré	Fontanille e Landowski
2007/2012	Nouveaux Actes Sémiotiques	110-115 (1 por ano) online	Fontanille e Landowski	Beyaert-Geslin
2013 aos dias atuais	Actes Sémiotiques	116-118 (1 por ano)	Fontanille e Landowski	Mitropoulou

êtes initiatrice et fondatrice, rôle dont je n'ai cessé de souligner l'importance et qui est resté inscrit pendant les dix années sur la couverture des A.S. Acte courageux de votre part et qui nous a liés pour un destin commun, pour toute la vie, de complicité scientifique réciproque. Je voudrais que ces quelques mots en portent témoignage./ Votre, comme aux premiers jours de notre rencontre/ GREIMAS/ La Chaussée/Le 16 octobre 89 (p. 61) ”.

		online		
--	--	--------	--	--

Fonte: Adaptado do histórico fornecido pelo site *Actes Sémiotiques* (<http://epublications.unilim.fr/revues/as/1471>).

Figura 5: Organograma da *Actes Sémiotiques*.



Fonte: Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/2959>.

O artigo “A história dos *Actes Sémiotiques*: o caso dos *Bulletins*”, de Carolina Lindenberg Lemos (2017), traz um estudo interessante sobre os *Bulletins*, pois mostra dados sobre o grupo de

especialidade de semiótica – seu funcionamento, sua institucionalização e suas publicações coletivas –, indicando o estágio em que o grupo se encontrava. Acrescenta, ainda, importantes aspectos externos para a compreensão do sensível na semiótica, uma vez que os títulos dos *Bulletins* e *Documents* (cf. anexos a e b) nos oferecem uma ideia do que estava sendo desenvolvido e estudado por Greimas e seus colaboradores, contribuindo com a ideia de continuidade das pesquisas feitas sobre o sensível.

Por outro lado, Lemos (2017) relata a dificuldade em encontrar todos os volumes, sendo que em alguns casos, ela só teve acesso ao volume escaneado, podendo assim completar a lista disponibilizada pela própria *Actes Sémiotiques* e pela tese de Jean Cristtus Portela (2008). Sobre os *Bulletins*, são apresentados como um relatório das atividades dos ateliês do grupo, indicando a coletividade na produção do conhecimento científico (cf. anexos a e b), incluindo respostas orais e transcritas na apresentação do seminário, resenhas de comunicações de terceiros, entrevistas, artigos (LEMOS, 2017, p. 774-776), acarretando também uma variedade de contribuições temáticas e autorais³⁵.

Por fim, segundo Landowski (s/d)³⁶, a *Actes Sémiotiques* reeditará seus números esgotados e os disponibilizará online para o grande público, o que já está em andamento: “Reproduzidos em PDF, aparecerão no modo de *fac simile*, reproduzindo da mesma maneira a publicação original com todas as suas qualidades, bem como suas falhas ou seus arcaísmos, notadamente tipográficos”³⁷ (LANDOWSKI, s/d, tradução nossa), começando pelo Número 16, publicado em 1980, sob o título de *Le désespoir*, de Jacques Fontanille (cf. anexos a e b), que apresentou o primeiro empreendimento em direção a uma semiótica das paixões.

Para Landowski, as evoluções do grupo nos obrigam a revisitar os limites de ordem temporal da teoria greimasiana, que não pode ser reduzida a um *souvenir* antes de 1968, com a publicação da *Semântica*, em 1966, cujo impacto, reforça Landowski (2015), fez com que a obra

³⁵ “A partir do *Bulletin* 14 (“Les universaux du langage”), cada número passou a contar com um organizador (directeur), que em quase todos os casos oferecia uma introdução. O *Bulletin* 1 já mencionava a seção *Brèves*, com informações sobre teses defendidas, atividades semióticas fora do Grupo de Pesquisas e publicações no prelo, mas que se estabiliza no número 6. Essa seção deixa de existir no número 18, para dar lugar, no número 20, à rubrica *Informations*. Se as resenhas são uma constante desde cedo, elas ganham seu lugar próprio no *Bulletin* 16 na seção *Notes de lecture*, que verá seu espaço garantido na quase totalidade dos números até o último em 1987 (*Bulletin* 44) [...] Ao final, os *Bulletins* parecem ter-se estabilizado numa forma que continha os seguintes elementos: *Introduction* do organizador; artigos; *Notes de lecture* (resenhas); *Informations* (sobre teses, encontros e colóquios, grupos de pesquisa, obras publicadas, etc.)” (LEMOS, 2017, p. 777).

³⁶ Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5435>. Acesso em 20/07/2107.

³⁷ Trecho original: “Reproduits en PDF, ils se présenteront sur le mode du *fac simile*, reproduisant à l’identique la publication originale avec toutes ses qualités autant que ses défauts ou ses archaïsmes, notamment typographiques”.

permanecesse na sombra de Greimas, ou seja, fez com que se tornasse conhecido “apenas” como autor de *Semântica*, obviamente, para aqueles que não faziam ou não fazem parte do grupo semiótico. De acordo com Landowski, independentemente dos rótulos (estruturalista ou não), a semiótica continuou “fiel”, diz ele, a uma base epistemológica, mesmo que mínima. Em contrapartida, essa base permitiu que os semioticistas alçassem voos altos, e, conseqüentemente, “ela mudou enormemente” (LANDOWSKI, 2015, p. 37).

Essa breve história do círculo de Greimas, aponta na pesquisa historiográfica como ocorreu a formação do grupo de especialidades (MURRAY, 1994, 1998), permitindo-nos observar, por meio da produção intelectual deste grupo, os fatores externos (SWIGGERS, 2009), ou seja, a organização institucional que se desenvolveu e se estabeleceu a partir dos seminários e das publicações nos *Bulletins* e nos *Documents*, o que promoveu também ampla divulgação entre os semioticistas do mundo todo e entusiastas de outras áreas.

A partir das informações que o *site* da revista disponibiliza, dos trabalhos de Hénault (2006), de Portela (2008), de Landowski (2015) e de Lemos (2017), pudemos sintetizar as propriedades sociais e intelectuais do grupo *École de Paris* em seus primeiros momentos, levando em consideração a figura central e de liderança intelectual/organizacional de A. J. Greimas e os principais participantes nos anos de 1965 e de 1972, quando de fato acontecem e sucedem os estágios de emergência de um grupo científico (MURRAY, 1994, 1998).

Quadro 3: Resumo do grupo de especialidades de Greimas

Propriedades sociais e intelectuais do grupo <i>École de Paris</i> (1965-1979)	
Líder intelectual/organizacional	A. J. Greimas
Centro de Pesquisa	<p>1965: Groupe de recherches sémio-linguistiques (GRSL) – Laboratoire d'anthropologie sociale de l'École pratique des hautes études et du Collège de France</p> <p>Participantes: Paul Bouissac, Gérard Bucher, Michel de Certeau, Claude Chabrol, Catherine Clément, Jean Cohen, Jean-Claude Coquet, Oswald Ducrot, Paolo Fabbri, Gérard Genette, Julia Kristeva, Louis Marin, Christian Metz, Herman Parret, François Rastier, Lucien Sebag, Tzvetan Todorov, Armando Verdiglione.</p> <p>1972: Instalação do GRSL à rua Monsieur-le-Prince,</p>

	Paris 6e – Participantes: Michel Arrivé, Françoise Bastide, Denis Bertrand, Jean-François Bordron, Claude Calame, Michel de Certeau, Corina Combet-Galland, Jean-Claude Coquet, Joseph Courtés, Jean Delorme, Paolo Fabbri, Jean-Marie Floch, Jacques Fontanille, Jacques Geninasca, Pierre Geoltrain, Manar Hammad, Anne Hénault, Eric Landowski, Louis Panier, Herman Parret, Paul Perron, Jean Petitot, François Rastier, Alain Renier, Felix Thürlemann, Claude Zilberberg...
Conteúdo Paradigmático	1967: mídias, gêneros ou temas particulares 1972: temas particulares A partir de 1978: temas dos Bulletins e dos Documents
Exemplares	1966: <i>Sémantique Structurale</i> 1968: “The interaction of semiotic constraints”, publicado por Greimas e François Rastier, cujo modelo se tornará o <i>quadrado semiótico</i>
Revistas	1978: criação do Bulletin do GRSL – Greimas como diretor e Anne Hénault na redação. 1979: criação dos Documents do GRSL – Greimas como diretor e Eric Landowski na redação.

Fonte: autora³⁸.

Essa contextualização serviu para embasarmos a próxima seção deste trabalho, porque para afirmar que existem atualmente diferentes semióticas, oriundas de um mesmo projeto científico, é preciso entender as movimentações internas do grupo, primeiramente, para então nos aproximarmos das outras vertentes e de suas recepções. Portanto, lançamos mão da semiótica tensiva mais uma vez, objetivando demonstrar o processo dispersivo intelectual e geográfico da teoria nas próximas páginas.

1.3.1.4 A tensividade na dispersão do grupo de especialidades de Semiótica

³⁸ Baseado em Murray (1994, 1998, p. 43) e Thomas F. Broden (2017).

Em alguns momentos desta tese, consideramos os semioticistas no entorno de Greimas enquanto greimasianos e pós-greimasianos, procurando justificar, em diferentes momentos, a escolha do *cópus* de nossas análises (cf. capítulos 3, 4 e 5). Essa escolha se explica mais eficientemente na problemática (que estamos tratando) de formação e de dispersão do grupo de Greimas e, como veremos na seção seguinte, pela recepção das semióticas no Brasil. Podemos adiantar que esses autores são vistos como “pós-greimasianos” por terem trabalhado intensamente de 1992 até os dias de hoje. Suas ideias potencialmente inovadoras sobre a semiótica do sensível foram desenvolvidas, em grande parte, ao final do período, que denominamos greimasiano (1956-1991), especialmente nas décadas de 80 e 90. Além disso, é perceptível a dispersão temática desses autores. Retomando Murray (1998), é notório que ocorra a dispersão geográfica de cientistas bem-sucedidos nos grupos de especialidade, uma vez que a fragmentação do grupo é consequência de seu próprio sucesso, mas nem por isso seria impedimento para a sobrevivência do mesmo. De acordo com Murray (1998), o que pode ser *fatal* na formação do grupo é a dispersão da disciplina, isto é, a interdisciplinaridade pode dificultar que os indivíduos alcancem prestígio e progresso, pois eles são próprios da esfera intradisciplinar. Seguindo as ideias de Mullins, Murray explica que, para o autor, a interdisciplinaridade é considerada um fator no colapso de certos grupos, pois mesmo se:

[...] muitos grupos empregam métodos e teorias de uma disciplina em outra [...] em um exame mais detalhado, no entanto, os membros do grupo são frequentemente direcionados fortemente ou exclusivamente para uma disciplina, embora estejam familiarizados com métodos e teorias de outras (MURRAY, 1998, p. 252-253, tradução nossa)³⁹.

Nesse caso, a dispersão nos remete ao terceiro estágio, momento de formação do grupo de especialidades. Assim, a interdisciplinaridade pode se tornar o elemento de dispersão, pois o grupo necessita de reconhecimento, o que é consequência da intradisciplinaridade. No caso da semiótica, uma disciplina que ao longo de sua existência recorreu a diferentes disciplinas, e, portanto, concebida de um ponto de vista interdisciplinar, é preciso ressaltar que o seu fazer teórico a molda, ao mesmo tempo, como intradisciplinar. Isso é refletido nas temáticas dos seminários e nas publicações do grupo, em seus *Bulletins* e *Documents* (cf. anexos a e b).

³⁹ Trecho original: “[...] many groups deploy methods and theories from one discipline in another one [...] on closer examination, however, group members quite frequently are drawn heavily or exclusively from one discipline, though they are familiar with methods and theories from others”.

Contudo, concordamos com Murray (1998) que, em alguns casos, o fator determinante na formação do grupo reside na liderança, como é o caso do grupo de semiótica:

A necessidade de liderança intelectual e organizacional para a formação de grupos científicos é apoiada pelo escrutínio sistemático de casos das histórias das ciências. A liderança é um pré-requisito e pode superar os efeitos centrípetos da dispersão geográfica e disciplinar dos membros do grupo. As mudanças na ciência são feitas por grupos, não pela criação automática de ideias por outras ideias, nem por indivíduos isolados, por mais brilhantes que sejam seus pensamentos e pesquisas. Esses grupos são partidos de vanguarda, não representativos de toda a população de cientistas atuantes. Ao longo de suas carreiras, a maioria dos cientistas nunca se envolve em grupos que desenvolvem novas perspectivas teóricas (MURRAY, 1998, p. 253, tradução nossa)⁴⁰.

Assim, vale ressaltar que o alcance da semiótica, em outros lugares que a França, aconteceu por diferentes razões. Uma delas é a figura-líder de Greimas que soube organizar em seu entorno diferentes cientistas de diferentes níveis, épocas e localidades: Brasil, México, Espanha, Itália, etc. Por esse motivo, também consideramos importante tratar nos estágios, a dispersão, sendo ela completa e/ou média, geograficamente e/ou metodologicamente em relação à liderança intelectual. Temos assim, o quinto estágio, e, em vez de tratarmos apenas da consolidação, podemos observar outros estados de transformação de um determinado grupo.

No grupo em questão, suspeitamos que a dispersão teórica e geográfica possa ter ocorrido, por um lado, pela ausência da liderança de Greimas, em um primeiro momento, sendo compartilhada pelos seus sucessores, uma vez que os seminários ainda ocorrem em Paris, mesmo com mudanças tanto em sua composição quanto em seu funcionamento⁴¹. Por outro lado, acreditamos que a dispersão também ocorreu devido ao próprio desenvolvimento do aparato teórico-metodológico da semiótica, que possibilita(va) diferentes abordagens, e, por consequência, atraí(u) diferentes interesses entre os pesquisadores.

No final dos anos 80 e início dos anos 90, momento conhecido pelas sucessivas mudanças na semiótica discursiva, teria ainda outro acontecimento mais marcante: a morte de Greimas. Em

⁴⁰ Trecho original: “The necessity of intellectual and organizational leadership for the formation of scientific groups is supported by systematic scrutiny of cases from the histories of sciences. Leadership is prerequisite and may overcome the centripetal effects of geographical and disciplinary dispersion of group members. Changes in science are made by groups, not by the automatic breeding of ideas by other ideas, nor by single individuals, however brilliant their thoughts and research. These groups are vanguard parties, not representative of the whole population of working scientists. Over the course of their careers, most scientists are never involved in groups advancing new theoretical perspectives”.

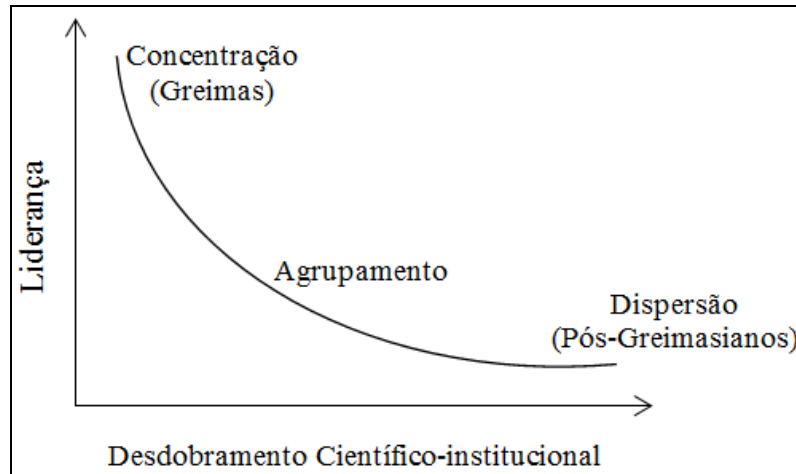
⁴¹ Cf. Sobre a agenda dos seminários de semiótica em Paris: <http://afsemio.fr/actualites/seminaires/seminaire-de-paris/>.

uma entrevista feita por Portela (2006), Fontanille relata essa época como uma guerra travada de paradigmas (semiótica das catástrofes, subjetal, sociossemiótica, entre outras) para saber quem sucederia Greimas, se é que isso fosse possível. O que sabemos é que a força centrada nele se dispersou entre eles e cada “igreja”, pelo menos aqui no Brasil, “assumiu” suas preferências (cf. seção 1.4). Fontanille ressalta que Greimas tentou preparar essa sucessão por meio da solidariedade e de trabalhos que deveriam supostamente ser conduzidos sem a sua presença. Após sua morte, afirma, os que desejavam seguir apenas seus projetos individuais foram aos poucos se afastando e se marginalizando, alguns a ponto de abandonar a semiótica (FONTANILLE, 2006).

Sobre a continuidade dos seminários, “la petite bande des fidèles” estava lá. Permaneceram “[...] uma ferramenta coletiva insubstituível, um dos únicos seminários criados na época do estruturalismo que ainda funcionava (e que funciona sempre!)” (FONTANILLE, 2006, p. 166-167, tradução nossa)⁴².

Por meio da semiótica, podemos caracterizar esse estágio segundo as ideias de tensividade de Fontanille e de Zilberberg (1998), dispendo em um gráfico de correlação inversa, a formação e a dispersão da escola de Paris, levando em consideração não apenas os estágios anteriores, mas os pontos de vista históricos dos semioticistas supracitados, isto é, Landowski (2015), no momento de formação e Fontanille (2006), para o início da dispersão. Observamos, portanto, que a liderança está no eixo da intensidade, assim, quanto mais próximo do líder, mais concentrado se encontra o grupo e, da mesma forma, quanto mais distantes dessa figura, mais dispersos eles se encontrariam, enquanto grupo de especialidade.

⁴² Trecho original: “[...] un outil collectif irremplaçable, un des seuls séminaires créés à l’époque du structuralisme qui fonctionnait encore (et qui fonctionne toujours !)”.

Gráfico 3: Formação e dispersão do grupo de especialidades de Semiótica

Fonte: autora.

Mesmo que não tenha existido uma dispersão total, houve, com certeza, rupturas e fragmentações de participantes e, sobretudo teórica. Por isso, destacamos os pós-greimasianos como o gradiente oposto, na medida em que existem dois tipos de projeto, os de linha individual e os que permanecem coletivos. Podemos observar esses aspectos nos trabalhos da produção do sensível na semiótica que selecionamos como *cópus* desta pesquisa, pois eles englobam 50 anos de publicações (1956-2006).

Além disso, é difícil dizer até que ponto outros grupos de especialidades mantêm essa mesma configuração. Todavia, é mais difícil ainda não reforçar que o grupo de Greimas remonta ao estruturalismo e ainda permanece ativo, como ressaltou Fontanille (2006). Apropriamo-nos, por fim, desse histórico em prol de uma melhor compreensão do surgimento e do estabelecimento da própria disciplina.

Outra hipótese que surge no horizonte da dispersão é o aspecto já mencionado da inter e intra-disciplinaridade, colocando os participantes desse grupo em contato com distintas temáticas, o que pode ter originado diferentes projetos no desenvolvimento da disciplina, ou seja, de diferentes arranjos teóricos e de tomadas de posição diante da construção de uma teoria unívoca da significação e, levando isso em consideração, tentamos historiografar, neste trabalho, o sensível na semiótica greimasiana e pós-greimasiana, colocando em evidência os pontos comuns e os divergentes também.

Finalmente, por meio dos procedimentos de Portela (2018), dos aspectos citacionais, da bricolagem e da formação e da dispersão do grupo de especialidade, procuramos aliar a

historiografia e a semiótica, objetivando estabelecer parâmetros produtores, sobretudo para alcançar nosso objetivo final: recuperar o sensível na semiótica discursiva. Ao mesmo tempo, todos os aspectos supracitados permitiram que na próxima seção pudéssemos escolher com responsabilidade o *cópus* final da tese.

1.4. RECEPÇÃO DA SEMIÓTICA FRANCESA NO BRASIL: A ESCOLHA DO *CÓRPU*S⁴³

Nos dois últimos tópicos tentamos mostrar como um grupo de pesquisa possibilita construir um legado, mesmo depois de sua dispersão. Agora, buscamos na recepção dos continuadores da semiótica, os pós-greimasianos, a emergência e a permanência da semiótica greimasiana (clássica) em diferentes abordagens, com o intuito de estabelecer um percurso coerente dos desdobramentos do sensível nessa disciplina. A recepção que a semiótica teve no Brasil nos oferece uma perspectiva para recortar na vastidão de textos, aqueles mais relevantes, no âmbito do domínio pesquisado, o sensível, e no âmbito da forma de fazer semiótica hoje.

Em 2012, a semioticista brasileira Diana Luz Pessoa de Barros publicou o artigo “A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios”. Nele, os leitores recuperam a inserção da semiótica na América do Sul, ocorrida nos anos 1960 e 1970, através da leitura de *Semântica estrutural*. Barros lembra que a primeira vinda de Greimas ao Brasil foi em 1973, simbolizando o entrelaçamento dos pesquisadores brasileiros com a semiótica e com os pesquisadores franceses, iniciando um caminho sem volta de trocas e de trabalhos, sobretudo coletivos. Os primeiros a desbravarem esse caminho, em sua grande maioria professores universitários, criaram “uma escola” semiótica, oferecendo cursos nas universidades em que estavam locados:

[...] escreveram livros de fundamentos, desenvolveram aspectos teóricos e metodológicos, fizeram muitas e variadas análises, traduziram para o português e o espanhol estudos dos semioticistas franceses. As primeiras gerações de semioticistas na América do Sul, formadas diretamente por Greimas e que participaram do “Groupe de Recherches Sémio-linguistiques”, tiveram papel fundamental na implantação e desenvolvimento da semiótica na América do Sul (BARROS, 2012, p. 153).

⁴³ Por questões metodológicas relacionadas ao recorte procedido nesta tese, outros importantes grupos de estudos da semiótica (Ges-Com-Unesp; SeDi; SEMIOTEC; SemioCE, GES-UEL, NUPES, entre outros), no território brasileiro, ficaram excluídos da seleção deste *cópus* para que pudéssemos alcançar os objetivos estabelecidos. No entanto, a autora pretende retomá-los em futuros projetos sobre o sensível na semiótica brasileira, como continuidade desta pesquisa.

Na recepção teórica, a disciplinarização, como aponta Barros (2012), é um aspecto característico no estabelecimento e no desenvolvimento da semiótica no Brasil (na América do Sul). A inserção brasileira se deu em São Paulo, na Universidade de São Paulo e na Faculdade de São José do Rio Preto (UNESP), por Ignacio Assis Silva, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Alceu Dias Lima e Tiekio Yamaguchi Miyazaki (BARROS, 2012). Em 1973, quando esse grupo trouxe Greimas para oferecer um curso no Brasil, eles começaram ao mesmo tempo “o processo de formação de semioticistas” (BARROS, 2012). No mesmo ano, o surgimento da revista *Significação* (revista brasileira de semiótica), criada pelo Centro de Estudos Semióticos, complementou esse processo de formação e de divulgação dos semioticistas brasileiros e de seus trabalhos⁴⁴. Ademais, Barros descreve uma lista extensa de grupos de semiótica que surgiram no Brasil e ultrapassam as fronteiras paulistas. No entanto, focando nos objetivos desta tese, destacaremos três grupos de São Paulo:

[...] o Grupo de Estudos Semióticos da Universidade de São Paulo (GES-USP), sob a direção de Ivã Lopes (e com Norma Discini, Waldir Beividas, Elizabeth Harkot-de-la-Taille, Antonio Vicente Pietroforte, Luiz Tatit, Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin e outros), o Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), animado por Ana Claudia de Oliveira, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); em Araraquara, o Grupo CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada (Maria de Lourdes Baldan, Arnaldo Cortina, Renata Marchezan, Luiz Gonzaga Marchezan, Diana Junkes Toneto, Edna Maria Nascimento, Maria Celia Leonel, Marisa Gianecchini Gonçalves de Souza, Fabiane Regina Borsato, Matheus Nogueira Schwartzmann, Tiekio Yamaguchi Miyazaki, Vera Lúcia Abriata, entre outros); em Bauru, o Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom-UNESP, com Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz, Jean Cristtus Portela e Ana Sílvia Lopes Médola, entre outros (BARROS, 2012, p. 157-158)⁴⁵.

Claramente, a constituição desses grupos passou por modificações, o que é típico como vimos na formação/dispersão dos grupos de especialidades. O pesquisador Jean Cristtus Portela,

⁴⁴ “Os membros do Centro exerciam atividades de docência e pesquisa, sobretudo, na UNESP, em São José do Rio Preto e em Araraquara, e na Universidade de São Paulo – no Departamento de Linguística da FFLCH e na Escola de Comunicações e Artes. Nessas universidades, formou-se a maioria dos pesquisadores em semiótica no Brasil e desenvolveu-se grande parte dos projetos de pesquisa na área” (BARROS, 2012, p. 157).

⁴⁵ “As principais revistas de semiótica no país que publicam trabalhos sobretudo em semiótica discursiva são: *CASA*: Cadernos de Semiótica Aplicada (UNESP), *Estudos Semióticos* (USP), *Galáxia* (PUC-SP)” (BARROS, 2012, p. 158).

por exemplo, ocupa hoje uma posição na direção do grupo GPS-Unesp (CASA) em Araraquara, resultante de uma fusão do CASA com o GELE, em 2014⁴⁶.

Seguindo com a história da semiótica no Brasil, Barros (2012, p. 163) elenca como duas abordagens ocuparam espaço de destaque para alguns pesquisadores, para nós, particularmente, em duas universidades paulistas. A semiótica tensiva, por exemplo, contribui para os trabalhos de: Ignácio Assis Silva, de Luiz Tatit, de Ivã Carlos Lopes, de Waldir Bevidas, de Lúcia Teixeira, de Antônio Vicente Pietroforte, de Renata Mancini, de José Roberto do Carmo Jr., de Ricardo Nogueira de Castro Monteiro, de Álvaro Antônio Caretta, de Márcio Coelho, de Peter Dietrich, Luiz Tatit, José Luiz Fiorin, entre outros (BARROS, 2012, p. 163). Pela presença de alguns nomes de professores/pesquisadores filiados à Universidade de São Paulo (USP), atribuímos que a semiótica tensiva se estabeleceu amplamente nessa instituição de ensino superior, configurando-se como a recepção brasileira da semiótica tensiva neste trabalho.

Em 2001, o Grupo de Estudos Semióticos da FFLCH-USP⁴⁷ foi fundado e, hoje, é coordenado pelos professores Dra. Elizabeth Harkot-de-La-Taille, Dr. Ivã Carlos Lopes⁴⁸ e Dr. Waldir Bevidas, reunindo não apenas professores, mas estudantes de Iniciação Científica, do Mestrado e do Doutorado. Destacamos uma de suas atividades, o encontro anual sobre as pesquisas em semiótica, miniENAPOL, porque ele permite a troca entre estudantes e professores da área e de outros pesquisadores interessados também pela semiótica. Eu, enquanto estudante-pesquisadora, tive a oportunidade de participar desse encontro, em diferentes momentos, o que me possibilitou desenvolver esta pesquisa com outros olhares e conhecer os trabalhos e os

⁴⁶ Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq: “O Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp (GPS-Unesp) é o estágio atual de uma tradição de pesquisa em semiótica que tem mais de quarenta anos na Unesp de Araraquara e que contou com grupos como o Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas (1974), o Grupo CASA (2000) e o Grupo de Estudos sobre Leitura (2003). Desde os anos 1970, a pesquisa em semiótica em Araraquara, que teve como pioneiros Alceu Dias Lima, Edward Lopes e Ignácio Assis Silva, não cessou de se renovar, contribuindo para a consolidação dos estudos semióticos no Estado de São Paulo e no Brasil e estabelecendo cooperação científica com centros de semiótica da França e da Bélgica. O GPS-Unesp, implantado no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Unesp de Araraquara, é responsável pelos CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, pelo Seminário de Semiótica da Unesp (SSU), pelo grupo de leitura Leituras Semióticas (LeSem) e pelas Jornadas do GPS-Unesp”. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/43312>.

⁴⁷ Para maiores informações sobre a história, as atividades e as publicações do grupo, cf. o website: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/224>.

⁴⁸ Do ponto de vista historiográfico, o prof. Dr. Ivã Carlos Lopes desenvolve e publica, desde 2010, na revista *Signata - Annales des Sémiotiques*, artigos importantes para o estabelecimento da história semiótica brasileira, descrevendo os principais acontecimentos acadêmicos, incluindo as defesas da área. Para maiores informações, cf.: <http://linguistica.fflch.usp.br/ivalopes>.

anseios de outros colegas, estabelecer uma rede de contato na semiótica, sentir-me, por fim, incluída no grupo de semioticistas brasileiros.

No caso da sociossemiótica, Barros (2012, p. 165) aponta para o seu desenvolvimento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, contribuindo para os trabalhos de: Ana Cláudia de Oliveira, Yvana Fechine, Luís Alexandre Grubits de Paula Pessôa, entre outros. Nesse caso, temos a recepção brasileira da sociossemiótica. Por fim, um dos principais divulgadores hoje da semiótica das práticas e das formas de vida, Jean Cristtus Portela, que ainda se encontrava em outra cidade (Bauru) na época em que o artigo foi publicado, soma-se aos nomes de outros importantes semioticistas: Matheus Nogueira Schwartzmann, Edna Maria Nascimento, Vera Lúcia Abriata, entre outros, formando a recepção brasileira da semiótica das práticas/formas de vida. Assim, os três grupos (CASA/GPS, CPS e GES-USP) das universidades de Araraquara (UNESP) e de São Paulo (PUC e USP), respectivamente, são o nosso tripé da recepção dos pós-greimasianos no Brasil – Claude Zilberberg, Eric Landowski e Jacques Fontanille – e das suas respectivas semióticas: tensiva, sociossemiótica e práticas/formas de vida.

Tendo em vista as considerações acerca da recepção da semiótica no Brasil – de Greimas e dos (pós)-greimasianos Fontanille, Landowski e Zilberberg –, procedemos ao recorte do corpúsculo que utilizamos nesta pesquisa, seguindo o tipo de classificação de Hymes e Fought para a seleção dos materiais:

Hymes e Fought (1981, p. 22) sugeriram uma classificação das fontes a partir do tipo de informação que elas podem oferecer para o historiógrafo. Haveria fontes mais propícias para informar sobre teorias e métodos linguísticos; outras mais afeitas às maneiras pelas quais os linguistas lidaram com dados e problemas; outras que dariam pistas sobre as influências e as afinidades entre os linguistas, ou entre os linguistas e os não linguistas; outras, ainda, que informariam sobre as circunstâncias institucionais, profissionais e sociais que moldaram a atividade de pesquisa do linguista, ou ainda sobre crenças, valores, atitudes de pessoas, grupos e gerações que afetaram os rumos e as orientações que tomou o conhecimento linguístico em determinado contexto histórico (1981, p. 22 apud ALTMAN, 2012, p. 21).

Optamos por fazer um recorte e selecionar obras (artigos, dicionários, entrevistas e livros) como as fontes primárias desta pesquisa. Escolhemos aquelas que explicitam os conceitos já conhecidos e circunscritos no campo do sensível. Escolhemos também outros materiais como fontes “marginais” que tratam do tema do sensível, destacando o “clima de opinião” em que o

sensível foi desenvolvido na semiótica discursiva. Nosso recorte temporal das fontes abrange textos de 1956 a 2006, ou seja, 50 anos de publicações.

Entre os artigos, selecionamos, principalmente, os da revista *Actes Sémiotiques – Bulletins* (1978-1987) e *Documents* (1979-1987), pela sua relevância histórica já mencionada. Entre diversos artigos, dicionários, entrevistas e livros, começamos a seleção das fontes primárias (parâmetro de cobertura) pelos trabalhos de A. J. Greimas, de acordo com o levantamento de Santos (2014):

1. [1956] L’actualité du saussurisme;
2. [1966] Sémantique Structurale;
3. [1970] Du Sens: Essais Sémiotiques;
4. [1976] Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques;
5. [1983] Du sens II: Essais sémiotiques;
6. [1986] Les passions – explorations sémiotiques;
7. [1987] De l’imperfection;
8. [1991] GREIMAS, A.J., FONTANILLE, J., Sémiotique des passions. Des états de choses aux états d’âme.

Reforçando o que já afirmamos anteriormente sobre o sensível na semiótica, no ensaio “O arco fenomenológico e a flecha semiótica”, de Maria Pia Pozzato (1997) – o próprio título já demonstra que a semiótica tem em suas bases a fenomenologia – a autora conclui, contundentemente, que a semiótica de Greimas “acolheu” a proposta de Merleau-Ponty ao colocar a significação como algo que está além de um fenômeno cognitivo, justificando, dessa forma, o fato de Greimas ter sido fonte de inspiração para tantos outros estudiosos que o seguiram na concepção perceptiva do sensível, resultando, assim, no recorte que propomos dos autores desta pesquisa. A esse período em que a figura de Greimas parece-nos central ou hegemônica na semiótica, mais precisamente de 1956 a 1991, se utilizarmos as obras arroladas anteriormente, chamamos de pensamento greimasiano.

Para tratar do sensível no pensamento pós-greimasiano, selecionamos, inicialmente, obras dos colaboradores mais representativos da escola greimasiana⁴⁹, que se destacaram por terem, cada um a seu modo, mantido um ritmo intenso de produção bibliográfica, investigação, proposição e recepção teórica:

Claude Zilberberg

1. [1988] Raison et poétique du sens;
2. [1988] Architecture, musique et langage dans “Eupalinos” de P. Valéry;
3. [2002] Précis de grammaire tensive;
4. [2006] Éléments de grammaire tensive.

Jacques Fontanille

1. [1986] Le tumulte modal: de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionnelle
2. [1989] Les passions de l'asthme;
3. [1989] Les espaces subjectifs: introduction à la sémiotique de l'observateur ;
4. [1995] Sémiotique du visible;
5. [1998] Sémiotique du discours;
6. [1999] Sémiotique et littérature: essais de méthode;
7. [2004] Soma et Séma.

Eric Landowski

1. [1995] Apresentação (*in* Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas);
2. [1996] Viagem às nascentes do sentido;
3. [2004] Passions sans nom. Essais de socio-sémiotique III;
4. [2006] Les interactions risquées.

⁴⁹ Embora o Groupe μ tenha uma forte representatividade nos estudos sobre o sensível, decidimos não incluí-lo neste corpus, devido ao que definimos anteriormente, isto é, o que foi e quem participou do grupo de especialidades de Greimas.

Dicionários de semiótica

1. [1979] GREIMAS, A.J., J. COURTES. *Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*;
2. [1986] GREIMAS, A.J., J. COURTES. *Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la théorie du langage, tome II* ;
3. [1998] FONTANILLE, J.; C., ZILBERBERG. *Tension et signification*.

As obras supracitadas ocupam o lugar das fontes principais. No entanto, é válido acrescentar que nos comentários podem aparecer outras obras dos mesmos autores, sem prejudicar a composição deste recorte. As fontes secundárias ou marginais foram acrescentadas como comentadoras e foram recuperadas ao longo das análises dos capítulos (2, 3, 4 e 5). Os dicionários, de caráter coletivo, foram colocados separadamente, porque compõem o rol das obras que foram utilizadas na cartografia do sensível, isto é, seguindo um trajeto do dicionário de língua (senso comum) ao dicionário de filosofia (conhecimento filosófico) ao dicionário de semiótica (conhecimento científico).

Dito isso, passaremos ao segundo capítulo desta tese: a cartografia do sensível, buscando, por meio do componente hermenêutico (Swiggers, 2015), fazer uma interpretação conectada aos estágios anteriores à semiótica e, por conseguinte, de produção do conhecimento relacionado ao objeto de estudo, o sensível.

2. EM BUSCA DO SENSÍVEL PERDIDO

Si les théories progressent, c'est à reculons: elles s'avancent à pas lents vers leurs prémisses, ou plus exactement vers l'explicitation de leurs prémisses. La sémiotique n'a pas procédé autrement: il lui a fallu bien du temps pour recevoir la phorie et l'esthésie qui la mesure comme des catégories directrices de premier rang. Aussi, loin d'admettre et comme à contre-cœur l'affectivité, de la cantonner à la fonction modeste de complément circonstanciel de manière, nous recevons l'affectivité, sous la dénomination d'intensité, comme grandeur régissante du couple dérivé de la schizie inaugurale (ZILBERBERG, 2002, p. 115).

Abordamos brevemente neste capítulo um aspecto importante do espírito de época para a questão do sensível, a exclusão da subjetividade nas ciências humanas no século XX. É comum observarmos nos textos sobre semiótica as diferentes fases do desenvolvimento da teoria em termos de virada modal e de virada fenomenológica. A princípio, parece que estamos sempre no nível da ruptura. No entanto, acreditamos que, hoje, os semioticistas têm em mente a continuidade do pensamento greimasiano e o fato de que certos temas tenham sido deixados no esquecimento em alguns momentos não condiz, na verdade, com nossa perspectiva. Pelo viés historiográfico, lendo e relendo as obras de Greimas é difícil não pensar em um fio condutor contínuo. Podemos, no máximo, pensar em termos de presença e de ausência, bem como de intensidade entre eles ao longo dos anos, mas o sensível nunca esteve em absoluta ausência.

Então, buscamos entender a dita “periferização” do sensível na semiótica, pelo menos no nível da enunciação-enunciada que representasse, minimamente, o *zeitgeist* daqueles anos. Aliás, não somente na semiótica, mas como reflexo das ciências humanas como um todo. Recuperamos essa exclusão via François Dosse, em sua *História do Estruturalismo* e Francis Wolff em *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*.

O que é ser homem? Segundo Aristóteles, afirma Wolff, o homem é “[...] um *zoon*, possui vida. Com efeito, todos os homens *vivem*, ao contrário das montanhas ou das estátuas. Viver, eis o que é *ser* para o homem” (WOLFF, 2012, p. 25). Em Descartes, esse homem ganha um corpo inseparável de sua alma, que sente como *seu* próprio corpo, acrescenta Wolff, enfatizando que essa é a mesma doutrina dos estoicos. Temos aqui, duas visões, a aristotélica, que parte do exterior e, a cartesiana, que parte do interior, mas não só isso: enquanto o primeiro vê na

racionalidade o modo do homem ser um animal, para o segundo, é justamente o contrário, ou seja, o modo que o homem tem de não ser um animal (WOLFF, 2012, p. 51).

O que não é ser homem? Do ponto de vista da física moderna, o homem está fora da natureza, porque de fora, ele é capaz de dominá-la, ele é o sujeito da ciência e não o seu objeto. Na idade clássica, ele se torna objeto, afirma Wolff (2012, p. 70). Na época do estruturalismo, o homem não tem nem essência, aliás, ele “não existe” (WOLFF, 2012, p. 73).

Começemos com Saussure. O sujeito que aparece no *Curso de Linguística Geral* é um sujeito silenciado, pois a escolha pela língua, em prol do devir científico da Linguística, teria como consequência principal a ausência do sujeito durante boa parte do estruturalismo. De acordo com Dosse, o sujeito é “[...] explicitamente reduzido à insignificância, senão ao silêncio, pelo *CLG*, com a distinção essencial que Saussure estabelece entre linguagem e fala” (DOSSE, 2007, p. 90). Essa distinção recai no par social-individual e, por essa razão, a linguística optou por centrar-se na língua, que lhe permitiria o desejado refinamento científico. Essa expulsão ocorrerá, como ressalta Dosse, no paradigma estruturalista de toda uma geração, em que a:

[...] negação do homem, já ângulo morto do horizonte saussuriano, também vai passar a ser um elemento essencial do paradigma estruturalista, além do campo linguístico. Ela leva ao paroxismo um formalismo que, depois de já ter esvaziado de sentido, exclui também o locutor para culminar numa situação em que “tudo se passa como se ninguém falasse” (DOSSE, 2007, p. 90).

Em Lacan, a valorização do sujeito em demasia, o tornará inacessível e, por conseguinte, também excluído, como demonstra Dosse:

[...] essa nova visão de um sujeito descentrado, cindido, é inteiramente coerente com a noção de sujeito vigente, na época, nos outros campos estruturalistas das ciências do homem. Esse sujeito é, de certo modo, uma ficção que só tem existência em virtude de sua dimensão simbólica, do significante. Se há preponderância do significante sobre o significado não se trata, porém, de esvaziar o significado (DOSSE, 2007, p. 157).

Dosse afirma que, em Saussure, Lévi-Strauss e Lacan, o sujeito, no modelo europeu estruturalista, teve um destino sombrio, sendo retirado das investigações, ora reduzido ora inalcançável, distanciando o homem de vez do mundo das coisas: “De um lado, ele está reduzido à insignificância no enfoque saussuriano ou lévi-straussiano e, do outro, é supervalorizado na

abordagem de Lacan, mas ao ponto de ser inacessível para sempre, não erradicado, mas frustrado” (DOSSE, 2007, p. 175).

Para Wolff (2012), o mesmo ocorre com outros linguistas que se arriscavam lidar com o discurso, tal qual Benveniste, em que a estrutura linguística modela o pensamento humano, ocorrendo uma “inversão completa do cartesianismo: não é porque eu ‘penso’ que posso dizê-lo, é porque posso dizer ‘eu’ que posso dizer, e até crer, que sou uma substância pensante” (WOLFF, 2012, p. 85). Logo, do ponto de vista tanto de Dosse quanto de Wolff, o homem do estruturalismo é um sujeito sujeitado.

Wolff chega a essa conclusão, reiterando o que Lévi-Strauss escreveu sobre o estruturalismo, ou seja, que a consciência é a inimiga das ciências humanas, porque “nem consciência transparente a si mesma, nem autor soberano de seus próprios atos, o ‘homem estrutural’ é um não sujeito, ou melhor, porque é preciso que algo nele possa crer-se sujeito, um sujeito sujeitado” (WOLFF, 2012, p. 87).

Aparentemente, as análises dos capítulos seguintes podem, por um lado, confirmar esse desaparecimento circunstancial do sujeito. Por outro lado, pelo viés que construímos, rumo à continuidade do sensível, elas vão em direção contrária, de certa forma, uma vez que até para a actancialidade, entendemos que existe aí um corpo, um sujeito. Assim, permitimo-nos pensar, nos próximos capítulos, em termos de presença e de ausência mais ou menos forte ao longo dos anos no que tange ao sensível.

Na seção seguinte, buscamos construir uma cartografia (razoável) que aborde o sensível em diferentes domínios, relacionando-os com os termos mais frequentes das análises feitas, um percurso lexical, partindo do senso comum ao senso especializado.

2.1 CARTOGRAFIA DO SENSÍVEL

[...] na língua só existem diferenças. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças sem termos positivos. (SAUSSURE, 2012, p. 167).

Iniciamos, neste capítulo, um percurso cartográfico do sensível, lembrando que na história da linguística europeia as características das entidades emergem pelas suas diferenças, independentemente de estarmos olhando para o seu significante ou para o seu significado. A herança que nos foi deixada pelo mestre genebrino, Saussure, é bem enfática ao dizer que *na*

língua só existem diferenças. Quando olhamos para os signos (termos positivos), o que existe entre eles é a oposição. Portanto, se questionarmos sobre o que é o sensível e a que ele se opõe, temos a tendência de colocá-lo em oposição ao inteligível. De fato, encontraremos esse binarismo, sobretudo porque o sensível é um termo que foi “excluído”, relegado à “periferia” – seja na filosofia, nas ciências, de um modo geral, ou na escrita acadêmica, em relação à subjetividade –, durante muito tempo, mas nem por isso deixou de se presentificar ao longo da história ocidental, pois é a mesma ciência (humanas, exatas, etc.) que vai convocá-lo para compreender a si própria, mesmo que seja para desacreditá-lo. Consequentemente, entender o que é o sensível a partir de diferentes pontos de vista nos ajudará a entendê-lo segundo nosso objeto de pesquisa: a semiótica.

Existe um texto do físico Albert Einstein, intitulado *Física e realidade*, publicado originalmente em 1936, pelo *Journal of the Franklin Institute*, que ao tratar das problemáticas emergentes na física coloca em destaque o sensível. Nesse momento de incertezas, a Física se questionava sobre seus fundamentos devido às novas questões em seu escopo teórico, como a teoria quântica e a teoria da relatividade. Por essas razões, Einstein, nesse texto, traz à luz as experiências sensíveis no estabelecimento do mundo externo que é o mundo real. Sobre o método científico, o autor afirma que a ciência é um refinamento do senso comum que da mesma forma se ocupa das impressões de ordem sensível:

No palco de nossas experiências mentais surgem, em colorida sucessão, experiências sensíveis, seus quadros mnemônicos, representações e sentimentos. Contrariamente à Psicologia, a Física ocupa-se (diretamente) apenas com as experiências sensíveis e com a “compreensão” das relações entre elas. Mas o conceito de “mundo externo real” do senso comum também se apoia exclusivamente sobre as impressões sensíveis (EINSTEIN, 2006, p. 9).

Logo, para fazer emergir esse mundo externo real, tão caro à Física, é preciso que se construa um “objeto corpóreo” (ou vários), cuja função reside na associação conceitual provida pelas experiências sensíveis, isto é, por meio das sensações que se repetem, que podem ou não ser interpretadas como experiências sensíveis de nossos semelhantes, acrescenta o autor. É também de natureza arbitrária a maneira como elas são escolhidas mentalmente e dessa totalidade de experiências poderia se associar um conceito (EINSTEIN, 2006, p. 9). Isso significa que o mundo real só se estabelece através dessa associação a experiências sensíveis, que resultam em associações mentais. A ciência almeja, dessa forma, a compreensão conceitual mais completa

possível dessas experiências, por intermédio “do uso de um mínimo de conceitos e relações primárias” (EINSTEIN, 2006, p. 10).

Esse texto é um claro exemplo de como o sensível alcançará, ao longo da história do pensamento ocidental, um lugar de destaque na Ciência, nesse caso, das ciências naturais; lugar esse que nunca deveria ter sido deslocado (aqui, incluem-se as ciências humanas). Por outro lado, também podemos observar o oposto, por menos crível que pareça, a razão ou o conhecimento também já foram objetos de repulsa. No ano de 1888, Nietzsche escreveu o texto *Anticristo* e nele destacamos sua interpretação do “pecado original”, mostrando que era o conhecimento o elemento a ser excluído da vida do homem. O autor se questiona em um de seus aforismos: “Será que alguém já compreendeu claramente a célebre história que se encontra no início da Bíblia – a do pavor mortal de Deus ante a ciência?” (NIETZSCHE, 2002, p. 43). A culpa da ciência é de Eva, pois foi por causa dela que o homem provou da árvore do conhecimento; logo, nas palavras do autor, o homem teria sido o maior erro de “deus” (ou do/para o padre?), pois:

[...] criou para si um rival; a ciência torna os homens divinos – tudo se arruína para padres e deuses quando o homem torna-se científico! – Moral: a ciência é proibida *per se*; somente ela é proibida. A ciência é o primeiro dos pecados, o germe de todos os pecados, o pecado original. Toda a moral é apenas isto: “Tu não conhecerás” [...] O homem não deve pensar. [...] “O homem tornou-se científico” [...] (NIETZSCHE, 2002, p. 44).

Ora, pelo não cumprimento do programa narrativo estipulado pelo destinador, veio a sanção negativa: a expulsão do paraíso, local destinado à fruição e à felicidade humana, ou seja, ideal para pensar. Então vieram as guerras, as dores, as doenças para impedir que os homens pensassem; tentativa vã, uma vez que o “edifício” da Ciência continuou sendo erigido. Embora essa seja uma interpretação parcial via Nietzsche, podemos encarar que na oposição clássica entre o inteligível e o sensível, houve um momento em que o conhecimento foi o aspecto a ser negligenciado da humanidade, segundo o autor, pelo cristianismo (“o padre reina graças à invenção do pecado”).

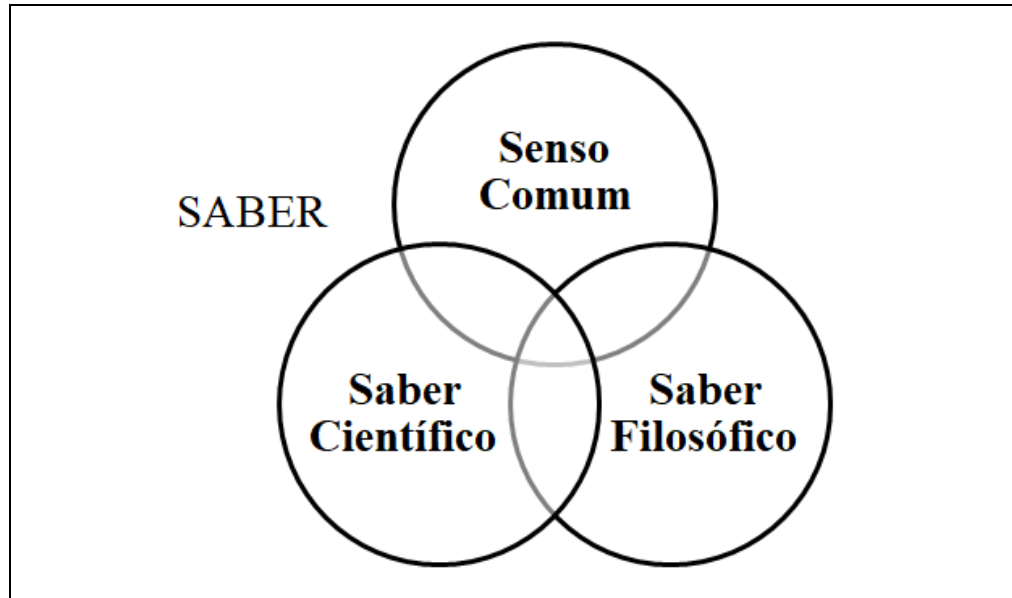
No entanto, o que decorre posteriormente é o oposto, pelo menos em se tratando da história do pensamento ocidental. Como explicitamos na introdução, desde a Antiguidade Clássica, o sensível era visto como o prejuízo na relação homem-mundo, sendo a racionalidade

exaltada por muitos⁵⁰, resultando, por sua vez, na decisão de deixar excluídos os temas em torno da subjetividade. Entendemos, assim, que há muito tempo o sensível se opõe ao inteligível. Se de fato, essa é a única oposição, como ela acontece na semiótica discursiva? Se não, como essas duas dimensões se relacionam e/ou se sobrepõem? Respondemos a essas questões nos capítulos 3, 4 e 5.

Tentando dimensionar essa cartografia em diferentes âmbitos para depois definir as principais dimensões do sensível na semiótica e compará-las, pretendemos evidenciar, nesse momento, algumas tendências de estudo desse tema. Além disso, é impossível não notar que o vocabulário que circunscreve o sensível é amplo e nem sempre possuiu, no decorrer de sua existência, um significado unívoco. Por isso, tentamos sistematizar essa cartografia, abrangendo diferentes áreas, mas sem o intuito de esgotar o assunto. Para alcançarmos esse objetivo, a nossa principal ferramenta foi o dicionário.

O dicionário sempre teve um papel de relativa importância na semiótica, inclusive nas primeiras análises passionais, pois elas se apoiaram em grande medida e por diferentes razões nas explorações lexicais, a exemplo dos universos socioletal e idioletal das paixões. Dito isso, fizemos uso de diferentes dicionários para o tratamento do sensível, cujo trajeto cartográfico se desenhou da seguinte maneira: 1) o senso comum apreendido por meio do dicionário de língua francesa *Le Petit Robert*, uma vez que o universo da pesquisa abrange o domínio francês; 2) o *Dicionário de Filosofia* do filósofo italiano Nicola Abbagnano, representando o conhecimento filosófico das ideias da humanidade ocidental; 3) os dicionários de semiótica – *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage, tomes I e II*, e *Tension et signification* –, estabelecendo, nesse caso, o conhecimento científico cumulativo e especializado. Essas três esferas do saber foram selecionadas para compor o vaivém do conhecimento, indo do macrouniverso, senso comum, perpassando pelo universo do saber filosófico até o círculo de Greimas, isto é, o microuniverso – tanto o socioletal quanto o idioletal – do sensível que nos interessa nesta tese, tal qual podemos observar no esquema a seguir, que mostra a sobreposição dessas três camadas do saber:

⁵⁰ A figura 6 mostra o quão complexa é a discussão das esferas do saber e a oposição entre sensível e inteligível, uma vez que temos percebido, atualmente, uma perseguição ao mundo científico, visto como doutrinação, contrapondo-se a exaltação do anticientificismo e da barbárie. Esta discussão foi iniciada no dia da defesa 30/08/2019.

Figura 6: Camadas do conhecimento

Fonte: autora.

Antes de prosseguirmos, convém responder, primeiramente, a seguinte pergunta: o que é, afinal de contas, o sensível?

Segundo o dicionário *Le Petit Robert* (2007), o sensível vem do latim *sensibilis*, século XIII: “qui peut être senti” (que pode ser sentido) e do latim medieval: “qui peut sentir” (que pode sentir), ou seja, dotado da faculdade de provar sensações, tendo essa última acepção uma conotação ativa e, a primeira passiva, fazendo parte da família etimológica de *sentire*, do latim *sentire*, cujo particípio passado é *sensus*, “percevoir par les sens; par l'intelligence” (perceber pelos sentidos; pela inteligência), em que se destacam os seguintes lexemas no *Le Petit Robert*⁵¹:

La famille évoque la perception, les impressions (a família evoca a percepção, as impressões: *sens* (sentido), *sensation* (sensação) (et *sensationnel*) (e sensacional), *sensible* (sensível) (avec *sensibiliser*) (com sensibilizar) et *sensoriel* (e sensorial), *sensitif* (sensitivo), *sensibilité* (sensibilidade), *senteur* (fragrância) [...], *ressentir* (experimentar), *pressentir* (pressentir) et *pressentimento* (pressentimento); *sensuel* (sensual) et *sensualité* (sensualidade) concernant les plaisirs des sens (relativo aos prazeres dos sentidos). Dans le domaine intellectuel (no domínio intelectual): *sensé* (sensato) et *insensé* (insensato), *non-sens* (sem sentido) (“déraison” à l'origine) (“insensatez” na origem) [...].

⁵¹ Colocaremos as traduções dos termos franceses para o português entre parênteses a fim de dar um tratamento lexicográfico mais adequado ao trabalho.

Apenas nessa seleção lexical do dicionário, já conseguimos recuperar algumas oposições entre o sensível e o inteligível. Por exemplo, no domínio intelectual há *sensé* que é euforizado e, portanto, desejável, e *insensé* que é por sua vez disfórico. Sendo o sensato aquele “qui a du bon sens” (que tem bom senso), que tem discernimento, e o insensato aquele que não tem bom senso. A ideia do sentir enquanto sanção positiva ou negativa apareceu em meados do século XII, em que o bom senso é a “capacité de bien juger, sans passion, en présence de problèmes qui ne peuvent être résolus par un raisonnement scientifique” (capacidade de julgar bem, sem paixão, na presença de problemas que não podem ser resolvidos por meio do raciocínio científico), destacando-se aqui, claramente, a oposição entre o que é da ordem do científico e o que é da ordem da paixão.

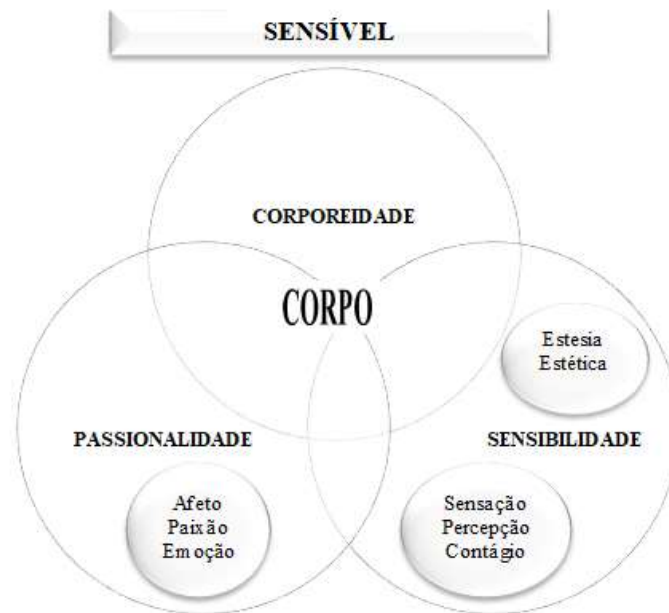
Para Abbagnano, no *Dicionário de Filosofia*, o sensível é o que pode ser percebido pelos sentidos; aquilo que tem a capacidade de sentir; tem bom senso; tem capacidade de empatia (ABBAGNANO, 2007, p. 840), mostrando nesse nível uma aproximação de sentido apresentado no dicionário de língua. Entretanto, quando passarmos para o inventário que engloba os hipônimos do sensível podemos observar diferentes linhas de pensamento e/ou posicionamento.

A partir dessa definição mais ampla do que é o sensível, retomamos a etimologia dos lexemas *affect* (afeto), *contagion* (contágio), *corps* (corpo), *émotion* (emoção), *esthésie* (estesia), *esthétique* (estética), *passion* (paixão), *perception* (percepção) e *sensation* (sensação). Depois, adicionamos alguns dos teóricos mencionados no dicionário de filosofia e alguns trechos em que temos o reconhecimento público na semiótica, retomando algumas origens dos hipônimos por ela empregados. Acrescentamos também as definições existentes nos dicionários de semiótica, sempre que possível. No entanto, a cartografia aqui esboçada não é exaustiva, possibilitando-nos apenas vislumbrar a amplitude do tema em questão. Além disso, essa retrospectiva também permite relacionar e buscar compreender as escolhas metalinguísticas feitas pela semiótica, fornecendo uma base do vocabulário sensível empregado na teoria para sistematizá-lo e condensá-lo que aparecerá nos resultados finais desta tese com os pontos convergentes e/ou divergentes do sensível.

O lexema *sensível* aparece como hiperônimo que estabelece relações com os seguintes domínios: o da sensibilidade, o da corporeidade e o da passionalidade. Dentro dos domínios, aparecem os lexemas supracitados e que chamaremos de termos, por ora, em ordem alfabética: *affect* (afeto), *contagion* (contágio), *corps* (corpo), *émotion* (emoção), *esthésie* (estesia),

esthétique (estética), *passion* (paixão), *perception* (percepção) e *sensation* (sensação). A corporeidade é o domínio do corpo, nosso veículo no mundo que nos possibilita apreendê-lo por meio da sensibilidade e da passionalidade. O domínio da sensibilidade inclui os termos sensação, percepção, contágio, estesia e estética. O domínio da passionalidade abarca os termos afeto, paixão e emoção. Esses três domínios podem ser distribuídos (cf. figura 7) segundo o esquema que segue, que apresenta uma primeira representação hipotética do sensível para que pudéssemos organizar o campo investigado.

Figura 7: Os domínios e os termos do Sensível (versão preliminar)



Fonte: autora.

Na próxima seção, iniciamos a cartografia pela corporeidade, pois ela é o domínio que permeia os outros dois: sensibilidade e passionalidade.

2.2 O DOMÍNIO DA CORPOREIDADE

Quand je perçois, je ne pense pas le monde, il s'organise devant moi.
(MERLEAU-PONTY, 1966, p. 64).

O corpo não deixa de ser um termo polissêmico, pois em português, francês e inglês, por exemplo, utilizamos apenas “corpo”, “corps” e “body”, correspondentemente, enquanto no

alemão há diferenças entre “Körper” (qualquer corpo físico) e “Leib” (instrumento da alma). Segundo *Le Petit Robert*, a palavra corpo vem do latim *corpus, corporis* “partie matérielle des êtres animés” (parte material dos seres animados), “individu” (indivíduo), “cadavre” (cadáver) e “corporation” (e corporação), que correspondem a “soma”, do grego.

Retomando as diferenças entre Körper e Leib, o primeiro nos indica um corpo físico qualquer, cuja definição mais antiga, segundo Abbagnano (2007) é dada por Aristóteles, em que o “corpo é o que tem extensão em toda direção” (apud ABBAGNANO, 2007, p. 195), ou seja, tem altura, largura e profundidade. Mesmo que essa concepção tenha sido modificada ao longo dos anos, ela permanecerá semelhante à de Descartes, em *Princípios da filosofia*, ao tratar da substância das coisas materiais, ou seja, o corpo. Na obra, o autor mostra como os sentidos fazem com que percebamos algo segundo seu comprimento, sua largura e a sua altura. A experiência depende exclusivamente daquilo que nos afeta:

[...] os nossos sentidos nos levam a perceber clara e distintamente *uma matéria extensa em comprimento, largura e altura* cujas partes têm figuras e diversos movimentos dos quais procedem as sensações que nos dão as cores, os odores, a dor, etc. [...] existe uma certa *substância extensa em comprimento, largura e altura* que está presente no mundo [com todas as propriedades que sabemos pertencerem-lhe claramente]. A esta substância extensa chamamos [propriamente] *corpo* ou substância das coisas materiais (DESCARTES, 1997, p. 59-60, grifos nossos).

Descartes nos chama atenção para a maneira como percebemos um corpo qualquer em um determinado espaço: ambos possuem uma extensão, particular e geral, respectivamente. Ainda sobre as coisas materiais, Descartes também traz uma ideia que encontraremos mais tarde em Merleau-Ponty, sobre o corpo e o mundo terem a mesma tessitura, ou seja, o mesmo estofado, o que se assemelha com a seguinte passagem:

O espaço ou o lugar interior e o corpo, compreendido neste espaço, só são diferentes para o nosso pensamento. Com efeito, a mesma extensão e comprimento, largura e altura que constitui o espaço também constitui o corpo. A diferença entre ambos consiste apenas no facto de atribuímos ao corpo uma extensão particular, que julgamos que muda de lugar sempre que ele é transportado, e atribuímos ao espaço uma extensão tão geral e tão vaga que, se retirarmos um corpo de um determinado espaço que ele ocupava, já não pensamos que também transportamos a extensão deste espaço, porque nos parece que a extensão permanece sempre a mesma se se tratar da mesma grandeza e figura e que a sua posição não se alterou relativamente aos corpos externos pelos quais determinamos esse espaço (DESCARTES, 1997, p. 63).

O que importa em Descartes é que o corpo é uma substância cuja extensão possui comprimento, largura e altura, propriedades estas que configuram também o espaço, para o autor. Dito de outro modo, o nosso corpo e o mundo possuem a mesma matéria (DESCARTES, 1997, p. 67-69), pois “só há uma matéria em todo o universo e só a conhecemos porque é extensa” (DESCARTES, 1997, p. 69). Contudo, de acordo com Abbagnano (2007), Leibniz negará a noção de corpo como substância, concedendo-lhe o atributo de “agir e sofrer uma ação”, cuja consequência ficou mais conhecida no conceito newtoniano de corpo como massa.

Na segunda definição, o corpo (*leib*) pode ser entendido, de forma mais geral, como o instrumento da nossa própria alma. No entanto, a relação entre essas duas substâncias é problemática, e as soluções dadas possuem pelo menos quatro variantes (ABBAGNANO, 2007): 1) negar e reduzir o corpo ao espírito (Leibniz, Schopenhauer, Bergson); 2) o corpo é visto como sinal da alma (Platão, Hegel); 3) corpo e alma têm a mesma substância (Espinosa); 4) corpo como experiência (Husserl, Goldstein, Sartre, Merleau-Ponty). Podemos acrescentar mais uma variante, isto é, pelo viés semiótico; 5) fusão actancial, entre actantes ou anterior à discretização do sentido (Greimas, Fontanille, Landowski, Zilberberg). A quarta solução introduz o corpo pelo viés fenomenológico husserliano, em que o corpo “é considerado uma experiência viva”. Consoante tal definição, “o único corpo de que dispomos de maneira imediata” é que nos possibilita perceber o mundo por meio da experiência sensível:

Entre os corpos desta “natureza”, reduzida “àquilo que me pertence”, eu encontro meu próprio corpo orgânico (*Leib*), que se distingue de todos os outros por uma particularidade única; é, com efeito, o único corpo que não é somente corpo, mas precisamente corpo *orgânico*; é o único corpo no interior da camada abstrata, recortada por mim no mundo, ao qual, de acordo com a experiência, eu coordeno, ainda que segundo os modos diferentes, os campos de sensações (campos de sensações do toque, da temperatura, etc.); é o único corpo, *do qual disponho de maneira imediata* assim como cada um de seus *órgãos* (HUSSERL, 1966, p. 80-81, grifo do autor, tradução nossa)⁵².

Seguindo pela fenomenologia de Merleau-Ponty, o corpo também é entendido como o veículo do ser no mundo, ou seja, é o seu ponto de vista no mundo, porque também é um dos

⁵² Trecho original: “Parmi les corps de cette « Nature », réduite à « ce qui m’appartient », je trouve mon propre corps organique (*Leib*) se distinguant de tous les autres par une particularité unique; c’est, en effet, le seul corps qui n’est pas seulement corps, mais précisément corps *organique* ; c’est le seul corps à l’intérieur de la couche abstraite, découpée par moi dans le monde, auquel, conformément à l’expérience, je coordonne, bien que selon des modes différents, des champs de sensations (champs de sensations du toucher, de la température, etc.); c’est le seul corps dont je dispose d’une façon immédiate ainsi que de chacun de ses *organes*”.

objetos no mundo. De acordo com seu trabalho, a teoria do esquema corporal é uma teoria da percepção. Assim:

Nós reaprendemos a sentir nosso corpo, reencontramos, sob o saber objetivo e distante do corpo, este outro saber que temos dele porque ele está sempre conosco e porque nós somos corpo. Da mesma maneira, será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo. Mas, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 278).

O corpo na semiótica será visto de diferentes formas, sobretudo como mediador do sujeito com o mundo. Ele não se diferencia muito das proposições de Merleau-Ponty, particularmente, já que algumas noções são oriundas de sua teoria fenomenológica, tais como o corpo próprio, o esquema corporal, etc. Dessa forma, em *Tension et signification*, Zilberberg e Fontanille (1998) tratam da valência (a primeira entrada do dicionário), lugar também do *corpo próprio* (a caixa preta da semiótica das paixões) que aparece como lugar das valências perceptivas: “o próprio corpo é o lugar onde se fazem e se sentem ao mesmo tempo as correlações entre valências perceptivas (intensidade e extensidade) [...] uma vez que sua orientação em ‘profundidade’ procede de um sujeito perceptivo que lhes impõe sua dêixis” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 15-17, tradução nossa)⁵³. Depois, os autores afirmam que – quando abordam a emergência do valor na semiótica – o valor tanto pode ser o que organiza cognitivamente o mundo visado, quanto desafio axiológico, polarizando, por sua vez, a visada (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 22). Na questão do sujeito sensível, isso ocorre quando ele se torna sujeito semionarrativo, cujo universo se divide, axiologicamente, segundo os autores, devido à polarização fórica: “no espaço tensivo, a foria não polarizada caracterizaria as reações de seu corpo próprio às tensões nas quais ele estava mergulhado” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 21, tradução nossa)⁵⁴.

Por fim, ressaltamos que o corpo (cf. figura 7) é o elo entre as dimensões, ele é o nosso veículo no mundo. Pelo viés semiótico, encontramos essa mesma relação em Fontanille (2004),

⁵³ Trecho original: “Le corps propre est le lieu où se font et se ressentent à la fois les corrélations entre valences perceptives (intensité et extensité) [...] puisque leur orientation en « profondeur » est pour nous le fait d’un sujet perceptif qui leur impose sa deixis”.

⁵⁴ Trecho original: “[...] dans l’espace tensif, la phorie non polarisée caractérisait les réactions de son corps propre aux tensions dans lequel il était plongé”.

quando busca em Didier Anzieu, na teoria do *Moi-Peau*. De acordo com Fontanille (2004), essa teoria se assemelha ao corpo próprio fenomenológico, isto é, o corpo enquanto invólucro. Na experiência corporal que temos com o mundo, ele (o invólucro) é o que nos distingue dos outros objetos no mundo e o que nos coloca diante do mundo. Além disso, entendemos o mundo como um corpo, pois mesmo que não seja impregnado de paixões, ele pode suscitá-las em nós. O mundo e as outras coisas desse mundo são feitos do mesmo estofado. Dito isso, fazendo uma apropriação da diferença de corpo que existe na língua alemã (*Leib* e *Körper*), reforçamos o ponto de vista adotado nesta tese. Assim, seguimos erigindo nossa cartografia, criando um elo com a dimensão da sensibilidade e os termos circunscritos nela.

2.3. O ELO ENTRE A CORPOREIDADE E A SENSIBILIDADE: SENSACÃO, PERCEPÇÃO, ESTESIA E ESTÉTICA

O lexema sensação, *sensatio* em baixo-latim, significa “*compréhension*” (compreensão), mostrando historicamente um sentido oposto ao que normalmente se atribui ao termo, isto é, sensação se opondo à inteligência. Mas no baixo-latim, a sensação engloba em seu sentido uma atividade intelectual, visto que esse lexema pertence à família etimológica de *sentir* e que significa tanto a percepção pelos sentidos quanto pela inteligência.

Segundo Abbagnano, a sensação possui duas acepções. Na primeira, encontramos uma ideia mais geral que representa o conhecimento sensível em sua totalidade e em cada parte. Enquanto na segunda, encontramos um sentido mais específico, pois a sensação é considerada em relação às partes indecomponíveis do sensível (ABBAGNANO, 2007, p. 838).

No primeiro significado, tem-se como expoente Aristóteles, que vê a sensação como: as qualidades elementares; a percepção do objeto real (“uma sensação auditiva em ato é idêntica ao som em ato”); o sentir (“perceber os sensíveis comuns e as próprias sensações”), os sentidos, o órgão do sentido (sensório) (ABBAGNANO, 2007, p. 839). Essa ideia de que a sensação é correlata à percepção mantém-se até Descartes, levando-nos para o segundo significado proposto pelo dicionarista: “simples captação dos ‘movimentos que provêm das coisas’” (ABBAGNANO, 2007, p. 839), ou seja, é distinta da percepção porque faz, justamente, referência à coisa externa. Assim, a sensação reduzida como unidade mínima do sensível ficou conhecida nos trabalhos de Locke por ideia simples, sendo o próprio material do conhecimento (ABBAGNANO, 2007, p. 839).

Na sequência, retomamos o *Tratado das sensações*. Condillac tentou reconstituir, por meio da sensação – fonte de todas as faculdades que possuímos – o mundo do conhecimento, utilizando-se de uma estátua de mármore organizada internamente como o homem, mas com um espírito privado de ideias e de sentidos:

O principal objeto desta obra é de fazer ver como todos os nossos conhecimentos e todas as nossas faculdades vêm dos sentidos, ou, mais exatamente, das sensações: porque, na verdade, os sentidos são apenas causa ocasional. Eles não sentem, é somente a alma que sente no lugar dos órgãos; e é das sensações que a modificam, que ela tira todos os seus conhecimentos e todas as suas faculdades (CONDILLAC, 1984, p. 235, tradução nossa)⁵⁵.

Outra perspectiva sobre a sensação é encontrada no diálogo de Fédon, entre Sócrates e Cebete, sobre a questão da essência, em que percebemos que os objetos da sensação são mutáveis, em contraponto com os do saber, que não são. Logo, não será por intermédio das sensações que encontraremos a essência das coisas, tendo assim, a sensação, uma ideia negativa para Platão, como podemos observar no seguinte trecho:

[...] XXVII – Mas também dissemos há alguns instantes, que quando a alma se serve do corpo para considerar alguma coisa por intermédio da vista ou do ouvido, ou por qualquer outro sentido – pois considerar seja o que for por meio dos sentidos é fazê-lo por intermédio do corpo – é arrastada por ele para o que nunca se conserva no mesmo estado, passando a divagar e a perturbar-se, e ficando tomada de vertigens, como se estivesse embriagada, pelo fato de entrar em contato com tais coisas? (PLATÃO, s.d., p. XXV-XXVII).

Para Platão, há duas espécies de coisas, as visíveis (mutáveis), como o corpo, e as invisíveis (imutáveis), como a alma. Conclui-se que no domínio daquilo que é invisível, só podemos alcançar a essência das coisas através da razão, ou ainda, do pensamento. Entretanto, no terreno do visível quando algo é considerado por meio das sensações, ou seja, por meio do corpo, não se manterá, divagará e perturbar-se-á, uma vez que entrará em um estado de embriaguez, de confusão. Essas conclusões mostram que, para Platão o sentido é negativo e contrapõe-se ao inteligível, ao ideal.

⁵⁵ Trecho original: “Le principal objet de cet ouvrage est de faire voir comment toutes nos connaissances et toutes nos facultés viennent des sens, ou, pour parler plus exactement, des sensations: car dans le vrai, les sens ne sont que cause occasionnelle. Ils ne sentent pas, c’est l’âme seule qui sent à l’occasion des organes ; et c’est des sensations qui la modifient, qu’elle tire toutes ses connaissances et toutes ses facultés”.

Merleau-Ponty (1999) faz uma reflexão muito interessante sobre a sensação e a significação da palavra “quente”. Ele retoma, dessa maneira, como nosso corpo apreende as sensações, visto que é um objeto sensível, atribuindo-lhes uma significação. O pesquisador não fala de uma redução da palavra à sensação propriamente dita, mas diz que no momento da leitura de uma determinada palavra que evoca uma sensação, o corpo se prepara e esboça uma quase-sensação da forma lida, utilizando-se do esquema corporal:

[...] o calor que sinto lendo a palavra “quente” não é um calor efetivo. Ele é apenas o meu corpo que se prepara para o calor e que desenha, por assim dizer, a sua forma. Da mesma maneira, quando nomeiam diante de mim uma parte de meu corpo, ou quando eu represento para mim, sinto no ponto correspondente uma quase-sensação de contato, que é apenas a emergência dessa parte de meu corpo no esquema corporal total. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 317).

Da sensação, partimos para a problemática do lexema percepção, do latim *perceptio*, possui pelo menos três acepções importantes, como ressalta Abbagnano (2007): sentido mais amplo de atividade “apta a conhecer”; sentido não tão amplo quando diz respeito ao ato (ou função) “apta a conhecer” um objeto-real; e, o último, um sentido específico quando se trata de uma operação entre homem e mundo. Em outras palavras, a percepção pode ser pensamento, conhecimento empírico ou interpretação dos estímulos, respectivamente (ABBAGNANO, 2007, p. 722).

O terceiro ponto de vista pode ser relacionado com a *Gestalttheorie*, conhecida como a psicologia da forma. Ela é em si uma teoria da percepção, cujas ideias principais são: não existem sensações elementares que compõem um objeto; no objeto da percepção, o percebido é o todo; a totalidade. Além disso, segundo Abbagnano, essa teoria buscou leis que dessem conta da organização dessas totalidades, tais como as de proximidade, semelhança, direção, entre outras (ABBAGNANO, 2007, p. 724). Por isso, pode-se dizer que a percepção é entendida como uma totalidade em que as partes separadas não apresentam as mesmas características, ou seja, “máxima simplicidade e clareza possível e da máxima possível simetria e regularidade” (ABBAGNANO, 2007, p. 724). As partes que compõem o todo são então definidas pelas mesmas leis:

O todo assemelha-se à “coisa” de que fala Husserl, a propósito da percepção transcendente: enquanto a essência da coisa integra em si, e ao mesmo tempo transcende, a totalidade das suas manifestações. Esta é a teoria da percepção

substancialmente aceita na *Phénoménologie de la perception* (1945) de M. Merleau-Ponty (ABBAGNANO, 2007, p. 724).

A *Fenomenologia da percepção* foi publicada em 1945, pelo filósofo Merleau-Ponty, propondo em seu trabalho o estudo das essências, fossem elas da percepção ou da consciência. A tentativa principal de antes era tirar o olhar habitual do homem sobre as coisas para reencontrar, finalmente, o contato ingênuo com o mundo e restituir sua essência:

Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

Para o autor a percepção é este fundo em que todos os atos se destacam, pois ela é pressuposta por eles (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6). Além disso, o mundo é tido como campo dos nossos pensamentos e percepções, ditas explícitas. Uma vez que a consciência é sempre consciência de algo, retomando Kant, Merleau-Ponty afirma que não há percepção interior sem a exterior, pois “o mundo, enquanto conexão dos fenômenos, é antecipado na consciência de minha unidade, é o meio para mim de realizar-me como consciência” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 15).

No capítulo sobre o “Mundo percebido”, o filósofo explica como as experiências perceptivas são encadeadas, cuja percepção do mundo é simplesmente a ampliação do nosso campo de presença: “[...] a percepção do mundo é apenas uma dilatação de meu campo de presença, ela não transcende suas estruturas essenciais, aqui o corpo permanece sempre agente e nunca se torna objeto” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 408).

O sentido de algo habita esse algo da mesma forma que o corpo é habitado pela alma. Para tal, o autor utiliza como exemplo o sentido dado a um cinzeiro pela percepção: o sentido anima o cinzeiro, encarnando-o como evidência, “[...] é por isso que dizemos que na percepção a coisa nos é dada ‘em pessoa’ ou ‘em carne e osso’” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 428). A significação, portanto, irrompe no mundo e existe a partir de então, e só a compreendemos encontrando-a em seu lugar. É desta forma que o interior revela o exterior. Devido à mediação do nosso corpo com as relações entre as coisas, a natureza se torna nosso interlocutor, dialogando

conosco e, é por isso que não podemos conceber nada que não seja perceptível (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 429).

A mediação do corpo no mundo entra na semiótica pela percepção. Desde a *Semântica Estrutural*, temos pistas desse termo. No *Dicionário I* (1979), o termo percepção não aparece como uma entrada, mas distribuído em suas subcategorias: a exteroceptividade, a interoceptividade e a proprioceptividade, que recortamos da seguinte maneira:

[Exteroceptividade]

As propriedades **exteroceptivas**, como provenientes do mundo exterior, dos dados interoceptivos que não encontram nenhuma correspondência nele, mas que, pelo contrário, são pressupostos pela percepção das primeiras, e, enfim, dos elementos proprioceptivos que resultam da percepção do próprio corpo [...].

[Interoceptividade]

Homologando *exteroceptividade: interoceptividade::*

Semiológico: semântico::

Figurativo: não-figurativo [...].

[Proprioceptividade]

[...] Esse termo [proprioceptividade] deve ser substituído pelo termo timia (portador de conotações psicofisiológicas) (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 199-393).

Seguindo nosso trajeto cartográfico, o contágio, no sentido dicionarizado (*Le Petit Robert*), possui basicamente dois significados. Palavra de origem latina (etimologia de 1375) *contagio*, de raiz *tangere*, no francês *toucher* (tocar). Na primeira definição, significa “transmission d’une maladie à une personne saine, par contact direct avec un malade (*contagion directe*) ou par l’intermédiaire d’un contage (*contagion indirecte*) (transmissão de uma doença a uma pessoa sã por contato direto com um doente (*contágio direto*) ou pelo intermediário de um contágio (*contágio indireto*)). O segundo sentido atribuído ao termo é uma “transmission involontaire, **propagation**. *Contagion du rire* (transmissão involuntária, **propagação**. Contágio do rir)”.

Para o segundo sentido de contágio, buscamos em Abbagnano a teoria de Scheler, em *Nature et formes de la sympathie* (1923), que distingue da simpatia o fenômeno denominado de contágio emotivo ou fusão emotiva, isto é, ter a mesma emoção de outro. A simpatia, por outro lado, não implica a identidade das emoções, “por isso, para Scheler a S. [simpatia] era o

componente da compreensão, que é condicionada pelo reconhecimento da alteridade entre as pessoas” (ABBAGNANO, 2007, p. 902).

Em termos semióticos, recorremos a um artigo de Landowski – “Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido” (2014) – que traz diferentes princípios da sociossemiótica, de forma sucinta, no formato de entradas de dicionário. Conforme o semioticista, o contágio no sentido de transmissão patológica obedece à lógica da junção. Na sociossemiótica, ele funcionaria segundo a lógica da união e exemplifica com os casos do riso, do bocejo e do desejo:

[...] ao deixar tão somente transparecer o seu próprio estado hilário, de fastio ou de desejo, um sujeito pode “acender” (como diz Rousseau) o mesmo “fogo” no coração dos que o olham. Sentir o sentir do outro é, em muitos casos, já prová-lo por sua própria conta, como se, por uma espécie de performatividade da copresença sensível, a percepção das manifestações somáticas de certos estados vividos por outros tenha o poder de nos fazer experimentá-los. O contágio assim entendido como relação entre *sensibilidades*, intervindo, portanto, no plano *estésico*, não se confunde com a “imitação” intencional, nem com a “empatia”, situada no plano cognitivo (LANDOWSKI, 2014, p. 18).

Tanto para Scheler quanto para Landowski, o contágio não se confunde com empatia (simpatia), para este último, o contágio parte do plano estésico. A estesia, no *Le Petit Robert*, do grego *aisthêsis*, significa “sensibilité, passion (opposé à action)” (sensibilidade, paixão (oposto à ação)). É, na fisiologia, a habilidade de perceber sensações.

Em *Tensão e significação* (1998), a estesia aparece associada às formas de vida em dois momentos. No primeiro, quando os autores tratam do *esquema*, refletem sobre o percurso gerativo, atribuindo-lhe a noção de esquema de esquemas, que é colocado no nível do inteligível. No entanto, quando Greimas pesquisa sobre as formas de vida, acrescentam Zilberberg e Fontanille (1998), repousa em uma estesia específica para cada forma de vida. A esquematização em ato no discurso perpassa por uma deformação coerente (termo emprestado de Merleau-Ponty) operada pela estesia nos diferentes níveis do percurso gerativo (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998).

Essa questão é resgatada na entrada dedicada às formas de vida, que possuem aspectos de coerência e congruência. A coerência é o efeito resultante do sentido da vida, um percurso que se desdobra axiologicamente *a posteriori* (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 159). A esquematização torna a coerência sensível de uma determinada forma de vida: “[...] graças à construção, pelo uso e as culturas, de dispositivos canônicos imediatamente reconhecíveis, e entre

outros, durante uma estesia. É nesse sentido que poderíamos dizer que o esquema narrativo é ‘belo’ [...]” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 159, tradução nossa)⁵⁶.

O belo aparece como categoria do estético, do latim moderno *aesthetica* (1750), do grego *aisthêtikos*, de *aisthanesthai* “sentir” (sentir). O estético, no *Le Petit Robert*, possui três definições: *science du beau dans la nature et dans l'art; conception particulière du beau* (ciência do belo na natureza e na arte; concepção particular do belo); *caractère esthétique* (caráter estético); e, por último, um sentido mais atual, voltado para o design: (1951) *esthétique industrielle* (estética industrial). Podemos perceber que o lexema envolve em sua origem o sentido de *sentir* e, dessa forma, pertence ao domínio das sensibilidades.

No nível das ideias filosóficas, o termo *estética* apresenta diferentes pontos de vista. Segundo Abbagnano (2007), o termo foi introduzido em 1750 pela abordagem filosófica de Baumgarten, em *Aesthetica*, com o sentido de ciência da arte e do belo. Nessa obra, o filósofo defende que: “[...] são objeto da arte as representações *confusas*, mas *claras*, isto é, sensíveis mas “perfeitas”, enquanto são objeto do conhecimento racional as representações *distintas* (os conceitos). Esse substantivo significa propriamente ‘doutrina do conhecimento sensível’” (ABBAGNANO, 2007, p. 367). Na contemporaneidade, a arte é vista como algo em construção. Essa tese foi amplamente defendida por Valéry:

“Aquele que constrói ou cria”, escreveu Valéry, “comprometido que está com o restante do mundo e com o movimento da natureza, que tendem perpetuamente a dissolver, a corromper ou a derrubar o que ele faz, deve entrever um terceiro princípio que ele tenta comunicar às suas obras, e que exprime a resistência que ele deseja opor, por meio dele, ao seu destino de ser mortal. Cria, em suma, a solidez e a duração” (*Eupalinos*, trad. it., p. 142) (ABBAGNANO, 2007, p. 370-371).

Para a semiótica, a estética aparece novamente relacionada às formas de vida e à sua esquematização. Segundo Zilberbeg e Fontanille (1998), além da identificação de uma forma/estrutura/dispositivo na imanência do discurso, busca-se a aproximação do *efeito estético*. Esse efeito parte da perspectiva do emissor ou do receptor, ou seja, “[...] construir ou interpretar uma forma de vida, é visar, para o emissor, ou apreender, para o receptor, a estética, isto é, o plano de expressão adequado de um sistema de valores, tornado sensível graças ao agenciamento

⁵⁶ Trecho original: “[...] grâce à la construction, par l’usage et les cultures, de dispositifs canoniques immédiatement reconnaissables, et entre autres, au cours d’une esthésie. C’est en ce sens que l’on pourrait dire que le schéma narratif est ‘beau’”.

coerente das esquematizações por uma enunciação” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 155-156, tradução nossa)⁵⁷.

Chegamos à última zona de nossa cartografia: a passionalidade. Nela abordamos três termos específicos desse domínio: o afeto, a paixão e a emoção.

2.4. O ELO ENTRE A CORPOREIDADE E A PASSIONALIDADE: AFETO, PAIXÃO E EMOÇÃO

Elinor via com preocupação a excessiva sensibilidade de sua irmã; já Mrs. Dashwood a valorizava e incentivava (AUSTEN, 2012, p. 10).

Iniciamos nosso mapeamento pela *afecção*, do latim *affectio*, que pode ser entendida como afeto ou paixão pela tradição filosófica que define o termo como “sofrer uma ação”, ou seja, a paixão também é uma afecção que implica uma ação sofrida. Se retomarmos essa ideia em *Paixões da alma*, de Descartes (1649), veremos que o autor critica seus antecessores ao dizer que abordaram o tema *paixão* sem distinguirem ação de paixão, indicando apenas os sujeitos envolvidos:

Eis por que serei obrigado a escrever aqui do mesmo modo como se tratasse de uma matéria que ninguém antes de mim houvesse tocado; e, para começar, considero que tudo quanto se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos uma paixão em relação ao sujeito a quem acontece, e uma ação com respeito àquele que faz com que aconteça; de sorte que, embora o agente e o paciente sejam amiúde muito diferentes, a ação e a paixão não deixam de ser sempre uma mesma coisa com dois nomes, devido aos dois sujeitos diversos aos quais podemos relacioná-la (DESCARTES, 1973, p. 227).

Em sentido oposto, Spinoza entende *affectus* (afeto) como as emoções ou os sentimentos, sendo as emoções consideradas as impotências da alma. Entretanto, uma mente “em ordem” seria capaz de conectar o afeto a outros pensamentos, separando-o dos fatores externos e, ao mesmo tempo, tornando-o uma ideia clara e distinta. Assim, o afeto é tratado em termos de conhecimento: “EV - Proposição 3. Um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que formamos dele uma ideia clara e distinta” (SPINOZA, 2009, p. 216). O afeto enquanto senso comum diz respeito às emoções positivas, segundo Abbagnano, referentes às pessoas que não

⁵⁷ Trecho original: “[...] construire ou interpréter une forme de vie, c’est viser, pour l’émetteur, ou saisir, pour le récepteur, l’esthétique, c’est-à-dire le plan de l’expression adéquat d’un système de valeurs, rendu sensible grâce à l’agencement cohérent des schématisations par une énonciation”

dominam as paixões. No *Le Petit Robert*, o afeto de origem alemã *affekt* (1908), do latim *affectus*, é o estado afetivo elementar.

Esse estado afetivo elementar pode ser recuperado na semiótica no *Dicionário II*, no nível da semântica narrativa. Entrada escrita por Jacques Fontanille, na qual o autor distingue nesse nível os aspectos animado e antropomorfo, sendo o último dividido também em valores e actantes (pragmáticos, tímicos e cognitivos) que articulam o nível temático-narrativo, cujos intermediários são os níveis semionarrativo e discursivo. O autor os distribui da seguinte forma:

Figura 8: Quadro das especificações das dimensões pragmática, tímica e cognitiva

	Especificação unilateral 1	Especificação recíproca	Especificação unilateral 2
Pragmático & Tímico	[P.t] Somático. Pulsional	[P/T] Temperamento	[T.p] Emoção. Ação
Pragmático & Cognitivo	[P.c] Ação. Tática	[P/C] Consciência	[C.p] Teoria. Prática
Cognitivo & Tímico	[C.t] Crença. Fidúcia	[C/T] Afetividade	[T/c] Sentimento. Sensibilidade (Paixão)

Fonte: Fontanille (in GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 201).

Assim, podemos perceber que a *afecção* para esses diferentes autores, no âmbito da filosofia, é vista como um processo passivo. A palavra paixão no *Le Petit Robert*, do latim *passio*, significa “souffrance, maladie” (sofrimento, doença), formado por *passus*, que é o participio passado de *pati* que significa “souffrir, endurer, subir” (sofrer, aguentar, suportar). Segundo o dicionário, a família etimológica da paixão “s'organise autour de l'idée de souffrance” (se organiza ao redor da ideia de sofrimento): *compatir* (compadecer-se) “partager la souffrance d'autrui” (compartilhar o sofrimento dos outros), *compassion* (compaixão) (et *compassionnel*) (e compassivo), *compatible* (compatível), *pâtir* (sofrer), *passible* (passível) et *impassible* (impassível) “capable (ou non) de souffrir” (capaz (ou não) de sofrer), *patience* (paciência) “vertu qui permet de supporter” (virtude que permite suportar), *patient* (paciente) et *patienter* (e pacientar), *passif* (passivo) “qui subit” (que suporta) [...].

Voltando para as definições do *Le Petit Robert*, o primeiro sentido pode indicar um aspecto religioso, o caminho da cruz durante a semana da *Paixão*, antes da semana santa. O segundo sentido nos remete ao estado afetivo, sinônimo de emoção e sentimento. Também pode

ser o amor enquanto obsessão, cuja afetividade prejudica o julgamento. Em relação ao dicionário filosófico, a paixão pode ter pelo menos três acepções (ABBAGNANO, 2007): 1) sinônimo de afecção, 2) sinônimo de emoção e 3) o sentido mais atual que é o controle e o direcionamento de uma emoção em um indivíduo, tendo essa última aparecido entre os séculos XVII e XVIII, no pensamento de cunho moralista. Para Pascal, por exemplo, as paixões são emoções que dominam a personalidade. Ao tratar das fraquezas do homem, destaca que a razão e o sentido se enganam mutuamente, mesmo sendo, ambos, considerados por ele como princípios de verdade:

Estes dois princípios de verdade, a razão e os sentidos, além de lhes faltarem sinceridade, se enganam reciprocamente. Os sentidos enganam a razão por falsas aparências; e esta mesma decepção que eles levam a razão, eles a recebem dela por sua vez: ela se vinga. As paixões da alma perturbam os sentidos e criam falsas impressões: eles mentem e se enganam à vontade (PASCAL, 1896, p. 57, tradução nossa)⁵⁸.

É, assim, por meio das paixões da alma que os sentidos serão enganados pela razão. Enquanto isso, no *Tratado das sensações*, Condillac (1984) esculpe sua estátua de mármore, tal como dissemos anteriormente, tentando sistematizar as sensações, privando a estátua tanto das ideias quanto dos sentidos. Em cada parte de seu tratado, a estátua adquire um dos sentidos, começando pelo odor, e, aos poucos, ela se torna um “animal” capaz de assegurar sua conservação. O autor reflete como se deu o progresso das faculdades da estátua que inicialmente estava limitada a um sentimento fundamental e, ao lhe dar novas maneiras de ser e novos sentidos, adquiriu desejos e necessidades; logo, ela é aquilo que adquiriu no decorrer de suas experiências sensoriais. E o autor se questiona: por que não seria o mesmo com o homem? (CONDILLAC, 1984, p. 223). Dito isso, quando o autor aborda os desejos e as paixões de um homem restrito ao odor, fica claro que o desejo é a ação das faculdades. A medida do desejo é a diferença entre os estados de mal estar e inquietude. E o que seria a paixão nesse sistema? Para ele, é um desejo dominante: “Quanto mais ela [a estátua] deseja, mais ela se acostuma a desejar.

⁵⁸ Trecho original: “Ces deux principes de vérité, la raison et les sens, outre qu'ils manquent chacun de sincérité, s'abusent réciproquement l'un l'autre. Les sens abusent la raison par de fausses apparences; et cette même piperie qu'ils apportent à la raison, ils la reçoivent d'elle à leur tour: elle s'en revanche. Les passions de l'âme troublent les sens et leur font des impressions fausses: ils mentent et se trompent à l'envi”.

Em uma palavra, ela tem para ele o que se chama paixão; isto é, um desejo que não permite ter outros, ou pelo menos é o mais dominante” (CONDILLAC, 1984, p. 35, tradução nossa)⁵⁹.

Assim, Condillac, mesmo percebendo a impossibilidade de aplicar suas suposições, deixa claro que todos os nossos conhecimentos são provenientes dos sentidos, sobretudo do todo que instrui os outros. Também fica claro que, para o autor, as paixões são emoções que podemos ou não controlar, e que a experiência é o fio condutor nas impressões dos sentidos (CONDILLAC, 1984).

Podemos obter um exemplo semelhante na obra *Sentir, saber, tornar-se*, publicada por Elizabeth Harkot-de-La-Taille, em 2016. Na primeira parte de seu livro (Entre o perceber e o conceber), quando a autora trata dos processos de construção do sentido, restaurando do esquecimento a história da norte-americana Helen Keller (1880-1968), descobrimos no decorrer de sua narrativa que sua personagem (Keller) era cega, levando o leitor a reconstituir a primeira ideia construída dessa mesma personagem. Segundo Harkot-de-La-Taille (2016), Keller aos 19 meses ficou cega e, desde então, o acesso ao mundo *exteroceptivo* estava restrito aos sentidos do tato, do paladar e do olfato (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 2016, p. 31). Interessa-nos quando o autorrelato de Keller sobre sua infância se aproxima das ideias de Condillac, uma vez que Keller dizia viver em “um mundo que era um não mundo” (apud HARKOT-DE-LA-TAILLE, 2016, p. 31).

Observamos a transformação da personagem, nas palavras de Harkot-de-La-Taille, no momento em que ela teve um “*insight*” quando finalmente, conseguiu “conceber a significação”, ou seja, quando “soube então que ‘á-g-u-a’ significava a coisa fresca maravilhosa que fluía por sobre minha mão” (apud HARKOT-DE-LA-TAILLE, 2016, p. 37). Assim, por meio da percepção e dos estímulos sensórios, ela conseguiu fazer sentido do mundo no qual ela estava inserida. Neste caso, a ausência de um sentido primordial, tal qual a visão, fez com que Keller procurasse outro caminho para o processo de construção do sentido. O elo entre o inteligível e o sensível é resgatado a partir do momento em que ela consegue tornar os conteúdos reflexivos, destaca Harkot-de-La-Taille (2016, p. 38), isto é, unindo os estímulos “sensórios” ao cognitivo, ela deu um “salto qualitativo” no processo de significação.

⁵⁹ Trecho original: “Plus par conséquent elle le désire, plus elle s’accoutume à le désirer. En un mot, elle a pour lui ce qu’on nomme passion ; c’est-à-dire, un désir qui ne permet pas d’en avoir d’autres, ou qui du moins est le plus dominant”.

Seguindo essa linha de pensamento, dos trabalhos de Condillac e de Harkot-de-La-Taille, chegamos a Kant e ao seu trabalho *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (2006), cujo terceiro livro nos oferece importantes contribuições sobre os afetos e as paixões. Primeiramente, o desejo sensível habitual é denominado inclinação e a paixão pode ser conquistada com ou sem dificuldade pela razão do sujeito, enquanto o afeto se relaciona com o sentido de prazer ou desprazer do estado atual do sujeito, mas que não o conduz a reflexão. Ambos são doenças da mente, já que “excluem a soberania da razão” (KANT, 2006, p. 149).

Kant continua com sua ideia negativa sobre a paixão definindo o que é propensão, instinto e inclinação. O primeiro é a possibilidade de um desejo que precede a representação de seu objeto. A necessidade de possuir o objeto antes mesmo que se saiba é o instinto. Por fim, o desejo sensível que serve o sujeito como regra é a inclinação. Além disso, “a inclinação que impede a razão de compará-la com a soma de todas as inclinações em relação à certa escolha é paixão” (KANT, 2006, p. 165).

Na tipologia passional de Kant, é interessante notar dois aspectos. O primeiro reside na separação das paixões ditas inatas e as que são adquiridas por meio da cultura. E a segunda está no aspecto de que o objeto de valor do ser apaixonado é sempre outro ser e nunca um objeto em sentido amplo. A partir do Romantismo, essas ideias sobre as paixões kantianas permanecem, ou seja, a paixão é o domínio de um estado afetivo na personalidade de um sujeito, mas no romantismo essa ideia será assumida com sentido positivo, a exemplo do caso de Hegel, que inverte as noções kantianas (ABBAGNANO, 2007, p. 710). Para Hegel, a paixão parece ter sua força motriz na determinação do querer do indivíduo, como ele posiciona seu interesse em algo, e acrescenta que nada de grandioso poderia ser realizado sem paixão, expressando-se claramente contra os moralistas:

A paixão contém em sua determinação ser limitada a uma particularidade da determinação do querer, em que toda a subjetividade do indivíduo se imerge, seja qual for o crédito dessa determinação. Mas por causa desse caráter formal, a paixão não é boa nem ruim; esta forma apenas expressa o seguinte: que um sujeito colocou todo o interesse vivo de seu espírito, talento, caráter, gozo, em um conteúdo. Sem paixão, nada de grandioso foi realizado nem pode ser realizado. É somente moralidade morta e por demais hipócrita, a que se separa da forma da paixão como tal (HEGEL, 2005, p. 516, tradução nossa)⁶⁰.

⁶⁰ Trecho original: “La pasión contiene en su determinación el estar limitada a una particularidad de la determinación de la voluntad en la que se sumerge la entera subjetividad del individuo, sea cual sea el haber de aquella determinación. Pero, por razón de este carácter formal, la pasión no es buena ni mala; esta forma solamente expresa

Podemos homologar esse querer hegeliano no actante epistemológico da semiótica, uma vez que os teóricos se esforçaram coletivamente por muito tempo, tentando encontrar soluções para o tratamento das paixões, resultando no aperfeiçoamento da teoria das modalidades, na criação do percurso canônico passional, na sistematização das paixões sem nome, no tratamento das paixões por meio da tensividade, etc. Se no *Dicionário I* as paixões ainda não apareciam explicitamente, a partir do segundo tomo temos uma entrada dedicada a elas, no terceiro, então, temos um capítulo inteiro sobre as paixões. Segundo Zilberberg e Fontanille (1998), no segundo tomo, Marsciani define a paixão da seguinte maneira:

[...] como “uma organização sintagmática dos estados de alma, entendendo com isso o tratamento discursivo do ser modalizado dos sujeitos narrativos”, e ela está exclusivamente presa aos “atores”. Na mesma entrada, P. A. Brandt propõe uma definição intersubjetiva, como modalizações estratégicas da troca, que não teriam “encontrado sua análise em termos de narratologia das ações” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 223, tradução nossa)⁶¹.

A sensibilidade, do latim *sensibilitas*, segundo Abbagnano, possui três entendimentos, um na esfera das operações sensíveis humanas, incluindo os apetites, os instintos e as emoções. Pode ser entendida também como a habilidade de receber sensações e reagir. Em terceiro lugar, a sensibilidade é a habilidade de julgar um campo. Por fim, nos remete à habilidade de nos simpatizarmos com as **emoções** do outro (ABBAGNANO, 2007, p. 840). São as emoções, de fato, nosso último termo na análise cartográfica, em homenagem ao percurso canônico passional, no qual a última fase também é das emoções observáveis no sujeito apaixonado, permitindo que ele seja avaliado em termos éticos e estéticos (a moralização).

No dicionário *Le Petit Robert*, a emoção, etimologia de 1534, de *émouvoir* (emocionar, comover), do latim popular *exmovere*, do latim clássico *emovere*, *mettre en mouvement* (colocar em movimento) tem dois sentidos. No primeiro, a emoção significa *mouvement, agitation d'un corps collectif pouvant dégénérer en troubles* (movimento, agitação de um corpo coletivo que pode degenerar em problemas) e, no segundo, *état de conscience complexe, généralement*

lo siguiente: que un sujeto ha colocado todo el interés vivo de su espíritu, talento, carácter, goce, en un contenido. Sin pasión nada grande se ha llevado a cabo ni puede llevarse. Es solamente una moralidad muerta, es más, demasiado frecuentemente una moralidad hipócrita, la que se separa de la forma de la pasión en cuanto tal”.

⁶¹ Trecho original: “[...] comme ‘une organisation syntagmatique d’états d’âme, en entendant par-là l’habillage discursif de l’être modalisé des sujets narratifs’, et elle est exclusivement rattachée aux ‘acteurs’. Dans la même entrée, P. A. Brandt en propose une définition intersubjective, comme modalisations stratégiques de l’échange, qui n’auraient ‘pas trouvé leur analyse en termes de narratologie des actions’”.

brusque et momentané, accompagné de troubles physiologiques (pâleur ou rougissement, accélération du pouls, palpitations, sensation de malaise, tremblements, incapacité de bouger ou agitation). **Par extension.** *Sensation (agréable ou désagréable), considérée du point de vue affectif* (estado de consciência complexo, geralmente brusco e momentâneo, acompanhado de distúrbios fisiológicos (palidez ou vermelhidão, aceleração do pulso, palpitações, mal-estar, tremores, incapacidade de mover-se ou agitação). **Por extensão.** Sensação (agradável ou desagradável), considerada do ponto de vista afetivo).

No dicionário tensivo, a emoção também possui um aspecto brusco em comparação à paixão. Quanto ao ritmo, uma seria uma explosão, um golpe e a outra seria uma pulsação, respectivamente (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 212). Em seguida, os autores definem as fases de um esquema afetivo em que a emoção tem papel fundamental. Na perspectiva fórica, a emoção se encontra no regime da subitaneidade. Na aspectualidade, a emoção, segundo os autores, atua na duratividade como uma síncope. Por último, “[...] a preponderância das valências de inibição sobre as valências de impulsão se tornam a razão da surpresa” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 213, tradução nossa)⁶², sendo essa a perspectiva modal.

Pelo viés do dicionário de filosofia, resumidamente, Abbagnano aponta que as emoções se referem a um estado/movimento/condição que causam no homem a percepção de valor de uma situação específica em sua vida (necessidades e/ou interesse) (ABBAGNANO, 2007, p. 311).

Assim, finalizamos nossa cartografia do sensível, percebendo que os termos se relacionam e se sobrepõem entre si. Podemos concluir, também, que o estudo do sensível é muito mais complexo e muito mais amplo do que os trechos apresentados aqui. Sem nenhuma intenção de esgotar o assunto, esperamos ter refinado os domínios do sensível de base do nosso estudo, cujas noções foram diluídas e/ou alargadas conforme a demanda da própria semiótica. Nos próximos capítulos, iniciamos a análise do sensível na semiótica discursiva de acordo com o recorte definido como *córpus*, apoiando-nos na historiografia-linguística-semiótica e na recepção teórica para endossar nosso posicionamento. É importante ressaltar que a ordem dos domínios da cartografia privilegiou a corporeidade, seguida da sensibilidade e da passionalidade, pois é o domínio comum aos outros dois. No entanto, nas análises dos capítulos 3, 4 e 5, por uma questão de organização metodológica do material coletado, decidimos pela seguinte ordem:

⁶² Trecho original: “[...] la prépondérance des valences d’inhibition sur les valences d’impulsion devient la raison de la surprise”.

passionalidade, sensibilidade e corporeidade, porque ela representa, do ponto de vista do desenvolvimento da metalinguagem, a evolução histórica de “esforços teóricos explícitos”⁶³ na semiotização dos fenômenos que circunscrevem o sensível na semiótica de linha francesa. O capítulo 3, então, abordará o domínio da passionalidade e os seus devidos termos: afeto, paixão e emoção.

⁶³ A expressão “esforços teóricos explícitos” surgiu em uma reunião de orientação com o prof. Dr. Jean Cristus Portela, quando discutíamos a organização e a ordem temática das análises desta tese.

3. REDUZINDO O HIATO ENTRE O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL: A PASSIONALIDADE

Les rois ne touchent pas aux portes. Ils ne connaissent pas ce bonheur: pousser devant soi avec douceur ou rudesse l'un de ces grands panneaux familiers, se retourner vers lui pour le remettre en place, - tenir dans ses bras une porte (PONGE, 2008).

Cabe ao historiógrafo linguista, como destacamos anteriormente, a tarefa de descrever, interpretar e explicar segmentos da história da linguística (SWIGGERS, 2009, p. 4). Nos recortes que seguem, encontramos principalmente as obras de A. J. Greimas, C. Zilberberg, E. Landowski e J. Fontanille. Nesse momento, seguimos a lógica dos domínios da cartografia do sensível esboçada. Ademais, lançamos mão de uma leitura imanente (Koerner, 1996), destacando em alguns momentos as perspectivas interna e externa (SWIGGERS, 2009), e passando pelos componentes hermenêutico e de reconstrução sistemática (SWIGGERS, 2015). Tudo isso com o apoio da semiótica como metalinguagem historiográfica (PORTELA, 2018), aplicando outros princípios que surgiram no vaivém analítico. Por meio desses princípios e parâmetros, buscamos entender o conceito de sensível nas obras de Greimas, sua sistematização, o seu desdobramento nos semioticistas pós-greimasianos, ou seja, como esses veem o sensível.

Se optássemos por uma ordem gerativa do percurso semiótico na construção do sensível, começaríamos a análise pela percepção que, nos parece ser, em certa medida, uma das “portas” de entrada do sensível na semiótica. Assim, nesse pontapé inicial nos questionamos: por que Greimas optou pela fenomenologia? Essa indagação nos levou a contextualizar os estudos das ciências humanas em torno do período em que a *Semântica estrutural* foi publicada⁶⁴. Encontramos que nos anos 50, a França presenciou uma forte influência fenomenológica a partir da obra de Husserl, cujo projeto e fio condutor eram o retorno às coisas mesmas (DOSSE, 2007, p. 73). Próximo a esse período, Merleau-Ponty publicou a obra *Fenomenologia da percepção* (1945), retomando o projeto iniciado por Husserl e indagando-se sobre o que seria a fenomenologia. Nas primeiras páginas de seu livro, temos uma definição: a fenomenologia “é o

⁶⁴ Cf. capítulo 1: *Uma anedota por contar: entre Sputnik e a Semântica*.

estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, reduzem-se a essências” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 12, tradução nossa)⁶⁵.

Com múltiplos olhares – Freud, Lévi-Strauss, Mauss e Saussure –, Merleau-Ponty tinha a ideia de que o fenomenólogo ao dialogar com diferentes disciplinas seria o “regente da orquestra”, e redefiniria – pela perspectiva filosófica – qualquer resultado que recebesse das ciências humanas (DOSSE, 2007, p. 75). Além disso, podemos observar essa influência fenomenológica entre outros estudiosos de diferentes domínios nos seguintes trechos de entrevistas cedidas a Dosse:

Alfred Adler: “Graças a Merleau-Ponty, tem-se interesse na psicanálise, na psicologia infantil, nos problemas teóricos da linguagem” (DOSSE, 2007, p. 77).

Michel Arrivé: “Merleau-Ponty foi um mediador considerável; foi certamente por ele que Lacan leu Saussure” (DOSSE, 2007, p. 77).

Algirdas-Julien Greimas: “O tiro de largada foi a aula inaugural de Merleau-Ponty no Collège de France (1952), quando ele disse que se verá claramente não ter sido Marx, mas Saussure quem inventou a filosofia da história. É um paradoxo que me fez refletir sobre o fato de que antes de se fazer história dos eventos seria necessário fazer a história dos sistemas de pensamento, dos sistemas econômicos, e somente então procurar saber como eles evoluem” (DOSSE, 2007, p. 77-78).

Essa influência sentida na Europa servirá posteriormente como justificativa para Greimas que, como muitos de sua época, aderiu à fenomenologia, do ponto de vista epistemológico: “reconhecendo nossas preferências subjetivas pela teoria da percepção tal qual foi recentemente desenvolvida, na França, por Merleau-Ponty, nós ressaltamos, no entanto, que essa atitude epistemológica parece ser também a das ciências humanas do século XX em geral” (GREIMAS, 1966, p. 9, tradução nossa)⁶⁶. Utilizando os princípios historiográficos, pelo reconhecimento público, destacamos (novamente) esse trecho de sua obra, cuja explicação (posicionamento intelectual do espírito de época – *zeitgeist*), deixa entrever um discurso em conjunção com seu tempo, por um lado, e observamos já nas primeiras análises que dispomos neste trabalho, que essa escolha epistemológica pode pertencer a um discurso do querer-fazer, por outro lado,

⁶⁵ Trecho original: “C’est l’étude des essences, et tous les problèmes, selon elle, reviennent à définir des essences: l’essence de la perception, l’essence de la conscience, par exemple”.

⁶⁶ Trecho original: “Tout en reconnaissant nos préférences subjectives pour la théorie de la perception telle qu’elle a été naguère développée en France par Merleau-Ponty, nous ferons remarquer cependant que cette attitude épistémologique semble être aussi celle des sciences humaines du XXe siècle en général”.

resultando na entrada da subjetivação – comedida nos primeiros trabalhos de Greimas –, contudo, sem o estigma do psicologismo tão criticado.

Seguimos na próxima seção com a análise da passionalidade que, também poderia ser nesse outro percurso o primeiro domínio a ser estudado, como mostramos neste capítulo. Algumas características iniciais das futuras tentativas de semiotizar as paixões também são recuperadas na *Semântica Estrutural* (1966).

3.1 O DOMÍNIO DA PASSIONALIDADE

Encontrar o começo de algo, sobretudo quando se trata de um conceito, nem sempre é possível em teorias que estudam diferentes aspectos e ainda têm diferentes objetos em seu escopo, tal qual a semiótica. Alguns se questionarão sobre a validade dessa busca. Não seria ela em vão? Respondemos a essa pergunta ressaltando que a construção historiográfica de actantes e objetos de valor que se sobressaíram – é o que nos indica a recepção da teoria no Brasil – nos diz muito sobre a própria semiótica. Uma teoria do sentido *per se* não deveria ignorar o sentido que a sua própria história pode revelar. Além disso, no centenário greimasiano, ficou evidente a busca de suas origens, sejam elas teóricas ou pessoais, como podemos observar em diferentes congressos⁶⁷ e homenagens realizados e publicados⁶⁸ no ano de 2017.

Então, por onde deveríamos começar? Desse questionamento, também temos a problemática de que nem sempre o surgimento de um ponto teórico é aceito homogeneamente, mesmo que reconhecido pelos pesquisadores da área. Às vezes, é necessário recuar para ver alguma outra perspectiva do objeto. E é isso que temos aqui, diferentes pontos de vista sobre as paixões na semiótica greimasiana. Nessa colcha de retalhos, buscamos oferecer ao nosso leitor o que nos parece hoje mais próximo da real emergência passional na teoria. Enquanto para alguns, encontramos os vestígios da paixão em *Du sens II*, para outros, de maneira mais evidenciada ou mais aceita, em *Sémiotique des passions*:

⁶⁷ Colóquio Internacional Greimas (2017, PUC/SP: <https://www.greimas.com/copia-coloquio>); V Congresso Internacional da ABES (2017, UFF/RJ); Congrès AFS 2017: Greimas aujourd'hui (2017, Unesco/Paris: <http://marechalmarine.wixsite.com/afs2017>); VII Seminário de Semiótica na USP (2017, USP/SP: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/642>) etc.

⁶⁸ “A. J. Greimas. Sept lectures pour un centenaire”: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5668>; “Uma homenagem ao centenário de Algirdas Julien Greimas”: <http://www.revistas.usp.br/esse/issue/view/10359>; “Ainda para e sobre Algirdas Julien Greimas”: <http://www.revistas.usp.br/esse/issue/view/10548>, entre outras.

(1)

Essa inegável ancoragem do sentido na afetividade, hoje assumida plenamente pela semiótica, estava latente desde aquilo que se denominou “virada modal”, mas foi preciso aguardar a obra *Semiótica das Paixões* para que ela pudesse ser mais bem avaliada (ZILBERBERG, 2011 [2006], p. 45).

(2)

A paixão é entendida, inicialmente, pela Semiótica, como efeitos de sentido de qualificações modais que alteram o sujeito de estado, o que significa que é vista como uma modalidade do ser ou um arranjo delas, sejam elas compatíveis ou incompatíveis (GREIMAS, 1983, p. 225-246) [1983 refere-se à obra *Du sens II* que é uma coletânea de artigos publicados nos 70] (FIORIN, 2007, p. 5).

(3)

O estudo das paixões no domínio da semiótica francesa tem seu início em 1978, com a publicação do *Bulletin 6*, intitulado “Pour une théorie des passions”, que anunciava as primeiras hipóteses de trabalho (LIMA, 2014, p. 24).

A terceira opção confirma a anterioridade da temática pelo viés coletivo. Mesmo assim, a temática das paixões se origina anos antes, o que elucidaremos nos próximos parágrafos.

Sobre o grupo de especialidade de Greimas, como apontado anteriormente, os *Bulletins* são um relatório das atividades do grupo, resultado **coletivo** dos seminários (cf. anexos a e b) e, em 1978 e 1979, temos, respectivamente o *Bulletin 6*, “Pour une sémiotique des passions”; o *Bulletin 9*, “Sémiotique des passions”; e depois, em 1986, o *Bulletin 39*, “Les passions”, indicando que o grupo estava voltado para a temática em questão, pelo menos, em um intervalo de 8 anos. Segundo Lima (2014, p. 24), a semiótica seguiu o caminho das paixões ou, finalmente, abraçou esse caminho, não só porque os afetos faziam parte da “coerência interna” da teoria, mas também do *zeitgeist*, afirma a autora citando Fontanille: “a questão das paixões estava em voga na França já há alguns anos” (1993a, p. 157 apud LIMA, 2014, p. 24). Isto é, bem antes da *Sémiotique des passions* e *Du sens II*.

A evidência desse argumento nos foi fornecida justamente no centenário de Greimas. Nas diversas homenagens dedicadas ao lituano, os semioticistas se viram revisitando as obras de base da semiótica. Entre elas, destaca-se o artigo de Fontanille “Les voies (voix) de l’affect” (2017), em que o autor historiografa o surgimento do afeto na semiótica, nesse caso, em Greimas, desde a *Semântica Estrutural* (1966). O indicador da teoria das paixões na *Semântica* é a redução que Greimas faz do inventário de Souriau (FONTANILLE, 2017).

Segundo Fontanille (2017), aproximando-se da relação gramatical da sintaxe tradicional entre sujeito-objeto, como um espetáculo e sua distribuição permanente dos papéis, parece ser

fortuita para a descrição dos micro-universos, como aponta Greimas (1966, p. 173). Procedendo com suas reduções dos inventários de Propp e de Souriau, Greimas aborda o investimento temático a partir das “forças temáticas” apresentadas por Souriau em *Les deux cent mille situations dramatiques* (1950) com objetivo de deixar a possibilidade de outros procedimentos de análise qualitativa anterior à construção do modelo actancial. Provavelmente de ordem sensível, uma vez que o autor reduz o inventário em obsessão vs. fobia. Segundo Fontanille (2017), a lista de Souriau tem em sua íntegra termos “afetivos” e “passionais”, ou seja, a tematização é de ordem passional (FONTANILLE, 2017, p. 5), tal qual podemos observar:

Quadro 4: Principais forças temáticas

Desejos e Necessidades	Medos
Do amor sexual, familiar ou de amizade	Da morte
Do fanatismo religioso/político	Do pecado/remorso
Da cobiça/avareza/beleza	Da dor/miséria
Da inveja, ciúme	Da feiura
Do ódio, desejo de vingança	Da doença
Da curiosidade	Do tédio
Do patriotismo	Da perda do amor
De um tipo de trabalho/vocação	Do sofrimento ao próximo
De descanso/liberdade	Das coisas do além
De outra coisa	
De exaltação/ação	
De realização	
De vertigem de experiência	

Fonte: autora⁶⁹.

Além disso, Fontanille (2017) enfatiza a correlação que Greimas aponta entre os valores da narrativa e as categorias modais do modelo actancial que se desdobrarão na teoria das paixões:

E é justamente sobre essa correlação – a articulação entre os valores narrativos e as qualificações modais dos actantes – que “ousando se pronunciar”, Greimas desenvolverá no futuro sua teoria das paixões. É precisamente ao retomar a

⁶⁹ Adaptado de Greimas (1966, p. 181-182).

distinção “obsessão/fobia”, reformulada nos termos da categoria tímica, que ele ligará de um lado, a polarização de valores narrativos e do outro, a modalização do espetáculo actancial (FONTANILLE, 2017, p. 5, tradução nossa)⁷⁰.

Dez anos depois da *Semântica*, é publicado *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques*, o primeiro e único “manual” de Greimas. Nessa obra, o autor analisa o conto *Deux amis* de Maupassant (1883), oferecendo uma amostra de exercícios práticos para o semioticista na manipulação de textos. Destacamos a V sequência da análise, quando o autor trata das condições de uma boa pesca e uma possível intertextualização com Rousseau e sua descrição de um *estado de alma* que lhe permite “sentir prazer com sua existência” (GREIMAS, 1976, p. 132). Pode-se argumentar que esse trecho pertence mais ao termo *percepção* ou até mesmo ao *corpo*. No entanto, estamos diante da mudança do estado de alma dos sujeitos que buscam a alegria e, para isso, eles se reduzem fenomenologicamente, unindo-se (“participando”) ao universo. Os três principais termos do sensível são mobilizados nesse trecho, por isso, optamos por destacar a transformação passional.

Quando Greimas se questiona sobre a possível intertextualidade entre a boa pesca de Maupassant e a descrição de Rousseau, destacamos que por meio da “citação”, nesse caso, estaríamos diante de uma operação de mistura, cuja tonicidade estaria a meio-termo, pois aqui não temos nem uma citação total indireta e nem a assimilação completa que demandaria uma prova textual. No corpo do texto, temos o nome “Rousseau” e, entre aspas, “estado de alma” e “sentir com prazer sua existência”. Temos, portanto, indícios para recuperar o trecho-citado ao qual o autor faz referência para apoiar-se no texto-citante e desenvolver sua análise, unindo, em 1976, o inteligível e o sensível em uma semiótica ainda dita clássica e gerativa. Por essa razão, colocamos na íntegra o trecho que Greimas utiliza, isto é, da obra *Les rêveries du promeneur solitaire*, de 1782:

Quando a noite se aproximava, eu descia dos cumes da ilha e, de bom grado, ia sentar-me à beira do lago, na margem, em algum asilo escondido; lá o som das ondas e a agitação da água fixando meus sentidos e expulsando de **minha alma** toda a agitação a mergulhava em um devaneio delicioso onde a noite frequentemente me surpreendia sem que eu percebesse. O fluxo e refluxo da

⁷⁰ Trecho original: “Et c’est justement sur cette corrélation – l’articulation entre les valeurs narratives et les qualifications modales des actants – qu’en ‘osant se prononcer’, Greimas développera plus tard sa théorie des passions. C’est très précisément en revenant sur la distinction ‘obsession / phobie’, reformulée dans les termes de la catégorie thymique, qu’il fera le lien entre d’un côté la polarisation des valeurs narratives et de l’autre la modalisation du spectacle actantiel”.

água, seu ruído contínuo, mas tornando-se mais espessa por intervalos batendo sem descanso meus ouvidos e meus olhos, substituíam os movimentos internos que o devaneio extinguiu em mim e eram suficientes para me fazer **sentir com prazer a minha existência**, sem me preocupar em pensar. De tempos em tempos nascia alguma reflexão fraca e breve sobre a instabilidade das coisas deste mundo cuja superfície das águas me oferecia a imagem: mas logo essas leves impressões se apagavam na uniformidade do movimento contínuo que me embalava e que sem qualquer competição ativa de minha **alma** não deixava de me prender ao ponto que, chamado pela hora e pelo sinal previsto, eu não podia me afastar dali sem esforço (ROUSSEAU, [1782]2016, p. 126, grifos nossos, tradução nossa)⁷¹.

De fato, temos nos dois autores, a transformação do estado do sujeito por intermédio do apagamento das atividades do sujeito, como interpreta Greimas, via percepção, via corpo, via paixão. Assim, para que uma boa pesca ocorra são necessárias três condições a que os personagens de Maupassant são submetidos. Todas as condições são negativas, segundo Greimas (1976, p. 132), como podem ser observadas nas seguintes transformações:

- (1) “ils n’écoulaient plus rien”
- (2) “ils ne pensaient plus à rien”
- (3) “ils ignoraient le reste du monde”

No primeiro trecho, as personagens não escutavam mais nada e, no segundo, os dois amigos não pensavam em mais nada. Para Greimas, na primeira parte temos a negação da atividade do sujeito, pois nega o fazer exteroceptivo, ou seja, nega as propriedades exteriores à inteligência do homem, advindas das qualidades do mundo. Na segunda, temos a negação do fazer interoceptivo, visto que nega a inteligência e o afeto que o sujeito tem como visão do mundo. Como consequência dessas negações, segundo Greimas (1976, p. 132-133), nega-se

⁷¹ Trecho original: “Quand le soir approchait je descendais des cimes de l’île et j’allais volontiers m’asseoir au bord du lac, sur la grève, dans quelque asile caché ; là le bruit des vagues et l’agitation de l’eau fixant mes sens et chassant de mon âme toute autre agitation la plongeaient dans une rêverie délicieuse où la nuit me surprenait souvent sans que je m’en fusse aperçu. Le flux et reflux de cette eau, son bruit continu mais renflé par intervalles frappant sans relâche mon oreille et mes yeux, suppléaient aux mouvements internes que la rêverie éteignait en moi et suffisaient pour me faire sentir avec plaisir mon existence, sans prendre la peine de penser. De temps à autre naissait quelque faible et courte réflexion sur l’instabilité des choses de ce monde dont la surface des eaux m’offrait l’image: mais bientôt ces impressions légères s’effaçaient dans l’uniformité du mouvement continu qui me berçait, et qui sans aucun concours actif de mon âme ne laissait pas de m’attacher au point qu’appelé par l’heure et par le signal convenu je ne pouvais m’arracher de là sans effort”.

também o ser do sujeito, produzindo no terceiro trecho um estado de não-saber, cuja dimensão afetiva, o ignorar, passa pela união da interocepção e da exterocepção (propriocepção).

Segundo Greimas (1976), o resto do mundo é “englobante” com seus conteúdos interoceptivos e exteroceptivos, e o sujeito que o exclui é o “englobado”, em outras palavras, os conteúdos proprioceptivos. O resultado das transformações é: as personagens pescavam. Assim, Greimas (1976) conclui que a boa pesca, no plano figurativo, é a alegria e a consciência do que seja a pesca. Podemos, portanto, reafirmar que essa análise feita pelo autor é fenomenológica, pois a construção do sentido se dá na visada do sujeito do fenômeno do mundo através de suas percepções e sensações.

O livro *Du sens II*, publicado em 1983, reúne ensaios tal qual em *Du sens I*, configurando-o como uma continuidade do primeiro. No *Preâmbulo* da obra, Greimas (2014 [1983]) afirma que o livro traz em si um paradoxo: manter-se fiel e ainda mudar ao mesmo tempo. Um dos aspectos de mudança que nos atrai nessa obra é a problemática da percepção, que retomaremos na seção destinada ao termo. O segundo aspecto diz respeito às semióticas modais, pois Greimas explica que por muito tempo qualquer aspecto psicológico havia sido interdito na teoria, mas, naquele momento, acontecia justamente o contrário. Na interpretação das paixões por meio da sintaxe modal, o objetivo principal é, na análise dos discursos ditos passionais, construir o que até então se chamava de *semiótica volitiva*. Tendo as paixões seu suporte nas estruturas modais, o que seu percebeu foi a integração entre a afetividade e o cognitivo, possibilitando que essa nova semiótica buscasse, aos olhos do autor, “uma nova feição da [própria] semiótica” (GREIMAS, 2014, p. 29).

Segundo Barros (2014), os ensaios *Sobre a modalização do ser* e *Sobre a cólera* abriram o caminho para uma semiótica das paixões, “[...] Greimas mostra que o amadurecimento e a segurança alcançados na sintaxe narrativa, sobretudo com sua modalização, permitiram à semiótica enveredar pelos meandros das paixões sem medo de voltar caminho” (BARROS, 2014, p. 14). Além disso, a autora, no prefácio à edição brasileira de *Sobre o sentido II*, afirma que as paixões aparecem ligadas aos arranjos narrativos e modais entre o sujeito e o objeto.

O ensaio *Sobre a cólera*, publicado pela primeira vez em 1981, é um estudo de semântica lexical da cólera que busca a configuração dessa paixão complexa segundo a cultura francesa. Justifica-se um estudo lexemático porque os lexemas “[...] se apresentam como condensações

que, por menos que sejam explicitadas, recobrem estruturas discursivas e narrativas muito complexas” (GREIMAS, 2014, p. 233).

O percurso tomado nos mostra que essa paixão terá seu programa narrativo vinculado à vingança e a solução se dá na modalização do sujeito e do seu poder-fazer, aliás, da intensidade do seu poder-fazer, permitindo a Greimas (2014, p. 253) distinguir dois tipos de discurso: o discurso da paixão e o discurso do apaixonado (perturbado pela “paixão”, acrescenta o semioticista).

Entretanto, essas palavras finais não exprimem com clareza o que Greimas quis dizer com discurso da paixão e do apaixonado. Encontramos uma possibilidade interpretativa ou de homologação nas ideias de Fiorin (2007) que demonstra como essa diferença pode ser pensada em termos de enunciação e de enunciado:

Pode-se repensar essa diferença, dizendo que a Semiótica estuda as paixões manifestadas tanto na enunciação quanto no enunciado. Na enunciação, temos o discurso apaixonado, quando das marcas deixadas pelo processo do dizer no dito depreende-se um tom passional. [...] No enunciado, ocorre o discurso da paixão, quando ela é representada ou referida. A paixão representada é aquela figurativizada pelos modos de ser e de fazer dos “seres humanos” nos discursos que simulam o mundo (na literatura ou na reportagem, por exemplo) ou pelas maneiras de ser e de fazer dos indivíduos numa dada situação, tomada *sub specie significationis*, ou seja, como texto (FIORIN, 2007, p. 6).

Parece ser consenso entre os semioticistas que os anos 1980 seriam marcados por uma busca comum e explícita, ou seja, uma virada modal ou sensível, por meio dos esforços coletivos para reintegrar o domínio da passionalidade. De acordo com Lima (2014), o objetivo comum era entender o funcionamento das paixões. Já os pontos de vista sobre como atingir esse objetivo variavam – estudo de lexemas, de sintagmas narrativos, das estratégias enunciativas – nos seguintes trabalhos elencados pela autora:

[...] a admiração (Thürlemann, 1980), o desespero (Fontanille, 1980), a cólera (Greimas, 1981), a indiferença (Marsciani, 1984), a nostalgia (Greimas, 1986), entre outros –, e ainda alguns poucos que já se aventuravam na representação das paixões a partir de estratégias discursivas da enunciação – Bertrand (1986, 2003) e Hénault (1986, 1994). Todas as análises, quaisquer que fossem seus pontos de vista, buscavam explorar as hipóteses da gramática narrativa e em especial os elementos levantados quando do estudo da manipulação, da ação, da sanção, e também da problemática da persuasão (LIMA, 2014, p. 26-27).

Tendo em vista esse levantamento, destacamos mais um estudo lexical das paixões feito por Greimas, publicado no *Bulletin* “Les passions” (1986). O texto *De la nostalgie* pôde nos auxiliar na interpretação que fizemos posteriormente de *Sémiotique des passions*, pois pensamos que tanto a *cólera* quanto a *nostalgia* refletem o modo greimasiano no estudo passional. Além disso, embora a obra dele em coautoria com Fontanille seja vista como um dos pilares da famosa *virada fenomenológica*, entendemos que as análises (da avareza e dos ciúmes) deixaram os leitores intrigados pelas “promessas feitas” na introdução desse livro. Pelo viés historiográfico, uma obra coautorada é um desafio quando se procura reconhecer certos aspectos, a exemplo das balizas entre os pensamentos e a maneira pela qual eles se sobrepõem na obra ou não. Isso pode fazer toda a diferença na construção historiográfica, se pensarmos em termos de protagonismo actancial e coletivismo, esse último entendido aqui na forma de grupo de especialidade.

Consideramos em diferentes momentos deste trabalho – e outros autores também assim reconhecem – que as paixões foram tema do seminário por dois anos. Trabalho coletivo e individual. Por conseguinte, se no gráfico do grupo de especialidade (cf. gráfico 3) pudemos mostrar o desdobramento científico-institucional da escola de Paris, corroborado pela própria recepção teórica no Brasil e pelo reconhecimento entre os semioticistas em geral, é possível também levantarmos a hipótese de que em cada trabalho coautorado, as preferências epistemometodológicas também se fazem ressentir – talvez de maneira menos intensa do que no trabalho individual, devido às negociações próprias dessa modalidade –, o que confirmaria, por sua vez, a hipótese desenhada no mesmo gráfico, visto que as preferências levadas a cabo pelos participantes contribuiriam para a emergência e o estabelecimento dos diferentes tipos de semiótica que temos hoje.

Em “Conversations avec Jacques Fontanille”, Portela diz: “Para escrever juntos, devemos não apenas compartilhar a mesma visão do que fazemos, mas também devemos, acima de tudo, fazer concertações, pequenas concessões...” (PORTELA, 2006, p. 16, tradução nossa)⁷². Fontanille acrescenta que são necessários mais do que “pequenas concessões”, pois mesmo que tivessem o mesmo objetivo, Greimas e ele tinham “concepções diferentes” de como eles poderiam cumpri-lo. As ideias de Greimas seguiam em “[...] afirmar a ‘continuidade’; a minha [de Fontanille] era mais sobre a ‘ruptura’; daí a tensão nesse livro entre a recordação do

⁷² Trecho original: “Pour écrire ensemble, on ne doit pas seulement partager une même vision de ce qu’on fait, mais on doit aussi, avant tout, faire des concertations, de petites concessions...”

‘adquirido’ e a promoção da perspectiva tensiva” (FONTANILLE *in* PORTELA, 2006, p. 16, tradução nossa)⁷³.

Fontanille destaca que, no mesmo período, Greimas estava escrevendo *De l'imperfection* “em diálogo permanente com Teresa Keane-Greimas”, confidenciando sobre “[...] o subtítulo de *Sémiotique des passions*, ‘Des états de choses aux états d’âme’, que nesse livro, ele sentia que nós tínhamos ‘deixado escapar os estados de alma’. Eu concordo de bom grado, mas os ‘estados de alma’, era seu projeto e não o meu” (FONTANILLE *in* PORTELA, 2006, p. 16, tradução nossa)⁷⁴.

Depois dessa breve digressão sobre a escrita em coautoria, passemos finalmente para o texto sobre a nostalgia. Partindo, pois, das definições da nostalgia no dicionário *Le Petit Robert*, Greimas afirma que esse estado de alma é um estado de enfraquecimento/definhamento de uma pessoa, mostrando o estado patêmico do sujeito, cujos parassinônimos melancolia e fraqueza revelam uma paixão do corpo, segundo Descartes, a quem Greimas faz referência concluindo que: “[...] É só então, por transposição ‘metafórica’, que eles designam uma paixão da alma, um patema stricto sensu” (GREIMAS, 1986, p. 6, tradução nossa)⁷⁵. No processo durativo, como chama Greimas, o sujeito pertence à esfera do “fazer disfórico” que emerge de uma “disforia **intensa**”. Esse destaque para a aspectualização e para sua intensidade, nos leva a crer que a tensividade talvez pudesse ser algo no horizonte de Greimas, como forma de tratar o sensível enquanto afetividade.

Greimas conclui, nesse curto texto, da seguinte forma: “a semiótica pode então tentar postular a existência de uma dimensão tímica da narratividade, autônoma e sintaticamente articulável, permitindo-lhe empreender a descrição dessas atividades particulares que constituem ‘a vida interior’ do homem” (GREIMAS, 1986, p. 11, tradução nossa)⁷⁶. Greimas parecia empenhado em semiotizar o sensível, em recuperar como o sentido emerge do contínuo tímico e se articula para nós.

⁷³ Trecho original: “[...] affirmer la ‘continuité’ ; la mienne portait plutôt à la ‘rupture’ ; d’où la tension, dans ce livre, entre le rappel des ‘acquis’ et la promotion de la perspective tensive”.

⁷⁴ Trecho original: “[...] le sous-titre de *Sémiotique des passions*, ‘Des états de choses aux états d’âme’, que dans ce livre, il estimait que nous avions ‘manqué les états d’âme’. J’en conviens volontiers, mais les ‘états d’âme’, c’était son projet, et pas le mien”.

⁷⁵ Trecho original: “Ce n’est qu’ensuite, par transposition ‘métaphorique’, qu’ils désignent une passion de l’âme, un pathème stricto sensu”.

⁷⁶ Trecho original: “La sémiotique peut alors tenter de postuler l’existence d’une dimension thymique de la narrativité, autonome et syntaxiquement articulable, lui permettant d’entreprendre la description de ces activités particulières qui constituent ‘la vie intérieure’ de l’homme”.

Na seção que segue, buscamos destacar alguns pontos que nos ajudam a compor o domínio da passionalidade, por isso, focamos na obra *Sémiotique des passions*.

3.2 SOBRE A SEMIÓTICA DAS PAIXÕES

A *Semiótica das paixões*, publicada em 1991, em coautoria com Jacques Fontanille, é a principal referência dos desenvolvimentos da pesquisa sobre a modalização do ser, mesmo que as paixões já tivessem sido tratadas, tal qual destacamos no decorrer da seção anterior, em diferentes momentos e com diferentes nuances – nos volumes da *Actes Sémiotiques (Bulletin)* “Sémiotique des Passions” e “Les passions”, e, também, por Fontanille, em 1980, nos *Documents* da mesma revista, na publicação “Le désespoir”. Em 1981, ainda nos volumes dos *Documents*, Greimas publica “De la colère” (artigo analisado nesta tese), reforçando nossa hipótese de que o sensível é um tema contínuo na teoria⁷⁷, tanto em sua retórica quanto em sua epistemologia.

O termo paixão foi estudado por diferentes semioticistas no grupo e por um tempo razoável. No entanto, no período da publicação de *Semiótica das paixões*, os autores evidenciam a necessidade do refinamento das modalizações, levando-os a percorrer o caminho das paixões de uma forma mais definitiva, pelo menos, no que concerne à metodologia:

[...] a urgência de completar a teoria das modalidades, equilibrando as modalidades do fazer, já operatórias, por uma articulação paralela às modalidades do ser e uma interrogação insistente sobre a natureza dos estados, dinâmicos e inquietos, obrigava a enfrentar diretamente a problemática das paixões (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 16, tradução nossa)⁷⁸.

Além disso, é preciso reforçar novamente que a obra não surgiu de repente no horizonte. Além dos trabalhos já citados, Fontanille se valeu de notas do seminário de Greimas durante a escrita, visto que o tema paixões animou as discussões por dois anos (cf. seção 3.1), afirma ele à Portela: “[...] havia a coletânea de notas do seminário de Greimas (dois anos consagrados às paixões), coletânea que a propósito foi colocada à disposição dos pesquisadores na biblioteca no Centro de Pesquisas Semióticas de Limoges. É a partir dessas notas que eu redigi tudo”

⁷⁷ Informações retiradas da tese de Portela (2008), Anexo VI.

⁷⁸ Trecho original: “[...] l’urgence de compléter la théorie des modalités en équilibrant les modalités du faire, déjà opératoires, par une articulation parallèle des modalités de l’être et une interrogation insistante sur la nature des états, dynamiques et inquietes, obligeait à affronter directement la problématique des passions”.

(FONTANILLE *in* PORTELA, 2006, p. 168, tradução nossa)⁷⁹. Fontanille explica todo o processo da escrita em *Sémiotique des passions*. Para a historiografia linguística isso representa um ganho na compreensão da obra como um todo, pensando na discussão que levantamos neste trabalho sobre a questão da influência, das citações, do trabalho coautorado, do protagonismo, do trabalho do grupo e individual, da bricolagem, entre outros. A obra em si, que é resultado de uma discussão coletiva por dois anos, publicada em coautoria, ao ser somada à entrevista que nos revela quem escreveu o que, reflete, ao mesmo tempo, todos esses aspectos historiográficos. Permite ao leitor observar a prática e a produção do conhecimento científico, retomando Auroux (2008), sobre o acontecimento das ideias e o fato delas não terem data. O horizonte de retrospectiva vincula o conhecimento a uma temporalidade, cuja produção se dá por meio de uma atividade que remonta a conhecimentos prévios colocados em co-presença no e para o sujeito, e que agora nos são colocados em co-presença por Fontanille e Portela:

Mas as diferentes partes foram tratadas muito diferentemente: o grande capítulo “Epistemologia e metodologia das paixões” foi objeto de vários “vaivéns” entre Greimas e eu, foi muito longamente discutido e mesmo disputado; eu o reescrevi inteiramente várias vezes; o capítulo sobre a avareza colocou menos problemas, e eu me contentei de redigi-lo a partir das notas de Greimas, e de acrescentar minhas próprias considerações, que ele aceitou; o capítulo sobre os ciúmes foi inteiramente concebido e redigido por mim, e Greimas fez poucas observações. Eu finalmente consegui que ele mesmo redigisse uma dezena de páginas de introdução, e igual número na conclusão (FONTANILLE *in* PORTELA, 2006, p. 168, tradução nossa)⁸⁰.

Na introdução de *Semiótica das paixões*, os autores enfatizam como a teoria é ela mesma um percurso, cuja constante é o questionamento de sua atividade sempre em construção. Por meio de seu percurso gerativo, o sujeito – nesse caso o semioticista – deve se “tornar competente” em cada nível para produzir o próximo, sendo esse fazer próprio de uma teoria científica, que preenche suas lacunas e se reformula quando necessário. Por isso, as paixões foram reintroduzidas no projeto da semiótica. Mas parece que as paixões nunca estiveram

⁷⁹ Trecho original: “*Sémiotique des passions*, c’est autre chose: il y avait le recueil des notes de séminaire de Greimas (deux années consacrées aux passions), recueil qui a été par ailleurs mis à disposition des chercheurs à la bibliothèque du Centre de Recherches Sémiotiques de Limoges. C’est à partir de ces notes que j’ai tout rédigé”.

⁸⁰ Trecho original: “Mais les différentes parties ont été traitées très différemment: le gros chapitre ‘Epistémologie et méthodologie des passions’ a fait l’objet de plusieurs ‘navettes’ entre Greimas et moi, a été très longuement discuté et même disputé ; je l’ai réécrit entièrement plusieurs fois; le chapitre sur l’avarice a posé moins de problèmes, et je me suis contenté de le rédiger à partir des notes de Greimas, et d’ajouter mes propres considérations, qu’il a acceptées; le chapitre sur la jalousie a été entièrement conçu et rédigé par moi, et Greimas a fait peu de remarques. J’ai enfin obtenu qu’il rédige lui-même une dizaine de pages d’introduction, et autant en conclusion”.

ausentes. Na verdade, podemos colocar a problemática em termos de presença no escopo retórico e teórico, possuindo intensidade e extensidade relativas.

Segundo os autores (1991, p. 8), o fazer do sujeito narrativo tem como princípio a transformação. O desenvolvimento narrativo perpassa por uma série de segmentações de estados que são dotados da capacidade de *transformabilidade*. O mundo configurado como descontínuo, ou seja, o mundo que faz sentido para nós, encontra no nível epistemológico seu análogo, a articulação: “primeira condição para poder falar do sentido enquanto significação” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 8, tradução nossa)⁸¹.

Greimas e Fontanille também se perguntam sobre o modo de existência de um sujeito operador antes de suas primeiras somações. Isso ocorre porque, até o momento, a semiótica reconhece no percurso do sujeito narrativo os modos virtualizado, atualizado e realizado. No entanto, agora entra em questão o nível anterior à discretização, isto é, o contínuo. O modo de existência já é evocado em *Semântica Estrutural*, como nos lembra Fontanille (2017), mas sem a característica série consagrada em *Semiótica das paixões*: potencial, virtual, atual, real (voltaremos a questão do sujeito potencial posteriormente).

Nos anos de 1960, Greimas voltou sua atenção para o que Fontanille chama de “inflexão existencial” que, por intermédio da interação entre os actantes obtém uma determinada “coloração modal” (FONTANILLE, 2017, p. 04, tradução nossa)⁸²: “a hipótese subjacente é que nossa apreensão sensível do universo semântico (na percepção, diz ele) descobre um ‘espetáculo’ actancial [...]” que será apreendida por uma modalidade dominante que por sua vez instaura um modo de existência, segundo Fontanille (2017).

Assim, na *Semiótica das paixões* reaparece a problemática dos modos de existência e os constituintes que criarão as condições para semiose. Nas palavras dos autores:

O desafio da semiótica, portanto, consiste em afirmar essa *praesentia in absentia*, que é a existência semiótica como objeto de seu discurso e como condição de sua atividade de construção teórica, mantendo a distância necessária em relação aos engajamentos ontológicos (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 10, grifo dos autores, tradução nossa)⁸³.

⁸¹ Trecho original: “[...] première condition pour pouvoir parler du sens en tant que signification”.

⁸² Trecho original: “L’hypothèse sous-jacente est que notre appréhension sensible de l’univers sémantique (dans la perception, dit-il) y découvre un ‘spectacle’ actantiel”.

⁸³ Trecho original: “L’enjeu, pour la sémiotique, consiste donc à affirmer cette *praesentia in absentia* qu’est l’existence sémiotique comme objet de son discours et comme condition de son activité de construction théorique, tout en maintenant cependant la distance nécessaire par rapport aux engagements ontologiques”.

Sendo assim, ter um discurso sobre o horizonte ôntico é se questionar sobre as pré-condições, esboçar uma imagem do sentido anterior e necessário no momento de sua discretização, e não procurar reconhecer seus fundamentos ontológicos, o que permitiria à semiótica construir uma análise das paixões sem se transformar em uma teoria da filosofia. Por fim, fica claro que o sujeito responsável pela construção teórica não é puramente um ser racional, pois ele encontra uma fase de “sensibilização tímica” na jornada de construção do sentido.

Partindo desses primeiros pressupostos, os autores reintroduzem a ideia de estado do sujeito de ação, sendo este, “[...] em primeiro lugar, um ‘estado de coisas’ do mundo que é transformado pelo sujeito, mas é também o ‘estado de alma’ do sujeito competente para a ação e a própria competência modal, que sofre ao mesmo tempo transformações” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 13, tradução nossa)⁸⁴. Aporia que se resolve pela mediação do corpo que sente, homogeneizando mundo e sujeito e estabelecendo, conseqüentemente, o que os autores denominam como equivalência entre os estados de coisa e de alma do sujeito (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 13).

No entanto, não podemos esquecer que essa homogeneização entre o interoceptivo e o exteroceptivo via propriocepção só acontece devido a uma mediação **somática** e “sensibilizante”. Antes mesmo da emergência do sentido, através da discretização, aparecem tensões no contínuo que dão conta das manifestações “ondulatórias” no discurso. Esse lugar é também onde ocorrem as primeiras somações do sujeito e unidades de sentido (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 14-15). Tanto a existência semiótica quanto o mundo visto como contínuo demonstram que a abordagem dos autores será a tentativa de promover unidades operatórias que incluam a tensividade e a foria, perpassando pelo “imperativo fenomenológico” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 16). Somada a essa abordagem, surge também a necessidade de se completar a teoria das modalidades, expondo conseqüentemente as paixões. Essa necessidade demonstra que o percurso passional tem sua autonomia e separá-lo das tensões e de seus efeitos não parece ser uma tarefa evidente.

Para Greimas e Fontanille, a tensividade transcende a enunciação discursiva. Entretanto, o relativismo cultural em torno das paixões exige o reconhecimento de um excesso patêmico apreendido discursivamente, só assim seria possível definir as paixões. Além disso, essa

⁸⁴ Trecho original: “[...] d’abord un ‘état de choses’ du monde qui se trouve transformé par le sujet, mais c’est aussi l’ ‘état d’âme’ du sujet compétent en vue de l’action et la compétence modale elle-même, qui subit en même temps des transformations”.

apreensão no nível do discurso só ocorre também por causa de uma sensibilização, sendo exemplificada por meio do que os autores chamam de paixões limites (desespero, cólera), cujo surgimento se dá pela quebra (fratura) do discurso, onde o **sentir** transborda o parecer (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 18):

Enquanto o corpo humano desempenhava, na percepção, o papel de instância de mediação, isto é, de lugar de transação entre o extero e o interoceptivo, instaurando um espaço semiótico tensivo, mas homogêneo, é a carne viva, a proprioceptividade “selvagem” que se manifesta e reclama seus direitos como “sentir” global (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 18, tradução nossa)⁸⁵.

Embora isso se refira a casos-limites, é através deles que, Greimas e Fontanille explicam o aspecto **representacional** da manifestação passional: “[...] o corpo afetado torna-se, graças a seu poder figurativo, o centro de referência da encenação passional inteira. É esse aquém do sujeito da enunciação, esse substituto perturbador, que designamos de *foria*” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p.18-19, tradução nossa)⁸⁶.

O primeiro capítulo, dedicado à epistemologia das paixões, explica brevemente o objetivo da obra de reduzir a distância entre o sensível e o inteligível. Empreitada que os autores buscam sanar por meio das paixões. Eles mostram que as paixões são propriedades do discurso, tomado no todo, elas são ainda vistas como um *perfume* que emana das estruturas modais, podendo projetar-se tanto no sujeito quanto no objeto. Dessa forma, os autores concluem que, “poder falar de paixão, é, portanto, tentar reduzir este hiato entre o ‘conhecer’ e o ‘sentir’” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 22, tradução nossa)⁸⁷, explicitando ao mesmo tempo o percurso histórico da teoria que, em um primeiro momento se preocupou com “o papel das articulações modais moleculares” e, agora, precisava se voltar para esses “perfumes passionais” que são os responsáveis por seus arranjos (GREIMAS; FONTANILLE, 1991).

O mundo humano é definido em *Semiótica das paixões* como uma tensividade fórica, em que a *foria* é inserida por meio do acidente (da fratura) sem a discretização, sem os valores investidos – não temos ou não podemos falar ainda em actantes –, existe apenas um

⁸⁵ Trecho original: “Alors que le corps humain jouait, lors de la perception, le rôle d’instance de médiation, c’est-à-dire d’un lieu de transaction entre l’extéro- et l’intéroceptif, instaurant un espace sémiotique tensif mais homogène, c’est la chair vive, la proprioceptivité ‘sauvage’ qui se manifeste et réclame ses droits en tant que ‘sentir global’”.

⁸⁶ Trecho original: “[...] où le corps affecté devient, grâce à son pouvoir figuratif, le centre de référence de la mise en scène passionnelle tout entière. C’est cet en-deçà du sujet de l’énonciation, cette doublure dérangement que nous désignons du nom de *phorie*”.

⁸⁷ Trecho original: “Pouvoir parler de passion, c’est donc tenter de réduire cet hiatus entre le ‘connaître’ et le ‘sentir’”.

presentimento. Assim para falar em sujeito de estado é preciso que ele seja afetado pela carga modal do objeto (GREIMAS; FONTANILLE, 1991):

[...] a modalização do estado do sujeito – e é disso que se trata quando se quer falar das paixões – só é concebível passando pela do objeto que, tornando-se um “valor”, se impõe ao sujeito. É uma situação comparável, mas anterior ao posicionamento actancial que se trata de imaginar: um sujeito protensivo indissolivelmente ligado a uma “sombra de valor”, perfilando-se assim sobre a tela da “tensividade fórica” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 26, tradução nossa)⁸⁸.

Nas pré-condições da emergência do sentido temos esses conceitos sem “forma” porque eles estão imersos no contínuo da massa tímica, eles ainda não adquiriram valor – tem-se um proto-actante, um proto-objeto – e, por isso, os autores tratam a valoração como sombra, um presentimento que pode ou não emergir. Destacamos no texto-citante a referência a Husserl, sobre a questão da protensividade para abordar esse quase sentido, quase objeto, quase sujeito. Achamos interessante tentar mostrar o texto-citado, pela evidência textual. Procuramos pelo menos destacar o que seria a “[...] *protensividade* do sujeito, para empregar a palavra de Husserl” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 25, tradução nossa)⁸⁹, que na obra do filósofo aparece no par retenção e protensão, mais especificamente, em *On the Phenomenology of the Consciousness of Internal Time (1893-1917)* e, depois compararemos com o seu seguidor, Merleau-Ponty que, também destaca esse par, ao tratar do corpo em relação ao aspecto temporal:

Agora, vamos mudar para o estrato dos “conteúdos” imanentes cuja constituição é a realização do fluxo absoluto de consciência, e vamos considerá-los um pouco mais de perto. Esses conteúdos imanentes são experiências no sentido costumeiro: os dados da sensação, mesmo que despercebidos (por exemplo, um vermelho, um azul entre outros); além disso, as aparências (aparência de uma casa, do entorno de alguém, etc.), se alguém presta atenção ou não a elas e aos seus “objetos”; então os “atos” de afirmar, desejar, querer, e assim por diante, e as modificações reprodutivas correspondentes a eles (fantasias, memórias). Todos esses são conteúdos da consciência, conteúdos da consciência originária que constituem objetos temporais e que, nesse sentido, não são em si conteúdos ou objetos em tempo fenomenológico. Os conteúdos imanentes são o que eles

⁸⁸ Trecho original: “[...] la modalisation de l’état du sujet – et c’est de cela qu’il s’agit lorsqu’on veut parler des passions – n’est concevable qu’en passant par celle de l’objet, qui, devenant une ‘valeur’, s’impose au sujet. C’est une situation comparable, mais antérieure au positionnement actanciel, qu’il s’agit d’imaginer: un sujet protensif indissolublement lié à une ‘ombre de valeur’, se profilant ainsi sur l’écran de la ‘tensivité phorique’”.

⁸⁹ Trecho original: “[...] *protensivité* du sujet, pour employer le mot de Husserl”.

são apenas na medida em que, durante sua duração “real”, eles apontam para o futuro e apontam para o passado (HUSSERL, 1991, p. 88-89, tradução nossa)⁹⁰.

E, em Merleau-Ponty:

Se considero a casa atentamente e sem nenhum pensamento, ela tem um ar de eternidade e dela emana uma espécie de entorpecimento. Sem dúvida, eu a vejo de um certo ponto de minha duração, mas ela é a mesma casa que eu via ontem, um dia mais moço; é a mesma casa que um velho e uma criança contemplam. Sem dúvida, ela própria tem sua idade e suas mudanças; mas, mesmo que desabe amanhã, permanecerá verdadeiro para sempre que hoje ela existiu, cada momento do tempo se dá por testemunhos todos os outros, ele mostra, sobrevivendo, “como aquilo devia passar” e “como aquilo terá acabado”, cada presente funda definitivamente um ponto do tempo que solicita o reconhecimento de todos os outros, o objeto é visto, portanto, a partir de todos os tempos, assim *como é visto* de todas as partes e pelo mesmo meio, que é a estrutura de horizonte [...]. Assim, graças ao duplo horizonte de retenção e de protensão, meu presente pode deixar de ser um presente de fato, logo arrastado e destruído pelo escoamento da duração, e tornar-se um ponto fixo e identificável em um tempo objetivo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 106, grifos do autor, tradução nossa)⁹¹.

Em relação à sombra de valor, os autores salientam que diferentemente da protensividade do sujeito, essa demanda um retorno à manifestação discursiva para compreender melhor o que seria o “pressentimento” do valor. É nesse momento que, os autores inserem a valência na epistemologia das paixões. Segundo eles, a valência é entendida como o valor do valor, tal qual na química, em que se contabiliza o número de moléculas associadas na composição de um

⁹⁰ Trecho original: “Now let us shift to the stratum of the immanent ‘contents’ whose constitution is the achievement of the absolute flow of consciousness, and let us consider them somewhat more closely. These immanent contents are experiences in the customary sense: the data of sensation, even if unheeded (for example, a red, a blue and the like); further, the appearances (appearance of a house, of one’s surroundings, etc.), whether or not one pays attention to them and to their ‘objects’; then the “acts” of asserting, wishing, willing, and so on, and the reproductive modifications corresponding to them (phantasies, memories). All of these are contents of consciousness, contents of the primal consciousness that constitutes temporal objects and that in this sense is not itself content or object in phenomenological time. Immanent contents are what they are only as far as, during their “actual” duration, they point ahead to the future and point back to the past”.

⁹¹ Trecho original: “Si je considère la maison attentivement et sans aucune pensée, elle a un air d'éternité, et il émane d'elle une sorte de stupeur. Sans doute, je la vois bien d'un certain point de ma durée, mais elle est la même maison que je voyais hier, moins vieux d'un jour ; c'est la même maison qu'un vieillard et qu'un enfant contemplent. Sans doute, elle a elle-même son âge et ses changements ; mais, même si elle s'effondre demain, il restera vrai pour toujours qu'elle a été aujourd'hui, chaque moment du temps se donne pour témoins tous les autres, il montre, en survenant, ‘comment cela devait tourner’ et c comment cela aura fini, chaque présent fonde définitivement un point du temps qui sollicite ta reconnaissance de tous les autres, l'objet est donc vu de tous temps comme il est vu de toutes parts et par te même moyen, qui est ‘la structure d'horizon [...]’. Ainsi, grâce au double horizon de rétention et de protension, mon présent peut cesser d'être un présent de fait bientôt entraîné et détruit par l'écoulement de la durée et devenir un point fixe et identifiable dans un temps objectif”.

corpo. Greimas e Fontanille acrescentam ainda um valor psicológico da valência, vista como potencialidade tanto de atração quanto de repulsão em relação a um objeto, ou seja:

[...] o pressentimento, pelo sujeito protensivo, dessa sombra de valor que, em seguida à cisão fórica, o envolve como num casulo para manifestar-se mais tarde sob a forma mais articulada da incoatividade. Em suma, a aspectualidade manifestaria a valência da mesma maneira que as figuras-objetos manifestam os objetos de valor (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p.27, tradução nossa)⁹².

Segundo Greimas e Fontanille, a existente tensão em direção à unidade é própria da estesia, em que a emoção é vista como um (re)sentir do sujeito, um sentimento nostálgico dessa tensão ainda não discretizada:

Em sua nova relação com o mundo, o sujeito experimenta o valor na sua primeira dissociação, na qual ele mesmo é engendrado: a emoção estética poderia ser interpretada como um “(re)sentir” dessa cisão, como a nostalgia da “tensividade fórica” indiferenciada [...] mergulhada novamente na foria, o sujeito estético reencontra o momento em que sua configuração prototípica poderia ter se estabelecido tanto como objeto como sujeito. Também, vemos às vezes, nas representações figurativas o objeto estético se transformando em sujeito de um fazer estético, no qual o sujeito da emoção poderia ele mesmo por sua vez ser objeto (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 30, tradução nossa)⁹³.

Em *Da imperfeição*, Greimas (1987, p. 31) também aponta para o sincretismo dos dois actantes, sujeito e objeto. Em o *Guizzo*, a fusão momentânea entre homem e mundo – ou como diria Descartes (*passion de l’âme e du corps*) –, enfatiza Greimas, ocorre no momento da apreciação visual entretida por Palomar como tátil, há um sincretismo (a fusão). Do ponto de vista de Merleau-Ponty (2011, p. 118), a fusão da alma e do corpo se dá no ato, na sublimação da existência biológica em existência pessoal, sendo apenas possível pela estrutura temporal de nossa experiência. Segundo Fontanille, a fusão pode ser vista como a distinção entre papéis actanciais, em que momentos de fratura neutralizam essa distinção, ou a fusão pode ocorrer antes

⁹² Trecho original: “[...] le pressentiment, par le sujet protensif, de cette ombre de valeur qui, à la suite de la scission phorique, l’enveloppe comme dans un cocon pour se manifester plus tard sous la forme plus articulée de l’inchoativité. En somme, l’aspectualité manifesterait la valence de la même manière que les figures-objets manifestent les objets de valeur”.

⁹³ Trecho original: “Dans son nouveau rapport au monde, le sujet expérimente la valeur dans la première dissociation dont il est lui-même engendré; l’émotion esthétique pourrait être interprétée comme un ‘re-sentir’ de cette scission, comme la nostalgie de la ‘tensivité phorique’ indifférenciée [...] replongé dans la phorie, le sujet esthétique retrouve le moment où sa configuration prototypique aurait pu s’instaurer aussi bien comme objet que come sujet. Aussi, voit-on parfois dans les représentations figuratives l’objet esthétique se transformant en sujet d’un faire esthétique, dont le sujet de l’émotion lui-même pourrait être à son tour objet”.

mesmo de qualquer distinção actancial, situações em que se observa apenas modalidades do fazer ou do ser, em outras palavras, os proto-actantes (FONTANILLE, 2018, informação verbal)⁹⁴. No primeiro caso, é o que acontece com Palomar. No segundo, é o da tensão ainda não discretizada, que Greimas e Fontanille retratam em *Semiótica das paixões*.

Essa tensão à unidade, “do retorno ao estado fusional”, possibilita, por um lado, a existência de uma dimensão estética, em que a estesia ocorre por meio de um ressentir do estado limite e à espera do retorno à fusão. Por outro lado, os autores destacam na dimensão passional (construída na foria) uma dimensão estética, cuja espera ou nostalgia resultaria no retorno à protensividade fórica, sendo essa a pré-condição de toda a significação (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 31).

Assim, entre as pré-condições da significação, destaca-se a protensividade (definidora do sujeito tensivo) e o desejo no proto-actante do retorno à fusão “originária” (anterior a discretização). Mas se as tensões “favoráveis” e a cisão prevalecem, prefigura-se uma sintaxe, pois o desequilíbrio orientado (propriedade figural) pela protensividade engendra tanto o devir quanto a fidúcia que, por sua vez, pode engendrar as valências (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, *passim*).

Feito esse retorno as pré-condições do sentido, na seção seguinte voltamos nossa análise para o estabelecimento do percurso passional canônico, visto que, no nível do reconhecimento público, essa é a obra que aparece como referência ao percurso.

3.3 O SURGIMENTO DO PERCURSO PATÊMICO

Pensando nas relações entre os outros níveis, a exploração e o estabelecimento de um *esquema patêmico canônico* se destacam como aspecto fundamental no tratamento das paixões. Seguimos nossa análise na construção desse esquema. Primeira parada: *Semiótica das paixões*. Concernente à maneira de apreender os patemas no nível do discurso, Greimas e Fontanille explicam que a passagem a essas estruturas discursivas ocorre via *convocação*, exemplificando que as modulações do devir são manifestadas em forma de aspectualização, cuja convocação tímica será reconhecida como *dimensão patêmica* no nível do discurso (GREIMAS; FONTANILLE, 1991). Para que exista no nível discursivo o efeito patêmico, são necessários que

⁹⁴ Esta explicação nos foi fornecida por Fontanille durante uma troca de mensagens eletrônicas, em caráter de orientação.

os patemas (patemas-processo e papel-patêmico) estejam presentes, permitindo que o analista os apreenda em forma de sintagma passional.

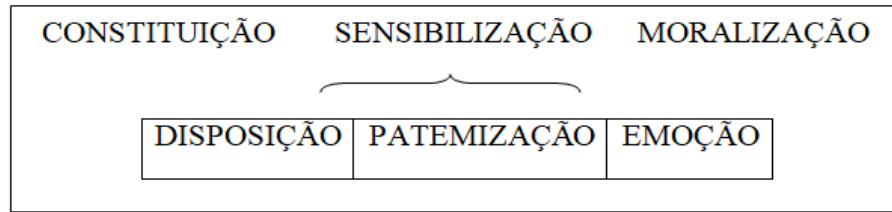
O esquema passional possui diferentes fases. A primeira, no nível da realização, é a sensibilização, em outras palavras, o momento em que as paixões aparecem de fato no discurso. Os segmentos modais são selecionados e potencializados, segundo uma sensibilização anterior. Conforme Greimas e Fontanille, ela só pode ser apreendida em seus efeitos: “[...] uma vez que a práxis enunciativa tenha feito seu trabalho, o efeito do sentido passional tornou-se um estereótipo, e o estereótipo um primitivo passional em um dado uso” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 156, tradução nossa)⁹⁵. No entanto, antes da sensibilização existe a constituição, isto é, a emergência do sujeito patêmico, para então passarmos à etapa de *disposição* “[que] se define como um desejo, como um querer constante e característico do indivíduo [...]” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 93, tradução nossa)⁹⁶ ou que pode ser tomada pelo estado inicial do sujeito: “[...] a disposição do sujeito para acolher tal ou tal efeito de sentido passional. A disposição indica o estilo passional do sujeito, seu ‘caráter’” (BERTRAND, 2003, p. 374).

Na patemização, próxima etapa, é incluída uma transformação tímica, cujo resultado será uma emoção, definida nesse momento como “um estado patêmico que afeta e mobiliza todos os papéis do sujeito apaixonado” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 270, tradução nossa)⁹⁷ ou pode ser vista como “[...] a crise passional que prolonga e atualiza a sensibilização” (BERTRAND, 2003, p. 374). A emoção, por sua vez, dá lugar ao observável, em que o comportamento do sujeito apaixonado passará por uma avaliação ética e estética, na qual, os autores chamam de *moralização*, última etapa do percurso passional canônico, como podemos observar:

⁹⁵ Trecho original: “[...] une fois que, la praxis énonciative ayant fait son œuvre, l’effet de sens passionnel est devenu un stéréotype, et le stéréotype un primitif passionnel dans un usage donné”.

⁹⁶ Trecho original: “[...] se définit comme un désir, comme un vouloir constant et caractéristique de l’individu”.

⁹⁷ Trecho original: “[...] un état pathémique qui affecte et mobilise tous les rôles du sujet passionné”.

Figura 9: Esquema passionnal canônico em *Semiótica das paixões*

Fonte: Greimas e Fontanille (1991, p. 271).

A constituição, a sensibilização e a moralização são “[...] os grandes modos de construção dos universos passionais conotativos, que controlam as culturas individuais e coletivas” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 271, tradução nossa)⁹⁸, enquanto a disposição, a patemização e a emoção estão relacionadas com a conjunção do sujeito com o objeto tímico, definidas pelos autores como as “etapas do processo passionnal”. Para Bertrand, o esquema passionnal, tal qual o esquema narrativo canônico, une ao percurso do fazer um percurso do ser: “a uma semiótica do agir (a narratividade) se integra uma semiótica do sofrer (a dimensão passionnal)” (BERTRAND, 2003, p. 374).

O esquema passionnal passará por modificações ao longo dos anos, por Fontanille. Segundo Lima, em 1993, na revista *Protée*, volume 21/1, o semioticista elabora a segunda reformulação do esquema para ilustrar o que havia sido feito na *Semiótica das paixões*. Lima destaca que Fontanille o concebeu sem as subdivisões anteriores, acrescentando, sobretudo a tensividade no modelo:

[...] (agora esquematizado sem subdivisões: *constituição - disposição - patemização - emoção - moralização*), mas também [busca] incluir um ponto de vista mais próximo à noção de tensividade, cujo valor operatório é discutido na Introdução que antecede os capítulos de análise do livro escrito em parceria com Greimas (LIMA, 2014, p. 65).

Faremos um salto temporal em prol do desenvolvimento teórico do esquema antes de finalizarmos a análise da *Semiótica das paixões*. Em 1999, em *Sémiotique et littérature*, escrita por Fontanille, seu segundo manual (cf. análise da percepção), encontramos, de acordo com Lima (2014), a terceira reformulação do esquema passionnal canônico. Os percursos afetivos nos

⁹⁸ Trecho original: “[...] grands modes de construction des univers passionnels connotatifs, que contrôlent les cultures individuelles et collectives”.

textos podem ser depreendidos ao recuperar no discurso os constituintes modais e os expoentes tensivos, assim, conforme Fontanille, o percurso se estabelece da seguinte forma:

Figura 10: Esquema passional canônico em *Sémiotique et littérature*

DESPERTAR AFETIVO → DISPOSIÇÃO → PIVÔ PASSIONAL → EMOÇÃO → MORALIZAÇÃO

Fonte: Fontanille (1999, p. 79).

No despertar afetivo, Fontanille explica em nota de rodapé que optou por esse termo em vez de *constituição* para evitar uma possível confusão com a disposição. Nela, o sujeito aparece em estado de sentir, pois sua sensibilização está despertada e, em termos tensivos, que é o relevo dessa reformulação, como indica Lima (2014), também existe uma presença afetiva nos eixos da intensidade e da extensidade, correspondendo aos expoentes tensivos (FONTANILLE, 1999, p. 79). No segundo momento, aparecem os constituintes, dispositivos modais, na forma da disposição do sujeito – competência – para experimentar uma paixão. Ainda no terreno dos constituintes modais, mas com certa diminuição da tensão, o pivô passional modifica o estado afetivo do sujeito. Essa fase é a principal, afirma Fontanille, pois afeta o plano figurativo, “[...] é ela que fixa na memória sensível do sujeito as *cenar típicas*, obsessivas ou calmantes, de sua paixão” (FONTANILLE, 1999, p. 80, tradução nossa)⁹⁹.

A emoção vinculada ao corpo que sente do sujeito se manifesta reagindo somaticamente e exprimindo as consequências no corpo desse sujeito: “São, portanto, novamente os *expoentes tensivos* que retornam ao primeiro plano, notadamente a intensidade, por meio dos códigos somáticos da emoção. Trata-se então de uma modulação particular dos expoentes tensivos que foram implementados desde o despertar afetivo” (FONTANILLE, 1999, p. 81, tradução nossa)¹⁰⁰.

A derradeira etapa, a moralização, tem caráter quantitativo e avaliativo. O sujeito ao manifestar uma paixão sentida deixa traços na emoção condicionada ao acontecimento, que por sua vez, é observável, e, por isso mesmo, permite que esse acontecimento seja avaliado pelo

⁹⁹ Trecho original: “[...] c’est elle qui fixe dans la mémoire sensible du sujet les *scènes typiques*, obsédantes ou apaisantes, de sa passion”.

¹⁰⁰ Trecho original: “Ce sont donc, à nouveau, les *exposants tensifs* qui reviennent au premier plan, notamment l’intensité, à travers les codes somatiques de l’émotion. Il s’agit donc d’une modulation particulière des exposants tensifs qui ont été mis en place lors de l’éveil affectif”.

outro, resume Fontanille (1999, p. 81), dizendo que ela reinsere tanto a coletividade, quanto o mundo da ação desse sujeito – sancionado – que está momentaneamente perdido “nas suas tensões interiores”. Mais importante ainda, é retomar, nas palavras do autor, os efeitos que surgem da moralização nesse percurso:

Mas, de uma maneira mais geral, é o “**contágio**” afetivo que a moralização procura controlar e limitar. Para isso, ela procede a uma avaliação das manifestações emocionais, efetuada do ponto de vista da coletividade que é testemunha e que as interpreta e, cujos resultados contribuem para regular em certa medida a troca passional e os seus modos de expressão (FONTANILLE, 1999, p. 81, grifo nosso, tradução nossa)¹⁰¹.

Antes de avançarmos nossa análise rumo ao contágio, em destaque na citação, gostaríamos de acrescentar um breve parêntese sobre o percurso passional. Na verdade, podemos, pelo viés da historiografia, entender que o percurso passional surgiu antes de *Semiótica das paixões*. No *Bulletin* “Les passions”, de 1986, o artigo de Fontanille “Le tumulte modal: de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionnelle” evoca não apenas o percurso passional canônico como a questão do sujeito potencializado também aparece. Essa modalização pertence aos modos de existência do sujeito que, anteriormente previa apenas três tipos de sujeito: o virtualizado, o atualizado e o realizado. De acordo com Fontanille (1986, p. 23), a ordem se deve à junção e ao sujeito de estado. Mas o autor percebeu que, dispostos no quadrado semiótico, a *não-junção* pode se desdobrar em *não-conjunção* e *não-disjunção*. O primeiro é ocupado pelo sujeito virtualizado e o segundo pelo sujeito potencializado. Sem aprofundar a questão do sujeito potencializado, ele aparece no percurso da cólera como potencializante no momento do *descontentamento*, entendido como uma disposição, descrita por Fontanille como uma categoria de “passagem ao ato” ou “um fator de previsibilidade dos percursos do fazer, a partir dos acidentes do ser” (FONTANILLE, 1986, p. 25, tradução nossa)¹⁰², se possuir uma configuração passional.

Por fim, Fontanille afirma que, os sujeitos realizado e atualizado estão em relação com o objeto, enquanto os sujeitos virtualizado e potencializado se relacionam com um parceiro, isto é, em uma relação intersubjetiva. Tal distribuição lembra os papéis que o sujeito do fazer ocupa no esquema narrativo canônico: “Desse modo surge, paralelamente ao esquema narrativo canônico,

¹⁰¹ Trecho original: “Mais, d’une manière plus générale, c’est la ‘contagion’ affective que la moralisation cherche à contrôler et à limiter. Pour cela, elle procède à une évaluation des manifestations émotionnelles, effectuée du point de vue de la collectivité qui en est témoin et qui les interprète, et dont les résultats contribuent à réguler en quelque sorte l’échange passionnel et ses modes d’expression”.

¹⁰² Trecho original: “[...] un facteur de prévisibilité des parcours du faire, à partir des aléas de l’être”.

um esquema patêmico canônico [...] [que] ligaria os papéis existenciais do sujeito de estado, determinados pelas modalidades de ser” (FONTANILLE, 1986, p. 30, grifo do autor, tradução nossa)¹⁰³. Fontanille ainda ressalta que, desde Propp, o esquema narrativo canônico teve que passar por diferentes modificações e esperava que o esquema patêmico tivesse uma “gestação menos longa”.

Três anos depois, em “Les passions de l’asthme”, temos a primeira formulação do esquema passional canônico. Fontanille ao analisar o asmático percebe que ele adere à ética da retenção (comedimento) por causa do aprendizado que lhe é imposto ao saber da doença e também por causa do estatuto passional da asma (FONTANILLE, 1989b). O semiótico explica o percurso da seguinte forma:

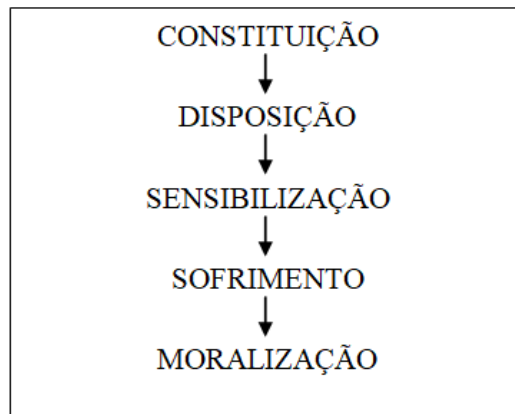
A moralização do comportamento pressupõe, portanto, a *sensibilização* que, ela é responsável por regular. Distinguiremos a esse respeito o “sofrimento” propriamente dito, com suas formas variáveis, sua duração, da “sensibilização” que, pelo jogo de focalizações e de interações entre o paciente e o seu entorno aparece como uma verdadeira “performance sensível”, um “ato” que convém distinguir de sua consequência. A “sensibilização”, ela mesma pressupõe uma “disposição”, esta “identidade modal” dinâmica, convocada no discurso para figurar como uma paixão. Enfim, a disposição modal pressupõe uma “constituição sensível” do sujeito, que seria de certo modo a “causa” original da asma (FONTANILLE, 1989b, p. 38-39, tradução nossa)¹⁰⁴.

Eis as fases do percurso patêmico canônico: constituição, disposição, sensibilização, sofrimento e moralização. E, assim, temos a primeira disponibilização desse percurso verticalmente, sem subdivisões, sem a emoção, sem a patemização, mas com o sofrimento incluído:

¹⁰³ Trecho original: “Il se dessine de ce fait, parallèlement au schéma narratif canonique, un schéma pathémique canonique [...] [qui] enchaînerait les rôles existentiels du sujet d’état, déterminés par les modalités de l’être”.

¹⁰⁴ Trecho original: “La moralisation du comportement présuppose donc la *sensibilisation*, qu’elle est chargée de réguler. On distinguera à cet égard la ‘souffrance’ proprement dite, avec ses formes variables, sa durée, de la ‘sensibilisation’ qui, par le jeu des focalisations et des interactions entre le patient et l’entourage apparaît comme une véritable ‘performance sensible’, un ‘acte’ qu’il convient de distinguer de sa conséquence. La ‘sensibilisation’ elle-même présuppose une ‘disposition’, cette ‘identité modale’ dynamique, convoquée en discours pour y figurer comme une passion. Enfin, la disposition modale présuppose une ‘constitution sensible’ du sujet, qui serait en quelque sorte la ‘cause’ originelle de l’asthme”.

Figura 11: Primeira formulação explícita do percurso patêmico canônico



Fonte: traduzido de Fontanille (1989b, p. 39).

Sabemos que este percurso é reformulado por pelo menos mais 13 anos, sendo assim, podemos considerar que o percurso na *Semiótica das paixões*, é, na verdade, sua segunda reformulação. Continuando nossa análise, destacamos na citação de Fontanille (1999, p. 89) sobre a moralização: o contágio, um dos termos do nosso esquema sensível, no domínio da sensibilidade, abordado na próxima seção.

3.4 UMA NOTA SOBRE O CONTÁGIO

O contágio afetivo que Fontanille utiliza para falar da moralização, na seção anterior, pode parecer, à primeira vista, uma palavra corriqueira em sua obra, uma vez que ela circunscreve o território do sensível comumente associada à sociossemiótica. Fazendo um recorte na história, seu uso remonta desde o final dos anos 80, mais precisamente, no artigo de Fontanille “Les passions de l’asthme” (1989); depois em *Semiótica das Paixões* (1991), em coautoria com Greimas. Dois anos depois, aparece em outro artigo de Fontanille (1993), “L’émotion et le discours”; em 1996, no artigo de Landowski, “Viagem às nascentes do sentido”, sendo a primeira formulação do autor sobre o tema que será retomado em 1998, “Sémiotique gourmande”; depois na obra *Passions sans nom*, em 2004, retomado, finalmente, em *Interactions risquées*, em 2005.

No sentido dicionarizado, conforme a definição que disponibilizamos do *Le Petit Robert* na cartografia (cf. capítulo 2), o contágio pode ser uma transmissão de uma doença a uma pessoa sã, por contato direto com um doente ou por um intermediário. O segundo sentido atribuído ao termo é uma transmissão involuntária, uma propagação.

Levando em consideração essas duas formas de ver o contágio na cultura francesa, iniciamos nosso percurso com o texto “Les passions de l’asthme”, que neste trabalho se configura como o pontapé inicial desse termo na cartografia do sensível na semiótica. No texto, Fontanille se apropria de uma doença, a *asma*, que não é contagiosa. Na verdade, ela só é contagiosa pelo componente genético. O autor utiliza a asma para falar das paixões que ela suscita e, conseqüentemente, que a forma que o percurso passional da asma assume pode, por sua vez, ser contagiosa.

O *Les passions de l’asthme* foi publicado, em 1989, pela *Nouveaux Actes Sémiotiques*, cujo prefácio escrito pelo próprio Greimas já nos deixa algumas pistas do que encontraremos na análise. Fazendo um jogo com a palavra *fôlego*, de maneira descontraída Greimas afirma que, por coincidência ou por astúcia, o discurso sobre a falta de fôlego “ne manque pas de souffle”, e reitera-o em diversos trechos do prefácio.

Segundo Greimas, nota-se inicialmente a problemática filosófica “[...] das relações do ‘corpo’ e da ‘alma’, da coabitação deles, a tal ponto que a escolha dessa ‘paixão-doença’ e do estudo feito das facetas só serve para constituir um dossiê apropriado [...]” (GREIMAS, 1989, p. 2, tradução nossa)¹⁰⁵. As paixões precisam ser estudadas de acordo com o estatuto modal do ser do sujeito, pois “é a composição modal, suas mudanças e as interrelações das modalidades constitutivas do sujeito de estado que determinam aquilo que podemos chamar a vida de uma paixão” (GREIMAS, 1989, p. 2, tradução nossa)¹⁰⁶. Greimas exalta a disposição metodológica de Fontanille que ultrapassou os estudos feitos até aquele momento sobre as paixões ao abordar uma sintaxe intermodal: “isto é, a possibilidade de engendramento e de transformações das modalidades umas pelas outras e nas outras” (GREIMAS, 1989, p. 2, tradução nossa)¹⁰⁷. Ainda sobre o modelo desenvolvido por Fontanille, Greimas acrescenta:

Porque a construção de um modelo, enquanto mostra o desdobramento sintático e narrativo da paixão, libera ao mesmo tempo uma forma particular que, indiferente aos conteúdos investidos, difere como “gênero” de outras formas comparáveis. Isso permite conceber uma cultura dada como um conjunto

¹⁰⁵ Trecho original: “[...] des relations du ‘corps’ et de l’‘âme’, de leur cohabitation, à tel point qu’il semble que le choix de cette ‘passion-maladie’ et de l’étude à facettes qui en est faite ne servent qu’à en constituer un dossier approprié”.

¹⁰⁶ Trecho original: “[...] c’est la composition modale, ses changements et les interrelations des modalités constitutives du sujet d’état qui déterminent ce que l’on peut appeler la vie d’une passion”.

¹⁰⁷ Trecho original: “[...] c’est-à-dire la possibilité d’un engendrement et de transformations des modalités les unes par les autres et dans les autres”.

articulado em “micro-semióticas” passionais que serviriam para constituir uma grade, permitindo “medir” as culturas em relação uma com as outras (GREIMAS, 1989, p. 3, tradução nossa)¹⁰⁸.

Já à guisa de conclusão, o autor levanta a problemática do que seria, afinal, o patêmico, que além de recobrir o que se entende por paixão/afetividade, também é influenciado reciprocamente pelo cognitivo, o que nos leva a crer que se reconhecia naquele momento, no *zeitgeist* da teoria, na retórica, o esforço na diminuição entre o hiato do sensível e do inteligível:

Considerada inicialmente como uma forma patêmica, de duas coisas uma: ou a massa modal investida transborda o patêmico *stricto sensu* e nós lidamos com formas noológicas gerais, ou nossa concepção daquilo que é patêmico deve ser ampliada, pois não é mais recoberta pelo termo de “paixão”, a afetividade se misturando na “cognição” e inversamente. Se assim o for, a análise das paixões é talvez o bom caminho em direção ao reconhecimento de formas gerais do “espírito humano”. Quando eu dizia que não falta fôlego ... (GREIMAS, 1989, p. 4, grifo do autor, tradução nossa)¹⁰⁹.

Primeiramente, Fontanille destaca que nesse trabalho é “impossível” determinar alguns aspectos práticos ou, até mesmo, do percurso canônico, tais quais as transformações, o antissujeito, entre outros, devido à própria narrativa do asmático. Na verdade, temos uma narrativa de acessão à sabedoria, por meio de uma ruptura, em que ocorre uma *parada* e uma *nova partida*. Fontanille acrescenta que quando há um diagnóstico, outro contrato é estabelecido, e esse novo contrato é da ordem do sujeito segundo o saber ser e o saber fazer. Passa-se do nível das questões semânticas e práticas para os valores modais, que são sintáticos, o que se trata de:

[...] reinterpretar a totalidade de uma vida sob a luz de uma *transformação modal* [...] um projeto de vida só tem sentido em função das isotopias modais que o subjazem, e não em função dos valores descritivos e concretos que ele

¹⁰⁸ Trecho original: “Car la construction d’un modèle, tout en faisant apparaître le déroulement syntaxique et narratif de la passion, en dégage en même temps une forme particulière qui, indifférente aux contenus investis, diffère en tant que ‘genre’ des autres formes comparables. Ceci permet de concevoir une culture donnée comme un ensemble articulé en ‘micro-sémiotiques’ passionnelles qui serviraient à constituer une grille, permettant de ‘mesurer’ les cultures les unes par rapport aux autres”.

¹⁰⁹ Trecho original: “Considérée d’abord comme une forme pathémique, de deux choses l’une: ou bien la masse modale investie déborde le pathémique *stricto sensu* et nous avons affaire à des formes noologiques générales, ou bien notre conception de ce qui est pathémique doit être élargie, n’est plus recouverte par le terme de ‘passion’, l’affectivité se fondant dans la ‘cognitivité’, et inversement. S’il en est ainsi, l’analyse des passions est peut-être la bonne voie vers la reconnaissance des formes générales de l’‘esprit humain’. Quand je disais que le souffle ne manque pas” ...

visa. É por isso que a análise da identidade modal do sujeito estará no centro de nosso objetivo (FONTANILLE, 1989, p. 5, grifo do autor, tradução nossa)¹¹⁰.

Sobre o auto engendramento modal, Fontanille percebe que algo acontece não só com quem tem asma, mas com as pessoas próximas do asmático, sendo assim, surge no horizonte uma sintaxe intermodal **contagiosa**, pois o asmático não consegue se comunicar bem – ele retém no lugar de exprimir quando se relaciona com objetos e com sujeitos. Segundo Fontanille (1989), a crise asmática é a retenção do ar assemelhando-se às próprias dificuldades que o asmático experimenta no mundo e, por isso, eles as descrevem nos *entretiens* como “retenção afetiva” ou “isolamento” (FONTANILLE, 1989, p. 17). Assim, entra em jogo a *protensividade do sujeito*, sua projeção em direção ao mundo/sujeito, ressalta Fontanille. É preciso lembrar que esse conceito (cf. análise de *Sémiotique des passions*) é de origem husserliana e, no texto-citante, Fontanille faz referência a Husserl (texto-citado) em nota de rodapé, explicando como ele funciona do ponto de vista semiótico:

Nota 7: A “protensividade”, conceito emprestado de Husserl, designa aqui a relação diretiva e orientada que une o sujeito tensivo – anteriormente, portanto, à aparição dos actantes sintáticos no percurso gerativo – à projeção das “formas-valores” que se tornarão objetos de valor na sintaxe narrativa (FONTANILLE, 1989, p. 19, tradução nossa)¹¹¹.

Abrindo parênteses sobre o fazer historiográfico, neste caso, em que buscamos compreender o sensível em diferentes níveis de sua elaboração e explicitação, isto é, no nível da economia geral da teoria e na maneira pela qual os autores abordam os domínios em sua retórica. Já demonstramos, em alguns momentos, a relevância do grupo de especialidades de Greimas e destacamos como o trabalho coletivo pode refletir-refratar no trabalho individual. Então, a *busca* de certas origens, não é um *tempo perdido*, porque elas nos possibilitam construir duas frentes, pelo menos: a semiótica, por um lado, e os seus desdobramentos, por outro, incluindo, nesse último, a formação e a evolução dos protagonistas. Por isso, a rede de influência via citações contribui para o que tentamos desenvolver nesta pesquisa e, por fim, para também mostrar o ciclo

¹¹⁰ Trecho original: “[...] réinterpréter la totalité d'une vie à la lumière d'une *transformation modale* [...] qu'un projet de vie n'a de sens qu'en raison des isotopies modales qui le sous-tendent, et non en raison des valeurs descriptives et concrètes qu'il vise. C'est pourquoi l'analyse de l'identité modale du sujet sera au cœur de notre propos”.

¹¹¹ Trecho original: “La ‘protensivité’, concept emprunté à Husserl, désigne ici la relation directive et orientée qui unit le sujet tensif - antérieurement, donc, à l'apparition des actants syntaxiques dans le parcours génératif - à la projection des ‘formes valeurs’ qui deviendront des objets de valeur dans la syntaxe narrative”.

da história e de sua recursividade, o horizonte retrospectivo das ideias. Assim, como já discutimos anteriormente, as citações possuem uma arquitetura que pode revelar os padrões de um grupo (ROMANCINI, 2010), além de demonstrar o próprio caráter coletivo das realizações científicas em cada momento (LEYDESDORFF, 1998).

Dito isso, retomemos à questão da protensividade. Greimas (1966) e Dosse (2014) já sinalizavam o interesse pelos estudos fenomenológicos na França, nos anos 60. Então, não é de se estranhar que na escola de Paris a fenomenologia via Merleau-Ponty e, por conseguinte, via Husserl, fizesse parte do repertório de leitura dos semioticistas, ou de suas preferências explicitadas, como em Zilberberg (Cassirer) ou em Landowski (Sartre). Assim, como, aparentemente, a tensividade em Fontanille aflora fazendo uso de alguns fundamentos husserlianos, nosso recorte da protensividade retoma o seu primeiro texto passional “Le désespoir ou les malheurs du coeur et le salut de l’esprit”, publicada nos *Documents*, em 1980, número 16, sob direção de Greimas e redação (prefácio) de Landowski, na tentativa de evidenciar textualmente o termo e corroborar com nossa aproximação.

Resumindo, no texto analisado, capítulo XV de *La semaine Sainte*, “Vendredi Saint”, escrito por Aragon (1958), Fontanille observa as transformações passionais do texto. A título de exemplo, em relação ao destinatário, temos a inquietude, a raiva, a dor e a revolta que criam o que o autor chama de “uma constelação afetiva homogênea” (FONTANILLE, 1980, p. 24). Para evitar uma análise relacionada às escolhas discursivas de Aragon, o autor sugere explorar o conjunto do campo passional virtualmente ligado à situação da narrativa, fazendo emergir todas as potencialidades. Para isso, utiliza o dicionário para inventariar os lexemas do campo (1980, p. 24). Fontanille explica que existe a “intensidade” do campo em todo o texto em relação aos “semas tímicos”. Encontra-se a disforia ao saber que: “se oporão, portanto, as paixões fundadas na certeza, como a ‘tristeza’ e o ‘medo’, e as outras fundadas na incerteza, como o ‘tédio’ e a ‘angústia’” (FONTANILLE, 1980, p. 26, grifos do autor, tradução nossa)¹¹².

Interessa-nos, sobretudo, a *aspectualização*. Nesse caso, definida como cognitiva pelo autor, pois os sujeitos do saber podem olhar tanto para *trás* quanto para *frente* na história que se desenvolve diante deles (FONTANILLE, 1980, p. 26). Acreditamos que, Fontanille apresenta nesse trecho sua primeira formulação do par retenção (para trás) vs. protensão (para frente).

¹¹² Trecho original: “S’opposeront ainsi des passions fondées sur la certitude, comme le ‘chagrin’ et la ‘crainte’, et d’autres fondées sur l’incertitude, comme l’ ‘ennui’ et l’ ‘angoisse’”.

Historiograficamente, poderíamos utilizar a noção de *adequação* proposta por Koerner (1996, cf. capítulo sobre historiografia), mas, em vez de adaptarmos ou atualizarmos um conceito-chave da obra para nosso leitor, identificamos a fonte de sua ideia, cujo desenvolvimento encontramos nas seguintes publicações de Fontanille: “Les passions de l’asthme” (1989); *Sémiotique des passions* (1991), em coautoria.

Atribuímos o caráter tensivo da protensividade à Fontanille, no lugar de Greimas, por dois motivos: o primeiro reside no fato cronológico, em que pudemos recuperar o conceito, visto que nossa hipótese poderia ser descartada pela *Semiótica das paixões* que foi publicada por Greimas e Fontanille. Além disso, Greimas aborda o tema em 1987, em *De l’imperfection*, como já mostramos também. O segundo motivo seria por causa da entrevista concedida a Portela (2006), que já retomamos para falar sobre as paixões e abordamos nos parágrafos seguintes.

Continuando nossa análise, optamos para o que chamamos (no capítulo 1) de *adequação conceitual*, uma subcategoria da bricolagem, isto é, a mudança que ocorre no amadurecimento/desenvolvimento intelectual do autor estudado, recuperado por meio das provas-textuais encontradas na *imanência* da obra, das *citações* e da *contextualização* (o clima da época).

Como chegamos a essa conclusão? Para responder a essa questão, primeiramente, recortamos um trecho específico do *Desespero*, em que Fontanille explica o par *para frente e para trás* da seguinte forma:

Um soldado, prisioneiro em Béthume, querendo considerar este “abandono”, só poderá fazer isso ao custo de um retorno ao passado, porque sua dêixis cognitiva-enunciativa que determina sua posição no espaço e no tempo [...] nós chamaremos ‘**retrospecção**’ esse deslocamento cognitivo no tempo, que permite de se juntar a um /saber/ sobre fatos anteriores (FONTANILLE, 1980, p. 27, grifo nosso, tradução nossa)¹¹³.

Na aspectualização cognitiva, há a coincidência entre a observação e o fato observado, e a não-coincidência é dada pela **retrospecção** ou **prospecção** dos elementos pertencentes à “constelação afetiva” do texto que é disponibilizada em uma primeira tentativa de sintaxe passional, cujas escolhas conceituais são modalizadas pelo próprio autor: “[...] para enfatizar o aspecto construído e hipotético-dedutivo do sistema, propomos “metatermos passionais”

¹¹³ Trecho original: “Un soldat, prisonnier dans Béthume, voulant considérer cet ‘abandon’, ne pourra le faire qu’au prix d’un retour en arrière, parce que sa deixis cognitive-énonciative, qui détermine sa position dans l’espace et le temps [...] nous appellerons ‘**retrospection**’ ce déplacement cognitif dans le temps, qui permet de se conjindre à un /savoir/ portant sur des faits antérieurs”.

arbitrários (e algumas vezes “inventados”)” (FONTANILLE, 1980, p. 28, tradução nossa)¹¹⁴. Fica claro que na *adequação conceitual*, o conhecimento perpassa por modificações, acréscimos, reduções, pode apresentar dúvidas, hesitações, etc.

Para concluirmos esse sobrevoo da influência na questão da protensividade, buscamos novamente nas palavras de um Fontanille “outro” que diz para Portela que na escrita a dois, na *Semiótica das paixões*, embora o objetivo fosse um, eles dispunham de concepções diferentes, sobretudo no aspecto relativo à tensão, que surgia por meio da ruptura. Ele destaca: “[...] daí a tensão nesse livro entre a recordação do ‘adquirido’ e a promoção da perspectiva tensiva” (FONTANILLE in PORTELA, 2006, p. 16, tradução nossa)¹¹⁵.

Feita mais uma digressão, retomamos nosso percurso rumo ao contágio. Fontanille (1989) explica que a identidade modal do sujeito apaixonado pode ter efeitos somáticos: o sofrimento que afeta o corpo é transformado em paixão via sentir e a paixão só afeta o corpo por intermédio das modalidades que ela mesma *sensibiliza*. O pesquisador exemplifica que a angústia é bi-isotopa, uma vez que é uma figura passional, tanto corporal quanto psíquica. Esses aspectos nos levam para a sensibilização do dispositivo modal.

Independentemente de ser uma paixão corporal ou da alma, a paixão do sujeito asmático é sempre modal. Por isso, uma tipologia sensível poderia contribuir para mostrar como os universos passionais reorganizam a modalização dos sujeitos e a sensibilização projeta seus próprios recortes em suas identidades modais (FONTANILLE, 1989, p. 25). É possível notar, entre os entrevistados, que a paixão da asma é **contagiosa**, possivelmente disseminada na **interação** entre o paciente e as pessoas ao seu redor via dispositivo modal sensibilizado (FONTANILLE, 1989, p. 28) ou, ainda, uma paixão que se **compartilha**, se recategoriza e se troca, mesmo se invertendo (FONTANILLE, 1989, p. 30). Acrescenta-se isso ao fato de que não seria uma característica exclusiva da asma, já que ocorreria também no desespero e em outras paixões:

Esse fenômeno não é específico da asma. Na interação, o desespero de um pode suscitar a autocomiseração, a solicitude ou irritação, possivelmente a indiferença de outro; a satisfação de um origina a felicidade em outro, mas também a inveja ou o ciúme. Uma única constante, sempre: o contágio passional. Daríamos

¹¹⁴ Trecho original: “[...] Pour souligner l’aspect construit et hypothético-déductif du système, nous proposons des ‘métatermes passionnels’ arbitraires (et quelquefois ‘inventés’)”.

¹¹⁵ Trecho original: “[...] affirmer la ‘continuité’; la mienne portait plutôt à la ‘rupture’; d’où la tension, dans ce livre, entre le rappel des ‘acquis’ et la promotion de la perspective tensive”.

apenas um nome à dificuldade teórica dizendo que os objetos tímicos são “participativos” (FONTANILLE, 1989, p. 30, tradução nossa)¹¹⁶.

A noção de (sim)patia também aparece no dispositivo modal, uma vez que ela presentifica uma espécie de história anterior entre os interagentes, sendo uma característica da ordem da espontaneidade e do instintivo, aparecendo incoativamente na interação, da mesma forma que a emoção (FONTANILLE, 1989, p. 32). Finalmente, segundo Fontanille, a partilha passional só é possível por meio do contágio passional e da circulação dos dispositivos modais já sensibilizados. Devido à identidade insatisfeita do asmático, ressalta o autor, a experiência sensível só será possível por intermédio da circulação dos simulacros ditos passionais. Só assim, os asmáticos encontrariam a (sim)patia, isto é, ao construírem um actante coletivo que compartilhe da mesma experiência sensível, permitindo, também, conseqüentemente, que ocorra uma comunicação verdadeira (FONTANILLE, p. 45-46).

No artigo “Viagem às nascentes do sentido”, escrito por Landowski, em 1996, temos o primeiro esboço do que seria o contágio do sentido pelo viés da sociossemiótica. Fazendo uma análise da apreensão de uma obra de arte, de como ir ao encontro do prazer estético, Landowski se questiona se seria possível separar a emergência do sentido do *fazer sentir*? O semioticista afirma que, o estético e o estésico não se separam exatamente, sobretudo na obra de arte, exemplificando com as mensagens com que nos deparamos quando visitamos um museu: “Proibido tocar!”. Nessa simples mensagem existe “um claro convite a recordar que, na procura do nosso prazer (ou na do sentido – é quase a mesma coisa), não se pode separar o componente estésico do estético, e vice-versa (LANDOWSKI, 1996, p. 38).

Extrapolando sua análise, Landowski salienta que “as manifestações do corpo do outro” nas nossas leituras do dia a dia, da ordem da espontaneidade, suscitam em nós uma presença dos “modos de estar” que podem ser transferidos, que podem nos tocar, nos comover (LANDOWSKI, 1996, p. 38). Essa transmissão não é um aspecto simples da comunicação, é, segundo Landowski, uma *identificação psicossomática* sem mediação entre sujeito e objeto (espreguiçar, bocejar, etc., por exemplo). Essa ausência da mediação com o objeto-valor é explicitada nas obras do autor em termos de união em vez do regime da junção. Por enquanto, continuamos com a definição dada ao contágio. Landowski prossegue demonstrando a

¹¹⁶ Trecho original: “Ce phénomène n'est pas spécifique de l'asthme. Dans l'interaction, le désespoir de l'un peut susciter l'apitoiement, la sollicitude ou l'irritation, voire l'indifférence de l'autre; la satisfaction de l'un naître chez l'autre la joie, mais aussi l'envie ou la jalousie. Une seule constante, toujours: la contagion passionnelle. On ne ferait que donner un nom à la difficulté théorique en disant que les objets thymiques sont ‘participatifs’”.

identificação entre dois corpos com o filme de Stan Laurel e Oliver Hardy, onde o riso da sala “é provocado *unicamente* pelo rir, cada vez mais inextinguível” (LANDOWSKI, 1996, p. 39, grifo do autor).

O riso permanecerá nas obras ulteriores de Landowski, lembrando que entre os dois sentidos que destacamos no dicionário *Le Petit Robert*, o riso aparece como exemplo do contágio, pois é uma transmissão involuntária, é uma propagação. Assim, certas “perturbações” do nosso cotidiano evocam nossa participação “em graus variáveis”, destaca Landowski, “da própria experiência assim exteriorizada: por ‘simpatia’ [...] por contágio, já que aí a relação intersomática se sobrepõe à intersubjetiva [...]” (LANDOWSKI, 1996, p. 39). E mais: “o efeito do contágio não se distingue da apreensão duma significação: nesse gênero de transmissão corpo a corpo, o que imediatamente ‘se sente’ é ‘o sentido’ mesmo. O sentido é sentido”, diz Landowski (1996, p. 39).

Em que medida o pesquisador desconhecia os textos de Fontanille sobre o contágio não sabemos. Mas as duas abordagens se assemelham em muitos aspectos, mesmo que os autores tenham partido de análises diferentes. Fontanille, parte do ponto de vista de uma doença que desperta paixões contagiosas, ressaltando que isso também acontece em outras paixões (o desespero, por exemplo). E Landowski parte da transmissão de uma paixão cotidiana, ou sem nome. No entanto, ele faz uso dos dois sentidos dicionarizados, em *Passions sans nom* (2004), ao falar novamente do riso e da gripe. Isso reflete, de certa maneira, a dispersão do grupo de especialidades de semiótica. A dispersão no eixo da extensidade não ocorre de repente, preferências teóricas e de outros tipos podem ser sentidas em diferentes momentos dentro de um grupo, e possíveis diálogos teóricos são interrompidos mesmo antes de existirem.

Continuamos nossa análise com *Passions sans nom* (2004), uma vez que a obra integra o pensamento do autor em torno da questão do sensível¹¹⁷. Landowski reforça, na introdução, o surgimento do conceito de contágio em sua teoria como tentativa de ultrapassar o dualismo ainda existente na semiótica, segundo ele, entre o inteligível e o sensível para poder analisar as paixões que a língua não nomeou. Por isso, paixões sem nome:

Foi na ocasião de um simpósio organizado em 1995 por Ignacio Assis Silva, hoje desaparecido, sobre as condições de uma abordagem semiótica das relações entre *corpo* e *significação* que introduzimos a ideia de contágio [referência ao

¹¹⁷ Landowski comunica ao leitor, em nota de rodapé (cf. p. 11), com exceção do capítulo III – inédito - que os demais capítulos são compostos por artigos publicados anteriormente e reescritos, incluindo os textos que abordam *o contágio* (1996; 1998; 1999), discutido por ele desde “Viagem às nascentes do sentido”.

texto “Viagem às nascentes do sentido”] como matriz de todo um conjunto de paixões interativas e estéticas. A explicação desta proposição neste volume faz parte da teoria do significado em geral e representa, pelo menos a nosso ver, uma maneira possível de ir além da visão dualista mencionada acima [separação entre o inteligível e o sensível], que permanece hoje ainda muito pregnante no nosso domínio (LANDOWSKI, 2004, p. 10, grifo do autor, tradução nossa)¹¹⁸.

Do ponto de vista historiográfico, observamos com frequência na retórica do pós-greimasianos, a necessidade de apontar a ruptura que suas obras procuram estabelecer e, ao mesmo tempo, de advertir o leitor que *apesar de* suas proposições, ainda permanecem no quadro da semiótica geral, isto é, das proposições de Greimas. Landowski explica justamente isso, sua preferência por uma semiótica tal qual as paixões que ele analisa, uma semiótica sem nome: “[...] é a própria semiótica, sem prefixo ou adjetivo [...] de todas as semióticas imagináveis, a que teria de longe nossa preferência, seria ainda, como para as paixões, uma semiótica sem nome” (LANDOWSKI, 2004, p. 11, tradução nossa)¹¹⁹.

Segundo Bueno *et al.* (2010), Landowski introduz o conceito de união, em que a interação se dá no sentido sentido. O sensível na interação surge dos estudos feitos sobre as paixões e a semiótica tensiva, no entanto, para o autor, existe uma possibilidade de ultrapassar o texto e compreender o sentido na interação (BUENO *et al.*, 2010, p. 25-26). A noção de união trata do ser e do estar-no-mundo, distinguindo-se da relação entre sujeito-objeto da semiótica conjunta:

Desse modo, vemos que, para Landowski, não existem somente interações mediatizadas pelos objetos (ou sujeitos), mas também aquelas não mediatizadas, da ordem do ser e não do ter. Ao integrar na análise as dimensões da presença, do sensível e do estético, ele propõe a existência do regime da união (e não somente o da junção) baseado no “contágio” entre os sujeitos, em que o contato direto, isto é, a co-presença interativa dos actantes gera sentido e cria novos valores (BUENO *et al.*, 2010, p. 25).

Na leitura de *Passions sans nom* (2004) e *Les interactions risquées* (2006), não podemos não observar, assim como apontam Bueno *et al.* (2010) e Fontanille (2017), as críticas de Landowski a *Sémiotique des passions*, distanciando-se (ou tentando se distanciar) das

¹¹⁸ Trecho original: “C'est à l'occasion d'un colloque organisé en 1995 par Ignacio Assis Silva, aujourd'hui disparu, sur les conditions d'une approche sémiotique des relations entre *corps* et *signification* que nous avons introduit l'idée de contagion comme matrice de tout un ensemble de passions interactives et esthétiques. L'explicitation de cette proposition au fil du présent volume s'inscrit dans le cadre de la théorie du sens en général et représente, du moins à nos yeux, une voie possible en vue du dépassement de la vision dualiste évoquée plus haut, qui reste aujourd'hui encore fortement prégnante dans notre domaine”.

¹¹⁹ Trecho original: “[...] est la *sémiotique même*, sans préfixe ni adjectif [...] de toutes les sémiotiques imaginables, celle qui aurait de loin notre préférence, ce serait encore, comme pour les passions, une sémiotique sans nom”.

proposições feitas por Greimas e Fontanille, e “aproximando-se” mais de *De l'imperfection* no que diz respeito às contribuições da fenomenologia na semiótica e ao conceito de estesia, que também é criticado enquanto é entendido apenas do ponto de vista catastrofista. Para Fontanille, Landowski se distancia, pois “[...] na perspectiva das interações e das experiências que nós fazemos, o encontro entre os corpos, o confronto ao outro, as estesias e os afetos que esse produz, e mesmo as ações e reações que se seguem são inseparáveis” (FONTANILLE, 2017, p. 15, tradução nossa)¹²⁰.

Além de inseparáveis, relembra Fontanille, elas são frequentemente sem nome. Assim, ao se distanciar da teoria das paixões desenvolvida por Greimas (e por Fontanille), a justificativa acontece quando os autores de *Semiótica das paixões* não oferecem os meios para analisar “esse misto indissociável”, porque estudam as paixões de ruptura, descartando o cotidiano afetivo e, também, por utilizarem como instrumentos de análise as modalidades da semiótica de ação (FONTANILLE, 2017).

Já mencionamos nesta tese que o livro *Semiótica das paixões* não cumpriu todas suas promessas, esse fato é atestado pelos autores (cf. entrevista de Fontanille, 2006). Eles mesmos destacam que, naquele momento, consideraram os casos limites das paixões, em que a pontualidade incoativa fratura o discurso cujo sentir “transborda” o perceber. No entanto, isso não significa que não reconheçam as paixões cotidianas. Greimas e Fontanille (1991) demonstram que as paixões são definidas segundo a cultura em um determinado lugar e um determinado tempo.

Segundo os autores, um pedaço de discurso ou *vida* pode ser visto como paixão ou como outro arranjo qualquer, uma vez que todas as coisas são iguais, o excedente passional depende da sensibilidade. Ainda assim, seria difícil de separar a sensibilização “ondulante” presente nas “formas cotidianas do discurso passional” da tensividade que está sempre presente (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 18). Podemos concluir que em 1991 já existia a questão da afetividade no cotidiano, mas, naquele momento, por uma escolha metodológica, os autores estudaram as paixões “violentas”.

¹²⁰ Trecho original: “[...] dans la perspective des interactions et des expériences que nous en faisons, la rencontre des corps, la confrontation à autrui, les esthésies et les affects que cela produit, et même les actions et réactions qui en découlent, sont inséparables”.

Continuando sua análise sobre *Passions sans nom*, Fontanille afirma que a semiótica erigida por Landowski, isto é, a semiótica da união, não a da junção, se define por um processo em que os corpos interagem, transmitindo *os efeitos de sentido* via *contágio*:

[...] um processo muito original (talvez um pouco otimista) da produção do sentido: o sentido está desde o começo no sensível, e emerge dos corpos em interação e em co-construção, e mais precisamente da capacidade desses corpos de transmitir efeitos de sentido por *contágio* (inter-corporal). A configuração da *união* pressupõe, na experiência sensível, uma interação global e, de início corporal; ela implica, como modo de semiose, o *contágio do sentido*, e adota como forma de processo, equivalente à enunciação prática desse sentido, o *ajustamento* entre os actantes (FONTANILLE, 2017, p. 16, grifos do autor, tradução nossa)¹²¹.

Retomando o exemplo do riso¹²², Landowski afirma que *ver rir* nos *faz rir*, pois a co-presença do estado somático vivido pelo outro teria o efeito quase “automático” de nos fazer “contrair” o mesmo estado (LANDOWSKI, 2004, p. 114). Para contrapor os diferentes tipos de contágio, ele usa a gripe como contraexemplo, cuja contaminação não demanda apenas o testemunho do outro corpo, é necessário a presença de um agente transmissor para a efetivação do contágio *intersomático*. Além disso, na interação contagiosa (do riso), não há uma operação de conjução entre sujeito-objeto: “[...] é um estado que nos toma sem intervenção de nenhum agente transmissor externo: não há vírus, nem *vetor* físico-químico do riso disparatado” (LANDOWSKI, 2004, p. 115, tradução nossa)¹²³.

Pensando na emergência do sentido, temos aqui a forma de ser-no-mundo e de interagir com o outro. No caso do riso imediato que acontece à *custa de si mesmo* na relação com o outro, Landowski (2014) destaca que a competência “objetivante” é suspensa em prol de uma outra relação, a da reciprocidade entre dois tipos de corpos: o sensível e o sentido, indo em direção do “éprouvant à éprouvé” (LANDOWSKI, 2014, p. 117). Como ressaltam Bueno *et al.* (2010), Landowski estuda estesias da ordem do coletivo, que ocorrem por meio do contágio que é “[...]”

¹²¹ Trecho original: “[...] un processus très original (peut-être un peu optimiste) de production du sens: le sens est d'emblée dans le sensible, et il émerge des corps en interaction et en co-construction, et plus précisément de la capacité de ces corps à transmettre des effets de sens par *contagion* (inter-corporelle). La configuration de l'*union* présuppose, dans l'expérience sensible, une interaction globale, et d'abord corporelle ; elle implique, comme mode de semiose, la *contagion du sens*, et elle adopte comme forme de procès, équivalent à l'énonciation pratique de ce sens, l'*ajustement* entre les actants”.

¹²² Cf. “Viagem às nascentes do sentido”, Landowski, 1996.

¹²³ Trecho original: “[...] c'est un état qui nous prend sans l'intervention d'aucun agent transmetteur externe: il n'y a pas de virus, pas de *vecteur* physico-chimique du fou rire”.

uma forma de fazer ser que está baseada no contato ‘corpo a corpo’ entre actantes, ou ainda, no interagir mútuo deles, cada um na presença imediata do outro. [...] Landowski considera o sentido como uma realidade permanentemente presente ao lado do sujeito social” (BUENO *et al.*, 2010, p. 27).

Bem próximos de fechar este capítulo, recuperamos brevemente a questão do afeto em Zilberberg, no texto *Précis de grammaire tensive*, publicado em 2002. Primeiramente, é interessante notar que no resumo de seu texto, Zilberberg aponta que a afetividade não é apenas mais uma convidada na produção do sentido, ela está simplesmente na “direção” de todo o processo da constituição do sentido: “[...] nosso estudo propõe que sobre a semiótica das oposições – a qual continua em vigência no estruturalismo – prevaleça uma semiótica dos intervalos, reconhecendo a primazia da afetividade, uma vez que nossas vivências são antes de mais nada (e talvez nada mais que) medidas” (ZILBERBERG, 2006b, p. 164). Sobre a primazia da afetividade, ao tratar da tensividade, em termos de estruturas amplas, explica que a estesia e a foria demoraram a assumir um lugar definitivo como “categorias de primeira ordem” na semiótica. Por isso, ele a recepciona em um lugar de destaque, ou seja, na intensidade de seu modelo, “como grandeza regente do par derivado da esquizia inaugural” (ZILBERBERG, 2006b, p. 169).

A tensividade se divide em intensidade e extensidade: “(i) a tensividade é o lugar imaginário em que a intensidade – ou seja, os estados de alma, o sensível – e a extensidade – isto é, os estados de coisas, o inteligível – unem-se uma a outra [...]” (ZILBERBERG, 2006b, p. 169). Assim, o autor segue estabilizando categorias tensivas e chega à elaboração de um quadro de valências em que a temporalidade aparece como uma subdimensão (relacionada aos foremas de posição, direção e elã). Embora o autor constate que a temporalidade seja uma categoria analisável, ela causa problemas. Entre os três foremas, ele entende que os sujeitos podem se apropriar da temporalidade no elã:

[...] seguras, indubitáveis, a *brevidade* e a *longevidade* medem a duração e, à custa de certas convenções, mantêm-se sob nosso controle; é provável que, em matéria de tempo, jamais venhamos a fixar verdades definitivas, porém essa ignorância não nos pesa, permanecendo alheia ao uso, ao “emprego” do tempo, tal como este sobressai na espera, na paciência ou na impaciência, essas paixões comuns do tempo (ZILBERBERG, 2006b, p. 177).

Finalizamos o capítulo da passionalidade seguindo o princípio de que o sensível permeou diferentes vertentes de semiótica. Ele sempre esteve lá: coloração modal, contágio, lexicalizado em paixões limites, sem nome, em percursos, na intensidade. Passemos então ao domínio da sensibilidade e aos termos que o circunscrevem, mas não sem antes destacar a primeira contradição terminológica do nosso esquema do sensível. Pelas pré-definições do dicionário de língua, que refletem o senso-comum, nós havíamos colocado o termo contágio no domínio da sensibilidade pelo caráter do toque, isto é, da sensação. No entanto, no tratamento dos dados, embora Fontanille e Landowski apontem para os aspectos da sensibilidade(zação) e do contato, nos pareceu, durante as análises, que a questão da passionalidade sobrepôs a da sensibilidade na abordagem semiótica. Por isso, decidimos deixar o termo no lugar em que ele mais se evidenciou no cópuz.

4. O LUGAR NÃO-LINGUÍSTICO DO SENTIDO: A SENSIBILIDADE

Le monde du peintre est un monde visible, rien que visible, un monde presque fou, puisqu'il est complet n'étant cependant que partiel (MERLEAU-PONTY, 1983, p. 26).

Ao abordar o estatuto da significação, Greimas ressalta que o “mundo humano parece definir-se essencialmente como o mundo da significação” (GREIMAS, 1966, p. 5, tradução nossa)¹²⁴ e, como tal, o autor faz sua primeira escolha epistemológica em sua *Semântica*, isto é, a de colocar “a percepção como o lugar não-linguístico onde se situa a apreensão da significação” (GREIMAS, 1966, p. 8, tradução nossa)¹²⁵. Quando se trata da entrada da percepção na semiótica ou do sensível, esse trecho é de longe o mais citado pelos semioticistas (Beividas, Fontanille, Klinkenberg, Parret, Landowski, etc.), confirmando o papel da historiografia linguística, em especial, no caso da semiótica e de suas ramificações, uma vez que existem diferentes pontos de vista oriundos do mesmo lugar.

Inicialmente, a percepção aparece na semiótica via Merleau-Ponty (2011). O filósofo afirma que é por estarmos no mundo que nossas percepções se explicitam, permitindo que nos conheçamos:

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada, ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto cuja lei de constituição eu trago comigo, ele é o meio natural e o campo de todos meus pensamentos e de todas minhas percepções explícitas, A verdade não “habita” somente o “homem interior”, ou melhor, não há homem interior, o homem está no mundo, e é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 16, tradução nossa)¹²⁶.

Em um primeiro momento, o elo entre o homem e o mundo é o sensível, desdobrando-se no mundo semiótico. Em um segundo momento, esse elo desdobra-se no mundo da significação, ou seja, no da inteligibilidade. É pela percepção do mundo natural – anterior ao próprio

¹²⁴ Trecho original: “Le monde humain nous paraît se définir essentiellement comme le monde de la signification”.

¹²⁵ Trecho original: “La perception comme le lieu non linguistique où se situe l’appréhension de la signification”.

¹²⁶ Trecho original: “La perception n'est pas une science du monde, ce n'est pas même un acte, une prise de position délibérée, elle est le fond sur lequel tous les actes se détachent et elle est présupposée par eux. Le monde n'est pas un objet dont je possède par devers moi la loi de constitution, il est le milieu naturel et le champ de toutes mes pensées et de toutes mes perceptions explicites, La vérité n' 'habite' pas seulement l' 'homme intérieur', ou plutôt il n'y a pas d'homme intérieur, l'homme est au monde, c'est dans le monde qu'il se connaît”.

entendimento do homem – e de suas qualidades sensíveis que é possível construir, edificar o sentido do mundo, ou ainda, de si próprio.

Feita sua primeira escolha epistemológica, Greimas reforça que a semântica é uma tentativa de descrever as figuras do mundo sensível. Primeira vez, também, que a palavra sensível aparece na obra para conotar o interior do mundo comum (mundo sensível). Para descrever as figuras desse mundo sensível, o autor lança mão dos conceitos fenomenológicos de propriocepção, interocepção e exterocepção:

Mas a afirmação de que as significações do mundo humano se situam no nível da *percepção* consiste em definir a exploração no interior do mundo do senso comum ou, como dizemos, do mundo *sensível*. A semântica se reconhece assim abertamente como uma tentativa de descrição do mundo das qualidades *sensíveis* (GREIMAS, 1966, p. 9, grifos nossos, tradução nossa)¹²⁷.

Com posicionamento marcado em *Semântica Estrutural*, Greimas continua selecionando quais são as unidades operacionais que constituem a significação. Entre os conceitos, temos o significante e o significado, um pressupondo o outro. Entende-se por significante os elementos que “[...] tornam possível a aparição da significação no nível da percepção” (GREIMAS, 1966, p. 10, tradução nossa)¹²⁸ e são exteriores ao homem. O segundo termo são as “[...] significações que são recobertas pelo significante e manifestadas graças a sua existência” (GREIMAS, 1966, p. 10, tradução nossa)¹²⁹.

Os significantes exteriores ao mundo humano são apreendidos no nível da percepção quando se manifestam através das qualidades sensíveis no nosso mundo dito natural. Assim, Greimas seguindo uma lógica sensorial propõe que a partir da relação inextricável entre significante e significado, temos uma “totalidade significante”, cujos significantes podem seguir uma ordem visual, auditiva, tátil etc.:

Para constituir os primeiros elementos de uma terminologia operacional, designaremos com o nome de *significante* os elementos ou grupos de elementos que tornam possível a aparição da significação no nível da **percepção**, e que são reconhecidos, neste momento, como exteriores ao homem. Com o nome *significado*, designaremos a significação ou significações que estão recobertas

¹²⁷ Trecho original: “Mais l’affirmation que les significations du monde humain se situent au niveau de la perception consiste à définir l’exploration à l’intérieur du monde du sens commun, ou, comme on dit, du monde sensible. La sémantique se reconnaît ainsi ouvertement comme une tentative de description du monde des qualités sensibles”.

¹²⁸ Trecho original: “[...] qui rendent possible l’apparition de la signification au niveau de la perception”.

¹²⁹ Trecho original: “[...] significations qui sont recouvertes par le signifiant et manifestées grâce à son existence”.

pelo significante e manifestadas graças a sua existência [...] Como os significantes são, segundo esta primeira definição, supostamente apreendidos na **percepção**, nos seus status de não-pertencimento ao mundo humano, eles são, portanto, automaticamente colocados no mundo natural manifestado no nível das qualidades sensíveis. Uma primeira classificação dos significantes, seguindo a ordem sensorial à qual pertencem, pode ser considerada. Assim, os significantes – e os conjuntos significantes – podem ser: - de ordem visual; - de ordem auditiva; - de ordem tátil; - etc. (GREIMAS, 1966, p. 10, tradução nossa, grifos nossos)¹³⁰.

Segundo Greimas, essa classificação segue uma ordem considerada como não-linguística que pode ser “apreendida” e pode estabelecer o mundo sensível como “significação” (GREIMAS, 1966, p. 10-11). Mais adiante, o pesquisador delinea a primeira concepção de estrutura para a significação, deixando de lado, de certa forma, as pré-condições da significação, isto é, o que acontece no contínuo. Ainda assim, o sensível, enquanto percepção, tem papel fundamental mesmo nesta primeira fase da semiótica, pois a “única forma” em que a problemática da significação pudesse ser abordada, passa pela constatação da existência das descontinuidades no plano da percepção e dos recortes diferenciais “criadores de significação”: “percebemos diferenças e, graças a essa **percepção**, o mundo ‘toma forma’ diante de nós e para nós” (GREIMAS, 1966, p. 19, grifo nosso, tradução nossa)¹³¹. Segundo Greimas, para que a significação possa emergir é necessária a apreensão de, no mínimo, dois termos-objetos presentes ao mesmo tempo e da relação entre eles, retomando assim a máxima saussuriana de que na língua só há diferenças.

Desenvolvendo sua definição de estrutura, Greimas ressalta que o “modo de existência” dos termos-objetos dado na percepção nos conduziria ao questionamento do que é a própria “percepção” (GREIMAS, 1966, p. 19) e, assim, retoma os conceitos de identidade e de continuidade para melhor compreendê-la. O primeiro é visto como um elemento essencial na

¹³⁰ Trecho original: “Pour constituer les premiers éléments d’une terminologie opérationnelle, on désignera du nom de *signifiant* les éléments ou les groupements d’éléments qui rendent possible l’apparition de la signification au niveau de la perception, et qui sont reconnus, en ce moment même, comme extérieurs à l’homme. Du nom de *signifié*, on désignera la signification ou les significations qui sont recouvertes par le signifiant et manifestées grâce à son existence [...] Comme les signifiants sont, selon cette première définition, censés être saisis, lors de la perception, dans leur statut de non-appartenance au monde humain, ils sont donc automatiquement rejetés vers l’univers naturel manifesté au niveau des qualités sensibles. Un premier classement des signifiants, suivant l’ordre sensoriel dont ils relèvent, peut être envisagé. Ainsi, les signifiants – et les ensembles signifiants – peuvent être:

- D’ordre visuel
- D’ordre auditif
- D’ordre tactile
- Etc”.

¹³¹ Trecho original: “Nous percevons des différences et, grâce à cette perception, le monde ‘prend forme’ devant nous et pour nous”.

apreensão de dois termos-objetos que precisam tanto da identidade, quanto da diferença. O segundo reaparece, de acordo com Greimas (1966), ligado ao descontínuo, mas dessa vez em termos de conjunção e de disjunção.

Notadamente, entende-se que a percepção está presente em diversos trechos, hesitante, de certa maneira, para o leitor tirar suas próprias conclusões. Quando Greimas escreve, por exemplo, sobre a natureza da percepção, ele utiliza o tempo verbal do condicional presente do francês: “[...] à l’expression *présence*, elle n’est pas analysable à ce niveau: elle implique, en effet, le mode d’existence des termes-objets dans la perception; elle **conduirait** à s’interroger sur la nature même de la perception” (GREIMAS, 1966, p. 19, grifo nosso), permitindo-nos sentir essa hesitação e, extrapolando a interpretação, nos questionamos se o sensível era em si uma incerteza, assim, como afirmam alguns semioticistas atualmente. Para Bevidas (2011), Greimas coloca a percepção na *Semântica Estrutural* com intuito de enfrentar as aporias da teoria e essa hipótese se confirmaria, segundo Bevidas, em uma entrevista concedida a Parret, em 1987. Nela, o último Greimas diz que o mundo definido pela semiótica enquanto rede relacional só pode existir “*ultrapassando a percepção e considerando a existência semiótica como pura idealidade*” (1987, p. 314 apud BEVIDAS, 2011, p. 23, grifo do autor). Posteriormente, voltamos a essa hipótese.

Contradizendo o último Greimas e concordando com as ideias da *Semântica Estrutural* (cf. p. 19), que nos remetem tanto a Saussure quanto à fenomenologia no que concerne a nossa percepção das diferenças entre dois termos-objetos para que a significação se desvele, tal como já mencionado, pode-se dizer que o modo de existência é, afinal, a presença que precisa da identidade e da diferença para ter seu modo realizado. Ideia essa que permanece no desenrolar da teoria, pois Fontanille – quando trata do inteligível e dos valores – afirma:

Se partirmos da apreensão sensível de uma qualidade – ainda a cor vermelha, por exemplo -, as experiências de Berlin e Kay, entre outras, mostram-nos que nós nunca percebemos o vermelho, mas uma determinada posição em uma gama de vermelhos, posição que identificamos como mais ou menos vermelha que as outras. Como se podem constituir “valores” nessas condições? É necessário – e suficiente – que duas gradações dessa cor sejam relacionadas a dois graus de uma outra percepção, como o gosto das frutas que têm essa cor, por exemplo. Somente assim, poderemos dizer que há uma *diferença* entre as gradações da cor, bem como entre as gradações do gosto. Então, **o valor de uma nuance da cor será definido por sua posição, ao mesmo tempo, em relação às outras nuances da cor e em relação às diferentes “nuanças” do gosto** (FONTANILLE, 2007, p. 48, grifo nosso).

Esse trecho nada mais é do que um lembrete perpétuo aos historiógrafos. As teorias se desenvolvem, muito provavelmente, mais próximas da continuidade (Saussure, Merleau-Ponty, Greimas) do que da ruptura total. Percebemos como acréscimo à identidade/diferença, o aspecto da posição (visada e apreensão), que seria um ganho, um passo a mais no avançar da teoria, sobretudo na tentativa de “reduzir” o “hiato” entre o sensível e o inteligível.

Sobre a questão dos termos-objetos, que possuem como propriedade os *semas*, Greimas decide por denominá-los *lexema*, porque ao tratar de uma qualidade de algo (por exemplo, a feminilidade é a propriedade de garota), falta-lhe o sentido apropriado para esse aspecto de sua análise. E para fundamentar sua escolha, ele opta pelo plano “fenomenológico, isto é linguístico”. Além dessa inusitada analogia entre linguística e fenomenologia, ele entende que as *qualidades* definem as *coisas*: “[...] o sema *s* é um dos elementos constitutivos do termo-objeto A e que, este, ao final de uma análise exaustiva, se define como a coleção de semas *s*₁, *s*₂, *s*₃, etc.” (GREIMAS, 1966, p. 27, tradução nossa, grifos do autor)¹³². Tal ideia remete-nos ao trabalho do filósofo B. Russell e, por meio do reconhecimento público (texto-citante e texto-citado), podemos recuperar o que ele quis dizer com “o senso comum considera uma coisa como tendo qualidades, mas não como definida por elas” (*Signification et vérité*, p. 113, apud GREIMAS, 1966, p. 27, tradução nossa)¹³³. Segundo o autor, nós não experimentamos a coisa em si, mas o conjunto de suas qualidades e é esse conjunto que define a coisa em si em um determinado espaço-tempo:

O senso comum considera uma “coisa” como tendo qualidades, mas não como definida por elas; a coisa é definida pela posição espaço-temporal. Gostaria de sugerir que, onde quer que haja, para o senso comum, uma “coisa” com a qualidade C, devemos dizer, em vez disso, que o próprio C existe naquele lugar, e que a “coisa” deve ser substituída pela coleção de qualidades existentes no local em questão. Assim, “C” se torna um nome, não um predicado. [...] Nós experimentamos qualidades [...] (RUSSELL, 1956, p. 98, tradução nossa)¹³⁴.

Continuando nossa análise e passando para o capítulo “Nível Semiológico” (figurativo), Greimas ressalta nesse trecho a autonomia dos dois níveis da linguagem (o semântico e o

¹³² Trecho original: “[...] le sème *s* est un des éléments constituant le terme-objet A, et que celui-ci, au bout d’une analyse exhaustive, se définit comme la collection des sèmes *s*₁, *s*₂, *s*₃, etc.”.

¹³³ Trecho original: “Le sens commun considere une chose comme ayant des qualités, mais non comme définie par elles”.

¹³⁴ Trecho original: “Common sense regards a “thing” as having qualities, but not as defined by them; it is defined by spatio-temporal position. I wish to suggest that, wherever there is, for common sense, a “thing” having the quality C, we should say, instead, the C itself exists in that place, and that the “thing” is to be replaced by the collection of qualities existing in the place in question. Thus “C” becomes a name, not a predicate. [...] we experience qualities”.

semiológico) que, ao serem considerados juntos, representam o universo imanente da significação. Entretanto, a fim de melhor definir a semântica estrutural, retoma as abordagens com as aproximações semiológicas da época, criticando os estudos genéticos e do simbolismo. Para se diferenciar da abordagem de Gilbert Durand sobre a descrição do simbolismo, Greimas afirma que “o semiológico é, como a linguagem em geral, apreensível no interior da percepção e só deve à realidade exterior, que se manifesta enquanto forma da expressão, articulações distintivas de sentidos *negativos* (GREIMAS, 1966, p. 56, tradução nossa)¹³⁵”.

Priorizando a percepção mais uma vez, o nível semiológico ou as categorias semiológicas representam a “contribuição” do mundo exterior no “nascimento do sentido”, sendo essas categorias isomorfas das qualidades do mundo sensível (GREIMAS, 1966, p. 65)¹³⁶. Esse “primeiro” Greimas coloca a primazia no ato perceptivo, contrariando as ideias de Bevidas (2011), centradas no questionamento da fenomenologia e do seu pleno acolhimento por Greimas (2011, p.23), o que lhe permite também definir como hipótese de que “o ato semiológico teria antecedência e primazia heurística por sobre o ato perceptivo, no sentido de que é pela semiose pactuada que o sujeito falante descobre ou inventa o mundo a ser-lhe então o seu mundo percebido” (BEVIDAS, 2011, p. 31).

Procedendo a uma descrição sêmica no nível semiológico, aparecem explicitamente, pela primeira vez na *Semântica Estrutural* os termos de cunho fenomenológico: exteroceptivo, interoceptivo e proprioceptivo, mais especificamente em “As possibilidades da descrição semiológica - a construção de linguagens em linguística aplicada”. Os termos *exteroceptivos*, *interoceptivos* e *proprioceptivos* são utilizados por Greimas para explicar como “a análise sêmica do nível semiológico da linguagem aparece como a primeira tarefa da semântica estrutural” (GREIMAS, 1966, p. 65), uma vez que traria inúmeros benefícios para diferentes abordagens na linguística aplicada, entre as quais, ele cita a tradução automática. O autor utiliza o estudo de Ross Quillian sobre a descrição de um universo semântico que possui uma linguagem totalmente construída e que se assemelha aos semas de sua *Semântica Estrutural*. Ao colocar o inventário de Quillian, Greimas mostra a situação dos estudos semânticos da época, visto que permite “interpretações múltiplas”:

¹³⁵ Trecho original: “Le sémiologique est, comme le langage en général, saisissable à l’intérieur de la perception et ne doit à la réalité extérieure, qui s’y manifeste en tant que forme de l’expression, que des articulations distinctives de sens *negatifs*”.

¹³⁶ Cf. Greimas (1966, p. 64) oferece como exemplo do nível semiológico, com suas categorias sêmicas, as percepções visuais dos pássaros de Raymond Ruyer.

[...] ¹³⁷ Em um quadro (p. 150) que indica, a título exploratório, as dimensões prováveis desta linguagem, encontraremos, ao lado das sensações *proprioceptivas* e *interoceptivas*, sobre as quais Quillian não ousa se pronunciar ainda, e aos quais ele separa 25 semas quaisquer para construir posteriormente, uma lista de graduações *exteroceptivas*, que nós reproduzimos tal qual [...] ¹³⁸ (GREIMAS, 1966, p. 65-66, tradução nossa).

Na segunda parte do capítulo “A isotopia do discurso”, o pesquisador retoma que, ao tratar “do isomorfismo das figuras”, a construção de sememas possui dois aspectos: a isotopia sintagmática e o quadro paradigmático da classificação do universo significante (GREIMAS, 1966, p. 85). Dessa forma, o autor se questiona se não haveria um denominador comum nos sememas construídos e conclui que tal denominador seriam os termos da categoria sêmica *euforia* vs. *disforia*.

Neste momento, pelo inventário do semema construído de *fatigué*, os elementos semiológicos que lhe foram atribuídos são todos disfóricos, parecendo que “[...] no nível da percepção onde situamos essas figuras, uma *categoria subjetiva, proprioceptiva* vinha ao encontro delas para binarizá-las em uma espécie de a priori integrada à própria percepção” (GREIMAS, 1966, p. 86-87, tradução nossa, grifo do autor) ¹³⁹.

Nesse trecho recuperado por Fontanille (2017), o autor mostra que a proprioceptividade reduzida a timia permite que a experiência somática e o afeto façam parte da percepção de descontinuidades semânticas. No entanto, Fontanille destaca que esse passo é seguido por uma repressão, pois ao dividir o universo semântico em dois classemas, exteroceptivo (dimensão cosmológica) e interoceptivo (dimensão noológica), Greimas não teria evocado o classema proprioceptivo (FONTANILLE, 2017, p. 3).

¹³⁷ Trecho original: “Dans un tableau (p. 150) qui indique, à titre exploratoire, les dimensions probables de ce langage, on trouvera, à côté des sensations *proprioceptives* et *interoceptives*, sur lesquelles Quillian n’ose pas encore se prononcer et auxquelles il réserve quelque 25 sèmes à construire ultérieurement, une liste d’*échelles extéroceptives*, que nous reproduisons telle quelle”.

¹³⁸ Trecho original adaptado: “a) The five Abstract Scales: ‘Number’ (the real number continuum), ‘Correlation’ (in the statistical sense), ‘Make-up’ (notion of whole-to-part or whole-to-aspect), ‘Similarity’, ‘Derivative’ (in the mathematical sense); b) Visual Scales: hue, brightness, saturation; c) Temporal Scales: time, length (with subscripts) d) Degree of Existence, degree of awareness; e) Auditory Scales: pitch, loudness; f) Gustatory Scales: sweetness, souriness, saltiness and bitterness; g) Olfactory Scales: not yet determined; h) Cutaneous Scales: not yet determined (para g e h: say, 25 max) ”.

¹³⁹ Trecho original: “[...] au niveau de la perception où nous situons ces figures, une catégorie subjective, proprioceptive, venait à leur rencontre pour les binariser dans une sorte d’a priori intégré à la perception même”.

Na próxima seção, continuamos esse resgate da sensibilidade em Greimas nas obras *Sobre o sentido I e II*, tentando explorar ao longo de sua escrita o grau de presença dos termos do domínio em questão, explicitando cada vez mais a continuidade de seu pensamento.

4.1 SOBRE OS SENTIDOS

Quatro anos depois da publicação de *Semântica Estrutural*, Greimas publica *Du Sens*, uma coletânea de diferentes estudos da década de 60. Nessa obra, reencontramos a problemática do sentido e a descrição da significação “arbitrária”, em que os procedimentos tentam manter, até certo ponto, a “coerência interna”. Assim, retomando tanto Saussure quanto Lévi-Strauss sobre o “recorte diferencial”, Greimas recorre à metáfora da “tela de fumaça” como o universo de sentido e que logo em frente dela haveria “uma teia de aranha quase imperceptível, composta de milhares de recortes diferenciais entrelaçados”, sendo essa descrição a visão de linguagem de Saussure. Para Greimas, não é assim que o mundo nos é dado pela percepção:

Podemos ver claramente que essa tela articulada não corresponde ao que realmente está ao alcance de nossa percepção, ao mundo multicolorido, pesado e imóvel das coisas; que os recortes diferenciais, portanto, não são dados imediatamente nesta “substância”; que são, ao contrário, apenas consequências da apreensão de descontinuidades em um mundo do qual nada é conhecido; que o que constitui o recorte é o estabelecimento de uma **relação, de uma diferença entre os aspectos comparáveis das coisas** (GREIMAS, 1970, p. 9, grifo nosso, tradução nossa)¹⁴⁰.

Podemos ver que a noção de mundo permanece a mesma da *Semântica Estrutural*, cuja estrutura só toma forma a partir da relação entre dois termos-objetos e da diferença entre eles. Greimas discorda então, parcialmente, de Saussure. Segundo Bertrand (2006), no artigo “Le sens dans *Du sens*: entre ‘écran de fumée’ et ‘morsure sur le réel’”, a semiótica greimasiana assume a concepção diferencial da linguagem e “a radicalidade da ‘teoria da relação’ é conhecida” (BERTRAND, 2006, p. 14, tradução nossa)¹⁴¹. Retomando o mesmo trecho já citado de *Du Sens*, o autor mostra como a hipótese fenomenológica continua pressuposta na descrição:

¹⁴⁰ Trecho original: “On voit bien que cette toile articulée ne correspond point à ce qui est réellement à la portée de notre perception, au monde bariolé, pesant, figé des choses ; que les écarts différentiels, par conséquent, ne sont pas donnés immédiatement dans cette ‘substance’ ; qu’ils ne sont, au contraire, que des conséquences de la saisie des discontinuités dans un monde dont on ne sait rien ; que ce qui constitue l’écart, c’est l’établissement d’une relation, d’une différence entre les aspects comparables des choses”.

¹⁴¹ Trecho original: “La radicalité de la ‘théorie de la relation’ est connue”.

Mas se os termos são apenas posições e intersecções, se são apenas as figuras resultantes de feixes de relações a serem definidas de antemão, é porque eles mesmos estão em uma relação problemática com o sentido na percepção: um sentido do qual eles se separam, mas em troca eles se articulam. A imagem da tela, tantas vezes invocada em *Do Sentido* (p. 9, 22, 52, 57, 101, etc.), é ambígua: é ao mesmo tempo o que constitui um obstáculo e o que permite ver. Assim, o horizonte fenomenológico, cujo exame é suspenso em favor dos modelos que aparecem na tela, permanece claramente o pressuposto da própria descrição e condiciona seu plano de relevância (BERTRAND, 2006, p. 14, grifo do autor, tradução nossa)¹⁴².

Ainda sobre a percepção, em um dos artigos de *Du Sens*, “A estrutura semântica”, publicado em 1969 (originalmente), Greimas relaciona o mundo físico (estrutura científica) e o mundo humano (estrutura semiótica), por possuírem a mesma substância em ambas as formas, sendo o primeiro mundo anterior ao homem e, o segundo, projetando-se como “existente e significante”, cujas qualidades sensíveis são apreendidas pela percepção (GREIMAS, 1970, p. 45-46). Quanto aos universais da linguagem, a análise de unidades semânticas demonstra a existência de dois tipos de semas:

O primeiro grupo dessas categorias sêmicas é constituído por *semas de origem exteroceptiva*, que correspondem às categorias qualitativas do mundo do senso comum. O segundo grupo é composto por categorias *interoceptivas* (tais como *ser vs coisas, objetos vs operações*): elas podem se explicar a partir das transformações das unidades de expressão em unidades do conteúdo e devem ser consideradas como *categorias puramente formais* [...] (GREIMAS, 1970, p. 46-47, grifos do autor, tradução nossa)¹⁴³.

O ensaio “Condições para uma semiótica do mundo natural”, publicado em 1968, nos permite recuperar aquela primeira hipótese da *Semântica Estrutural*, em que as significações do mundo humano estão no nível da percepção, sendo recuperáveis por meio de suas qualidades

¹⁴² Trecho original: “Mais si les termes ne sont que des positions et des intersections, s’ils ne sont que les figures résultantes de faisceaux de relations à définir préalablement, c’est qu’ils sont eux-mêmes en relation problématique avec le sens dans la perception: un sens dont ils se détachent, mais qu’en retour ils articulent. L’image de l’écran, si souvent invoquée dans *Du sens* (p. 9, 22, 52, 57, 101, etc.), est ambiguë: il est à la fois ce qui fait obstacle et ce qui donne à voir. Ainsi, l’horizon phénoménologique, dont l’examen est suspendu au profit des modèles qui se trament sur l’écran, reste clairement le présupposé de la description elle-même et conditionne son plan de pertinence”.

¹⁴³ Trecho original: “Le premier groupe de ces catégories sémiques est constitué de *sèmes d’origine extéroceptive*, qui correspondent aux catégories qualitatives du monde du sens commun. Le second groupe est composé de catégories *interoceptives* (telles que *être vs choses, objets vs opérations*): elles ne peuvent s’expliquer par des transformations d’unités de l’expression en unités du contenu et doivent être considérées comme des *catégories purement formelles*”.

sensíveis. Fica claro o papel do sensível na constituição da significação, pois na introdução, Greimas (re)afirma que:

Basta inverter o ponto de vista para perceber que a única presença concebível da significação no mundo é sua manifestação no interior da “substância” que engloba o homem: o mundo dito sensível se torna o objeto, na sua totalidade, da busca da significação; ele se apresenta, no seu conjunto e nas suas articulações, como uma virtualidade de sentido por pouco que ele esteja submetido a uma forma (GREIMAS, 1970, p. 49, tradução nossa)¹⁴⁴.

O autor continua, dizendo que a significação até pode se esconder sob as diferentes formas sensíveis, isto é, “atrás” dos sons ou das imagens, dos odores, dos sabores, mas sem estar “dentro” delas e, colocando entre parênteses, “como percepções”, uma vez que todas as formas de manifestação da significação são arbitrarias. E foi essa arbitrariedade que permitiu a Saussure estabelecer a linguística como objeto autônomo. Além disso, Greimas também aponta criticamente a questão do referente e dos aspectos extralinguísticos na linguagem. Porém, o mundo extralinguístico só teria seu lugar acertado, segundo o semiótico, através da semiótica que o considera como lugar da “manifestação do sensível”, tendo como possibilidade de se transformar em manifestação do sentido humano. Para Bertrand, é assim que a semiótica retém alguns aspectos da fenomenologia:

Na medida em que é imediatamente informado de significação, o mundo da percepção deve ser considerado como uma semiótica. As coisas percebidas não significam em si mesmas, como objetos, mas por meio das relações que ocorrem através delas, ou entre elas, e as colocam em cenários (inferência, causalidade, iminência, desejo, ameaça, etc.). A partir de então, a relação entre a linguagem e o mundo é entendida como uma relação entre duas ordens de apreensão do sentido, entre duas semióticas (BERTRAND, 2006, p. 18, tradução nossa)¹⁴⁵.

O livro *Du sens II*, publicado em 1983, reúne ensaios que dão uma continuidade ao *Du sens*, de 1970. Logo no *Preâmbulo*, Greimas (2014) afirma que o livro traz em si um paradoxo:

¹⁴⁴ Trecho original : “Il suffit d’inverser le point de vue pour se rendre compte que la seule présence concevable de la signification dans le monde est sa manifestation à l’intérieur de la ‘substance’ qui englobe l’homme: le monde dit sensible devient ainsi l’objet, dans sa totalité, de la quête de la signification ; il se présente, dans son ensemble et dans ses articulations, comme une virtualité de sens pour peu qu’il soit soumis à une forme”.

¹⁴⁵ Trecho original: “Dans la mesure où il se trouve d’emblée informé de signification, le monde de la perception doit être considéré lui-même comme une sémiotique. Les choses perçues ne signifient pas en elles-mêmes, en tant qu’objets, mais par les relations qui se trament à travers elles, ou entre elles, et les inscrivent dans des scénarios (inférence, causalité, imminence, désir, menace, etc.). Dès lors, la relation entre le langage et le monde est comprise comme une relation entre deux ordres de saisie du sens, entre deux sémiotiques”.

manter-se fiel e ainda mudar ao mesmo tempo. Um dos aspectos de mudança que nos atrai nessa obra é a clareza da percepção na semiótica do sujeito, mesmo diante das dificuldades suscitadas pelo autor na construção dos objetos, que não questiona ou duvida o “papel primordial do sujeito que, no momento da percepção, vai ao encontro dos objetos para construir o mundo natural a seu bel-prazer [...]” (GREIMAS, 2014, p. 23).

Na seguinte seção, percebemos que as mudanças ocorrem. Em *Da imperfeição*, o caráter de modificação atinge seu ápice; depois, nos pós-greimasianos, cada um a sua maneira procura na continuidade a oportunidade de (des)continuar. Percebemos também a permanência e a multiplicação das ideias, das influências filosóficas na semiótica.

4.2 SOBRE HERANÇAS FILOSÓFICAS

Em *Da imperfeição*, Greimas (1987, p. 28) compreende a percepção pelo viés husserliano. Em sua segunda análise, *Le Guizzo*, destacam-se as formas (Gestalten) e como elas se unem às estruturas “de recepção do sujeito”, em que a protensividade do olhar no objeto pode constituir-lo esteticamente ao produzir uma descontinuidade, uma fratura no contínuo do espaço visual, ou seja, o recorte do seio nu do restante da paisagem do mundo. A ideia de profundidade significa para Palomar intimidade. As referências metafóricas que envolvem as sensações não são inocentes, afirma Greimas (1987, p. 73). A apreensão de outro algo, que não é sujeito, pelo sujeito, acontece no plano das ordens sensoriais, isto é, a própria apreensão estética libera as sensações. Nas palavras de Greimas, “o espaço organizado da percepção se converte em uma extensão biomática” (GREIMAS, 1987, p. 73, tradução nossa)¹⁴⁶, possibilitando todo tipo de sinestesia imaginável. A coalescência das sensações enriquece a comunicação (GREIMAS, 1987, p. 74), a figuratividade é a própria tela do parecer, que ao se abrir nos permite, por meio da imperfeição das coisas fazer outro sentido, e, daí, surge a imanência do sensível encontrada aos humores do sujeito (GREIMAS, 1987, p. 78).

Um ano depois, em *Raison et poétique*, Zilberberg, em uma postura de historiógrafo “selvagem”, retoma o pensamento de Greimas, mostrando como o mestre lituano soube apreender em sua semiótica as “mais notáveis aquisições contemporâneas”. Para tal, Zilberberg coloca cada herança, segundo a nacionalidade dos autores. Interessa-nos, nesse momento, o

¹⁴⁶ Trecho original: “L’espace organisé de la perception se change en une étendue biomatique [...]”.

termo percepção que se encontra na herança alemã, pois as ideias fenomenológicas oriundas de Merleau-Ponty seguem o pensamento de Husserl. Zilberberg vê a fenomenologia e a semiótica greimasiana como semelhantes, mas com caminhos distintos:

Ao rejeitar a “qualidade” de sensação como dado primeiro, Merleau-Ponty concebe a percepção como ato significante, como apreensão de um todo: “retornando aos fenômenos, encontra-se como camada fundamental um conjunto já pregnante de um sentido irreduzível: (...)”, mas essa convergência parcial da semiótica e da fenomenologia parece, com o recuo provido, residir mais na semelhança de dois percursos distintos do que em sua confrontação: enquanto Merleau-Ponty renunciava à cisão do antepredicativo, Greimas enfraquecia a distinção entre o “nível semiológico” e o nível semântico” proposta na *Semântica Estrutural* (ZILBERBERG, 1988a, p. 83, tradução nossa)¹⁴⁷.

Zilberberg continua sua análise sobre a abordagem fenomenológica, em que o corpo aparece como mediador entre o mundo e o sujeito, ou seja, “[...] se a significação é o mediador (o adaptador), o corpo e a linguagem devem, sob certas condições, ser identificáveis” (ZILBERBERG, 1988a, p. 83, tradução nossa)¹⁴⁸. Nesse trecho, o autor insere uma nota de rodapé homologando essa identificação à dimensão de comunicação, lugar de circulação dos valores. Pelo reconhecimento público, Zilberberg acrescenta à sua interpretação uma citação de Valéry: “a percepção é uma verdadeira linguagem” (apud ZILBERBERG, 1988a, p. 84, tradução nossa)¹⁴⁹, entendida como axioma.

Em seguida, o autor aponta para outro aspecto da *Semântica Estrutural*. O dualismo dos níveis semiológico e semântico tem, no primeiro nível, os semas interoceptivos, exteroceptivos e proprioceptivos. Com esses semas entendidos por Zilberberg como clivagens, pois demandam uma exterioridade no espaço, compreendida também como o terceiro termo da “estrutura figura e fundo”, o autor traz aqui a noção merleau-pontiana de corpo próprio. A partir dessa noção de corpo, Zilberberg, em mais uma nota de rodapé, aproxima Valéry e Merleau-Ponty:

¹⁴⁷ Trecho original: “Rejetant la ‘qualité’ de la sensation comme donnée première, Merleau-Ponty conçoit la perception comme acte signifiant, comme saisie d’un tout: ‘en revenant aux phénomènes on trouve comme couche fondamentale un ensemble déjà prégnant d’un sens irréductible: (...)’, mais cette convergence partielle de la sémiotique et de la phénoménologie paraît, avec le recul procuré, résider davantage dans la similitude de deux parcours distincts que dans leur recoupement: tandis que Merleau-Ponty renonçait à la schizie de l’anté-prédicatif et du prédicatif, Greimas affaiblissait la distinction entre le « niveau sémiologique » et le ‘niveau sémantique’ avancée dans la *Sémantique Structurale*”.

¹⁴⁸ Trecho original: “[...] si la signification est le médiateur (l’adaptateur), le corps et le langage doivent, sous certaines conditions, être identifiables”.

¹⁴⁹ Trecho original: “La perception est un vrai langage”.

Em Valéry: O “corpo”, o instrumento de referência - O regulador, a lâmpada piloto - O padrão de comparação da certeza - O relógio do presente [...]; para Merleau-Ponty: “É necessário que o pensamento da ciência - pensamento de sobrevoos, pensamento do objeto em geral – seja recolocado em um “há” prévio, no local, no solo do mundo sensível e do mundo construído como eles são em nossa vida, para nosso corpo, não este corpo possível do qual é possível afirmar que é uma máquina de informação, mas este corpo atual que eu chamo de meu, a sentinela que fica em silêncio sob minhas palavras e sob minhas ações” [...] (ZILBERBERG, 1988a, p. 84, tradução nossa)¹⁵⁰.

Depois de creditar o engajamento do corpo em semas exteroceptivos também, Zilberberg mostra alguns exemplos de semas aspectuais (vertical, grande, cabeça) em que aparece implicitamente um observador para sancionar positivamente ou negativamente. O papel do observador é uma questão central na percepção e no que diz respeito ao desenvolvimento do ponto de vista na semiótica. Segundo Prado (2013), essa noção é vista como “[...] uma relação entre sujeito perceptivo e objeto percebido. Essa relação configura o ato perceptivo, resultante da correlação entre visada e apreensão” (PRADO, 2013, p. 20). Em 1989, Fontanille publica *Les espaces subjectifs*, obra dedicada a esse assunto, mas segundo Prado (2013, p. 122), Fontanille ainda retomará a questão do observador em *Soma et Séma* (2004) e *Corps et Sens* (2011), cujo tratamento seria deslocado para o corpo próprio. Destaca-se também o fato de que o ponto de vista vai além da tipologia do observador, pois o principal objetivo é entender como ele faz sentido no discurso (PRADO, 2013, p. 64).

Assim, prosseguimos nossa análise de acordo com as ideias de Fontanille em 1989, pois é em *Les espaces subjectifs* que encontraremos problematizados o sujeito observado e a sua relação com o informador, sendo o espaço aquele da teoria e do discurso-enunciado. Para Fontanille, o discurso é portador de um saber que requer, pelo menos, um observador e um informador, levando em consideração que o próprio saber é objeto de circulação entre enunciadorenunciatório, a subjetividade apresenta então um caráter interativo, isto é, “[...] vários actantes-sujeitos agem uns sobre os outros, por intermédio, entre outros, e para começar, do saber que eles

¹⁵⁰ Trecho original: “Chez Valéry: ‘Le corps’, l’instrument de référence – Le régulateur, la lampe de la veille – L’étalon de comparaison de la certitude – L’horloge du présent [...] ; pour Merleau-Ponty: ‘Il faut que la pensée de science – pensée de survol, pensée de l’objet en général – se replace dans un ‘il y a’ préalable, dans le site, sur le sol du monde sensible et du monde ouvert tels qu’ils sont dans notre vie, pour notre corps, non pas ce corps possible dont il est loisible de soutenir qu’il est une machine à information, mais ce corps actuel que j’appelle mien, la sentinelle qui se tient silencieusement sous mes paroles et sous mes actes’”.

compartilham ou disputam entre si” (FONTANILLE, 1989, p. 5-6, tradução nossa)¹⁵¹. Assim, em seu prefácio é ressaltado o interesse em mostrar como o sujeito assume a significação, entretendo, por conseguinte, tanto a dimensão cognitiva quanto as dimensões pragmática e passional.

Abordando a questão do observador na teoria da enunciação, destacam-se alguns aspectos preliminares. A enunciação, por exemplo, é definida como ato pressuposto pelo enunciado, que tem o poder de dar ilusão da presença, no qual a análise da enunciação só acontece por intermédio do exame dessa presença simulada (enunciação-enunciada) (FONTANILLE, 1989, p. 11). Logo, o enunciado (objeto de valor) tem ao menos três dimensões: prática porque é um produto transmissível; cognitiva porque veicula e manipula o saber; tímica porque é afetivo (FONTANILLE, 1989, p. 12). Assim, diferenciando o fazer enunciativo do narrativo, na dimensão tímica, as transformações passionais dos actantes do enunciado só lhes são atribuídas se elas se diferem das emoções/afetos do sujeito da enunciação.

Abrimos um parêntese aqui sobre as três dimensões do enunciado, pois observamos que Zilberberg, ao tratar do valor na teoria de Greimas, destaca os três tipos de semas, isto é, figurativos ou exteroceptivos, abstratos ou interoceptivos e os semas tímicos ou proprioceptivos, destacando, em nota de rodapé, uma divergência em relação às dimensões para Fontanille, já em 1984, nas *Actes Sémiotiques* “Une topique narrative anthropomorphe” – “Se nos dois casos, três dimensões são convocadas, há uma divergência porque, para Fontanille, trata-se de dimensões tímica, cognitiva e pragmática: a homologação tropeça na aproximação entre o figurativo e o pragmático (ZILBERBERG, 1988a, p. 92, tradução nossa)¹⁵².

Quanto aos níveis do espaço subjetivo, trataremos da percepção do espaço retomada por Fontanille (1989, p. 85) pelo viés de Deleuze, que introduziu as noções de espaço táctil, manual, óptico e háptico. Deleuze trata-os em termos da relação de atores sujeitos enunciativos e atores do enunciado:

A relação da mão e do olho é infinitamente mais rica, e passa por tensões dinâmicas, inversões lógicas, mudanças e vicariâncias orgânicas. [...] Quanto mais a mão se subordina, mais a visão desenvolve um espaço óptico “ideal”, e tende a captar suas formas segundo um código óptico. Mas este espaço óptico

¹⁵¹ Trecho original: “[...] plusieurs actants-sujets agissent les uns sur les autres, par l’intermédiaire, entre autres, et pour commencer, du savoir qu’ils se partagent ou se disputent”.

¹⁵² Trecho original: “Si, dans les deux cas, trois dimensions sont convoquées, il subsiste une divergence puisque, pour Fontanille, il s’agit des dimensions thymique, cognitive et pragmatique: l’homologation bute sur le rapprochement entre le figuratif et le pragmatique”.

[...] apresenta referências manuais com as quais ele se conecta: chamaremos táteis tais referentes virtuais, tais como as profundidades, o contorno, o modelado...etc. [...] chamaremos de háptica cada vez que não houver mais subordinação estreita, em um sentido ou em outro [...], mas quando a própria visão descobre em si uma função de tocar que lhe é própria, e que só pertence a ela, distinta de sua função óptica (DELEUZE apud FONTANILLE, 1989, p. 86, tradução nossa)¹⁵³.

Sendo o espaço óptico, o abstrato (figural), o espaço tátil, da ordem dos referentes manuais da visão (figurativo), o espaço manual, o espaço topológico e o espaço háptico, onde se equilibram o tátil e o óptico; logo, é o espaço interativo que associa o figural e o figurativo na perspectiva (FONTANILLE, 1989, p. 86).

A percepção do movimento na realidade também se destaca pela homologação feita pelo autor, com a percepção do movimento no cinema. Contudo, Fontanille (1989, p. 110) pede prudência, porque uma vez associadas, significaria compreender o movimento cinematográfico como resultante de uma semiótica construída do mundo natural: “o “movimento” apreendido na percepção é uma propriedade das variações luminosas no campo visual de um sujeito perceptivo; sendo esse de direito do plano de expressão” (FONTANILLE, 1989, p. 10, tradução nossa)¹⁵⁴. Alguns anos depois, o mesmo autor em *Sémiotique du visible* (1995), ao abordar uma semiótica da luz, se questiona se a percepção já seria semiotizada e, para responder, volta à homologação já citada de *Les espaces subjectifs*:

Já foi apontado, no que diz respeito ao cinema, que a percepção dos movimentos e deformações das áreas luminosas na tela é homóloga à percepção de movimento e da luz no mundo natural [...] A ideia de que a percepção já é formada semioticamente (em vez da percepção que organiza unilateralmente as formas semióticas) não é nova, uma vez que já a encontramos numa certa medida em Merleau-Ponty (FONTANILLE, 1995a, p. 23, tradução nossa)¹⁵⁵.

¹⁵³ Trecho original: “Le rapport de la main et de l’œil est infiniment plus riche et passe par des tensions dynamiques, des renversements logiques, des échanges et des vicariances organiques [...] Plus la main est subordonnée, plus la vue développe un espace optique ‘idéal’, et tend à saisir ses formes suivant un code optique. Mais cet espace optique [...] présente encore des référents manuels avec lesquels il se connecte: on appellera ‘tactiles’ de tels référents virtuels, tels la profondeur, le contour, le modelé, etc. [...] on parlera d’ ‘haptique’ chaque fois qu’il n’y aura plus subordination étroite dans un sens ou dans l’autre [...], mais quand la vue elle-même découvrira en soi une fonction de toucher, qui lui est propre, et n’appartient qu’à elle, distincte de sa fonction optique”.

¹⁵⁴ Trecho original: “Le ‘mouvement’ saisi dans la perception est une propriété des variations lumineuses dans le champ visuel d’un sujet perceptif, en cela il relève de droit du plan de l’expression”.

¹⁵⁵ Trecho original: “On a déjà fait observer, à propos du cinéma, que la perception des mouvements et des déformations des plages lumineuses sur l’écran était homologue à la perception du mouvement et de la lumière dans le monde naturel [...] L’idée selon laquelle la perception est déjà sémiotiquement formée (au lieu que ce soit la perception qui organise unilatéralement les formes sémiotiques) n’est pas nouvelle, puisqu’on la trouve déjà peu ou prou chez Merleau-Ponty”.

Antes de qualquer coisa é preciso entender a luz como fenômeno físico e psicológico. Em relação aos efeitos semióticos da luz, distinguem-se em relação aos planos. No plano de expressão, a luz depende das coerções do mundo físico e, no plano do conteúdo, das condições de percepção luminosa, o que não acontece com uma semiótica do visível por causa dos efeitos físicos e psicológicos. Parte-se da hipótese de que a percepção já é semioticamente formada, ideia que aparece relativamente em Merleau-Ponty (FONTANILLE, 1995a, p. 23).

Voltando para nossa análise cronológica, dois anos depois de *Les espaces subjectifs*, surge no horizonte, em coautoria com Greimas, a *Sémiotique des passions*, uma das obras em que a questão do sensível emerge de maneira indubitável. Nela, destacamos as passagens que reconhecem explicitamente o papel da percepção na significação.

Em primeiro lugar, os autores afirmam que o mundo natural é transformado pela percepção, ganhando novo significado por meio do corpo que percebe, esse mesmo mundo é transformado em sentido/língua; as figuras exteroceptivas, ou seja, as figuras naturais são interiorizadas e a figuratividade mostra uma relação estreita com o sujeito e o seu modo de pensar, assim, vemos aqui uma ligação entre inteligível e sensível:

Observou-se que os traços, as figuras, os objetos do mundo natural, dos quais eles constituem, por assim dizer o “significante”, são transformados pelo efeito da percepção, em traços, figuras e objetos do “significado” da língua, um novo significante, de natureza fonética, substituindo o primeiro. É através da mediação do corpo que percebe que o mundo se transforma em significado - em língua -, que as figuras exteroceptivas se interiorizam e que a figuratividade pode então ser considerada como uma maneira de pensar do sujeito (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 12, tradução nossa)¹⁵⁶.

O sujeito em *Semiótica das paixões* cujos modos de existência são projetados no percurso do sujeito narrativo também serve para ser projetado “[...]sobre o percurso de construção teórica, das pré-condições da significação até a manifestação discursiva” (GREIMAS, FONTANILLE, 1991, p. 151, tradução nossa)¹⁵⁷. Dito isso, na análise dedicada a Perrette, há um retorno do sujeito tensivo, uma reembreagem do sujeito pela incapacidade de dominar os “encadeamentos

¹⁵⁶ Trecho original: “On a remarqué que les traits, les figures, les objets du monde naturel, dont ils constituent pour ainsi dire le ‘signifiant’, se trouvent transformés, par l’effet de la perception, en traits, figures et objets du ‘signifié’ de la langue, un nouveau signifiant, de nature phonétique, se substituant au premier. C’est par la médiation du corps percevant que le monde se transforme en sens – en langue -, que les figures extéroceptives s’intériorisent et que la figurativité peut alors être envisagée comme un mode de pensée du sujet”.

¹⁵⁷ Trecho original: “[...] sur le parcours de construction théorique, des préconditions de la signification jusqu’à la manifestation discursive”.

sintáticos”. Dessa forma, a potencialização é compreendida pelos autores como práxis mediadora, cujos produtos do percurso gerativo e da tensividade fórica seriam estocados como potencialidades do uso:

A partir de então, o sujeito potencializado representaria, no percurso da construção teórica, a única instância em que o corpo teria direito de cidadania, como constitutivo dos efeitos de sentido. A existência semiótica resultante de uma mutação interna dos produtos da percepção - o exteroceptivo engendra o interoceptivo pelo proprioceptivo - preserva a memória do corpo próprio. Uma vez discretizada e categorizada, ela retém um vestígio do proprioceptivo apenas na polarização da massa tímica em euforia/disforia. Somente a enunciação, pela potencialização do uso, poderá novamente solicitar o “sentir” e o corpo como tal (GREIMAS, FONTANILLE, 1991, p. 152, tradução nossa)¹⁵⁸.

A práxis enunciativa, na configuração da avareza, apresenta como obstáculo da análise passional o componente da instância cultural, que aparece no nível discursivo, no nível sémio-narrativo e, para surpresa dos autores, no nível das pré-condições tensivas.

Admitindo que por meio da propriocepção, a interocepção e a exterocepção homogeneizadas possibilitam a existência semiótica, os autores também se permitiram admitir a existência de macrosemióticas do mundo natural, isto é, dos conjuntos semióticos que operam em uma cultura específica, e que só se tornam significantes através do sujeito da percepção:

Mas as “morfologias” do mundo natural não são apenas físicas ou biológicas; são também, entre outras, sociológicas e econômicas, isto é, em certo sentido, específicas de áreas culturais e de épocas históricas. Em outras palavras, os significantes do mundo que são integrados na existência semiótica por meio da percepção não seriam todos “naturais”, e o horizonte do ser que emerge por trás da tensividade fórica seria parcialmente determinado culturalmente, talvez até economicamente, como neste caso (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 174, tradução nossa)¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Trecho original: “Dès lors, le sujet potentialisé représenterait, dans le parcours de la construction théorique, la seule instance où le corps aurait droit de cité, comme constitutif des effets de sens. L’existence sémiotique résultant d’une mutation interne des produits de la perception – l’extéroceptif engendre l’intéroceptif par l’intermédiaire du proprioceptif – elle garde la mémoire du corps propre. Une fois discrétisée et catégorisée, elle ne garde trace du proprioceptif que dans la polarisation de la masse thymique en euphorie/dysphorie. Seule l’énunciation, par la potentialisation de l’usage, pourra à nouveau solliciter le ‘sentir’ et le corps en tant que tels”.

¹⁵⁹ Trecho original: “Or les ‘morphologies’ du monde naturel ne sont pas seulement physiques ou biologiques; elles sont aussi, entre autres, sociologiques et économiques, c’est-à-dire, en un sens, spécifiques des aires culturelles et des époques historiques. En d’autres termes, les signifiants du monde qui sont intégrés à l’existence sémiotique par la perception ne seraient pas tous ‘naturels’, et l’horizon de l’être qui se dessine derrière la tensivité phorique serait en partie déterminé culturellement, voire économiquement, comme dans le cas qui nous occupe”.

À guisa de conclusão, os autores insistem no projeto semiótico científico de “escala humana”. Embora o mundo dos sentidos e do ser seja um “horizonte intransponível” pelo viés semiótico, é a percepção a referência para compreender o mundo do sentido comum e o seu acesso ao universo do sentido pelo corpo próprio:

[...] é a percepção como interação do homem e de seu meio ambiente que é a pedra de toque em nossos esforços para compreender o mundo do sentido comum e que é o corpo próprio que permite a esse mundo o acesso ao universo do sentido. Corpo que sente, que percebe, que reage; corpo que mobiliza todos os papéis esparsos do sujeito, em um endurecimento, um sobressalto, um transporte. Corpo como barragem e parada, conduzindo à somatização, dolorosa e feliz, do sujeito, mas também lugar de trânsito e de patemização que controla a abertura para os modos de existência semiótica. (Greimas; Fontanille, 1991, p. 324, tradução nossa)¹⁶⁰.

Embora a *Semiótica das paixões* seja vista mais como uma promessa das potencialidades que a semiótica geral pode oferecer na redução do hiato entre o sensível e o inteligível, ficou claro, nesses poucos recortes, que a percepção possui um papel relevante, mas ficou, ao mesmo tempo, “desamparada” nas análises da avareza e dos ciúmes. O ganho reside nas pesquisas posteriores dos pós-greimasianos que não pouparam esforços para entender de forma mais abrangente as pré-condições do sentido. *Semiótica do visível*, por exemplo, de Fontanille, publicada em 1995, abre seu percurso, como mostramos na próxima seção, indicando como a semiótica passou a se interessar pela substância, pelo contínuo, pelo sujeito, pela percepção, podendo até dizer que um “novo paradigma” foi inaugurado. Segundo Fontanille (1995, p. 1), “é claro para todo mundo que a reivindicação de um ‘sentir’ semiótico, vem completar o ‘conhecer’ [...]”.

4.3. A PERCEPÇÃO E O MUNDO VISÍVEL

No livro *Sémiotique du visible*, o autor trata da configuração da luz. Veremos que não apenas as paixões são solicitadas, mas aparece também a questão da figuratividade, da

¹⁶⁰ Trecho original: “[...] c’est la perception comme interaction de l’homme et de son environnement qui est la pierre de touche dans nos efforts pour comprendre le monde du sens commun et que c’est le corps propre qui permet à ce monde l’accès à l’univers du sens. Corps sentant, percevant, réagissant; corps mobilisant tous les rôles épars du sujet, en un raidissement, un sursaut, un transport. Corps comme barrage et arrêt, conduisant à la somatisation, douloureuse ou heureuse, du sujet, mais aussi lieu de transit et de pathémisation qui ménage l’ouverture sur les modes d’existence sémiotique”.

afetividade, da modalização, sobretudo da percepção que aparece no trecho seguinte como um dever:

Abordar a semiótica do mundo visível passando pela configuração da luz, é de alguma forma **ter um dever de articulá-la na percepção** e no sentir [...] se preparar para seguir as deformações do visível de uma cultura a outra, em uma série de apropriações e reconfigurações perceptivas e axiológicas [...] mostrar o valor heurístico das articulações do espaço “tensivo”, independentemente da manifestação lexical das paixões (FONTANILLE, p. 2, 1995, grifo nosso, tradução nossa)¹⁶¹.

É interessante notar que, quando Fontanille propõe uma teoria semiótica da luz surge como questionamento “[...] se a percepção tem um sentido e, se ela tem um, de onde ela o tira” (FONTANILLE, 1995a, p. 24, tradução nossa)¹⁶². Na verdade, a resposta está correlacionada com a significação das chamadas não-linguagens, e ele toma como exemplo, a música que o encaminha para a configuração de uma semiótica do visível.

Em “O mundo visível”, a luz ser visível indica que ela possui uma configuração semiótica, com o mínimo de articulações do conteúdo controladas pela percepção: “[...] a luz é do espaço, da matéria, dos contrastes cromáticos, dos efeitos de superfície, etc.” (FONTANILLE, 1995a, p. 26). Aqui, Fontanille retoma de outras áreas as configurações da luz, tais como: o brilho, o tom e a saturação; na percepção, a difusão, a intensidade da fonte e o cromatismo; na psicologia, a energia (FONTANILLE, 1995a, p. 26-27).

As consequências tiradas desses aspectos mostram que a configuração da semiótica do visível é uma construção, sem se ocupar daquilo que um sujeito vê ou das propriedades do mundo físico. Segundo Fontanille, as categorias devem, portanto, “[...] descrever os efeitos de sentidos nascidos nas interações (dêiticas, modais, passionais, etc.) entre a atividade perceptiva-enunciativa de um sujeito e o gradiente de energia (FONTANILLE, 1995a, p. 26-27, tradução nossa)¹⁶³.

Já em relação ao plano de expressão, o autor afirma que há pouca informação sobre a luz, ou seja, “o mundo físico é preto e obscuro, atravessado de energias em que as frequências variam

¹⁶¹ Trecho original: “Aborder la sémiotique du monde visible en passant par la configuration de la lumière, c’est en quelque sorte se faire un devoir de l’articuler sur la perception et le sentir [...] se préparer à suivre les déformations du visible d’une culture à l’autre, en une série d’appropriations et de reconfigurations perceptives et axiologiques [...] montrer la valeur heuristique des articulations de l’‘espace tensif’, indépendamment de la manifestation lexicale des passions”.

¹⁶² Trecho original: “[...] si la perception a un sens, et, si elle en a un, d’où elle le tient”.

¹⁶³ Trecho original: “[...] décrire les effets de sens nés des interactions (dêitiques, modales, passionnelles, etc.) entre l’activité perceptivo-énonciative d’un sujet et le gradient de l’énergie”.

ao infinito. Mas, em uma faixa de energia situada entre $0,4 \mu$ e $0,8 \mu$, ele entra em interação com o sistema humano da visão, e essa interação constitui o mundo visível” (FONTANILLE, 1995a, p. 29, tradução nossa)¹⁶⁴. Finalmente, essa configuração somada a um espaço atravessado pelas energias nos permite adentrar no terreno de uma semiótica do visível, cujas configurações são elencadas por Fontanille a seguir:

(i) Os efeitos do brilho, que parecem localizar os concentrados de energia; (ii) os efeitos de iluminação, que especificam na extensão dos modos de circulação e acoplamentos de fonte; (iii) os efeitos de cromatismo, que são ligados a faixas definidas e localizadas, e determinam de alguma maneira sítios; e (iv) os efeitos de ocupação e de difusão materiais (FONTANILLE, 1995a, p. 30, tradução nossa)¹⁶⁵.

Levando esses aspectos em consideração, a emergência no espaço tensivo tem como consequências os seguintes aspectos: “(i) a aparição de actantes posicionais, que traduzem em termos topológicos as diferenças de potencial tensivo, e (ii) o estabelecimento de valências, que traduzem as modulações quantitativas e qualitativas da intensidade” (FONTANILLE, 1995a, p. 30, tradução nossa)¹⁶⁶.

O brilho pode afetar tanto um campo inteiro quanto uma faixa apenas, tendo como característica fundamental, segundo Fontanille (1995), a concentração de energia que se reduz a um ponto: “[...] se a zona brilhante é uma faixa inteira, ela será organizada, enquanto brilho, ao redor de um centro onde o brilho é máximo, cercado de bordas onde ele diminui. A categoria subjacente a este efeito é a da intensidade na sua versão localizada” (FONTANILLE, 1995a, p. 30, tradução nossa)¹⁶⁷. Além disso, o devir desse efeito ocorre por aparições e desaparecimentos no espaço ou no tempo, sendo um actante posicional, limitado, “a jusante ou a montante”.

¹⁶⁴ Trecho original: “Le monde physique est noir et obscur, traversé d’énergies dont les fréquences varient à l’infini. Mais, dans une frange d’énergie située entre $0,4 \mu$ et $0,8 \mu$, il entre en interaction avec le système humain de la vision, et cette interaction constitue le monde visible”.

¹⁶⁵ Trecho original: “(i) les effets d’éclat, qui semblent localiser des concentrés d’énergie; (ii) les effets d’éclairage, qui spécifient dans l’étendue des modes de circulation et des couplages source/cible; (iii) les effets de chromatisme, qui sont attachés à des plages définies et localisées, et déterminent en quelque sorte des sites; et (iv) les effets d’occupation et de diffusion matérielles”.

¹⁶⁶ Trecho original: “(i) l’apparition d’actants positionnels, qui traduisent em termes topologiques les différences de potentiel tensif, et (ii) la mise en place de valences, qui traduisent les modulations quantitatives et qualitatives de l’intensité”.

¹⁶⁷ Trecho original: “[...] si la zone éclatante est une plage entière, elle sera organisée, en tant qu’éclat, autour d’un centre où l’éclat est maximal, entouré de bords où il décroît. La catégorie sous-jacente à cet effet est celle de l’intensité dans sa version localisée”.

Na iluminação, primeiro há o aspecto da intensidade que é atualizada no eixo da visada. De acordo com Fontanille (1995a, p. 31), é a categoria de fonte e alvo, própria da visada, ou seja, através de uma representação vetorial de um espaço, ocorre a difusão de uma intensidade entre uma fonte (actante) que emite um objeto, enquanto o alvo (actante) recebe – absorve o objeto emitido (FONTANILLE, 1995a). No cromatismo, há sítios e “[...] tudo aquilo que localiza e situa a luz em um espaço heterogêneo engendra e/ou seleciona a cor” (FONTANILLE, 1995a, p. 32, tradução nossa)¹⁶⁸. A matéria é uma ocupação do espaço e por meio da luz se torna perceptível: “é a luz que nos informa da presença de pó, de volumes, de superfícies e de texturas [...]” (FONTANILLE, 1995a, p. 34-35, tradução nossa)¹⁶⁹. Sendo o espaço o *contenant*, ocupado por um conteúdo que revela a luz.

A luz enquanto matéria também recebe interferência de outros modos sensoriais, sobretudo do tátil: “nesse caso, a luz empresta mãos ao olhar, para avaliar a aspereza das superfícies, do tamanho dos volumes, etc. Essa combinação do óptico e do tátil, que G. Deleuze chama de háptico, pertence sempre ao visível, isto é, ao mundo da luz [...]” (FONTANILLE, 1995a, p. 36, tradução nossa)¹⁷⁰. Consequentemente, passando para um espaço tridimensional, o sujeito da percepção está apto a reconhecer linhas, superfícies, volumes, o tempo, uma vez que

[...] o componente tátil da **percepção** interdita uma apreensão global e simultânea das matérias, o olhar atravessa as espessuras, contorna os volumes, segue linhas e conhece, conseqüentemente, os atrasos, as síncope, as velocidades variáveis, etc.. De fato, o corpo do sujeito entra em interação com o mundo visível, se une as formas e revela a intimidade na matéria. A partir de então, o espaço visível acessa o estatuto de espaço figurativo, cujas formas são eventualmente identificáveis aquelas do mundo natural. Tudo acontece como se o espaço de controle de transformações abstratas que examinamos anteriormente tomasse corpo, se encarnasse no espaço-tempo figurativo, onde o local e o global seriam correlatos, no momento mesmo em que o **sujeito da percepção** é globalmente ativado, como um corpo que sente e age (FONTANILLE, 1995a, p. 37, grifos nossos, tradução nossa)¹⁷¹.

¹⁶⁸ Trecho original: “[...] tout ce qui localise et situe la lumière dans un espace hétérogène et/ou sélectionne de la couleur”.

¹⁶⁹ Trecho original: “C’est la lumière qui nous informe de la présence de poussières, de volumes, de surfaces et de textures”.

¹⁷⁰ Trecho original: “Dans ce cas, la lumière donne des mains au regard, pour évaluer la rugosité des surfaces, la taille des volumes, etc.. Cette combinaison de l’optique et du tactile, que G. Deleuze appelle l’haptique, appartient toujours en propre au visible, c’est-à-dire au monde de la lumière”.

¹⁷¹ Trecho original: “[...] la composante tactile de la perception interdit une saisie globale et simultanée des matières, le regard traverse des épaisseurs, contourne des volumes, suit des lignes et connaît par conséquent des délais, des syncopes, des vitesses variables, etc. De fait, le corps du sujet entre en interaction avec le monde visible, et le regard devient ici le substitut d’un corps imaginaire qui parcourt le champ du visible, en épouse les formes et dévoile

Tudo isso acontece por intermédio da proprioceptividade e de sua capacidade mediadora e homogeneizante, pois no momento em que “o corpo próprio do sujeito reencontra seus direitos, o exteroceptivo dobra-se sobre o interoceptivo”, permitindo que as figuras façam sentido no espaço noológico abstrato. Nesse trecho, por meio do reconhecimento público, na referência em nota de rodapé, o autor retoma o início da *Semiótica das paixões* (FONTANILLE, 1995a, p. 37).

Tomar o mundo visível como uma não-linguagem tinha seus riscos, afirma o autor, mas é a partir do exame do estado de coisas que se chega às condições do que ocorre nos estados de alma, pois a semiótica se questiona sobre o que torna possível sua inscrição no mundo sensível (FONTANILLE, 1995a, p. 50): “E esse mundo dos estados de coisas onde vai emergir o sentido é um mundo contínuo, fluente, em que podemos apenas supor que ele é percorrido de energias, porque apenas elas poderiam explicar as manifestações tensivas que observamos nos discursos”. Assim, a semiose, enquanto expressão, é dada pela energia – a intensidade – e, no plano do conteúdo, pelo sujeito que sente e depois se torna o que enuncia, fornecendo, segundo Fontanille (1995a, p. 50), o espaço-tempo de sua dêixis.

Na conclusão de sua obra, Fontanille retomou – desde Greimas – os esforços semióticos para estudar a percepção e o sentir, e os esforços nos capítulos anteriores buscaram articular esse mundo pouco conhecido. O autor diz que o esforço se voltou para a apreensão sensível, ou melhor, para reconhecer nesse momento as formas pré-semióticas: “[...] desde *Semântica estrutural*, seguindo nisso Merleau-Ponty, Greimas considerava igualmente importantes a ‘percepção interior’ (o ‘pensamento sensível’, por assim dizer) e a percepção do próprio corpo por si mesmo” (FONTANILLE, 1995a, p. 194, grifo do autor, tradução nossa)¹⁷². Ainda para o autor, qualquer fenômeno significativo, seja ele de ordem interoceptiva ou exteroceptiva ou proprioceptiva, pode passar por uma apreensão sensível que engendra esquemas semânticos. Por fim, fica claro que, em diferentes objetos (imagem, filme, etc.), a percepção está também nas formas do conteúdo.

l'intimité de la matière. Dès lors, l'espace visible accède au statut d'espace figuratif, dont les formes sont éventuellement identifiables à celles du monde naturel. Tout se passe comme si l'espace de contrôle des transformations abstraites que nous avons examinées ci-dessus prenait corps, s'incarnait dans un espace-temps figuratif, où le local et le global seraient corrélés, au moment même où le sujet de la perception est globalement activé, comme un corps sentant et agissant”.

¹⁷² Trecho original: “[...] dès *Sémantique structurale*, suivant en cela Merleau-Ponty, Greimas considérait comme tout aussi importantes la ‘perception intérieure’ (la ‘pensée sensible’, en quelque sorte) et la perception du corps propre par lui-même”.

Na seção que segue, buscamos nas obras dos pós-greimasianos aquelas que se assemelham ao manual e à síntese teórica, por escolha pessoal, por demanda/encomenda, por necessidade, em especial, quando pensamos em termos de conhecimento cumulativo de uma área, resultando ora em dicionários ora em manuais, ou ainda em sínteses teóricas.

4.4 ENTRE O MANUAL E AS SÍNTESES DA SENSIBILIDADE

Em 1998, apareceu no horizonte o primeiro manual de semiótica escrito por Fontanille, *Sémiotique du discours*, destinado aos alunos de graduação e pós-graduação, assim como aos que se interessam pelo assunto, aponta o autor no prólogo da obra. Segundo Fontanille, o objetivo é apresentar uma síntese da semiótica entre os anos 80 e 90.

É interessante notar que entre os autores escolhidos a partir de Greimas, há uma necessidade/desejo/demanda constante da escrita de manuais ou sínteses teóricas de semiótica para os discípulos. Começa em Greimas, com *Maupassant*; Fontanille, com *Sémiotique et discours, Sémiotique et littérature*; Landowski, com *Interactions risquées*; e Zilberberg, com *Éléments de grammaire tensive* (continuação de *Précis de grammaire tensive*).

No primeiro capítulo, “Do signo ao discurso”, podemos ver, pelo olhar de Fontanille, que a semiótica manteve distantes o sensível e o inteligível, mas naquele momento era imprescindível, ou talvez *irremediável* negar a interação entre essas duas dimensões: **os dois planos da linguagem** substituem, a partir de agora, as duas faces do signo. Sejam quais forem os nomes que se lhes dê, os dois planos da linguagem são separados por *um corpo perceptivo que toma posição* no mundo do sentido [...] (FONTANILLE, 2007, grifo do autor, p. 30).

Tratando do signo, Fontanille (2007, p. 38) conclui que a teoria da significação saussuriana engloba a noção de imagem que, por sua vez, evocaria a percepção. Segundo ele, o caminho da substância à forma nada mais é do que o mesmo movimento dado no mundo sensível ao significante. Não apenas isso, o semioticista vai além e reduz a questão a dois pontos específicos: “a relação entre percepção e a significação” e “a forma de um sistema de valores”. O primeiro diz respeito à emergência de significações por meio das percepções. A percepção do mundo exterior – da ordem da expressão – produz significantes, enquanto a percepção do mundo interior (que abrange o território dos afetos, sensações e impressões) produz os significados, levando-nos ao segundo ponto, uma vez que as percepções interagem, definem-se em posições diferenciais ou sistema de valores (FONTANILLE, 2007, p. 38).

Na perspectiva hjelmsleviana das linguagens, o mundo exterior e o interior são articulados em plano da expressão e do conteúdo, cuja fronteira se estabelece na posição do sujeito *perceptivo* no mundo no momento da apreensão do sentido. Para Fontanille (2007, p. 44), a tomada de posição ocorre via *visada* – “que dirige e orienta o fluxo de atenção” – ou via apreensão – “que delimita o domínio da pertinência”. Os dois planos ainda podem ser entendidos com o enfoque na percepção, de acordo com a *Semântica Estrutural* de Greimas, isto é, pela articulação entre o exteroceptivo ou plano da expressão e o interoceptivo ou plano do conteúdo – mediada pela propriocepção ou corpo próprio. Retomamos essa reflexão de Fontanille na análise dedicada ao corpo.

A percepção também é parte essencial na presença, pois “perceber algo – antes de reconhecer esse *algo* como figura pertencente a uma das macrosemióticas – é perceber mais ou menos intensamente uma *presença*” (FONTANILLE, 2007, p. 47). Delineia-se aqui o entendimento da relação entre a presença de algo e o sujeito perceptivo, que possui uma determinada extensão e que nos afeta em uma determinada intensidade. Não nos esqueçamos de que *Tension et Signification* foi publicada no mesmo ano, em coautoria com Zilberberg, e já fazia parte das referências desse manual. Temos nesse capítulo, um salto da semiótica clássica para a semiótica tensiva:

A presença, qualidade *sensível* por excelência, é, portanto, uma primeira articulação semiótica da percepção. O afeto que nos toca, essa intensidade que caracteriza nossa relação com o mundo, essa tensão em direção ao mundo, tem relação com a *visada intencional*. Em contrapartida, a posição, a extensão e a quantidade caracterizam os limites e as propriedades do domínio de pertinência, ou seja, as propriedades da *apreensão*. [...] um sistema de valores só pode ganhar corpo quando nele surgem diferenças e essas diferenças formam uma rede coerente: é a condição do *inteligível* (FONTANILLE, 2007, p. 47, grifos do autor).

Retomando Abbagnano na conceituação do *afeto* na filosofia, podemos relacioná-lo ao trecho supracitado em que o afeto aparece no eixo da intensidade como componente do sensível e a valoração como componente do inteligível, pois nas diferenças se cria o sentido. Dito isso, Kant entende que

As representações em relação às quais o espírito se comporta passivamente, por meio das quais portanto (sic) sofre uma A. [Affection] (ou de si mesmo ou de um objeto) pertencem à sensibilidade; aquelas, porém, que incluem um

verdadeiro agir (o pensamento) pertencem ao poder cognoscitivo intelectual (KANT apud ABBAGNANO, 2007, p. 19).

O afeto corresponde à parte interna, isto é, às sensações e, o intelecto, à ação que forma o pensamento, ou se homologarmos o sistema de valores, corresponde à lógica. No entanto, o pensamento diverge na medida em que Kant separa as representações no eixo do sensível e do inteligível, entendendo o primeiro como algo passivo. Nisso, a semiótica contribui para o entendimento do papel da percepção do mundo e a emergência do sentido na discretização do contínuo que se torna significante. Assim, as representações parecem fazer parte de um processo uno, em que sensível e inteligível são faces de uma mesma moeda.

Em 1999, o mesmo autor, no livro *Sémiotique et littérature*, traz um capítulo dedicado ao ponto de vista, cuja implementação textual requer uma atividade perceptiva. Primeiramente: “Trata-se, em suma, de retratar a invenção da significação e sua origem perceptiva e emocional e, conseqüentemente, ancorar o sentido no sensível (FONTANILLE, 1999, p. 43, tradução nossa)¹⁷³. Ao tentar definir o ponto de vista pelo dicionário *Le Petit Robert*, a percepção tem papel fundamental em relação ao sujeito que se engaja em uma atividade perceptiva que pode ser tanto exterior quanto interior, independentemente disso, fica claro que ela instala uma dêixis no espaço. Destaca-se, entre as definições, a expressão *le mieux possible* que admite como pressuposto a intencionalidade:

De fato, a expressão *o melhor possível*, assumindo que a apreensão só pode ser imperfeita, instala uma lacuna irredutível entre o objeto visado e o objeto apreendido, a lacuna que a própria fenomenologia reconhece como o fundamento de toda intencionalidade (Husserl); ao mesmo tempo, a modalização instala uma tensão entre essa incompletude e o todo do objeto, que permanece um horizonte inacessível. De acordo com os autores e as épocas, esse hiato é chamado de *incompletude* ou *esboço* (Husserl), *imperfeição* ou *falta de ser* (Greimas), em qualquer caso, ele funda a intencionalidade em parte no objeto, e não no sujeito apenas, uma vez que é esse hiato e tensão que fornecem ao sujeito, pelo menos potencialmente, um percurso orientado, um percurso para a apreensão “a melhor possível” (FONTANILLE, 1999, p. 45, grifos do autor, tradução nossa)¹⁷⁴.

¹⁷⁴ Trecho original: “En effet, l’expression *le mieux possible*, en présupposant que la saisie ne peut être qu’imparfaite, installe un écart irréductible entre l’objet visé et l’objet saisi, cet écart que la phénoménologie même reconnaît comme le fondement de toute intentionnalité (Husserl); en même temps, la modalisation installe une tension entre cette incomplétude et le tout de l’objet, qui reste un horizon inaccessible. Selon les auteurs et les époques, ce hiatus s’est appelé *incomplétude* ou *esquisse* (Husserl), *imperfection* ou *manque d’être* (Greimas); dans tous les cas, il fonde l’intentionnalité en partie dans l’objet, et non dans le sujet seul, puisque c’est ce hiatus et cette

A definição do ponto de vista segundo Fontanille busca diminuir a imperfeição, a incompletude da visada perceptiva, regrado a intensidade e a extensidade quando a fonte e o alvo interagem (FONTANILLE, 1999). Segundo Tinoco (1997), a intencionalidade husserliana diz respeito, especificamente, à consciência perceptiva que é sempre consciência de alguma coisa, ou seja, a visada de alguma coisa é constitutiva da consciência. Para Tinoco (1997), a percepção e a consciência andam sempre juntas, resultando na intencionalidade. O esboço é referente à exteioridade, é o que nos permite exteriorizar os objetos percebidos pela nossa consciência. É esboço ou incompleto, porque é impossível alcançar a completude desse objeto. Tinoco (1997, p. 239) explica por intermédio da percepção de uma mesa. Se visarmos uma mesa, percebemos apenas perfis, se damos a volta ao redor da mesa, aumentamos esses perfis (esboços). A impossibilidade da completude é o que nos permite, por sua vez, separar o que nos é interior do mundo exterior e, por essa razão, Fontanille usa a expressão “a melhor possível”.

O último capítulo da obra é uma tentativa bem sucedida de análise fenomenológica-semiótica do texto literário: “A semiótica se encarna no corpo ao corpo de uma semiose de carne viva; um corpo-carne, centro de percepção e de emoção, tenta reconhecer o mundo fictício da obra, para poder, como sugere Rimbaud, *embrasser l’aube d’été*” (FONTANILLE, 1999, p. 225, tradução nossa)¹⁷⁵.

Comentando sobre o trabalho fenomenológico de Husserl, que renuncia o saber para encontrar a coisa mesma, Fontanille destaca que o texto literário também tem um discurso cognitivo e que “aumenta” nosso conhecimento do mundo. Assim, o acesso a esse conhecimento se dá pela *apreensão impressiva*, que “[...] permite a manifestação direta da relação sensível com o mundo, ela dá acesso às formas e aos valores por meio de puras qualidades e quantidades perceptivas [...]” (FONTANILLE, 1999, p. 227, tradução nossa)¹⁷⁶.

O autor afirma que, qualquer semiótica possui uma dimensão fenomenológica e que, em algum momento, elas se deparariam com o questionamento relacionado à emergência do sentido por meio da percepção e da transformação de um mundo que vive em um mundo que significa.

tension qui procurent au sujet, au moins potentiellement, un parcours orienté, un parcours en vue de la saisie ‘la meilleure possible’”.

¹⁷⁵ Trecho original: “La sémiotique s’incarne dans le corps à corps d’une sémiosis de chair vivante; un corps-chair, centre de perception et d’émotion, s’efforce de reconnaître le monde fictif de l’œuvre, pour pouvoir, comme le suggère Rimbaud, *embrasser l’aube d’été*”.

¹⁷⁶ Trecho original: “[...] permet la manifestation directe de la relation sensible avec le monde; elle donne accès aux formes et aux valeurs par l’intermédiaire de pures qualités et quantités perceptives”.

Independente da resposta, o corpo precisa aparecer na equação. Fontanille destaca que esses questionamentos aparecem em Greimas desde *De l'imperfection*:

1- a análise do discurso em ato deve buscar de início as “estésias”, esses momentos de fusão entre o sujeito e o mundo sensível [...] 2- [...] o “fragmento”, o “detalhe”, uma diferença mínima, o mais fino incidente figurativo, são apropriados para uma análise das estésias. 3- a intencionalidade, nessa perspectiva minimalista, repousa na *imperfeição da presença* (FONTANILLE, 1999, p. 229, grifo do autor, tradução nossa)¹⁷⁷.

Desse modo, a fusão perceptiva que ocorre entre sujeito-mundo é efêmera, segundo Fontanille, pois o ser só é apreendido em seu parecer e, por isso mesmo, o sentido surge como incompleto, por causa da distância entre a visada e a apreensão. Logo, a incompletude como propriedade da percepção parte para o autor de um viés semiótico. Acrescenta-se a questão da presença como instância do discurso que vincula a um campo em que “se exerce a capacidade da linguagem” e também como “campo de presença sensível e perceptivo”. Assim, tanto a incompletude quanto a presença serão definidas pela intensidade (visada) e extensidade (apreensão) e, a partir delas, obtém-se certos valores. Quanto ao campo, a profundidade indicará o tempo e espaço, tendo o corpo como centro de referência desse campo e que será afetado pela profundidade:

Portanto, as principais variáveis semióticas que caracterizam a profundidade da presença são: (i) a orientação entre a fonte e o alvo da visada; (ii) os movimentos perceptivos e seu tempo; (iii) a extensão em profundidade; (iv) a estabilidade ou instabilidade de zonas-chaves do campo, centro e horizontes; e (v) a sensibilidade proprioceptiva da instância de discurso (FONTANILLE, 1999, p. 237, tradução nossa)¹⁷⁸.

Por fim, chama-nos a atenção o modo como Fontanille aborda em “*Présence et émotion esthétique*”, a percepção do sentido enquanto as condições de felicidade da intencionalidade. A emoção estética engloba a relação entre o discurso e o enunciatário e os efeitos produzidos pela “*impressão de plénitude*”. Tal plenitude será semiotizada pelo autor via Husserl, com intuito de

¹⁷⁷ Trecho original: “L’analyse du discours en acte doit rechercher d’abord les ‘esthésies’, ces moments de fusion entre le sujet et le monde sensible [...] 2- [...] le ‘fragment’, le ‘détail’, un décalage minime, l’incident figuratif le plus mince, sont appropriés à une analyse des esthésies. 3- l’intentionnalité, dans cette perspective minimaliste, repose sur l’*imperfection de la présence*”.

¹⁷⁸ Trecho original: “Les principales variables sémiotiques qui caractérisent la profondeur de la présence sont donc: (i) l’orientation entre la source et la cible de la visée; (ii) les mouvements perceptifs et leur tempo; (iii) l’extension en profondeur; (iv) la stabilité ou l’instabilité des zones clés du champ, centre et horizons; et (v) la sensibilité proprioceptive de l’instance de discours”.

que a “apreciação do texto literário” seja oriunda das “avaliações de presença”, que constituem o motivo de adesão ou não-adesão do enunciatário ao texto, cujas propriedades constitutivas dessa presença são reconhecidas pelo autor como as condições de felicidade: “[...] as condições para que o leitor ‘despose’ as formas do texto, ao mesmo em tempo que ele as *percebe* e reconhece” (FONTANILLE, 1999, p. 240, grifo nosso, tradução nossa)¹⁷⁹.

Nesse trecho, o autor retoma as ideias de *Recherches Logiques III* (Husserl, [1974]), cuja plenitude homologada em emoção estética acontece segundo três condições: a densidade das partes e dos aspectos percebidos; a intensidade das percepções; a variedade qualitativa dos aspectos. Essa referência a Husserl é oferecida ao leitor por meio de uma citação indireta e, na nota de rodapé, conhecemos de qual obra o trecho foi parafraseado. Pensando na sistematização do sensível na semiótica e no reconhecimento público, esta é a reflexão sobre a teoria do conhecimento em que a percepção é visada:

No que diz respeito aos *graus da plenitude quanto ao conteúdo intuitivo*, aos quais correspondem paralelamente *eo ipso* os graus da plenitude quanto ao conteúdo representativo, nós podemos distinguir entre:

1. A extensão (Umfang) ou *riqueza em plenitude*, que varia segundo o conteúdo do objeto, se apresenta com mais ou menos de *perfeição*;
2. A *vivacidade* da plenitude enquanto grau de aproximação das semelhanças primitivas da apresentação em relação aos momentos correspondentes do conteúdo do objeto;
3. O *conteúdo da realidade* da plenitude seguinte que comporta mais ou menos os conteúdos presentativos (HUSSERL, 2012, p. 107, grifos do autor, tradução nossa)¹⁸⁰.

Esse trecho da plenitude e de suas características semiotizadas por Fontanille reforça o papel investigativo do historiógrafo em descobrir as fontes tais quais elas são apresentadas em uma referência (texto-citado) de um determinado texto (texto-citante), mais ou menos intensa, mais ou menos extensa.

¹⁷⁹ Trecho original: “[...] les conditions pour que le lecteur ‘épouse’ les formes du texte, en même temps qu’il les perçoit et les reconnaît”.

¹⁸⁰ Trecho original: “En ce qui concerne les *degrés de la plénitude quant au contenu intuitif*, auxquels correspondent parallèlement *eo ipso* les degrés de la plénitude quant au contenu représentatif, nous pouvons distinguer entre:

1. L’extension (Umfang) ou *richesse en plénitude*, qui varie selon le contenu de l’objet se présente avec plus ou moins de *perfection* ;
2. La *vivacité* de la plénitude en tant que degré d’approximation de ressemblances primitives de la présentation par rapport aux moments correspondants du contenu de l’objet ;
3. Le *contenu de réalité* de la plénitude suivant qu’il comporte plus ou moins de contenus présentatifs”.

Seguindo nossa análise, encontramos esses questionamentos estéticos em Landowski. Permitindo-nos efetuar um salto temporal, deparamo-nos com um Landowski de 2004, com seu terceiro ensaio de sociossemiótica, *Passions sans nom*, que tinha como ambição descrever semioticamente o sensível, que ele chama de estético, na apreensão do sentido. Para o autor, esse conceito seria a nossa relação no mundo em que *provamos* o sentido como presença (LANDOWSKI, 2004). Na introdução de seu trabalho, Landowski retoma historicamente alguns pontos importantes da semiótica nos anos anteriores e, o fato “dela” ter deixado de fora alguns temas em seu primeiro desenvolvimento, seguindo o *modus operandi* da escrita semiótica, em que reconta o passado, destacando o que fica e o que sai da teoria, mais o que será agregado a ela.

Assim, Landowski distingue em seu texto dois Greimas. O primeiro teria “excluído” o sensível na construção do sentido em prol de uma semiótica narrativa. Outros temas, como a fenomenologia, seriam retomados pela segunda figura e última de Greimas – na obra *De l'imperfection*, que será cotejada nesse ensaio sociossemiótico justamente por causa da estesia evocada nela:

Essas dimensões perdidas são, sobretudo, da *presença* imediata das coisas diante de nós, antes do aparecimento de qualquer forma de articulação e de reconhecimento acordado e do *experimentado*, definível como a experiência de sentido que decorre diretamente do nosso encontro com as qualidades sensíveis imanentes as coisas presentes (LANDOWSKI, 2004, p. 2, grifos do autor, tradução nossa)¹⁸¹.

Landowski fala aqui da percepção e, como muitos outros, ele não deixa de citar a célebre passagem de *Semântica Estrutural*, primeiramente entendida como o “lugar não linguístico” da emergência da significação (LANDOWSKI, 2004, p. 3), colocando a referência em nota de rodapé para que os leitores possam conferir a origem da citação. Ainda sobre a questão do que havia sido excluído e reintegrado na história da semiótica, Landowski aponta para um trabalho mais intenso na semiótica clássica ou da ação, que aos poucos se voltou para a práxis em ato para depois ser reconhecida como uma semiótica estética. Segundo o autor, a passagem se deu por intermédio das publicações, cujos temas se desenvolveram em torno da estesia por meio da

¹⁸¹ Trecho original: “Ces dimensions perdues, ce sont avant tout celle de la *présence* immédiate des choses devant nous, avant l'apparition d'aucune forme d'articulation et de reconnaissance convenue, et celle de *l'éprouvé*, définissable quant à lui comme l'expérience d'un sens procédant directement de notre rencontre avec les qualités sensibles immanentes aux choses présentes”.

percepção, da presença, do gosto, do contágio, do corpo. A estesia é entendida por Landowski tal qual em *Da imperfeição*.

Esse semioticista aponta que nem na *Semiótica das paixões* nem em *Tensão e significação*, ele encontraria os princípios necessários para uma elaboração de uma semiótica que não separasse o espaço inteligível do sensível. Assim, o autor destaca que a presença daquilo que pode ser percebido e suas variações tensivas são medidas através das qualidades sensíveis inerentes aos objetos que percebemos:

O tratamento semiótico do sentir não pode ser reduzido ao registro, na forma de modulações, das *variações de intensidade* (tido como “tensão”) suscetíveis de afetar quantitativamente as condições de nossa percepção do mundo exterior. O mundo percebido, que nós reconstruímos espontaneamente a cada momento como um mundo significante, nos solicita, energeticamente, pelo grau – a intensidade – variável de sua presença ao nosso redor ou diante de nós (LANDOWSKI, 2004, p. 47, grifo do autor, tradução nossa)¹⁸².

Com essa explicação, Landowski se foca em *Da imperfeição* para reconciliar em sua teoria o sensível e o inteligível, concluindo que há duas maneiras possíveis para interpretar esse livro: a primeira parte, de uma visão catastrófica da rotina e, a outra parte, de uma visão construtivista. Landowski afirma que é a segunda via que lhe interessa, pois ela se adequaria melhor ao percurso epistemológico de Greimas e, além disso, possibilitaria o desenvolvimento de sua própria teoria das interações:

A segunda leva a configurações nas quais a presença de um sentido se faz sentir em um modo “melódico” ou “harmônico”, o que implica o reconhecimento de um papel igualmente ativo aos dois parceiros - sujeito e objeto – implicados no processo de construção de significado (LANDOWSKI, 2004, p. 56, tradução nossa)¹⁸³.

Essa teoria das interações será retomada pelo autor no seu trabalho dedicado à síntese da sociosemiótica. Como explicitamos anteriormente, em 2006, surgiu no horizonte mais duas

¹⁸² Trecho original: “Le traitement sémiotique du sentir ne saurait en effet se réduire à l’enregistrement, sous la forme de modulations, des *variations d’intensité* (eu de ‘tensivité’) susceptibles d’affecter quantitativement les conditions de notre perception du monde extérieur. Le monde perçu, que nous reconstruisons spontanément à tout instant comme monde signifiant, nous sollicite certes, énergétiquement, par le degré - l’intensité - variable de sa présence autour de nous ou devant nous”.

¹⁸³ Trecho original: “La seconde oriente vers des configurations où la présence d’un sens se fait sentir sur un mode ‘mélodique’ ou ‘harmonique’ qui suppose lui-même la reconnaissance d’un rôle également actif aux deux partenaires - sujet et objet - impliqués dans les procès de construction du sens”.

obras de síntese teórica, uma da vertente tensiva (*Éléments de la grammaire tensive*) e outra da sociossemiótica (*Les interactions risquées*).

Voltemos nossa atenção para uma obra de síntese de Zilberberg. Antes disso, destacamos alguns pontos da resenha elaborada por Sémir Badir, em 2007, de *Éléments de grammaire tensive*, pois ela nos apresenta um breve percurso dos trabalhos de Zilberberg.

Segundo Badir, as reflexões apresentadas em *Éléments de grammaire tensive* são resultantes das seguintes publicações do autor: *Essai sur les modalités tensives* (1981); *Raison et Poétique du sens* (1988); *Tension et Signification* (1998, em coautoria com Fontanille); *Précis de grammaire tensive* (2002). Além disso, é interessante notar que, Badir atribui à obra o estatuto de dicionário por duas vias:

[...] primeiramente, lendo-o *depois* do dicionário, isto é, depois de o vocabulário teórico ter sido totalmente percorrido. Ele ganha imediatamente em coerência, e não se encontram as hesitações habituais para esse tipo de projeto. Em seguida, ele apresenta um Glossário, também generoso em explicações e desenvolvimentos (algumas entradas têm mais de duas páginas). O Glossário é uma empreitada (admirável) de elucidação dos empréstimos terminológicos e das funções conceituais. No entanto, ele não preenche o arrependimento que o leitor pode experimentar na ausência de índices, tanto para os nomes mencionados como para os conceitos empregados (BADIR, 2007, s.p., grifo do autor, tradução nossa)¹⁸⁴.

Temos, definitivamente, na resenha de Badir um teor de historiografia “selvagem”, pois em diferentes momentos desse curto texto, ele aponta para aspectos paratextuais – como o índice, quantas vezes o autor Hjelmslev foi citado na obra (136 vezes), entre outras informações que contribuem para o entendimento da obra sob nossa perspectiva.

A percepção ocupa uma posição no livro de Zilberberg (2011a). Destacamos, conseqüentemente, trechos em que ela salta aos nossos olhos. No segundo capítulo “Das Valências tensivas aos valores semióticos”, a percepção surge por outro viés fenomenológico, isto é, por Cassirer. Zilberberg sai em sua defesa, inclusive. Sem dúvidas, o nome de Merleau-Ponty aparece na obra, mas nos parece que os semioticistas apresentam em suas teorias uma

¹⁸⁴ Trecho original: “[...] d’abord, en se donnant à lire *après* le dictionnaire, c’est-à-dire après que le vocabulaire théorique a été entièrement parcouru. Il y gagne immédiatement en cohérence, et l’on n’y trouve pas les hésitations habituelles à ce genre de projet. Ensuite, il présente un Glossaire, également généreux en explications et en développements (certaines entrées font plus de deux pages). Le Glossaire est une entreprise (admirable) d’élucidation des emprunts terminologiques et des fonctions conceptuelles. Il ne comble pas toutefois le regret que le lecteur peut éprouver devant l’absence d’index, tant pour les noms cités que pour les concepts employés”.

preferência filosófica, variando entre os nomes de Husserl, Merleau-Ponty, Sartre, Cassirer, Valéry, entre outros.

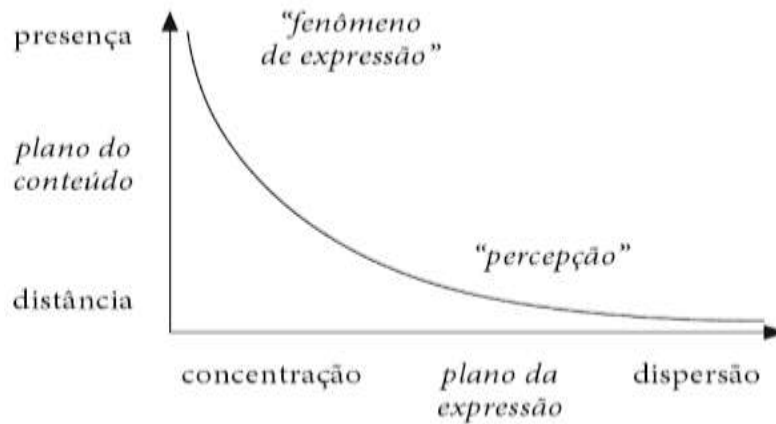
No *site* de Zilberberg, no início, ele escreve sobre seu percurso intelectual e sobre os pensadores que o influenciaram. Aparentemente, podemos, pelo cruzamento bibliográfico, inferir que o acesso à Cassirer ocorreu devido à leitura de *Phénoménologie de la perception*. Embora o autor não cite como isso aconteceu, ele destaca: “As obras de G. Bachelard, P. Valéry, W. Benjamin e, talvez até tardiamente, de E. Cassirer chamaram minha atenção e eu tentei dizer como que elas me enriqueceram”¹⁸⁵.

Cassirer nos é apresentado na concepção de “fenômeno de expressão”, cujas qualidades sensíveis e propriedades expressivas não formam sozinhas uma estrutura:

Ela [a percepção concreta] não se resolve jamais como mero complexo de qualidades sensíveis – como claro ou escuro, frio ou quente –, mas se adapta em cada caso a uma tonalidade de expressão determinada e específica; ela jamais se pauta exclusivamente pelo “quê” do objeto, mas apreende o modo de seu surgimento global, a propriedade sedutora ou ameaçadora, familiar ou inquietante, apaziguadora ou assustadora, que reside nesse fenômeno toado como tal, independentemente de sua interpretação objetiva (1988, p. 82-83 apud ZILBERBERG, 2011a, p. 46-47).

Segundo Zilberberg (2011a, p. 47), em relação inversa, as esferas do “conhecimento teórico” e da “vivência” variam de acordo com as categorias tensivas. A primeira é acentual e a segunda é da “indiferença” e da “dispersão”, características essas que são colocadas no seguinte gráfico pelo autor:

¹⁸⁵ Trecho original: “Les œuvres de G. Bachelard, de P. Valéry, de W. Benjamin et, peut-être trop tardivement, celle d’E. Cassirer ont retenu mon attention et j’ai tâché de dire en quoi elles m’avaient enrichi” (Cf. <http://claudezilberberg.org/portal/>).

Gráfico 4: Esquema do conhecimento teórico e da vivência

Fonte: Zilberberg (2011a, p. 48).

Prosseguindo com nossa análise, Zilberberg, no quarto capítulo de sua obra “Centralidade do acontecimento”, coloca em relação Saussure, Descartes e Merleau-Ponty para definir o que é o acontecimento e como ele não é um pensamento novo. Nessa primeira conceituação, a percepção aparece como fundamental. De Descartes, ele seleciona a ideia da “admiração” do tratado *As paixões da Alma*, que enfoca no primeiro contato com algo, a admiração (espanto) que surge desse contato e o modo como o apreendemos sem juízo de valor, colocando-a como “a primeira de todas as paixões” (apud ZILBERBERG, 2011a, p. 164). Isso faz com que exista um intervalo entre o foco (esperado) e a apreensão (inesperado), algo que o autor sublinha como vindouro de *Da imperfeição*, “a espera do inesperado”, no artigo “Pour saluer l’événement”, publicado em 2008¹⁸⁶:

[...] se o valor desse intervalo for elevado ou eventualmente extremo, teremos um sujeito da “admiração” repentinamente em conjunção com um objeto-acontecimento; se, ao contrário, esse intervalo tender para a nulidade, teremos um sujeito da **percepção** exposto às “coisas” que não passam de “coisas” (ZILBERBERG, 2011a, p. 164, grifo nosso).

Assim a admiração de Descartes se aproxima da percepção de Merleau-Ponty, cuja experiência “se percebe” em si e, para cada sensação despersonalizada, experimentamos o estupor. Ainda, nota-se que as qualidades sentidas “irradiam” um “modo de existência” (cf.

¹⁸⁶ Trecho original: “[...] Greimas lui-même a dû intituler, comme par déférence à l’égard de la gravité du survenir, le dernier chapitre de *De l’imperfection: L’attente de l’inattendu*” (ZILBERBERG, 2008, s.p.).

Fenomenologia da percepção). Desse par, temos pela correlação inversa, a admiração no eixo da tonicidade máxima, em que a atitude do sujeito é do regime do sofrer, e no eixo do desacentuado, nos aparece a percepção em volta da atitude do agir (ZILBERBERG, 2011a, p. 165).

Finalizamos esse aspecto do acontecimento e da percepção, cotejando o artigo “Pour saluer l'événement”, em que o próprio autor o coloca como complemento dos *Éléments de grammaire tensive* na última nota de rodapé (2008). Citamos sua epígrafe: “Chaque chose que tu vois est un événement et chaque idée, un événement, et toi-même qui te perçois par événements (et qui en es un à cet instant) tu es aussi capacité d'événements, – qui elle-même en est un P. Valéry” (apud ZILBERBERG, 2008, p.1).

A última obra de síntese é *Les interactions risquées*, escrita por Landowski e publicada em 2006, pela *Nouveaux Actes Sémiotiques*. É importante ressaltar que o ano de 2006 se refere à data da revista, enquanto que a escrita ocorreu, conforme aponta Landowski no final do texto, em Vilnius, de dezembro de 2004 a janeiro de 2005. Como já havíamos destacado em Auroux (2008), os conhecimentos não são datados *per se*, pois eles não são encarados como acontecimentos. Por outro lado, a publicação, do ponto de vista do aparecimento, dá origem ao acontecimento que, por sua vez é datado. O realce feito pelo autor não parece ser uma prática generalizada, já que na revista alguns textos são datados, outros assinados e, outros nada incluem.

Ao tratar da “marginalidade do sentido”, Landowski retrata a condição do homem, isto é, somos condenados ao sentido via Barthes (1975), Merleau-Ponty (1945) e Greimas (1966; 1987). Pela nota de rodapé (cf. LANDOWSKI, 2006, p. 10, nota 4), percebemos que ele referencia a obra de Barthes e de Merleau-Ponty. Na continuidade do texto, ao mostrar sua hipótese de que o sentido em vez de “impor sua presença”, deve ser conquistado, o autor considera que a experiência do sentido é tal qual dizia Greimas em *Da imperfeição* (segunda parte do livro), uma “escapatória” – “para caracterizar nossa condição, ou ao menos aquela do ‘escritor’, Barthes tinha tomado emprestado de Merleau-Ponty uma fórmula bastante estranha que Greimas também amava repetir [...]” (LANDOWSKI, 2006, p. 10, tradução nossa)¹⁸⁷. Parece-nos que o fio citacional aparece invertido, pois em *Semântica Estrutural*, Greimas já colocava explicitamente esse pensamento:

¹⁸⁷ Trecho original: “Pour caractériser notre condition, ou du moins celle de l' ‘écrivain’, Barthes avait emprunté à Merleau-Ponty une formule assez étrange que Greimas aimait aussi à répéter”.

Nós ficamos ingenuamente surpresos quando refletimos sobre a situação do homem, que de manhã à noite e da idade pré-natal à morte, é literalmente atacado pelas significações que o solicitam por todos os lugares, por mensagens que lhe alcançam a todo o momento e sob todas as formas (GREIMAS, 1966, p. 8, tradução nossa)¹⁸⁸.

Em Merleau-Ponty, fonte do pensamento de Greimas, temos:

[...] porque nós estamos no mundo, nós estamos condenados ao sentido e, nós não podemos fazer nada, nem dizer nada que não tome um nome na história (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 26, tradução nossa)¹⁸⁹.

Para Barthes, como aponta Landowski:

Em relação ao escritor, o compositor é sempre louco (e o escritor não pode nunca sê-lo, pois ele está condenado ao sentido) (BARTHES, [1975]1982, p. 273, tradução nossa)¹⁹⁰.

Por fim, depois de constatar essa rede relacional e citacional, Landowski completa a fórmula, afirmando que estamos condenados a construir o sentido. Dito isso, para chegar à noção de risco, Landowski faz mais uma parada nas referências de seu pensamento, dessa vez (e novamente), via Saussure, sobre a questão da diferença e da identidade na emergência do sentido, cujo equilíbrio “precário” está no plano da percepção, mais propriamente dito, entre o par continuidade-descontinuidade. O autor destaca que tanto o sujeito quanto o sentido só se configuram em uma “zona mediana”, isto é, *percebemos* o mundo disforicamente ou euforicamente

[pela] diversidade de regimes de presença e de interação nos quais se inscrevem nossas relações com o mundo e com o outro, regimes em que procede também a apreensão do sentido no fio da experiência de todos os dias, bem como sua dissolução na indiferença, ou ao contrário sua explosão no incoerente (LANDOWSKI, 2006, p. 12, tradução nossa)¹⁹¹.

¹⁸⁸ Trecho original: “On est naïvement étonné quand on se met à réfléchir sur la situation de l’homme qui, du matin au soir et de l’âge prénatal à la mort, est littéralement assailli par les significations qui le sollicitent partout, par les messages qui l’atteignent à tout instant et sous toutes les formes”.

¹⁸⁹ Trecho original: “Parce que nous sommes au monde, nous sommes condamnés au sens, et nous ne pouvons rien faire ni rien dire qui ne prenne un nom dans l’histoire”.

¹⁹⁰ Trecho original: “Par rapport à l’écrivain, le musicien est toujours fou (et l’écrivain, lui, ne peut jamais l’être, car il est condamné au sens)”.

¹⁹¹ Trecho original: “[...] diversité des régimes de présence et d’interaction dans lesquels s’inscrivent nos rapports au monde et à autrui, régimes dont procède aussi la saisie du sens au fil de l’expérience de tous les jours, de même que sa dissolution dans l’indifférencié ou, au contraire, son éclatement dans l’incohérent”.

Entre os regimes interacionais, no ajustamento, Landowski define dois tipos de sensibilidade: a perceptiva e a reativa. Entre os processos interativos da teoria que Landowski busca estabelecer, tanto os atores humanos quanto as coisas são levados em consideração, pois ele busca nesses processos a experiência vivida do dia a dia (LANDOWSKI, 2006). Tendo estabelecido as regularidades do regime da programação e da manipulação, o regime de ajustamento tem na sensibilidade o seu fundamento:

[...] a *sensibilidade perceptiva* que nos permite não apenas experimentar por meio dos sentidos as variações perceptíveis do mundo exterior (relacionadas à presença de outros corpos-sujeitos ou aos elementos do mundo-objeto) e experimentar as modulações internas que afetam os estados do corpo próprio, mas também interpretar o todo dessas soluções de continuidade em termos de sensações diferenciadas que fazem sentido por si mesmas. Então, uma sensibilidade que chamaremos de *sensibilidade reativa*: é aquela que atribuímos, por exemplo, aos toques das teclas de um teclado de computador ou a um pedal de acelerador quando dizemos que são muito, algumas vezes demais, “sensíveis” (LANDOWSKI, 2006, p. 44, grifos do autor, tradução nossa)¹⁹².

Resumidamente, Landowski destaca que nesse regime não há nem adaptação e nem manipulação, que corresponderiam aos regimes da programação e da manipulação. Nesse caso, o ajustamento ocorre “entre iguais”, por meio do contágio entre os sujeitos da operação – sensibilidade – no nível estésico, tanto dos sujeitos, quanto dos objetos (LANDOWSKI, 2006; 2014). Dessa forma, finalizamos a análise da sensibilidade, cujo enfoque maior se deu no termo da percepção. No próximo capítulo, abordamos a corporeidade, o elo entre as dimensões da passionalidade e da sensibilidade.

¹⁹² Trecho original: “[...] la *sensibilité perceptive* qui nous permet non seulement d’éprouver par les sens les variations perceptibles du monde extérieur (liées à la présence d’autres corps-sujets ou aux éléments du monde-objet) et de ressentir les modulations internes affectant les états du corps propre, mais aussi d’interpréter l’ensemble de ces solutions de continuité en termes de sensations différenciées faisant elles-mêmes sens. Ensuite, une sensibilité que nous appellerons la *sensibilité réactive*: c’est celle que nous attribuons par exemple aux touches d’un clavier d’ordinateur ou à une pédale d’accélérateur lorsque nous disons qu’elles sont très, quelquefois trop, ‘sensibles’”.

5. UMA PANCÁLIA ORIGINAL: A CORPOREIDADE

Dans le discours de la plupart des sciences humaines, le corps est un thème omniprésent depuis une vingtaine d'années: l'histoire, la sociologie, la poétique, l'anthropologie et la philosophie, la communication et la mercatique, parmi bien d'autres, en ont fait un motif de renouvellement et d'actualisation. Pourtant cette « incarnation » des sciences humaines se présente sous bien des figures différentes (FONTANILLE, 2011, p. 1).

Do ponto de vista historiográfico, em que buscamos construir um percurso do sensível, em três domínios diferentes – passionalidade, sensibilidade e corporeidade –, trabalhando com termos que também são diferentes (afeto, paixão, emoção, contágio, sensação, percepção, estesia, estética, corpo), temos destacado, ao longo das análises, o fazer do historiógrafo linguista (semioticista), isto é, aproximando a metalinguagem da historiografia aos recortes do *cópus* no que diz respeito: à imanência, para recuperar como o sensível aparece no nível epistemológico e no nível retórico; à contextualização, para entender o *zeitgeist* e o horizonte de retrospectiva por meio da formação e da dispersão do grupo de especialidade, incluindo a recepção teórica; e à influência tanto de Greimas quanto dos pós-greimasianos através do reconhecimento e das citações nos trabalhos. Cada um desses aspectos (entre outros) direcionou em que medida os termos (percepção, sensação, corpo, emoção, paixão, etc.) apareceram em nossas análises ou foram momentaneamente omitidos nessas páginas. Diante de nossa última análise, mais um incômodo surge, na verdade dois, um relacionado ao fazer historiográfico e, o outro, relacionado ao termo dessa última análise, o corpo.

Quanto ao primeiro, tratamos brevemente a questão da bricolagem (cf. capítulo 1) relacionando-a com o termo *corpo*. A epígrafe deste capítulo, é resultado de um cotejo de sua primeira elaboração em *Soma et séma* (2004) e de sua reformulação em *Corps et sens* (2011)¹⁹³, em que tomamos a obra como *bricolada historigráficamente* – “é fazer do novo com o velho”, diria Floch (1995). Se nos aproximarmos do mesmo trecho nas duas obras (2004, 2011), um intervalo temporal de sete anos entre os dois acontecimentos, isto é, da publicação, podemos observar as seguintes mudanças diacrônicas, tanto no nível do sintagma, quanto do paradigma. O trecho em negrito se refere à obra de 2004 e o sem destaque, à obra de 2011:

¹⁹³ Trecho original: “Dans le discours de la plupart des sciences humaines, le corps est revenu en force: en histoire, en sociologie, en poétique, en anthropologie et aussi ... en sémiotique. Pourtant cette ‘incarnation’ des sciences humaines (‘embodiment’, disent les ‘cogniticiens’) se présente sous bien des figures et des motifs différents”.

Trecho 1:**Dans le discours de la plupart des sciences humaines, le corps est revenu en force:**

Dans le discours de la plupart des sciences humaines, le corps est un thème omniprésent depuis une vingtaine d'années:

Trecho 2:**en histoire, en sociologie, en poétique, en anthropologie et aussi ... en sémiotique.**

l'histoire, la sociologie, la poétique, l'anthropologie et la philosophie, la communication et la mercatique, parmi bien d'autres,

Trecho 3:**[não tem enunciado equivalente em *Soma et séma*]**

en ont fait un motif de renouvellement et d'actualisation.

Trecho 4:**Pourtant cette « incarnation » des sciences humaines (« embodiment », disent les « cognitiens ») se présente sous bien des figures et des motifs différents.**

Pourtant cette « incarnation » des sciences humaines se présente sous bien des figures différentes »

No cotejo do primeiro trecho, há uma diferença em afirmar que a questão do corpo “retornou com vigor” e “que ele está onipresente há uns vinte anos”, de um ponto de vista da ruptura para a continuidade. Depois, a semiótica passa do destaque em reticências para uma existência “entre outras”. Seguido de um acréscimo, o tema pede renovação e atualização e, por fim, as ciências humanas, agora *encarnadas*, nos apresentam o corpo sob diferentes perspectivas que o autor aborda para chegar à própria semiótica.

O segundo aspecto nos remete ao esquema que elaboramos na cartografia do sensível e que categorizamos em domínios e em termos e, diante do corpo, começamos a perceber que ele é o carro chefe deste trabalho, pois todos os domínios são da ordem corporal e, na semiótica, pelo viés que consideramos, não encontramos nenhum outro termo senão o corpo. Essa hipótese é retomada nas conclusões de nossa empresa.

Assim, continuamos nosso percurso com a epígrafe deste capítulo, em que a semiótica também entra no rol de disciplinas das ciências humanas que deixaram o *corpo* dormente por duas décadas, como salienta Fontanille. O autor também se questiona em que medida esse termo foi excluído ou integrado à semiótica. Ao que ele responde, o corpo retornou ao escopo da teoria nos anos 80, juntamente com os temas passionais, estéticos e a semiose ancorada na experiência sensível (FONTANILLE, 2004, p. 12). Esse termo havia sido excluído devido ao *formalismo* e ao *logicismo* do estruturalismo nos anos 60. Já o seu retorno, aparece no horizonte como solução do

logicismo ou, como aponta Fontanille, uma *alternativa* amparada pelo “[...] ângulo fenomenal e, por isso, o corpo do operador é requisitado” (FONTANILLE, 2004, p. 15, tradução nossa)¹⁹⁴.

Para Fontanille, o corpo na semiótica pode ser encarado sob dois ângulos, como substrato da semiose ou figura semiótica:

Aparentemente, a distinção é fácil de estabelecer: no primeiro caso, o corpo participa da modalidade semiótica e fornece um dos aspectos da “substância” semiótica; no segundo caso, o corpo é uma figura entre outras; ele então toma forma de figuras do discurso, figuras da expressão ou do conteúdo, que resultam do processo de semiotização e da “formatação” do corpo dos atores (FONTANILLE, 2004, p. 16, tradução nossa)¹⁹⁵.

Sobre esses dois pontos, em *Corps et sens* (2011), eles possibilitarão dois percursos de análise, isto é, um voltado para o corpo-actante e o outro para as figuras da impressão corporal (FONTANILLE, 2011, p. 6). Será que do ponto de vista historiográfico, poderíamos compreender o corpo a partir dessas duas abordagens? Outra questão importante é: de qual lugar, nós podemos partir para falar da questão do corpo na semiótica? Quando esse aspecto emerge? Buscamos sua emergência na obra precursora da semiótica *Sémantique Structurale*, de Greimas (1966), mesmo sendo uma recuperação menos óbvia que a questão da percepção.

Quando destacamos os termos regentes da percepção (exterocepção, interocepção e propriocepção), notamos que os três são provenientes da questão do corpo. Nas análises dedicadas à percepção, destacamos esses termos em três momentos: para tratar do inventário de Ross Quillian, que Greimas descreve na *Semântica* (GREIMAS, 1966, p. 65-66); para tratar da isotopia do discurso e analisar o semema *fatigué* (GREIMAS, 1966, p. 86-87); e para tratar o universo semântico (GREIMAS, 1966, p. 106).

Aproximando-se, conseqüentemente, de Merleau-Ponty, pois a percepção é mediada pelo corpo (2011, p. 103, tradução nossa): “Considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo”¹⁹⁶. Logo, para o autor, a percepção do mundo exterior demanda uma participação do corpo, pois:

¹⁹⁴ Trecho original: “[...] l’angle phénoménal, et, pour cela, le corps de l’opérateur est requis”.

¹⁹⁵ Trecho original: “Apparemment, la distinction est facile à établir: dans le premier cas, le corps participe de la modalité sémiotique et fournit un des aspects de la ‘substance’ sémiotique; dans le second cas, le corps est une figure parmi d’autres; il prend alors la forme de figures du discours, figures de l’expression ou du contenu, qui résultent du processus de sémiotisation et de la ‘mise en forme’ du corps des acteurs”.

¹⁹⁶ Trecho original: “Je considère mon corps, qui est mon point de vue sur le monde, comme l’un des objets de ce monde”.

Eu só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo. Assim, a *exteroceptividade* pede uma enformação dos estímulos, a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central. Mas poderíamos responder que essa “experiência do corpo” é ela mesma uma “representação”, um “fato psíquico”, que a este título ela está no final de uma cadeia de acontecimentos físicos e fisiológicos que são os únicos que podem ser considerados como “corpo real”. Meu corpo não é, exatamente como os corpos exteriores, um objeto que age sobre receptores e finalmente dá lugar à consciência do corpo? Não existe uma “*interoceptividade*” assim como existe uma “*exteroceptividade*”? (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 104, grifos nosso, tradução nossa)¹⁹⁷.

Merleau-Ponty explica esses aspectos, analisando pacientes que passaram pelos problemas do membro fantasma e da anosognosia, em que o primeiro é a presença de uma parte do corpo que não está mais ali e o paciente ainda a sente. O segundo, o caso contrário, em que há a ausência da representação de um membro que está lá. Para Merleau-Ponty, por uma explicação fisiológica, entende-se “a anosognosia e o membro fantasma como a simples supressão ou a simples persistência das estimulações interoceptivas” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 113-114, tradução nossa)¹⁹⁸. No entanto, se o “corpo é o veículo do ser no mundo” e se “tenho consciência do mundo por meio do meu corpo”, o doente sabe de sua doença e, segundo o autor, ignora-a porque a conhece, sendo o próprio paradoxo do ser no mundo (corpo habitual e atual) (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 114).

Os conceitos de exterocepção e interocepção são utilizados na *Fenomenologia da percepção* para caracterizar os estímulos que o corpo recebe. A propriocepção, entretanto, aparece quando o autor aborda o “esquema corporal” que, *grosso modo*, é o resumo das nossas experiências corporais. Pode-se afirmar que os três termos aparecem em Merleau-Ponty como uma resposta filosófica à Charles Scott Sherrington (1857-1952), neurofisiologista, ganhador do prêmio Nobel, em 1932, em fisiologia ou medicina, e quem introduziu essa terminologia em

¹⁹⁷ Trecho original: “Je ne puis comprendre la fonction du corps vivant qu'en l'accomplissant moi-même et dans la mesure où je suis un corps qui se lève vers le monde. Ainsi l'extéroceptivité exige une mise en forme des stimuli, la conscience du corps envahit le corps, l'âme se répand sur toutes ses parties, le comportement déborde son secteur central. Mais on pourrait répondre que cette ‘expérience du corps’ est elle-même une ‘représentation’, un ‘fait psychique’, qu'à ce titre elle est au bout d'une chaîne d'événements physiques et physiologiques qui peuvent seuls être mis au compte du ‘corps réel’. Mon corps n'est-il pas, exactement comme les corps extérieurs, un objet qui agit sur des récepteurs et donne lieu finalement à la conscience du corps ? N'y a-t-il pas une ‘interoceptivité’ comme il y a une ‘extéroceptivité’?”

¹⁹⁸ Trecho original: “L'anosognosie et le membre fantôme comme la simple suppression ou la simple persistance des stimulations interoceptives”.

1906, com o objetivo de abordar as sensibilidades visceral, externa e cinestésica. Observamos que a tentativa de integrar o sensível aparece na *Semântica Estrutural* para distinguir os níveis semiológico e semântico e nas categorias operacionais utilizadas na descrição do nível semiológico.

Mais do que condenados ao sentido, diríamos que estamos condenados à rotina – ao trabalho de Sísifo – que perde seu sentido, e sem uma *fratura*, sem uma *falta*, sem um problema, não temos nada, não temos sentido ou perdemos o sentido, porque ao olharmos de perto os desdobramentos de alguns conceitos que circunscrevem a semiótica, eles partem dessa fratura. Sem uma falta não há história. Por exemplo, os diferentes tipos de percepção são exemplificados por Merleau-Ponty por meio de doenças psíquicas e, é por essa via que eles chegam à semiótica. O percurso narrativo canônico também entrou na teoria através do trabalho de Propp, cujas primeiras funções do conto maravilhoso explicitam um problema, uma falta, uma situação inicial.

Para Ricoeur, a situação inicial mesmo sendo vista como fundamental, na perspectiva morfológica, não é listada nas funções por Propp. Segundo o autor, ela só se determina diante da relação com a *intriga*, termo aristotélico para começo. A “parte preparatória do conto” (as sete primeiras funções), que introduz o dano (movimento do conto), é para Aristóteles “[...] o nó (*désis*) da intriga, que exige seu desenlace (*lusis*)” (RICOEUR, 1984, p. 72, grifo do autor, tradução nossa)¹⁹⁹. No capítulo 18 da *Poética*, Aristóteles afirma que “toda tragédia encerra a complicação e o desenlace” (2011, p. 70), isto é, a relação de implicação entre *désis* e *lusis*. A complicação que aparece no *começo* da peça e na sua tensão máxima antecede a reversão da boa sorte em má sorte, enquanto o desenlace é o começo da mudança até o fim da peça (MOREIRA, 2014, p. 68). Outro exemplo é a própria *fratura*, termo introduzido em *Da imperfeição*, por Greimas, para abordar a emergência do sentido estésico/estético ou, como aponta Landowski (2004, 2006), a emergência do sentido catastrofista/acidental. Em 1989, através dos estudos da Asma, Fontanille aborda o contágio e esboça o percurso passional canônico.

Assim, nos questionamos por que as doenças? As doenças são nossas fraturas corporais e psíquicas. Saímos da rotina do nosso corpo e daí surge uma excrescência de sentido que nos mobiliza. Conforme sua etimologia no dicionário *Le Petit Robert*, “malade”, do latim *male habitus* « *qui se trouve en mauvais état* » (que está em mau estado), reflete uma mudança de

¹⁹⁹ Trecho original: “[...] le nœud (*désis*) de l'intrigue, qui appelle son dénouement (*lusis*)”.

estado no corpo. Podemos observar esse imbricamento entre a semiótica e as doenças mais uma vez, em outro texto de Greimas (1970).

O ensaio “Condições para uma semiótica do mundo natural”, publicado originalmente em 1968 e republicado (bricolado) em *Du sens I*, em 1970, nos permite retomar aquela primeira hipótese de *Semântica*, cujas significações do mundo humano estão no nível da percepção, sendo elas recuperáveis por meio de suas qualidades sensíveis. Fica claro o papel do sensível na constituição da significação, pois, logo na introdução, Greimas reafirma que

Basta inverter o ponto de vista para perceber que a única presença concebível da **significação no mundo é sua manifestação no interior da “substância” que engloba o homem**: o mundo dito sensível se torna o objeto, na sua totalidade, da busca da significação; ele se apresenta, no seu conjunto e nas suas articulações, como uma virtualidade de sentido por pouco que ele esteja submetido a uma forma (GREIMAS, 1970, p. 49, grifo nosso, tradução nossa)²⁰⁰.

É o reconhecimento implícito da fenomenologia, “uma vez que as coisas e meu corpo são feitos do mesmo estofa [...]” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 21, tradução nossa)²⁰¹. Seguindo nossa análise do ensaio, o semioticista se dedicou à gestualidade, restringindo sua reflexão sobre o mundo sensível ao *visual* que, para Greimas (1970, p. 52), parece ser o sentido mais importante tanto qualitativa quanto quantitativamente. O mundo visível se projeta diante de nós constituído por várias “[...] *camadas de significantes superpostos* ou, até mesmo, justapostos” (GREIMAS, 1970, p. 52, grifo do autor tradução nossa)²⁰².

É intrigante observar que o pesquisador aborda a questão do corpo como mediador do processo de significação. Para Greimas, “[...] o homem, enquanto corpo, está integrado ao lado de outras figuras, ele é forma comparável às outras formas (GREIMAS, 1970, p. 57, tradução nossa)²⁰³, reforçando a ideia de que temos o mesmo estofa do mundo (MERLEAU-PONTY, 1964). Sobre o corpo, mais especificamente, sobre a mobilidade e a motricidade, Greimas destaca que o contexto espacial, lugar em que encontramos também o homem, não se separa – mas em um primeiro momento foi analisado separadamente – nem das categorias táteis e nem das formas

²⁰⁰ Trecho original: “Il suffit d’inverser le point de vue pour se rendre compte que la seule présence concevable de la signification dans le monde est sa manifestation à l’intérieur de la ‘substance’ qui englobe l’homme: le monde dit sensible devient ainsi l’objet, dans sa totalité, de la quête de la signification; il se présente, dans son ensemble et dans ses articulations, comme une virtualité de sens pour peu qu’il soit soumis à une forme”.

²⁰¹ Trecho original: “Puisque les choses et mon corps sont faits de la même étoffe”.

²⁰² Trecho original: “[...] *couches de signifiants* superposées, ou parfois même juxtaposées”.

²⁰³ Trecho original: “L’homme, en tant que corps, y est intégré à côté d’autres figures, il y est forme comparable à d’autres formes”.

do mundo percebido (GREIMAS, 1970, p. 59), levando à redução da análise, cujo ponto de vista do corpo humano como objeto da percepção torna-se o *autor* de sua própria motricidade. Temos inicialmente um homem como corpo (figura do mundo) e, depois, como “mecanismo complexo” de sua mobilidade, que pode produzir significação. Essa era a ideia de corpo para Greimas:

O contexto espacial no qual se inscreve a forma humana é inseparável tanto das categorias táteis como da problemática do dinamismo das formas do mundo percebido. No entanto, nós o examinamos separadamente, considerando que certa categorização do percebido – e até mesmo sua axiomatização aproximativa, enquanto se esperava a constituição de uma semiótica, era necessário. Nós fizemos isso não somente para insistir na necessidade da descrição do corpo, na sua qualidade de objeto percebido, mas para marcar a separação (confirmada por pesquisas recentes sobre a apraxia) entre o espaço não humano, um *outro lugar*, no qual o homem prolonga sua presença com ajuda do gesto ou da ferramenta e espaço humano reduzido, um *aqui-lá* onde se exerce sua gesticulação (GREIMAS, 1970, p. 58-59, tradução nossa)²⁰⁴.

É a partir dessa reflexão que o mestre lituano se aproxima novamente de uma patologia para o aproveitamento teórico, dessa vez, da apraxia, que consiste na incapacidade de realizar movimentos de forma voluntária, independentemente de a pessoa saber fazer o movimento e dos músculos estarem “normais”. Quando Greimas começa a tratar o corpo como *autor* de sua própria motricidade, podemos nos aproximar das ideias de Merleau-Ponty sobre a espacialidade do corpo próprio e a sua motricidade. É, justamente, a partir da apraxia que Merleau-Ponty demonstra que o corpo habita o espaço e o tempo e que é o próprio corpo que nos fornece uma forma de acessar ao mundo: “[o corpo] Ele *habita o espaço* e o tempo [...]. A experiência motora de nosso corpo não é um caso específico de conhecimento, ela nos fornece uma maneira de acessar ao mundo e ao objeto, uma ‘praktognosia’ que deve ser reconhecida como original e originária” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 174-175, tradução nossa)²⁰⁵. Assim, Merleau-Ponty

²⁰⁴ Trecho original: “Le contexte spatial dans lequel s’inscrit la forme humaine est inséparable tout aussi bien des catégories de la tactilité que de la problématique du dynamisme des formes du monde perçu. Nous l’avons toutefois examiné séparément, considérant qu’une certaine catégorisation du perçu – et même son axiomatisation approximative, en attendant la constitution d’une sémiotique du monde naturel – était nécessaire. Nous l’avons fait non seulement pour insister sur la nécessité de la description du corps en sa qualité d’objet perçu mais aussi pour marquer la séparation (confirmée par des recherches récentes portant sur l’apraxie) entre l’espace non humain, un *ailleurs*, vers lequel l’homme prolonge sa présence à l’aide du geste ou de l’outil et l’espace humain réduit, un *ici-là* où s’exerce sa gesticulation”.

²⁰⁵ Trecho original: “Il *habite l’espace* et le temps [...]. L’expérience motrice de notre corps n’est pas un cas particulier de connaissance; elle nous fournit une manière d’accéder au monde et à l’objet, une ‘praktognosie’ qui doit être reconnue comme originale et peut-être comme originaria”.

conclui que o corpo compreende o mundo sem precisar de representações, sejam elas de ordem simbólica ou objetivante, uma vez que o corpo “tem seu mundo”.

Na próxima seção, continuamos com a ideia de fratura para análise do termo corpo, dessa vez, incluindo o Körper (qualquer corpo físico), enquanto objeto estético e estésico.

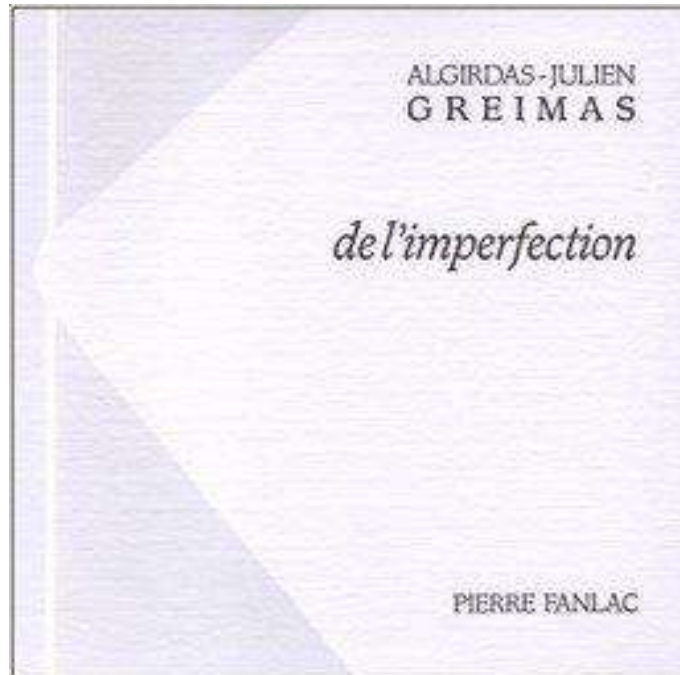
5.1 A FRATURA DO CORPO – KÖRPER E LEIB

Seguimos nossa análise com mais uma fratura, isto é, a publicação de *De l'imperfection*. Fratura no sentido duplo: no nível estético da forma da obra, que desperta o estésico no seu leitor e porque no seu miolo traz o que os semioticistas consideram como elementos que possibilitaram uma virada, segunda fratura, dessa vez, fenomenológica, no escopo teórico (LIMA, 2014). O sensível surge na superfície do texto de uma forma menos enquadrada pelo discurso científico, pois o autor se permitiu uma liberdade literária para nos mostrar como uma análise semiótica pode ser feita por intermédio do sensível, ou seja, como a experiência estética é dada no encontro entre sujeito e objeto, possibilitando uma nova série de pesquisas na área (LANDOWSKI, 2004, p. 39).

Essa mobilização leva o leitor a uma “fratura” na *prática* de leitura do livro, convocando-o a essa experiência estésica e estética de distanciamento na apreensão de sentido do texto, que lhe gera um estranhamento causado pelo enunciado, que rompe com o discurso, supostamente científico, esse lugar de que fala a semiótica. Isso se torna mais evidente quando temos em mãos a versão original francesa e a versão traduzida para o português que objetiva “remediar” tal “fratura” com paratextos, antes e depois do texto original, competencializando o leitor brasileiro a ler a obra de Greimas e assegurando, ao mesmo tempo, o próprio valor científico da obra em si. Por isso, tomamos *Da imperfeição* em duas frentes: o objeto visto como corpo (körper) e, por meio da imanência, o corpo (leib) enquanto termo de nossa análise.

Do ponto de vista estrutural, percebemos a obra como uma enunciação-enunciada do sensível em sua imanência. *Da imperfeição* é um corpo-objeto estético, uma obra de arte. Além da raridade-enunciada (apenas 50 exemplares foram produzidos em 1987). Sua forma tem uma dimensão quadrada (cf. figura 12), com capa dura e textura, o que é raro para uma obra científica, levando o leitor a apreciar o livro desde o primeiro toque, despertando, conseqüentemente, a estesia:

Figura 12: Capa original de *De l'imperfection*, 1987.



Fonte: *De l'imperfection* (1987).

Pode-se dizer que houve toda uma preocupação para que o livro fosse ele mesmo um objeto de admiração, de apreensão estética e estético:

“De l'imperfection foi publicado em 1987, em Périgueux, e foi uma decisão de seu autor que a edição tivesse características especiais para que o que chegasse às mãos dos leitores fosse um objeto lentamente elaborado, um objeto que evocasse os dispêndios da arte em vez das privações do fazer científico. Poder-se-ia pensar que, afastado do exercício ativo da cátedra, sentindo que seu amplo esforço deu seus frutos e que agora “no que me concerne, já posso descansar com tranquilidade”, o Mestre quis voltar-se em silêncio a velhos amores: a palavra poética, as boas coisas entregues ao tato e ao olhar, aquelas outras entregues à contemplação, íntimas como uma música, o acontecer cotidiano, a gramática da arte e as promessas da arte (DORRA, 2002, p. 121).

Depois da dedicatória (Para – e com – Tereza), na página seguinte, em itálico, o Prólogo sob o título de “Todo parecer é imperfeito” aparece no índice da edição francesa. Mais duas páginas capitulares separam dois momentos do livro: “A fratura” e “As escapatórias”. Na primeira parte, “A fratura”, Greimas a subdivide em cinco capítulos (“O deslumbramento”, “O guizo”, “O odor de jasmim”, “A cor da obscuridade” e “Uma mão, uma face”), cada um corresponde a uma análise de obras literárias: Michel Tournier, “Vendredi ou les limbes du pacifique”; Ítalo Calvino, “Palomar”; Rainer Maria Rilke, “Übung am klavier”; Tanizaki

Junichiro, “Éloge de l’ombre”; Julio Cortázar, “Continuidad de los parques”. Cada título remete a uma fratura (descontinuidade) irrompida no cotidiano (continuidade) do sujeito e do objeto nas narrativas, produzindo um efeito de sentido estético, em cada texto escolhido, pela experiência estética vivida no mundo, reaproximando-se assim da fenomenologia merleau-pontiana, pois: “[...] o autor examina a possibilidade de a experiência estética ser produzida por arranjos e rearranjos das coisas simples que fazem parte do nosso viver rotineiro” (OLIVEIRA, 2002, p. 11).

Na segunda parte, “As escapatórias”, o autor a subdivide em três capítulos (“Imanência do sensível”, “Uma estética exaurida”, “A espera do inesperado”), em que discute, a partir do fio da história, o que é estética e estesia, a imanência do sensível pela imperfeição, o cotidiano e a insignificância e, finalmente, no próprio cotidiano de nossas vidas, a inserção de breves fraturas, momentos de reencontro do sujeito e do objeto proporcionados pelo próprio sujeito. Para fechamento da obra, temos em paralelismo com o pensamento inicial (prólogo), o Epílogo “Querer dizer o indizível”.

Pensando na questão de gênero em semiótica, seguimos as ideias de Fontanille (1999), no que diz respeito às mudanças que ocorrem nos gêneros devido a certos fatores, entre eles destacam-se: a classificação de uma época a outra, que também varia segundo a cultura e a própria evolução dos princípios em si. Cada gênero é constituído pela reunião de um tipo discursivo e um tipo textual, cujas isotopias criadas possuem propriedades textuais e discursivas que consoante Fontanille (1999, p. 162) são tratadas em termos de coerência, coesão e congruência (o primeiro define o texto; o segundo, o discurso; o terceiro, a reunião dos dois). Segundo Portela e Schwartzmann (2012), cada um desses aspectos organiza, de uma maneira, seja o texto, seja o discurso, ou ambos:

A coesão dá conta apenas da organização das sequências de um texto e dos processos que organizam e hierarquizam os segmentos textuais (cujos exemplos seriam o paralelismo, as simetrias, as intercalações, os parágrafos, as rimas). A coerência aponta para a intencionalidade do discurso, que indica a existência de um único universo de sentido, mesmo que existam outras possíveis leituras (no caso de uma pluri-isotopia). Ou seja, a coerência torna evidente um sentido que é apreendido globalmente, mesmo que se tenha a impressão de que não há homogeneidade na sua significação. Já a congruência seria uma forma de vestígio da enunciação, pois é na instância de enunciação que são reunidos os tipos de texto e discurso. A congruência, portanto, sendo responsável pelo efeito global de totalidade de sentido, permite que se superponham diversos domínios de pertinência em uma dada semiótica-objeto, já que é uma espécie de tradução que amalgama

e “resolve” as heterogeneidades dos tipos textual e discursivo (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 76).

Além desses fatores, Fontanille (2008), em *Pratiques sémiotiques*, propõe elementos que possibilitem a análise do gênero, definidos em níveis de pertinência do plano da expressão (ou percurso gerativo da expressão), que se reduzem hierarquicamente em: signos, textos-enunciados, objetos-suporte, cenas práticas, estratégias, e formas de vida. Desse percurso, nos interessa os níveis voltados para a análise dos gêneros que, segundo Fontanille (2008), compreendem os textos-objetos, os objetos-suporte e as cenas práticas, como podemos observar no quadro a seguir, mobilizando os aspectos estruturais ora mencionados:

Quadro 5: **Experiência sensível da prática de leitura em *Da imperfeição***

Textos-enunciados	O Ensaio <i>De l'imperfection</i>	Desdobramento Textual, discurso de habilitação (o saber), e valores participativos.
Objeto-suporte	Livro	99 páginas, edição brochura, marcações editoriais com paginação capitular que ao mesmo tempo identificam as partes do livro e “alongam” a leitura.
Cenas práticas	Prática Editorial do original	A leitura de objeto científico como objeto de arte.

Fonte: autora²⁰⁶.

O corpo enquanto termo de nossa pesquisa, também figura na imanência de *De l'imperfection*. No epílogo, Greimas afirma que, “todo parecer é imperfeito: ele esconde o ser [...]” (GREIMAS, 1987, p. 9, tradução nossa)²⁰⁷, aproximando esse esconder do ser ao objeto e que se desdobra na descoberta pela fratura. Coincidentemente, Merleau-Ponty fala sobre um afastamento para ver sobressair, jorrar as transcendências em *Fenomenologia da percepção*; o autor menciona um “étonnement” em relação à reflexão, que “[...] ela distende os fios intencionais que nos ligam ao mundo para que eles apareçam [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011,

²⁰⁶ Adaptado de Fontanille (2008, p. 67).

²⁰⁷ Trecho original: “Tout paraître est imparfait: il cache l'être”.

p. 19, tradução nossa)²⁰⁸. Em *L'éblouissement* e *Guizzo* temos essa surpresa (l'étonnement) por Robinson e Monsieur Palomar que, por intermédio do apelo visual, atingem a experiência estética. Assim, Greimas retoma o *corpo* como mediador do mundo e do sentido, pois “[...] o estado do sujeito só é sugerido por meio de suas manifestações exteriores [...]” (GREIMAS, 1987, p. 17, tradução nossa)²⁰⁹, ou seja, através da propriocepção.

5.2 O CORPO – A COESÃO, A COERÊNCIA E A CONGRUÊNCIA

Utilizamos as ideias de Fontanille (1999) sobre o gênero, para compreender *De l'imperfection* livro-objeto como obra de arte e científica ao mesmo tempo, cuja constituição se determina pelos aspectos de coerência, coesão e congruência que organizam tanto o texto quanto o discurso. Essa forma organizacional aparecerá novamente, em Fontanille, em *Soma et séma* (2004), homologada na relação de corpo e nas instâncias correspondentes ao corpo-actante. Primeiramente, é preciso entender que o corpo tem seu papel definido na semiose:

A proprioceptividade é considerada como o termo complexo da categoria “interoceptividade/exteroceptividade”; de fato, na experiência da significação, o corpo próprio é a única entidade comum ao eu e ao mundo; e, na construção da significação, a operação da *semiose* [...] (FONTANILLE, 2004, p. 21, tradução nossa)²¹⁰.

Fontanille destaca em nota de rodapé que essa relação é considerada desde a *Semântica Estrutural* e retomada também no *Dicionário de semiótica I*. Assim, o corpo mediará os dois planos, da expressão ou do conteúdo, ou o mundo exterior e o interior (FONTANILLE, 2004; 2011). O posicionamento desse corpo próprio definirá uma fronteira, de acordo com Fontanille (2004, 2011), tornando o mundo sensível significativo e inteligível, tendo como consequência que cada tomada de posição nos remete a uma enunciação, a um ato. Mas é preciso distinguir na função semiótica elementar o corpo enquanto actante e o actante enquanto corpo (FONTANILLE, 2011, p. 12). A problemática do corpo do actante não é nova. Segundo Lopes

²⁰⁸ Trecho original: “[...] elle distend les fils intentionnels qui nous relient au monde pour les faire paraître”.

²⁰⁹ Trecho original: “[...] l'état du sujet n'est que suggéré à travers ses manifestations extérieures”.

²¹⁰ Trecho original: “La proprioceptivité est considérée comme le terme complexe de la catégorie ‘interoceptivité/exteroceptivité’; en effet, dans l'expérience de la signification, le corps propre est la seule entité commune au moi et au monde; et, dans la construction de la signification, l'opération de la *semiosis*”.

(2006), essa é uma reivindicação de pelo menos uma quinzena de anos por Fontanille, sobretudo:

A passagem de uma semiótica do enunciado realizado àquela do “discurso em ato” necessita, entre os seus pré-requisitos, ultrapassar a perspectiva exclusiva dos “atores de papel” tradicionalmente estabilizados na análise greimasiana; no lugar deles, é preciso conceber atores em construção, cuja identidade implementa mais coisas do que um simples papel actancial acompanhado de um papel temático (LOPES, 2006, s.p., tradução nossa)²¹¹.

Esse fato é corroborado por Gomes e Harkot-de-la-Taille (2016), pois enfatizam a presença do corpo sensível em toda a obra do semiótico, assumindo e dando continuidade ao ponto de vista de Greimas (1966). Para Gomes e Harkot-de-la-Taille (2016), Fontanille demonstra a existência de um corpo no enunciado que é recuperável pelos seus vestígios deixados pela propriocepção, ou seja, pela existência de “percepções de presenças materiais e somáticas no texto (lógico/semânticas) [...]” (GOMES; HARKOT-DE-LA-TAILLE, 2016, p. 183). Os autores acrescentam, em nota de rodapé, a problemática de uma teorização do corpo, retomando as próprias palavras de Fontanille em *Sémiotique et Littérature* e reforçando, ao mesmo tempo, a recursividade do tema no trabalho do autor. Retomaremos a mesma citação (apud):

A expressão somática nos lembra, com razão, que o afeto está ligado primeiramente ao corpo: até mesmo os atores de papel e as palavras têm um corpo. É por esse motivo que não se pode simplesmente rebaixá-los a actantes narrativos: os actantes narrativos, sujeito, objeto ou destinador não possuem um corpo; são simplesmente funções, papéis abstratos ligados a predicados. Para encontrar os corpos dos actantes é preciso se posicionar, em um nível superior do discurso, sob o controle de uma enunciação em ato, organizada em torno do **corpo próprio** da instância de discurso (FONTANILLE, 1999, p.70, apud GOMES; HARKOT-DE-LA-TAILLE, 2016, p. 183, tradução de Gomes; Harkot-de-la-Taille).

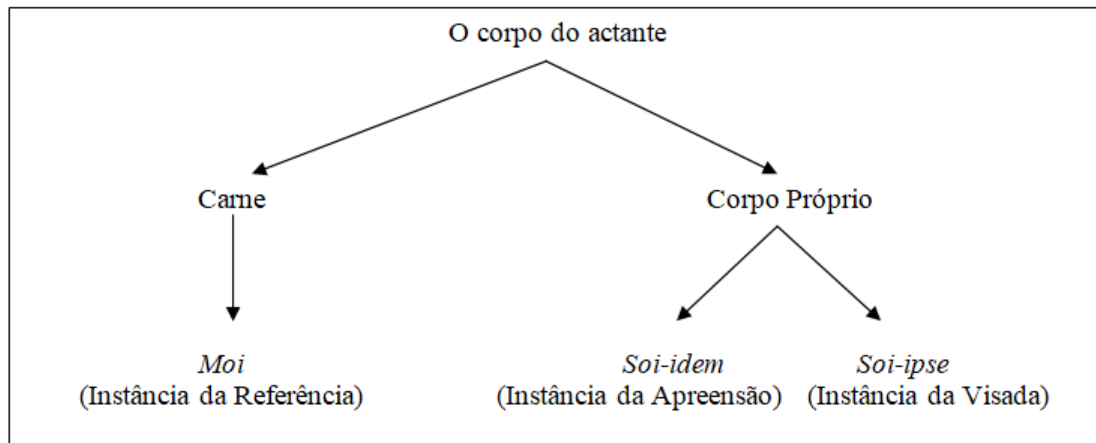
Continuando a análise sobre a incarnação do actante, ponto de intersecção em dois processos que não divergem entre si (FONTANILLE, 2004), isto é, por um lado, ele é entendido enquanto oriundo da gramática actancial desenvolvida por Propp e peça fundamental na

²¹¹ Trecho original: “Le passage d’une sémiotique de l’énoncé achevé à celle du ‘discours en acte’ nécessite, parmi ses préalables, le dépassement de la perspective exclusive des ‘acteurs en papier’ traditionnellement stabilisés dans l’analyse greimasienne; à leur place, il faut concevoir des acteurs en train de se construire, dont l’identité met en œuvre davantage de choses qu’un simple rôle actantiel assorti d’un rôle thématique”.

semiótica narrativa devido à regularidade sintagmática; e, do outro, como constituído por uma carne e uma forma corporal, sendo “[...] a primeira sede das impulsões e das resistências que subjazem a ação transformadora dos estados de coisas” (FONTANILLE, 2004, p. 22, tradução nossa)²¹².

Procedendo a uma divisão do actante em duas instâncias, Fontanille o define em termos de corporeidade: a carne e o corpo próprio. A carne é o “substrato do *Moi* do actante”, é o indivíduo que articula e está no centro de referência (protensão e retenção) submetida às tensões do campo de presença, a sede do núcleo sensório-motor na experiência semiótica (FONTANILLE, 2004; 2011). O corpo próprio, construído na semiose, é o “suporte de seu *Soi*”, encarregado da construção identitária no discurso, no processo de repetição e similitude (*Soi-idem*, instância da visada) e por manutenção e permanência (*Soi-ipse*, instância da apreensão). Conforme Fontanille, as duas instâncias se estabelecem mutuamente: “o *Moi* e o *Soi* são inseparáveis, eles são o *recto* e o *verso* de uma mesma entidade, o corpo-actante” (FONTANILLE, 2004, p. 24, tradução nossa)²¹³. Assim, a identidade corporal pode ser vista da seguinte forma:

Figura 13: Esquema da identidade corporal



Fonte: Fontanille (2004, p. 23).

²¹² Trecho original: “[...] premier siège des impulsions et des résistances qui sous-tendent l’action transformatrice des états de choses”.

²¹³ Trecho original: “Le *Moi* et le *Soi* sont en quelque sorte inséparables, ce sont le *recto* et le *verso* d’une même entité, le corps-actant”.

Esse esquema será explorado pelo viés da narratividade e da identidade²¹⁴, isto é, os corpos-actantes são classificados em três instâncias submetidas às tensões e às distinções de regimes narrativos (FONTANILLE, 2004):

Todo actante “incarnado” é analisável em duas instâncias pelo menos, o *Moi-chair* de referência, e o *Soi-corps* próprio em devir. O *Soi* está em construção nos deslocamentos e nos gestos do ator, e esta construção pode obedecer seja a um princípio de repetição e de similitude (o *Soi-idem* dos papéis narrativos), seja a um princípio de visada permanente (o *Soi-ipse* das visadas éticas e estéticas, das “atitudes”) (FONTANILLE, 2004, p. 36, tradução nossa)²¹⁵.

Tais relações são resumidas em outro esquema (cf. Quadro 6), na verdade, uma reorganização do primeiro (cf. figura 13), relacionado às identidades do corpo-actante. Representado na forma de “um ponto triplo”, dessa vez, permitindo visualizar em quais zonas de correlação os esquemas reguladores dos “atos incarnados” são definidas. Segundo Prado (2018), as zonas possibilitam a produção de textos coesos, coerentes ou congruentes, na medida em que Fontanille estabeleceu “[...] uma tipologia dos atos discursivos, que consiste nas diferentes correlações tensivas entre valências fracas, no centro do esquema, no qual o ato praticamente não acontece por falta de pressão e de impulsão do *moi* ou do *soi*; e, valências fortes, ao redor do esquema” (PRADO, 2018, p. 110).

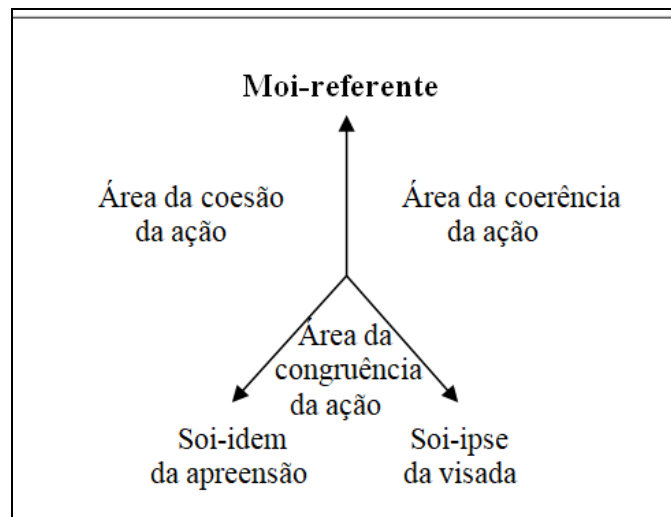
Voltemos, então, ao início do ciclo, em que abordamos em *Da imperfeição* a questão do gênero e da identidade do gênero conforme os critérios de coesão, congruência e coerência. Schwartzmann (2009, p. 75) pensando na união dos tipos discursivos e textuais, percebe que sua resposta está na isotopia, de forma mais ampla, para ele “o discurso deve buscar uma mono-isotopia, para que possa ter coerência”, enquanto o texto se desdobrar na sua diversidade, dependendo da estratégia utilizada. Assim, a congruência rege a coesão (ordem textual) e a coerência (ordem discursiva), condizendo com a teoria de Fontanille e na possível negociação entre discurso e texto (SCHWARTZMANN, 2009, p. 75). As três dimensões são homolagadas no devir actancial, regida por três operações: “[...] a *tomada de posição* e a *referência* (para o *Moi-carne*), a *apreensão* (para o *Soi-idem*) e a *visada* (para o *Soi-ipse*)” (FONTANILLE, 2004, grifo

²¹⁴ Cf. *Soi-même comme un autre*, Paul Ricoeur, 1990.

²¹⁵ Trecho original: “Tout actant ‘incarné’ est analysable en deux instances au moins, le *Moi-chair* de référence, et le *Soi-corps* en devenir. Le *Soi* est en construction dans les déplacements et les gestes de l’acteur, et cette construction peut obéir soit à un principe de répétition et de similitude (le *Soi-idem* des rôles narratifs), soit à un principe de visée permanente (le *Soi-ipse* des visées éthiques et esthétiques, des ‘attitudes’) ”.

do autor, p. 38, tradução nossa)²¹⁶. O modelo da produção do ato é dividido em áreas, nas quais emergem as figuras dos atos: a coesão da ação, por meio da repetição e da similitude, superpõe às fases do *Moi-carne*, caracterizando, por sua vez, o *Soi-idem*; a coerência, através da visada permanente, guia as fases do *Moi-carne*, caracterizando o *Soi-ipse*; por fim, a congruência é resultante da coesão e da coerência (FONTANILLE, 2004, p. 38).

Figura 14: Modelo da produção do ato em ponto triplo



Fonte: Fontanille (2004; 2011).

Pensando nessas relações de identidade e da problemática do actante enquanto corpo e o corpo enquanto actante, passamos nossa análise para a sociossemiótica em que o ponto de vista permeia outros conceitos, como o regime de união.

5.3 O REGIME DE UNIÃO – O CORPO SOCIOSSEMIÓTICO

No terceiro capítulo de *Passions sans nom*, o autor se debruça sobre a ideia de interação para a emergência de sentido e, se existe interação, não é possível pensá-la sem o intermédio dos actantes, sejam eles da ordem do objeto ou do sujeito. Aliás, é a partir dessa interação que Landowski esboça sua teoria das interações. Pelo viés historiográfico, tentamos explorar suas ideias da perspectiva da continuidade do pensamento greimasiano, uma vez que o autor não

²¹⁶ Trecho original: “[...] la prise de position et la référence (pour le *Moi-chair*), la saisie (pour le *Soi-idem*) et la visée (pour le *Soi-ipse*)”.

explícita em sua retórica uma cisão com a teoria desenvolvida até então, mais especificamente, no que diz respeito à junção vs. união.

Primeiramente, buscando construir uma base para uma teoria da interação, sobretudo pelo viés sociosemiótico, Landowski destaca a importância da existência de pelo menos duas “entidades primordiais”, ou seja, pelo menos dois actantes em uma relação dinâmica em que possíveis transformações podem “afetá-los” reciprocamente (LANDOWSKI, 2004).

De acordo com Landowski, a semiótica para dar conta das peripécias em qualquer história precisou operar uma redução dos actantes-sujeitos, o que equivale a afirmar que na inter-relação dos actantes, eles não agem nem sobre nem contra uns aos outros, pois o único intermediário permitido nessa relação seria o dos actantes-objetos. Em vez de deixarem as coisas tais quais como acontecem na *própria vida*, salienta o autor, como “um tipo de grande discurso” (LANDOWSKI, 2004, p. 58), acabaram por comprometer as diferentes possibilidades da apreensão dessa inter-relação: “[...] todas as flutuações de estado afetando aos sujeitos dependem das únicas operações de *junção* que os colocam em posse com objetos de valor (conjunção) ou que os separam e os privam (disjunção)” (LANDOWSKI, 2004, p. 58, grifo do autor, tradução nossa)²¹⁷. Embora essa seja uma relação possível, Landowski afirma que ela seria uma economia das trocas intersubjetivas.

Além dessa relação, o autor nos mostra que é possível delinear um outro modelo para a questão actancial. Em outras palavras, em vez de junção a união, como regime da copresença de actantes, em que os estados de alma seriam considerados a partir do que eles experimentam. Essa noção de *experimental* (fr. *Éprouver*) não seria nova, pois Fontanille, reportando ao conceito oriundo da obra de Hénault, *Le pouvoir comme passion* (1994), descreve que Landowski o utiliza para substituir o conceito de *sentir*, proposto então em *Semiótica das paixões*. O experimentar tem lugar central no que diz respeito à nossa presença no mundo e às nossas experiências dali tiradas: “[...] por um lado, experimentar é um processo que concerne tanto o mundo natural e os seus objetos quanto os outros sujeitos, em suma, outrem; por outro lado, em um caso como no outro (sobretudo no outro), o experimentar é a experiência sensível de uma interação” (FONTANILLE, 2017, p. 16, tradução nossa). Logo, Fontanille conclui que, para que isso ocorra é preciso “fazer sociedade”. Em relação à substituição do termo sentir por experimentar, temos

²¹⁷ Trecho original: “[...] toutes les fluctuations d'état affectant les sujets dépendent des seules opérations de *jonction* qui les mettent en possession des objets de valeur (conjonction) ou qui les en séparent et les en privent (disjonction)”

em *Semiótica das paixões* a mediação do corpo por meio do sentir. Segundo os autores, no momento da homogeneização da existência semiótica entram no cenário as categorias proprioceptivas – categoria tímica – que sensibilizam e patemizam o universo de formas cognitivas que dali surge.

Os semioticistas concluem que as figuras do mundo só fazem sentido por intermédio da sensibilização que é imposta pela mediação do corpo (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 13). O sujeito responsável pela construção teórica não é puramente um ser racional, pois na jornada do sentido, obrigatoriamente, ele encontrará uma fase de “sensibilização tímica”.

Partindo desses primeiros pressupostos, os autores reintroduzem a ideia de estado do sujeito de ação (estado de coisa e de alma). Temos novamente a questão do sujeito no mundo, e graças a uma existência homogênea que ocorre por meio da mediação do corpo que sente, o mundo é este estado de coisas reduzido ao estado do sujeito, “reintegrado no espaço interior uniforme do sujeito”. Assim, ocorre uma homogeneização do interoceptivo e do exteroceptivo pela propriocepção que estabelece “[...] *uma equivalência formal entre os ‘estados de coisas’ e os ‘estados de alma’ do sujeito* (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p.13, grifos do autor, tradução nossa)²¹⁸. Essa homogeneização só acontece devido a uma mediação somática e “sensibilizante”.

Ao considerar a instabilidade da natureza dos estados, os autores levantam a possibilidade de instaurar “[...] um horizonte de tensões mal esboçadas que, embora se situando no aquém do sentido do ‘ser’, permitiria dar conta das manifestações ‘ondulatórias’ insólitas reconhecidas no discurso” (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p.14, tradução nossa)²¹⁹. É nesse horizonte de tensões inarticuladas que acontecem as primeiras somações do sujeito operador que, ao discretizar faz aparecer as primeiras unidades significativas também (GREIMAS; FONTANILLE, 1991, p. 15). Tal sujeito permite que exista uma teoria da significação que gerencie as condições de produção e de apreensão da significação.

Assim, levando em consideração o experimentar e o sentir, apontados por Fontanille, continuamos a análise do corpo na sociosemiótica. Para Landowski, no regime de união, o que os actantes experimentam em seus corpos e em suas almas resulta na relação de copresença mútua, ou seja, o corpo a corpo entre sujeitos e/ou entre objetos. Diferentemente do sistema

²¹⁸ Trecho original: “[...] *une équivalence formelle entre les ‘états de choses’ et les états d’âme du sujet*”.

²¹⁹ Trecho original: “[...] un horizon de tensions à peine esquissées qui, tout en se situant dans un en-deçà du sens de l’être, permettrait cependant de rendre compte des manifestations ‘ondulatoires’ insolites reconnues dans le discours”.

anterior, explica que a partir de então os sujeitos serão dotados de um *corpo* e de *órgãos sensoriais*, acrescentando-se à inteligência modal clássica a sensibilidade: “são coisas e gentes em relação” (LANDOWSKI, 2004, p. 63).

Dessa maneira, do regime da junção ao da união, tem-se a “[...] união entre um ego e seu outro que pode ser a forma que revestirá circunstancialmente essa alteridade – alter ego” (LANDOWSKI, 2004, p. 63, tradução nossa)²²⁰. Conseqüentemente, o foco do regime de união recai no que acontece aos actantes, em termos de estesia, independentemente de seu estado atual, porque no momento da interação, o autor explicita que eles se sentem esteticamente, já que experimentam neles mesmos como o outro é no mundo (LANDOWSKI, 2004, p. 63). Assim, para que o sentido possa emergir dessa interação, a premissa é justamente a copresença desses actantes.

Através dessas conclusões, Landowski também aborda a problemática da identidade, por outro viés, pelo grau de intimidade existente entre os actantes, que se diferenciará do que ocorre na relação de conjunção-fusão da semiótica clássica. Para o semioticista, essa relação anularia as identidades dos actantes, enquanto a outra, sua perspectiva, manteria a autonomia dos actantes, cuja tendência seria, na verdade, “exaltá-la” ao colocá-los em comunicação. Para justificar sua hipótese, o autor exemplifica em termos da junção que acontece no caso do alimento, ou seja, da relação entre o actante sujeito e o actante objeto, que de uma relação prévia impermeável, depois da conjunção desapareceria, fusionado ao outro (LANDOWSKI, 2004, p. 65).

Seguindo o mesmo raciocínio para abordar a união, ele demonstra que as identidades se permeariam, nesse caso, ao contrapor duas figuras: o comedor e o gourmet. O primeiro corresponde especificamente ao regime da junção, uma vez que ao se saciar, a relação seria encerrada, acontecendo apenas em termos de disjunção e conjunção do objeto desejado – o alimento.

Entretanto o gourmet, ou ainda em termos de forma de vida do gourmet, ele experimentaria o alimento “sinestesicamente”, uma vez que ele deslocaria não apenas os sentidos do gosto e do olfato, mas também do auditivo e do tátil (cf. LANDOWSKI, 2004, p. 65, sobre a fritura), que revelaria não só uma “disposição do corpo” quanto “uma maneira de ser ao mundo” (LANDOWSKI, 2004, p. 65). Conseqüentemente, a experiência do gourmet, que ele chama de

²²⁰ Trecho original: “[...] union entre un ego et son autre que puisse être la forme que revêtira occasionnellement cette altérité – alter ego”.

total, representaria *um quase-cosujeito* (LANDOWSKI, 2004, p. 66). Nisso, o projeto de vida – a identidade – permaneceria inalterado em relação aos actantes mobilizados, sejam eles protagonistas ou parceiros ou adversários (LANDOWSKI, 2004, p. 67). Disso, Landowski constata a importância dos sujeitos não ficarem restritos a esquemas identitários fechados. Para que eles se transformem, é necessário que esses mesmos esquemas estejam disponíveis para a experiência vivida, tal qual ela é (LANDOWSKI, 2004, p. 69).

Segundo Bueno *et al.* (2010), ao revisitar a questão identitária dos actantes em interação, uma vez tratada tautologicamente (na busca de conjunção com o objeto de valor) pelo próprio *Dicionário de Semiótica*, Landowski, a partir do conceito de união, “desestabilizaria” a ideia de identidade, antes vista como rígida em esquemas narrativos fechados, e a trataria em termos de “[...] um vir a ser (ou seja, uma identidade em construção, por meio da relação constante entre o sujeito e o mundo que o cerca)” (BUENO *et al.*, 2010, p. 25). Assim, esses corpos-sujeitos, cujos atributos corporais se destacam na consistência que eles possuem mais suas qualidades sensíveis, permitindo no “contato” entre corpos provar tais qualidades (LANDOWSKI, 2004, p. 66). Na experiência vivida não se “perdem” (em termos identitários) quando estão em interação e o seu ser não é fixo, ele permanece em constante devir.

Finalmente, os autores enfatizam que, Landowski não teve como objetivo superar a semiótica clássica, mas deixar de opor o inteligível e o sensível, tentando integrar essas noções ao quadro geral da teoria, reforçando nosso tratamento nesta seção enquanto continuidade e não como ruptura.

Citamos em diferentes partes deste trabalho que a tentativa de reduzir ou de opor as dimensões sensível e inteligível é explícita na *Semiótica das paixões*; os autores falam em reduzir o hiato entre o conhecer e o sentir (GREIMAS; FONTANILLE, 1991). O corpo enquanto mediador dessas duas dimensões surge nas pré-condições da emergência do sentido (cf. análise das paixões). Tatit (1996) afirma que, é nesse “estádio pré-cognitivo”, que o quase-sujeito interage com uma sombra de valor, e quando “[...] ele sobrevive aos processos de discretização e acaba por instruir as gradações aspectuais processadas no discurso [...] constitui a única porta de entrada para a noção de corpo na semiótica” (TATIT, 1996, p. 198).

Assim, na próxima seção, a partir das ideias de Tatit, chegamos ao corpo em Zilberberg e em sua gramática afetiva.

5.4 O CORPO EM ZILBERBERG – DE VALÉRY À AFETIVIDADE

Perpassando pela semiótica das paixões e da imperfeição, Tatit chega ao corpo enquanto continuidade, aproximando a noção de corpo de Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção* de Zilberberg, citando-o: “o corpo é sempre o centro, está no centro e é nesse sentido que nós o caracterizamos como extenso: ele dirige o processo perceptivo; onde quer que se encontre, o corpo ocupa o mundo que o engloba” (ZILBERBERG, 1988b, p. 11 apud TATIT, 1996, p. 202). No artigo de Zilberberg (1988b), ao explicar o corpo valeriano como estrutura dinâmica (ordem do sempre), espacial e temporal, Merleau-Ponty é, então, citado em nota de rodapé: “Quando digo que vejo um objeto a distância, quero dizer que já o tenho ou que ainda o tenho, ele está no futuro ou no passado ao mesmo tempo que no espaço” (apud ZILBERBERG, 1988b, p. 11, tradução nossa)²²¹.

Além disso, outra aproximação, por contraste, que encontramos é entre Greimas e Valéry. Diferentemente do actante dual que aparece em *Maupassant*, diz Zilberberg, o actante em Valéry é duplo, o corpo para o espaço e o tempo para a alma:

O “corpo” Valeriano é naturalmente o corpo proprioceptivo [...] é do princípio do conhecimento, pois é estésico (“eles tocam, eles são tocados;”). Mais exatamente ele é aquilo mesmo que dá sentido ao ato cognitivo enquanto tal, sua chave de pertinência (“você é a medida do mundo, (...)”) que estabelece o objeto na dimensão da “profundidade” (ZILBERBERG, 1988b, p. 10, tradução nossa)²²².

Para Tatit, o desdobramento da ideia de corpo e de alma em Valéry parece “mostrar” um tipo de preocupação quanto ao nível de expressão, permitindo e reforçando, ao mesmo tempo, o entendimento do corpo tal qual citamos em Zilberberg, isto é, espacialmente, e a alma, destina-se à dimensão temporal.

Seguimos nossa historiografia do corpo *fraturado*, dessa vez, com a obra de Zilberberg, destacando, primeiramente, a complexidade de sua teoria. Fontanille, na obra *Analytiques du sensible: pour Claude Zilberberg* (2009), no capítulo escrito por ele, “Claude Zilberberg: une

²²¹ Trecho original: “Quando je dis que je vois un objet à distance, je veux dire que je le tiens déjà ou que je le tiens encore, il est dans l’avenir ou dans le passé en même temps que dans l’espace”.

²²² Trecho original: “Le ‘corps’ valéryen est bien entendu le corps proprioceptif [...] est au principe de la connaissance en tant qu’elle est esthésique (‘ils touchent, ils sont touchés;’). Plus exactement il est cela même qui donne sens à l’acte cognitif en tant que tel, sa clé de pertinence (‘Vous êtes bien la mesure du monde, (...)’) qui établit l’objet sur la dimension de la ‘profondeur’”.

pensée à suivre”; declara que escolheu “[...] em homenagem à Claude Zilberberg, testemunhar um exercício difícil e estimulante: seguir e penetrar seu pensamento” (FONTANILLE, 2009, p. 225, tradução nossa)²²³. Para Beividas, que também recorre a essa citação, “A semiótica tensiva não é fácil de ser examinada. Fontanille tem mesmo razão, em sua participação às homenagens ao semioticista” (BEIVIDAS, 2015, p. 73). Tendo isso em mente, seguimos nossa análise.

Em *Elementos de semiótica tensiva* ([2006]2011a), quando Zilberberg percorre a sintaxe discursiva, separa-a em intensiva e extensiva. Na segunda sintaxe, a extensiva, destacamos “Os modos de circulação (a espacialidade)”, discutindo o espaço do sentido – que já tinha sido tratado em termos de direção, posição e movimento –, propondo assim ampliar essa parte de sua obra. Atualizando a metalinguagem do espaço, no esquema a seguir, Zilberberg distribui o espaço em três pares de valências:

Quadro 6: Valências do espaço

<i>Espaço volitivo</i> → [direção]	Abertura	Fechamento
<i>Espaço demarcativo</i> → [posição]	Exterioridade	Interioridade
<i>Espaço fórico</i> → [elã]	Movimento	Repouso

Fonte: Zilberberg (2011a, p. 144)

Segundo Zilberberg, o espaço volitivo tem como “subvalências eficientes o *aberto* e o *fechado* que são primariamente direções e secundariamente formas” (ZILBERBERG, 2011a, p. 145, grifo do autor). Assim, para ilustrar essa articulação quanto ao aspecto da tonicidade, ele tomará como exemplo um trecho do texto “Rome, Naples et Florence”. *Voyage en Italie*, de Stendhal (1989), pois nele é possível resgatar uma relação entre a afetividade e a espacialidade. Sem nos contradizer quanto ao início da análise corporal em Zilberberg, o sensível será explorado pelo autor em termos patológicos, visto que, dessa vez, entra a questão do *paroxismo*, entendido como momento mais intenso seja de uma dor ou de uma doença. Nesse caso, “a descoberta

²²³ Trecho original: “[...] en hommage à Claude Zilberberg, de témoigner d’un exercice difficile et exaltant: suivre et pénétrer sa pensée”.

emocionante da cidade de Florença [...] vai do estado ao acontecimento, vai em direção ao *ponto de emoção*, apreendido aqui como um *paroxismo tímico*” (ZILBERBERG, 2011a, p. 151, grifo do autor). Zilberberg denifinirá o ponto de emoção como passagem da aderência à inerência, via citação direta a Hjelmslev, sendo assim distintas: a primeira se dá entre contato e não contato, e, a segunda entre interioridade e exterioridade (ZILBERBERG, 2011a, p. 152):

Depois de atualizar o contato - “tocava-a, por assim dizer” – o texto de Sthendal o realiza. O contato se dá entre a exteroceptividade – “as sensações celestes dadas pelas belas artes” – e a proprioceptividade – “os sentimentos apaixonados”. [...] a passagem tida da aderência à inerência é efetuada pela última frase: “Saindo de Santa Croce, sentia bater o coração, o que chamam de nervos em Berlim; a vida em mim se euforia, caminhava com medo de cair”. A plenitude tímica adquire momentaneamente por plano da expressão uma vacuidade somática (ZILBERBERG, 2011a, p. 152).

Da proprioceptividade à interoceptividade, da ativação à apassivação (tonicidade), do agir ao sofrer, destaca Zilberberg (2011a), na sequência que vai do ver ao tocar e do tocar ao ser tocado, e acrescenta ao esquema baseado no trecho de Sthendal o próximo passo, do ser tocado ao ser penetrado, cuja disponibilização no espaço tensivo, tem no eixo da extensidade o deslocamento da aderência à inerência, em que a grandezas são definidas como corpos “[...] que se comunicam pela realização da *inerência* ou que se recusam a fazê-lo, ao manter a *aderência*” (ZILBERBERG, 2011a, p. 153, grifo do autor). Se a primeira se realiza, temos a intimidade ou a alteridade. Teríamos aqui, na intimidade ou na alteridade, alguma pista/referência para a fusão do corpo e do mundo?

Buscando depois deste longo percurso analítico uma resposta viável para essa última questão, retomamos o título deste capítulo: uma pancália original, pedindo licença poética para encerrarmos, utilizando as sábias palavras de Greimas, em *Da imperfeição*, que resumem belamente, talvez até de maneira muito otimista, nossa empreitada, porque já nos *manque le souffle*:

Querer dizer o indizível, pintar o invisível: provas de que a coisa, única, adveio, que outra coisa seja talvez possível. Nostalgias e esperas alimentam o imaginário cujas formas, murchas ou desabrochadas, substituem a vida: a imperfeição, desviante, cumpre assim, em parte, seu papel. Vãs tentativas de submeter o cotidiano ou dele esvair-se: busca do inesperado que foge. E, todavia, os valores ditos estéticos são os únicos próprios, os únicos que, rejeitando toda negatividade, nos arremessam para o alto. A imperfeição aparece como um trampolim que nos projeta da insignificância em direção ao sentido. O que resta?

A inocência: sonho de um retorno às nascentes quando o homem e o mundo constituíam um só **numa pancália original**. Ou a vigilante espera de uma estesia única, de um deslumbramento ante o qual não nos encontraríamos obrigados a fechar as pálpebras. Mehr Licht! (GREIMAS, 2002, p. 91, grifo nosso).

Homem e mundo imersos numa pancália original, porque somos feitos do mesmo estofo, porque lutamos contra o estado-inicial, isto é, fusional nessa relação de corpo-mundo, porque somos feitos de poeira estelar. Diria Carl Sagan, em sua viagem ao *Cosmos*, em 1980: “Alguma parte de nosso ser sabe que é de lá que nós viemos. Nós desejamos retornar. E nós podemos, pois o cosmos está também dentro de nós. Somos feitos de poeira estelar. Somos um meio para o cosmos conhecer a si mesmo” (SAGAN, 1980, tradução nossa)²²⁴.

Depois desta longa jornada, talvez breve para alguns, chegamos a nossa última seção: considerações finais. Nela tentamos evocar os objetivos e as perguntas de pesquisa, bem como as respostas que encontramos ou falhamos em encontrar.

²²⁴ Trecho original: “Some part of our being knows this is where we came from. We long to return. And we can, because the cosmos is also within us. We're made of star stuff. We're a way of cosmos know itself”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wLigBYhdUDs>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] le savoir n'est pas seulement « partagé » entre les partenaires de la communication qui l'échangent, ni seulement « partagé » en divers fragments lors de la mise en discours, il est aussi, en un troisième sens, partagé, lors de sa reconstruction dans l'énoncé, entre l'observateur et l'informateur (FONTANILLE, 1987, p. 209).

Pode-se afirmar que o fazer da historiografia pela perspectiva da história das ideias é reparar e restaurar o esquecimento das ideias. Segundo Colombat *et al.* (2015, p. 12), percebemos que os saberes são construídos na longa duração do tempo e, portanto, há uma acumulação de conhecimentos e, ao mesmo tempo em que se transmite tais conhecimentos, há o esquecimento na memória acumulativa. Logo, é papel do historiógrafo “produzir a informação sobre o sistema científico que constituem as ciências da linguagem e permitem, portanto, expandir, para os pesquisadores, aquilo que podemos chamar de ‘horizonte de retrospectão’” [...] (COLOMBAT *et al.*, 2015, p. 13, tradução nossa)²²⁵.

Tanto esse trecho quanto a epígrafe nos direcionam para a partilha do conhecimento. Para Fontanille (1987), o saber não é apenas compartilhado na troca entre parceiros e no ato do discurso, ele também é compartilhado no momento de sua “reconstrução no enunciado”, isso equivale afirmar que, quando colocamos os saberes semióticos em movimento nesta tese, reconstruímos essa partilha, na análise e, de novo, a cada leitura. Entretanto, Colombat *et al.* não perdem a razão, pois é nesse mesmo movimento reconstrutivo de saberes cumulativos, que colocamos o esquecimento também em movimento. Isso fica mais claro quando pensamos em termos de recorte do *cópus*. O processo evoca essa partilha de memória e de esquecimento: selecionar, interpretar e analisar, todas essas fases colocam em destaque alguns elementos ou sujeitos, apagando os demais. Dos fenômenos analisados, recorrendo à semiótica e a Husserl, simultaneamente, o ponto de vista escolhido pelo sujeito, nesse caso, o sujeito do fazer historiográfico, apreende os fenômenos escolhidos da *melhor maneira possível*. Assim, no decorrer da tese fizemos *esboços*, tentamos dar a volta na mesa (TINOCO, 1997)²²⁶, objetivando ter a nossa disposição uma multitude de esboços dos domínios que estudamos. Todavia, no início

²²⁵ Trecho original: “[...] produit de l'information sur le système scientifique que constituent les sciences du langage et permet donc d'élargir, chez les chercheurs, ce que l'on peut appeler leur ‘horizon de rétrospection’”.

²²⁶ O autor usa essa metáfora para explicar a apreensão de um objeto por meio da fenomenologia, ou seja, a apreensão sempre é incompleta e perspectivada.

da escolha dos materiais e das primeiras interpretações e análises, sentimos o primeiro choque. Tínhamos que operar mais um recorte e, mais análises e, assim por diante. Isso nos remete ao que Swiggers aponta para a questão da amostragem: o historiógrafo não sai e coleta todos os dados. Primeiro, é necessário percorrer o trajeto que seguimos: analisar, buscar estabelecer conceitos, daí emergem diferentes problemáticas que levam a mais coleta de dados. O processo é circular (SWIGGERS, 2017, p. 89). A cada recorte, excluimos obras e análises, mais do que o desejado, em nome da coesão, da coerência e da congruência do gênero acadêmico-tese, em outras palavras, da ideia de sensível na semiótica, ou pelo menos, de uma coerência passageira.

E foi dessa maneira que obtivemos o *córpus* final: Greimas, como sujeito fundador da semiótica de linha francesa, e os seus seguidores, *la petite bande de fidèles* – Fontanille, Landowski e Zilberberg –, porque os três, como tentamos ilustrar e justificar, representam na semiótica brasileira, que é o lugar de onde falamos, um ponto de dispersão teórico-epistemológica, distribuindo-se segundo a recepção de suas perspectivas atuais, que se enunciam como rupturas que não atingiram sua tonicidade máxima e, concomitantemente, como continuidades do projeto inicial, do qual todos fizeram parte, que também não alcançaram sua extensidade máxima. De maneira mais explícita, eles se distribuem de acordo com suas próprias semióticas: semiótica do vestígio (formas de vida), sociosemiótica, semiótica tensiva, respectivamente. Temos, assim, o que denominamos ao longo do texto de grupo de especialidades, incluindo em sua constituição, os greimasianos e os pós-greimasianos.

Diante do exposto, a partir dos desdobramentos e dos questionamentos sobre o sensível na semiótica greimasiana e nas semióticas pós-greimasiana, este trabalho propôs responder, pelo viés da Historiografia Linguística e Semiótica, a maneira como o sensível é evocado, sua sistematização, seu desenvolvimento, sua descrição na retórica e na imanência.

Pudemos observar a emergência do sensível já nos primeiros escritos de Greimas, em 1956, *L'actualité du Saussurisme*, no âmbito da sua retórica. A partir desse texto, os posteriores, de 1966 a 1991 (em coautoria com Fontanille), nos mostraram o sensível tanto na retórica quanto na imanência. Inclusive em textos mais específicos da semiótica clássica, tal qual *Maupassant*, já observamos a problemática da percepção e da paixão na análise feita por Greimas. Sendo assim, podemos afirmar que, na base da semiótica discursiva, o sensível é evocado em termos de continuidade, mesmo em textos que não fazem parte da virada modal ou da virada fenomenológica. Greimas explorou o sensível como um todo em suas obras, nas quais

recuperamos os três domínios, pois até mesmo o contágio aparece em *Semiótica das paixões*. Desdobramentos imperfeitos, algumas vezes, no que diz respeito ao método empregado, ele deixou para seus discípulos um terreno fértil. Vale lembrar também que o mérito se erige no grupo, falamos em Greimas, porque as obras, boa parte, são assinadas individualmente. Entretanto, só pela existência do grupo e pelos testemunhos do modo de trabalho, acreditamos que a obra também possa ser vista pelo filtro coletivo, uma vez que os temas eram discutidos dentro do seminário e, também porque existem obras que atestam esse caráter coletivo, como os dicionários (ou as publicações em coautoria).

De maneira sucinta, a primeira sistematização do sensível se dá por meio do princípio de que a percepção é o lugar não-linguístico da significação e do trio que a circunscreve: interocepção, exterocepção e propriocepção, este último, já sinalizando a questão do corpo, as paixões enquanto modalidades, a inserção da estesia e da estética, etc. Esses elementos foram explorados de maneira ampla pelos pós-greimasianos. Fizemos “(des)cobertas”, ou melhor, recuperamos do esquecimento alguns prolongamentos da teoria greimasiana, ou até mesmo, indicações que foram atribuídas inadequadamente. A título de exemplo, a sistematização das paixões em um percurso canônico remonta antes da *Semiótica das paixões*, em Fontanille, pois a partir de 1986 já é evocado. A questão do contágio é sistematizada em duas vertentes: pelo viés de Fontanille, ocorre na moralização do percurso passional; enquanto em Landowski, aparece relacionado ao regime de união, em termos de sentido sentido, do corpo a corpo. Duas possibilidades isoladas, que não encontraram um meio de dialogar.

Em Zilberberg, temos a supremacia da afetividade, que aparece como termo regente da intensidade. Quanto ao corpo, parece ser consenso que é um corpo que tem alma, carne, que é o mediador entre o sujeito e o mundo. O corpo recebe toda uma sistematização em Fontanille, da relação de si e com o outro, do actante enquanto corpo e vice e versa. Em Landowski, o sujeito é corporificado e é reconhecido por sua sensorialidade, o actante tem competência estésica. Para Zilberberg, o corpo do sujeito é o centro de tudo, da extensidade, ele existe no mundo. Landowski também abarca as paixões do dia a dia, as sem nome, as que emergem da rotina, entre outros exemplos. Por conseguinte, podemos afirmar que o conceito de sensível converge na teoria, isto é, ele está imanente na teoria assim como está na retórica dos pós-greimasianos.

A semiótica hoje assume em seu fazer metassemiótico a relação intrínseca entre o inteligível e o sensível. Pelo dicionário de Língua, que trata do saber do senso-comum,

mostramos que *sentir* também significa perceber pela inteligência. São o *recto* e o *verso*. Se pudéssemos resumir uma semiótica do sensível atualmente, *grosso modo*, seria dizer que, na construção do sentido, o sensível aparece desde antes da discretização da massa tímica; o corpo, mediador do sujeito no mundo, percebe e está apto a somatizar, emocionar, estetizar, contagiar, seja na relação consigo ou na relação com o outro. A afetividade rege o grau desses aspectos. Claro que isso é um empobrecimento cruel da teoria, contudo nos indica que se a semiótica deixou o sensível menos visível em alguns momentos, hoje ele é considerado em todos os níveis da significação. Porque não tem como falar do sentido, do mundo, do humano, da nossa história sem levar em consideração o sensível, como domínio amplo, independentemente da área. Na cartografia, apontamos a relevância do sensível inclusive na física.

Acreditamos que dentro dos limites da tese e do *cópus*, demilitamos alguns domínios do sensível, sem esgotá-los, tanto na semiótica greimasiana, quanto na pós-greimasiana, contextualizando o surgimento em outras áreas e na semiótica em si, pela questão do grupo ou retomando comentários de outros semioticistas relevantes para o atual cenário da teoria.

A cartografia, de maneira geral, foi um norte para a visada do sensível na semiótica. O percurso dos dicionários voltados para a construção do saber, isto é, o senso comum, o conhecimento filosófico e o conhecimento científico nos possibilitaram enxergar o sensível como uma questão mais ampla. Conseguimos, minimamente, construir uma paisagem de seus domínios. Assim, saímos do geral para o mais específico, do macro para o micro. No entanto, nesse vaivém alguns termos importantes ficaram para uma próxima pesquisa, por exemplo, a questão do campo de presença não recebeu a atenção devida ou mesmo a subjetividade sistematizada de maneira mais explícita, entre outros. Além dos termos, muitos sujeitos protagonistas também não apareceram, embora tenham contribuído com a questão do sensível: Bordron, Coquet, O grupo μ , Bertrand, Hénault, Parret, Marsciani, Fabbri, Floch, Bevidas, Tatit, Discini, Lopes, Harkot-de-La-Taille, Fiorin, Cortina, Portela, Silva (Ignacio), Oliveira (Ana Claudia), Fernandes (Edna), Schwartzmann, Teixeira entre tantos outros nomes. Alguns desses nomes aparecem como comentadores, em determinados momentos, mas arcamos com essa falha.

Além da questão do sensível *per se*, tivemos oportunidade de perceber pela abordagem historiográfica-semiótica outros aspectos. O primeiro, relacionado ao contexto pela emergência, estabelecimento e permanência do grupo de Semiótica, *no matter what*, com idas e vindas, o grupo permanece, graças aos esforços de Greimas apenas? Com certeza, não. Graças a todos que

em algum momento puderam contribuir e ainda podem. A questão do grupo permitiu que entendêssemos de maneira mais ampla a história do sensível, pois os aspectos gerais da teoria refletem no modo de trabalho do grupo. Além disso, a hipótese do deslocamento intelectual da teoria, após a morte de Greimas, se evidenciou de maneira mais acentuada, até mesmo na retórica dos semioticistas. O segundo está no fazer da escrita na semiótica e, isso reflete bem nos trabalhos dos quatro autores estudados aqui. Por ser uma teoria de uma metalinguagem não muito acessível, em alguns aspectos, percebemos que ao longo dos anos a publicação de glossários e de dicionários é recorrente, de maneira individual ou coletiva. No primeiro grupo, temos os glossários elaborados em *Éléments de sémiotique tensive; Formes de vie; Sociosemiótica*: uma teoria geral do sentido. Do segundo grupo, os três tomos dos dicionários I, II, e *Tension et signification*. Também é recorrente a escrita de manuais e de sínteses teóricas, aspecto constitutivo dos grupos de especialidade e, que surgem de demandas da recepção ou por uma questão pessoal do autor, ou ainda por outras razões. *Sémantique Structurale, Maupassant, Sémiotique du discours, Sémiotique et littérature, Les interactions risquées, Précis de grammaire tensive, Éléments de sémiotique tensive*, etc.

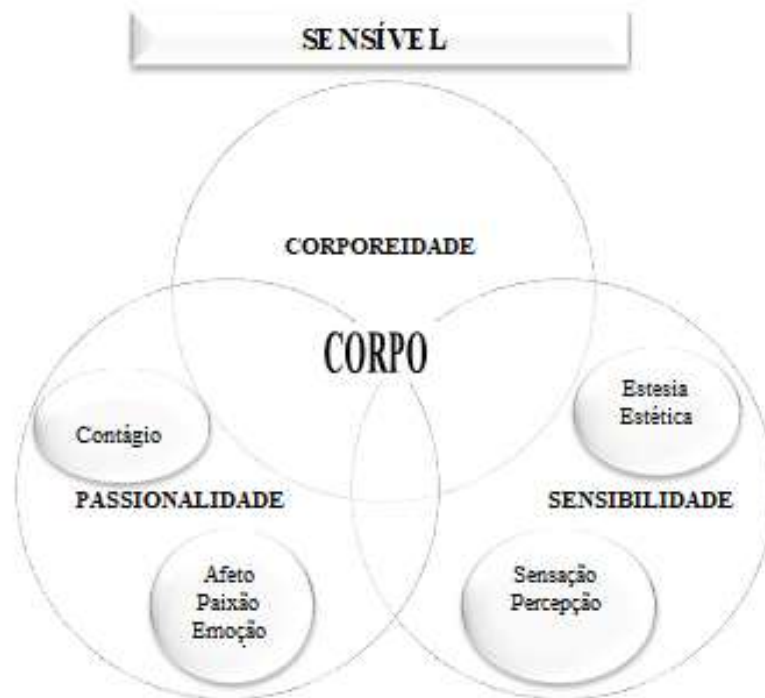
Por último, sobre a questão da escrita, se de acordo com a máxima de Lavoisier, “Na natureza nada se perde e nada se cria, tudo se transforma”, nós acrescentamos que na semiótica nada se perde e nada se cria, de tudo se faz uma bricolagem. O processo de reescrita e republicação é acentuado na semiótica. Todos fazem. Todos nós fazemos. Bricolar é uma virtude, segundo Floch! Em termos de historiografia-semiótica, isso produz muitos dados de análise. Fizemos uma brevemente cotejando no último capítulo, mais especificamente, *Soma et séma e Corps et sens*. Por isso, distinguimos dois tipos de bricolagem, a historiográfica, quando temos a (re)publicação de uma obra toda, ou coletânea, quando a reescrita ocorre de maneira mais intensa e/ou extensa. E a adequação intelectual, que definimos como sub-bricolagem, porque nesse caso, temos reelaborações isoladas, a exemplo do percurso canônico passional, dos modos de existência, etc.

Já à guisa de conclusão, gostaríamos de rever o esquema geral do sensível e seus domínios e termos. Retomemos antes também a questão do corpo, entendido como *körper* e *leib*. O corpo, como apontamos em diferentes momentos na fenomenologia, e o mundo têm o mesmo estofo. Segundo Marques (2011):

O termo *Leib* refere-se a um corpo entendido organicamente, vivido, ou seja, um corpo que é vivo, que é “soma”. Em contrapartida, o termo *Körper* refere-se ao corpo entendido fisicamente, como coisa material. O homem é, neste sentido, um *leiblich* [corpóreo], diferentemente da pedra que é um ser *körperlich* [corpóreo] (MARQUES, 2011, p. 209).

Dessa forma, o corpo próprio – Leib – possui uma intencionalidade encarnada, espacial, resultando no esquema corporal de Merleau-Ponty, isto é, o nosso ser-no-mundo. Dessa forma, quando elaboramos a cartografia do sensível e a categorizamos em domínios e em termos, percebemos em um determinado ponto que ele é o elo dos outros domínios, o que equivale a dizer que todos os domínios são da ordem corporal e, na semiótica, pelo viés que consideramos, não encontramos nenhum outro termo senão o corpo, reforçando e confirmando nossa hipótese. No entanto, o esquema geral do sensível, depois de nossas análises, mudou. O contágio é mais constitutivo da passionalidade, no tratamento dado pelos semioticistas, do que da sensibilidade, no tratamento dado pelo senso-comum. Assim, o esquema geral do sensível, ao final desta tese, encontra uma versão mais definitiva:

Figura 15: Os domínios e os termos do Sensível na semiótica discursiva.



Fonte: autora.

O trabalho historiográfico tem suas limitações, como diria Swiggers, é uma atividade que depende de uma interpretação condicional, pois mesmo baseando nossas análises em fontes, ele é incompleto e pode sempre ser alterado: já que podemos acrescentar mais fontes e/ou retirar outras. Além disso, existe o caráter subjetivo da atividade, tornando-a “não-definitiva” e “não-neutra”, porque sempre partimos de um ponto de vista. Ele afirma que o historiógrafo precisa ter consciência desses aspectos e da “[...] *inevitável presença de ‘buracos negros’ em nossa documentação, e de ‘pontas soltas’ em nossas análises e sínteses*” (SWIGGERS, 2017, p. 89, grifo nosso, tradução nossa)²²⁷. Assim, esperamos a compreensão de que este é um trabalho inacabado, mas cujo objetivo pessoal e acadêmico foi buscar e recuperar aspectos que haviam sido esquecidos e reforçar outros que já temos em nossas mentes. Esperamos ter contribuído para a compreensão da trama histórica do sensível, como saber cumulativo, de forma responsável.

²²⁷ Trecho original: “[...] the inevitable presence of ‘dark holes’ in our documentation, and of ‘loose ends’ in our analysis and synthesis”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AKSNES, D. W., LANGFELDT, L., & WOUTERS, P. **Citations, Citation Indicators, and Research Quality: An Overview of Basic Concepts and Theories**. *SAGE Open*. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2158244019829575>. Acesso em 30 abr. 2019.

ALMEIDA, D. C. A vertente tensiva da semiótica greimasiana no Brasil: breve estudo historiográfico. *In: CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 7, n. 2, 2009.

ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *In: Revista Argentina de historiografia linguística*, n. I, 2009, p. 115-136.

ALTMAN, C. História, estórias e Historiografia da linguística brasileira. *In: Todas as letras*, v. 14, n. 1, 2012.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

AUROUX, S. Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques. Les horizons de rétrospection. *In: Archives et Documents de SHESL* 7, 1986, p. 1-26.

AUROUX, S. L'histoire des sciences du langage et le paradoxe historiographique. *In: Le gré des langues*, 8, 1995, p. 40-63.

AUROUX, S. **Histoire des idées Linguistiques**, 3 vol., Bruxelles, Liège, Sirmont, Mardaga, 1989-2000.

AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Edunicamp, 1992.

AUROUX, S; NIEDEREHE, H; VERSTEEGH, K; KOERNER, K. (eds.). **History of Linguistics and Communication Science / Händbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft**. Berlim: Walter de Gruyter, 2006. 3 volumes.

AUROUX, S. **A questão da origem das línguas, seguido de A Historicidade das Ciências**. Tradução de Mariângela Peccioli Gali Joaquinho. Campinas: Editora RG, 2008.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BADIR, S.; ZILBERBERG, C. Éléments de grammaire tensive. *In: Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 110, 2007, disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/2286>. Acesso em: 04 jun. 2019.

BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, D. L. P. Prefácio. *In: GREIMAS, A. J. Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/ Edusp, 2014.

BARROS, D. L. P. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis, e desvios. *In: Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, jan./jun. 2012, p. 149-186.

BARROS, M. Continuidades e rupturas em e com Greimas. *In: Estudos Semióticos*, n. 14(3), 2018, p. 151-164. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.152686>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BATISTA, R. O. **Introdução à historiografia linguística**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

BEVIDAS, W. A dimensão do afeto em semiótica: entre fenomenologia e a semiologia. *In: MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A.; BRAQUIÃO, R. C. (orgs.). A abordagem dos afetos na semiótica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

BEVIDAS, W. A semiótica tensiva: uma teoria imanente do afeto. *In: CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 13, n.1, 2015, p. 43-86. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>. Acesso em: 25 mar. 2017.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. São Paulo: Pontes, 2005.

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução de Ivã Carlos *et al.* Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BERTRAND, D. Le sens dans *Du sens*: entre “écran de fumée” et “morsure sur le réel”. *In: Protée*, 34, (1), 2006, p. 10–22. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/013306ar>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BERTRAND, D. Structure et sensibilité. *In: Nouveaux Actes Sémiotiques*, n° 112, 2009. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/2880>. Acesso em: 20. jan. 2015.

BORDRON, J. F. Phénoménologie et sémiotique: théories de la signification. *In: Nouveaux Actes Sémiotiques*, n° 114, 2011. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/2743>. Acesso em: 20 jan. 2015

BRODEN, T. F. Vie et oeuvre d’A. J. Greimas (1917-1992). *In: Texto ! Textes et cultures*, v. XXII, N. 3, 2017. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=3892>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BUENO, A. M., *et al.* Reflexão sobre o conceito de “união” na teoria de semiótica francesa. *In: Estudos semióticos*. . Volume 6, Número 2, São Paulo, novembro de 2010, p. 22–29. Acesso em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em: 01 mar. 2019.

BURKE, P. **A revolução francesa da historiografia**: A escola dos Annales (1929-1989). Tradução de Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 2010.

BURKE, P. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011.

COLOMBAT, B. ; FOURNIER, J.-M. ; PUECH, C. **Histoire des idées sur le langage et les langues**. Paris: Klincksieck, 2015.

CONDILLAC, E. B. **Traité des sensations**. Paris: Fayard, 1984.

COQUET, J.-C.; ARRIVÉ, M. **Sémiotique en jeu**: à partir et autour de l'oeuvre de A.J. Greimas: actes de la década tenue au Centre culturel international de Cerisy-la-Salle du 4 au 14 août 1983, 1987.

COQUET, J.-C. (dir.) **Sémiotique**: L'École de Paris. Paris: Hachette, 1982.

CORTINA, A. Percurso da semiótica por meio das obras de Greimas. *In: Estudos Semióticos [online]*, volume 13, n. 2 (edição especial). São Paulo, dezembro de 2017, p. 37–50. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse i. Acesso em: 10 jan. 2019.

DARRAULT-HARRIS I. Phénoménologie et sémiotique. *In: Nouveaux Actes sémiotiques*, 2011, n° 114. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/2734>. Acesso em: 20 jan. 2015.

DESCARTES, R. **As paixões da alma**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, R. **Princípios da filosofia**. Tradução: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997.

DISCINI, N. Da presença sensível. *In: CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 8, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3330>. Acesso em: 20 jan. 2015.

DORRA, R. Perspectiva da semiótica. 1990. *In: GREIMAS, A. J. Da imperfeição*. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

DOSSE, F. **História do estruturalismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru: EDUSC, 2007. v. I.

DOMANESCHI, E. Paradigma e progresso - uma questão sobre o desenvolvimento da teoria semiótica acerca das modalidades crer e saber. *In: CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 4, n. 2, 2014.

DUNDES, A. Binary opposition in myth: the Propp/Lévi-Strauss debate in retrospect. *In: Western Folklore*, 56, Winter, 1997, p. 39-50.

ENGERMAN, D. C. **Know your enemy**. The rise and fall of America's soviet experts. Oxford: 2009.

EINSTEIN, A. Física e realidade. *In: Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 28, n. 1, 2006, p. 9-22.

FIORIN, J. L. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. *In: CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 5 n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/casa-home.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FIORIN, J. L. Semiótica e História. *In: ANAIS – Seminários Teóricos Interdisciplinares do SEMIOTEC – I STIS*. Nov, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/stis/issue/view/120>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FLOCH J.-M. **Identités visuelles**. Paris: PUF, 1995.

FONTANILLE, J. Le désespoir. *In: Actes Sémiotiques: Documents*, v. II, 1980.

FONTANILLE, J. Le tumulte modal: de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionnelle. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, v. XI, 1986.

FONTANILLE, J. **Le savoir partagé**. Paris: Hadès-Benjamins, 1987.

FONTANILLE, J. **Les espaces subjectifs**: introduction à la sémiotique de l'observateur. Paris: Hachette, 1989a.

FONTANILLE, J. Les passions de l'asthme. *In: Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 6, 1989b.

FONTANILLE, J. **Sémiotique du visible**. Des mondes de lumière. Paris: PUF, 1995a.

FONTANILLE, J. Le tournant modal en sémiotique. *In: Organon. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 23, 1995b, p. 175-190.

FONTANILLE, J. **Sémiotique et littérature**. Essais de méthode. Paris: PUF, 1999.

FONTANILLE, J. **Soma et séma**. Paris: Maisonneuve & Larose, 2004.

FONTANILLE, J. Conversations avec Jacques Fontanille, *In: Alfa*, 50 (1), 2006.

FONTANILLE, J. **Semiótica do Discurso**. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

FONTANILLE, J. **Pratiques Sémiotiques**. Paris: PUF, 2008.

FONTANILLE, J. **Corps et sens**. Paris: PUF, 2011.

FONTANILLE, J. **Formes de vie**. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2015.

FONTANILLE, J. Les voies (voix) de l'affect. *In: Actes Sémiotiques*, nº 120, 2017. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5806>. Acesso em: 30 jan. 2017.

FONTANILLE, J. **Orientação**. [mensagem pessoal eletrônica] mensagem recebida por Moreira, P. V. em 2018.

FONTANILLE, J. **Reunião** [informação oral], Jan. 2019.

FONTANILLE, J. Claude Zilberberg: une pensée à suivre. *In: ABLALI, D.; BADIR, S. (org.). Analytiques du sensible. Pour Claude Zilberberg*. Limoges: Lambert-Lucas, 2009.

GOMES, J. A. **O percurso historiográfico-linguístico das paixões**. 2011. 103p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2011.

GOMES, E.; HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. Vestígios do corpo em um romance de ficção científica. *In: CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 14, n. 01, julho, 2016, p. 179-239. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8253>. Acesso em: 17 jan. 2019.

GREIMAS, A. J. L'actualité du saussurisme. *In: Le français moderne*, n. 24, 1956, p. 191-203.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar et al. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/ Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J. **Sémantique Structurale**. Paris: Larousse, 1966.

GREIMAS, A. J. **Semântica Estrutural**. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976a.

GREIMAS, A. J. **Maupassant**. La sémiotique du texte: exercices pratiques. Paris: Éditions du Seuil, 1976b.

GREIMAS, A. J. Les passions - explorations sémiotiques. *In: Actes Sémiotiques: Bulletin*, vol. IX, 1986.

GREIMAS, A. J. **De l'imperfection**. Périgueux: P. Fanlac, 1987.

GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Diana Luz Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Sémiotique**: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Tome II. Paris: Hachette, 1986.

GREIMAS, A. J; FONTANILLE, J. **Sémiotique des passions**. Paris: Seuil, 1991.

GREIMAS, A. J; FONTANILLE, J. **Semiótica das Paixões**. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. **Sentir, saber, tornar-se**: estudo semiótico do percurso entre o sensório e a identidade narrativa. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2016.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopedia de las ciencias filosóficas en compendio**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

HÉNAULT, A. **História concisa da semiótica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

HUSSERL, E. **Méditations cartésiennes**. Paris, Vrin, 1966.

HUSSERL, E. G. **On the Phenomenology of the Consciousness of Internal Time (1893-1917)**. Tradução de John Barnett Brough. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

HUSSERL, E. G. **Recherches logiques**. Tome 3. Paris: Presses Universitaires France, 2012.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, I. **Anthropology from a Pragmatic Point of View**. Tradução de Robert B. Louden. New York: Cambridge Press, 2006.

KOERNER, K. **Practicing linguistic historiography**. Selected essays. Ottawa: John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia, 1989.

KOERNER, K. Questões que persistem em historiografia linguística. *In: Revista ANPOLL*, 1996, v. 2, p. 45-70.

KOERNER, K. **Linguistic historiography**. Projects and prospects. Ottawa: John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia, 1999.

KOERNER, K. O problema da ‘influência’ em historiografia linguística. *In: KEMMLER, R; ALTMAN, C. (org.). Quatro décadas de historiografia linguística*: estudos selecionados. 1 ed. Vila real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, v. 11, 2014a, p. 91-102.

- KOERNER, K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. 1 ed. Vila real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, v. 11, 2014b.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LABORDA, Xavier. Historiografía linguística: veinte principios del programa de la investigación hermenéutica. *In: Revista de Investigación Lingüística*, nº 1, vol. V, 2002, p. 179-207.
- LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica I. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo-Campinas: EDUC, 1992.
- LANDOWSKI, E. Apresentação. *In: OLIVEIRA, A. C., LANDOWSKI, E. (orgs). Do inteligível ao sensível*: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: EDUC, 1995.
- LANDOWSKI, E. Viagem às nascentes do sentido. *In: Corpo e sentido*: a escuta do sensível. Org. Ignácio Assis Silva. São Paulo: Unesp, 1996.
- LANDOWSKI, E. O livro de que se fala. *In: GREIMAS, A. J. Da Imperfeição*. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- LANDOWSKI, E. **Passions sans nom**. Essais de sócio-sémiotique III. Presser Universitaires de France, 2004.
- LANDOWSKI, E. Les interactions risquées. *In: Les Nouveaux Actes Sémiotiques*, 2006.
- LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica II. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LANDOWSKI, E. Por uma semiótica do vivido: entrevista com o sociosemioticista Eric Landowski. *In: CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 12, n.1, 2014, p. 345-361.
- LANDOWSKI, E. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. *In: Galaxia (online)*, n. 27, São Paulo, jun. 2014, p. 10-20.
- LANDOWSKI, E. Le cercle sémiotique de Greimas. *In: CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.13, n.1, 2015, p. 13-41. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>. Acesso em: 12 jun. 2016.
- LEMOS, C. L. A história dos *Actes Sémiotiques*: o caso dos *Bulletins*. *In: Colóquio Internacional Greimas*, 2017, São Paulo, SP. Anais. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/ef01b2_df77e1c9b11d43c1b4c2d8d6f464ebba.pdf. Acesso em: 25 out. 2017.
- LEON, J. *et al.* Histoire de la Société d'histoire et d'épistémologie des sciences du langage (SHESL). *In: Histoire de la recherche contemporaine*, Tome IV - N° 2, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/hrc/1164>. Acesso em: 24 mar. 2018.

LE PETIT ROBERT. **Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française**. Paris, Dictionnaires Le Robert, 2007.

LÉVI-STRAUSS, C. **La pensée sauvage**. Paris: Plon, 1962.

LEYDESDORFF, L. Theories of Citation? *In: Scientometrics*. v. 43, n. 1, 1998, p. 5-25. Disponível em: <https://www.leydesdorff.net/citation/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

LIMA, S. E. **Entre compaixão e piedade: o estudo das paixões em semiótica**. 2014, 224p. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LOPES, I. C. Jacques FONTANILLE, Soma et séma. Figures du corps, Paris, Maisonneuve et Larose, 2004. *In: Nouveaux Actes Sémiotiques*, 2006, p. 104-106. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/2150>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MARQUES, R. V. **Merleau-Ponty e a crise da razão**. 2011, 380p. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de São Carlos, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **L'œil et l'esprit**. Paris: Gallimard, 1964.

MERLEAU-PONTY. **Sens et non-sens**. Paris: Nagel, 1966.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Ática, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 2011.

MOREIRA, P. V. **Historiografia linguística do morfologia do conto maravilhoso de Vladimir Iakovlevich Propp**. 2014. 115 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2014.

MURRAY, S. O. **Theory Groups and the Study of Language in North America**. A social history. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

MURRAY, S. O. **American sociolinguistics: theorist and theory groups**. Amsteram & Philadelphia: John Beanjamins, 1998.

NEIRA, M. G.; LIPPI, B. G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *In: Educ Real*, v. 37, 2012, n. 2, p. 607-625. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362012000200015>. Acesso em: 20 mar. 2019.

NESTOR, P. H. E. S. **Historiografia linguística da semântica estrutural de Greimas**. 2012. 95p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2012.

NIETZSCHE, F. W. **O anticristo: ensaio de uma crítica do cristianismo**. Ebook.Brasil, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/anticristo.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

OLIVEIRA, A. C. Prefácio. *In*: GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PASCAL, B. **Les pensées**. Paris: P. Lethielleux, 1896.

PLATÃO. **Fedão**. Tradução de Carlos Alberto Nunes Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>, s.d.

PONGE, F. **Le parti pris des choses**. Éditions Gallimard, 2008.

PORTELA, J. C. Conversations avec Jacques Fontanille, *In*: **Alfa**, 50 (1), 2006.

PORTELA, J. C. **Práticas didáticas**: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana. 2008. 183p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2008.

PORTELA, J. C. Metalinguagem semiótica: empréstimos e redefinições. *In*: **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v.10, n.2, dezembro de 2012.

PORTELA, J. C.; SCHWARTZMANN, M. N. A noção de gênero em semiótica. *In*: PORTELA, J. C.; BEVIDAS, W.; LOPES, I. C.; SCHWARTZMANN, M. N. (ogs.). **Semiótica: Identidades e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

PORTELA, J. C. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *In*: **Estudos Semióticos**, v. 14, n. 1 (edição especial), março de 2018.

POZZATO, M. P. L’arc phénoménologique et la flèche sémiotique. *In*: LANDOWSKI, E. (org.). **Lire Greimas**. Limoges: PULIM, 1997.

PRADO, M. G. S. **O ponto de vista em semiótica**: fundamentos teóricos e ensaio de aplicação em *A hora da estrela*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

PRADO, M. G. S. **A enunciação na semiótica discursiva**: um estudo historiográfico. 2018. 168p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2018.

RICOEUR, P. **Temps et récit**, tome II. Paris: Seuil, 1984.

RICOEUR P. **Soi-même comme un autre**. Paris, Seuil, 1990.

ROMANCINI, R. O que é uma citação? A análise de citações na ciência. *In: Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 23, julho/dezembro 2010, p. 20-35. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/15885/10508>. Acesso em: 12 mar. 2019.

ROUSSEAU, J. J. *Les rêveries du promeneur solitaire*. Folio, 2016.

RUSSELL, B. **An Inquiry into Meaning and Truth**. London: Allen & Unwin, 1956.

SANTOS, A. A. **De Propp a Ricoeur**: origens e impasses da semiótica narrativa. 2014. 84p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2014.

SANTOS, F. K. R.; PORTELA, J. C. A comunicação científica na revista *Actes Sémiotiques*: práticas e estratégias de difusão do saber científico. *In: Diálogos Pertinentes: Revista Científica de Letras*, v. 14, 2018, p. 53-75.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHWARTZMANN, M. N. **Cartas marcadas**: prática epistolar e formas de vida na correspondência de Mário de Sá-Carneiro. 2009. 293p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2009.

SILVA, L. H. O. Por uma semiótica do vivido: entrevista com o sociossemiotista Eric Landowski. *In: CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 12, n.1, 2014, p. 345-361.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SWIGGERS, P. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *In: Revista Argentina de historiografía lingüística*, n. I, 2009, p. 67-76.

SWIGGERS, P. História e historiografia da linguística: Status, modelos e classificações. *In: Revista Eutonomia*. Ano III, vol. 2, dez. 2010.

SWIGGERS, P. A Historiografia da Linguística: objeto, objetivos, organização. *In: Confluência*, n. 44/45, 2013. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/wp/?p=1171>. Acesso em: 8 abr. 2016.

SWIGGERS, P. Directions for linguistic historiography. *In: Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH: VII MiniENAPOL de Historiografia Linguística*. São Paulo: FFLCH/USP, 2015.

SWIGGERS, P. Linguistic historiography: a metatheoreticalsynopsis. *In: Todas as Letras*, São Paulo, v. 19, n. 2, maio/ago. 2017, p. 73-96. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v19n2p73-96>. Acesso em: 8 abr. 2019.

TATIT, L. Corpo na semiótica e nas artes. *In: **Corpo e sentido**: a escuta do sensível.* SILVA, I. A. (org.). São Paulo: Unesp, 1996.

TINOCO, C. **La sensation**. Paris: Flammarion, 1997.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WOLFF, F. **Nossa humanidade**: de Aristóteles às neurociências. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

ZILBERBERG, C. **Raison et poétique du sens**. Paris: Puf, 1988a.

ZILBERBERG, C. Architecture, musique et langage dans « Eupalinos » de P. Valéry. *In: **Documents de travail***, n. 176-7, p. 11, 1988b.

ZILBERBERG, C.; FONTANILLE, J. **Tension et signification**. Liège: Mardaga, 1998.

ZILBERBERG, C. Les contraintes sémiotiques du métissage. *In: **Tangence***, n. 64, 2000, p. 8-24.

ZILBERBERG, C.; FONTANILLE, J. **Tensão e Significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes *et al.* São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

ZILBERBERG, C. **Razão e poética do sentido**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Edusp, 2006a

ZILBERBERG, C. Síntese da gramática tensiva. Tradução de Luiz Tatit, Ivã Carlos Lopes. *In: **Significação***, nº 25, 2006b.

ZILBERBERG, C. **Éléments de sémiotique tensiva**. Limoges: Pulim, 2006c.

ZILBERBERG, C. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011a.

ZILBERBERG, C. **Des formes de vie aux valeurs**. Paris: PUF, 2011b.

ZILBERBERG, C. Précis de grammaire tensiva *In: **Tangence***, Paris, v.1, n. 70, 2002, p.111-143.

ANEXOS

ANEXO A – LES BULLETINS
Quadro 7: Actes Sémiotiques – Les Bulletins

BULLETINS				
ANO	N°	TÍTULO	AUTORES	DIREÇÃO
1977	1	Manipulation		
1978	2/3	Sémiotique littéraire		
1978	4/5	Sémiotique visuelle		
1978	6	Pour une sémiotique des passions		
1979	7	Sémiotique didactique		
1979	8	Sémiotique du domaine religieux		
1979	9	Sémiotique des passions		
1979	10	Sémiotique de l'architecture		
1979	11	Productions 1978-1979		
1979	12	Le rapport scientifique		
1980	13	Métalangage, terminologie et jargons		
1980	14	Les universaux du langage, 1		
1980	15	La dimension cognitive du discours		
1980	16	Problématique des motifs	Claude BREMOND Denis BERTRAND et Jean-Jacques VINCENSINI Joseph COURTÉS	Joseph COURTÉS
1981	17	Le carré sémiotique		
1981	18	Parcours et espace		
1981	19	Les universaux du langage, 2		
1981	20	La figurativité, 1		
1982	21	La sanction		
1982	22	Bibliographie sémiotique		
1982	23	Figures de la manipulation		
1982	24	Aspects de la conversion		
1983	25	Explorations stratégiques		

1983	26	La figurativité, 2	Jean-Marie FLOCH Jacques FONTANILLE François RASTIER Françoise BASTIDE Georges MAURAND Hans-George RUPRECHT Jacques GENINASCA James SACRE Claude ZILBERBERG Felix THÜRLEMANN Louis PANIER Denis BERTRAND Joseph COURTÉS Algirdas Julien GREIMAS	
1983	27	Sémiotiques syncrétiques	Jean-Marie FLOCH Marco de MARINIS Marie-Claire ROPARS- WUILLEUMIER Manar HAMMAD André Vladimir HEIZ Marie-Louise FABRE et Françoise BASTIDE	Jean- Marie FLOCH
1983	28	Sémiotique musicale	Marcello CASTELLANA Eero TARASTI Daniel CHARLES Costin MIEREANU Gino STEFANI Jean-Claude COQUET	Marcello CASTELLANA Costin MIEREAU
1984	29	Bibliographie sémiotique, 2		
1984	30	Polémique et conversation	Claude ZILBERBERG Jean PETITOT Henri QUÉRÉ Graciela LATELLA Jean-François BORDRON Jacques FONTANILLE Denis BERTRAND	Jacques FONTANILLE Denis BERTRAND
1984	31	Le discours de l'éthique	Jean-François BORDRON Per Aage BRANDT Ivan DARRAULT-HARRIS Bernard POTTIER Alain SAUDAN Peter STOCKINGER Claude ZILBERBERG	Jean-François BORDRON
1984	32	Sémiotique et prospectivité	Manar HAMMAD Jean PETITOT	Ivan AVILA BELLOSO

			Per Aage BRANDT Pierre DELPUECH Catherine PELLEGRINI Ivan AVILA BELLOSO Claude ZILBERBERG Marco JACQUEMET	Manar HAMMAD
1985	33	Procédures de découverte	Françoise BASTIDE et Paolo FABBRI Eric LANDOWSKI Michel CALLON et Françoise BASTIDE Bruno LATOUR Françoise BASTIDE Georges COMBET Manar HAMMAD Jean-Luc EXCOUSSEAU Paolo FABBRI et Pierre ROSENSTIEHL	Françoise BASTID E Paolo FABBRI
1985	34	L'actant collectif	Claude ZILBERBERG Abdelmadjid Ali BOUACHA Françoise THOM Dean MACCANNEL Peter STOCKINGER Jacques FONTANILLE Claude CATALAME Marie-Françoise TARDIEN	Claude ZILBERBERG
1985	35	Regards sur l'esthétique	Jean-François BORDRON Manar HAMMAD Catherine PELLEGRINI Jean PETITOT Claude ZILBERBERG	Jean-François BORDRON
1985	36	Intelligence artificielle, 1	Peter STOCKINGER Jean-Pierre DESCLÉS Madeleine ARNOLD Pierre BOUDON François RASTIER	Peter STOCKINGER
1986	37	Variations publicitaires	Jean-Pierre MARTINEZ Jean-Marie FLOCH Eric LANDOWSKI	Jean- Pierre MARTINEZ
1986	38	Autour d'un dictionnaire	Isabella PEZZINI Herman PARRET Jacques GENINASCA Algirdas Julien GREIMAS Claude ZILBERBERG	Isabella PEZZINI
1986	39	Les passions	Denis BERTRAND	Denis

			Algirdas Julien GREIMAS Jacques FONTANILLE Anne HÉNAULT	BERTRAND
1986	40	Intelligence artificielle, 2	Peter STOCKINGER Michael ZOCK Guy DENHIÈRE et Annie PIOLAT Jacques FONTANILLE	Peter STOCKINGER
1987	41	La subjectivité au cinéma	Jacques FONTANILLE Elena DAGRADA Marie-Claire ROPARS- WUILLEUMIER Pierre SORLIN Alain J-J. COHEN Michel COLIN	Jacques FONTANILLE
1987	42	Sémiotique didactique	Jean-Jacques VINCENSINI Jacques FONTANILLE Georgette BENSIMON- CHOUKROUN Georges MAURAND et Michel NAUDE	Jean-Jacques VINCENSINI
1987	43	Quatre thèses	Algirdas Julien GREIMAS Pierre BOUDON Per Aage BRANDT Gérard BUCHER Peter STOCKINGER Catherine GENINASCA Jose Luiz FIORIN	
1987	44	L'art abstrait		

Fonte: autora²²⁸

ANEXO B – LES DOCUMENTS

Quadro 8: Actes Sémiotiques – Documents

DOCUMENTS		
ANO	N°	AUTORES
1979	1	Jacques GENINASCA, Du bon usage de la poêle et du tamis.

²²⁸ Adaptado de: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/57#470>, J. C. Portela (2008) e C. L. Lemos (2017).

1979	2	Claude ZILBERBERG, Tâches critiques.
1979	3	Jean-Claude COQUET, Le sujet énonçant.
1979	4	James SACRE, Pour une définition sémiotique du maniérisme et du baroque.
1979	5	A. J. GREIMAS, La soupe au pistou.
1979	6	Jean-Marie FLOCH, Des couleurs du monde au discours poétique.
1979	7	Françoise BASTIDE, Approche sémiotique d'un texte de sciences expérimentales.
1979	8	Ivan DARRAULT, Pour une approche sémiotique de la thérapie psychomotrice.
1979	9	Joseph COURTES, La "lettre" dans le conte populaire merveilleux (le partie).
1979	10	Joseph COURTES, La "lettre" dans le conte populaire merveilleux (2e partie).
1980	11	Félix THURLEMANN, L'admiration dans l'esthétique du XVIIIe siècle.
1980	12	Eric LANDOWSKI, L'Opinion publique et ses porte-parole
1980	13	A.J. GREIMAS, Description et narrativité, suivi de: A propos du jeu.
1980	14	Joseph COURTES, La "lettre" dans le conte populaire merveilleux (3e partie).
1980	15	Paul RICOEUR, La grammaire narrative de Greimas.
1980	16	Jacques FONTANILLE, Le désespoir.
1980	17	Georges MAURAND, "Le Corbeau et le Renard".
1980	18	Madeleine ARNOLD, Ordinateur, sémiotique et "Machine molle".
1980	19	Ignácio ASSIS DA SILVA. Une lecture de Velasquez.
1980	20	Thomas G. PAVEL, Modèles génératifs en linguistique et en sémiotique.
1981	21	Hans-George RUPRECHT, Du formant intertextuel.
1981	22	Eric LANDOWSKI, Jeux optiques.
1981	23	Daniel PATTE, Carré sémiotique et syntaxe narrative.
1981	24	Henri QUERE, Sens linguistique et ré-interprétation.
1981	25	Michel ARRIVE, Le concept de symbole (le. partie: sémio-linguistique).
1981	26	Jean-Marie FLOCH, Sémiotique plastique et langage publicitaire.
1981	27	A. J. GREIMAS, De la colère.
1981	28	Françoise BASTIDE, La démonstration.
1981	29	François RASTIER, Le développement du concept d'isotopie.
1981	30	Claude, ZILBERBERG, Alors ! Raconte ! (Notes sur le faire informatif).
1982	31	Per Aage BRANDT, Jean PETITOT, Sur la véridiction.
1982	32	Dominique MAINGUENEAU, . Dialogisme et analyse textuelle.
1982	33	Jacques FONTANILLE, Un point de vue sur "croire" et "savoir".
1982	34	Claude CALAME, Enonciation: véracité ou convention littéraire ?
1982	35	Tahsin YUCEL, Le récit et ses coordonnées spatio-temporelles.
1982	36	Michel ARRIVE, Le concept de symbole (2e partie: psychanalyse).
1982	37	Herman PARRET, Eléments pour une typologie raisonnée des "passions".
1982	38	Jean DELORME, Savoir, croire et communication parabolique.
1982	39	Denis BERTRAND, Du figuratif à l'abstrait, chez Zola.
1982	40	Georges KALINOWSKI, Vérité analytique et vérité logique
1983	41	Alain SAUDAN, Analyse sémiotique de "l'affaire A. Moro".
1983	42	E. TARASTI, M. CASTELLANA, H. PARRET, De l'interprétation musicale.
1983	43	Henri QUERE, Symbolisme et énonciation.
1983	44	Michèle COQUET, Le discours plastique d'un objet ethnographique.
1983	45	Louis PANIER, La "vie éternelle": une figure.

1983	46	Ole DAVIDSEN, Le contrat réalisable.
1983	47/48	J. PETITOT, R. THOM, Sémiotique et théorie des catastrophes
1983	49	Jean DAVALLON, L'espace de la "lecture" dans l'image.
1983	50	A.J. GREIMAS, E. LANDOWSKI, Pragmatique et sémiotique.
1984	51	Italo CALVINO, Comment j'ai écrit un de mes livres.
1984	52	D.T. MOZEJKO, Énoncé et énonciation, chez O. Paz.
1984	53	Francesco MARSCIANI, Parcours passionnels de l'indifférence.
1984	54	Michel de CERTEAU, Le parler angélique.
1984	55	Jean-Claude COQUET, La bonne distance.
1984	56	Roland POSNER, Signification et usage.
1984	57	Jacques FONTANILLE, Une topique narrative anthropomorphe.
1984	58	Jacques GENINASCA, Le regard esthétique.
1984	59	Denis BERTRAND, Narrativité et discursivité.
1984	59	A.J. GREIMAS, Sémiotique figurative et sémiotique plastique.
1985	61	Michael A.K. HALLIDA Y, Intonation et rythme.
1985	62	Peter STOCKINGER, Prolégomènes à une théorie de l'action.
1985	63	Claude ZILBERBERG, Retour à Saussure?
1985	64	Luc RÉGIS, Le scarifié et le tatoué.
1985	65	Joseph COURTÉS, Pour une sémantique des traditions populaires.
1985	66	Jean-Luc EXCOUSSEAU, Objectivité et subjectivité en physique.
1985	67	Pierre BOUDON, L'abduction et le champ sémiotique.
1985	68	Abraham ZEMSZ, Les optiques cohérentes.
1985	69/70	Jean-Pierre DESCLÉS, Représentation des connaissances.
1986	71	Eric LANDOWSKI, Pour une approche sémio-narrative du droit.
1986	72	V. BRØNDAL, Omnis et totus, et A.J. GREIMAS, Les indéfinis.
1986	73/74	Joseph COURTÉS, Introduction à la sémantique de l'énoncé.
1986	75	Per Aage BRANDT, Quatre problèmes de sémiotique profonde.
1986	76/77	Claude ZILBERBERG, "Larme" d'Arthur Rimbaud (I).
1986	78	Henri QUÉRÉ, La publicité par la bande.
1986	79/80	Françoise BASTIDE, Les logiques de l'excès et de l'insuffisance.
1987	81	Umberto ECO, Notes sur la sémiotique de la réception.
1987	82	Claude ZILBERBERG, "Larme" d'Arthur Rimbaud (II).
1987	83	Jacques GENINASCA, Pour une sémiotique littéraire.
1987	84-85	Manar HAMMAD, L'architecture du thé.
1987	86	Peter STOCKINGER, La nation.
1987	87	Jean-Marie FLOCH, La génération d'un espace commercial.
1987	88	Jean-Claude COQUET, Linguistique et sémiologie.
1987	89	Françoise BASTIDE, Le traitement de la matière.
1987	90	Desiderio BLANCO, Figures de l'énonciation cinématographique.

Fonte: autora²²⁹.

²²⁹ Adaptado de: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/57#470>, J. C. Portela (2008).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

« JÚLIO DE MESQUITA FILHO »

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara – SP/

Université de Limoges – LIMOGES

École Doctorale « Cognition, Comportements, Langage(s) »



PATRICIA VERONICA MOREIRA

RÉSUMÉ DE LA THÈSE

**L'émergence du sensible dans la sémiotique discursive : une
approche historiographique²³⁰**

Directeur : Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Co-directeur : Prof. Dr. Jacques Fontanille

ARARAQUARA/LIMOGES

2019

²³⁰ Ce résumé procède de la thèse réalisée dans le cadre d'une convention de cotutelle entre l'Universidade Estadual Paulista « Júlio de Mesquita Filho » et l'Université de Limoges.

INTRODUCTION

[...] it may be useful to cultivate some kind of meta-awareness [...] as to the inevitable, universal limitations of historiographical work. Historiographical activity always involves a “conditional interpretation”. This has a straightforward explanation: on the one hand, all historiographical work is source-bound, and thus incomplete, and subject to change; on the other hand, it is always, to some extent, subjective, non-definitive, and non-neutral. In other words, we have to be aware of the inevitable presence of ‘dark holes’ in our documentation, and of ‘loose ends’ in our analysis and synthesis. Or, put more briefly: historiographical work is always a matter of probabilistic approximation (SWIGGERS, 2017, p. 89).

La sémiotique discursive, défendue par Algirdas Julien Greimas et ses collaborateurs, et malgré le maintien de son projet initial avec une unité minimale, a connu des changements théorico-méthodologiques. Cette sémiotique, née au cœur du structuralisme des années 1960, a joint différents intérêts à son cadre, comme la substance, le continu, le corps, la perception, la passion, etc. Selon Jacques Fontanille, un virage du sensible s’est produit dans la sémiotique. Dès les années 1980, la sémiotique narrative connaît une phase de transition vers la sémiotique discursive, dont les changements se perçoivent aujourd’hui dans les divers types de sémiotique : « [...] c’est d’abord le séminaire sur les passions, le virage « sensible » des recherches sémiotiques, la montée en puissance des approches phénoménologiques, c’est le moment où prend naissance la sémiotique qui se fait aujourd’hui » (FONTANILLE, 2006, p. 166).

La thématique du sensible²³¹ est assez complexe, et pas uniquement pour les sémioticiens. Historiquement et sommairement, chez les Grecs, les stoïciens, les moralistes, les positivistes, les structuralistes, entre autres, le sensible faisait l'objet de préjugés lorsque l'on considérait la relation entre l'homme et le monde. En revanche, l'intelligible était exalté et représentait le lieu de la science, de la raison, de la vérité. Conséquemment, les différents domaines de la connaissance ont très longtemps contenu le sensible à la périphérie, autour des thèmes liés à la subjectivité. Pourtant, il serait naïf de croire que les choses se sont produites d'elles-mêmes, *grosso modo*. Nous avons procédé à ce petit retour historique, où chaque élément engendre le suivant, afin de simplifier notre parcours. De façon générale, nous constatons que le sensible s'oppose depuis longtemps à l'intelligible. La question s'est donc posée de savoir si l'opposition entre le sensible et l'intelligible est la seule existante ? Dans l'affirmative, comment cette opposition s'est-elle mise en place et se poursuit-elle aujourd'hui en sémiotique discursive ? Sinon, comment ces deux dimensions sont-elles liées et/ou se superposent-elles ? Face à ces questions, nous avons pris le parti de retrouver les origines d'un parcours sensible pour la sémiotique, en le prenant comme objet d'étude de cette recherche.

Nous avons tout d'abord relevé les premières influences exercées sur notre domaine d'intérêt. Depuis *Sémantique structurale* (1966), publiée par A. J. Greimas, la phénoménologie a accru son influence dans la sémiotique de l'école de Paris. Greimas, dans son premier grand ouvrage, a réfléchi sur la signification, l'élément qui semble définir le « monde humain », et qui le change en « monde de signification ». D'après le maître lituanien, on peut seulement être considéré comme « humain » tant que l'on signifie quelque chose. Il note finalement que l'homme est quotidiennement tourmenté par les significations. Dans cette perspective, le premier choix épistémologique est posé lorsqu'il définit « [...] la perception comme le lieu non-linguistique où se situe l'appréhension de la signification » (GREIMAS, 1966, p. 8).

La sémiotique greimassienne a accueilli la proposition de l'œuvre de Merleau-Ponty à partir du moment où la signification y est conçue au-delà de son aspect cognitif. Selon Pozzato (1997), l'ambiguïté présente dans les travaux de Merleau-Ponty est reprise par Greimas dans *De l'Imperfection* : « Ici, la distance vécue, et qui ne peut jamais être comblée, entre le sujet et l'être

²³¹ Dans ce travail, nous adoptons les aspects développés dans les publications concernant le sensible, à savoir : le corps, la perception, les passions (GREIMAS ; FONTANILLE, 1991 ; FONTANILLE, 1989b, 2004, 2011), la contagion, l'esthésie et l'esthétique (GREIMAS, 1987 ; FONTANILLE, 1989b; LANDOWSKI, 2004, 2006), l'affectivité (ZILBERBERG, 2006 ; ZILBERBERG ; FONTANILLE, 1998 ; ZILBERBERG, 1988, 2011), parmi les autres termes qui appartiennent à ce champ.

est définie comme une imperfection constitutive de l'existence, comme un espace essentiellement humain, une tension vers la plénitude d'identité, de vie et de connaissance » (POZZATO, 1997, p. 61-62).

Bertrand (2009) observe que la sémiotique du sensible surgit à partir des études sur les passions et la figurativité dans les années 1980 : « Le sensible qui renvoie à la perception sensorielle a donné naissance aux travaux sur la figurativité, et celui qui exprime le sentiment et l'affect s'est déployé dans les recherches sur les passions et les dispositifs passionnels » (BERTRAND, 2009). La *Sémiotique des passions*, de Greimas et Fontanille (1991), s'empare en quelque sorte de la théorie phénoménologique afin de comprendre les passions. Le concept même de corps mobilisé par la sémiotique, notamment chez J. Fontanille (2011), est semblable au concept de corps chez Merleau-Ponty. Nous notons que le second titre de l'ouvrage (« Des états de choses aux états d'âme ») présente à l'avance une solution phénoménologique pour la dichotomie entre le sujet et le monde : le corps (TATIT, 1997).

La figurativité, située au niveau discursif du parcours génératif, crée l'effet de référence au monde. Cette figurativité appartient donc à l'acte sensoriel, à savoir « le sens en devenir » : « La figurativité se présente comme 'l'écran du paraître' (Greimas) » (BERTRAND, 2000, p. 99). À partir des années 1990, l'influence de la phénoménologie se manifeste dans les études tensives, représentées principalement par Fontanille et Zilberberg (1998) dans *Tension et signification*. Zilberberg (2009) souligne que cette œuvre est considérée comme la continuation de la *Sémiotique des passions* grâce à l'accent mis sur le sujet sensible.

Ces exemples sur le mode d'influence de la phénoménologie sur la pensée greimassienne et post-greimassienne nous permettent de comprendre la prééminence de la dimension sensible dans le raisonnement sémiotique. Nous n'avons cependant montré qu'un aspect du sensible. En fait, dans ce travail, nous avons considéré le sensible comme un hyperonyme, dont les corrélats, que nous avons nommés ici domaines du sensible, sont au nombre de trois : la corporéité, la passionnalité et la sensibilité. Pour chaque domaine, nous avons traité différents termes. Le premier domaine est circonscrit par le corps. Le deuxième, par l'affect, la passion, l'émotion. Le troisième, par la sensation, la perception, la contagion, l'esthésie et l'esthétique. Puis, nous avons déterminé les auteurs qui composeront le *corpus* de notre étude.

Pour étudier ces domaines du sensible, nous avons suivi l'approche de l'historiographie linguistique, particulièrement dans la perspective de la continuité. La pensée post-greimassienne

correspond donc à un ensemble de réflexions d'auteurs dont la production est active et puissante dans le cadre général de la théorie. Afin d'identifier ces auteurs, nous avons recouru à la réception de la sémiotique au Brésil, et principalement dans l'État de São Paulo. Les différents types de sémiotique pratiqués aujourd'hui sont très visibles dans les modes d'étude et de recherche des chercheurs. Dans l'État de São Paulo, nous avons distingué trois universités : l'Universidade de São Paulo, la Pontificia Universidade Católica de São Paulo et l'Universidade Estadual de São Paulo « Júlio de Mesquita Filho ». Chacune de ces universités peut être associée aux sémioticiens suivants : Claude Zilberberg et sa sémiotique tensive ; Eric Landowski et sa socio-sémiotique ; Jacques Fontanille et sa sémiotique des empreintes (pratiques et formes de vie).

Le propos de notre thèse est de répondre alors aux questions suivantes :

- 1) Comment le concept de sensible est-il évoqué et élaboré dans l'œuvre de Greimas et, par conséquent, dans la sémiotique du discours ?
- 2) Comment le sensible a-t-il été systématisé méthodologiquement ? Comment est-il conçu dans la sémiotique post-greimassienne ?
- 3) Comment les sémioticiens qui ont participé à la construction de la théorie décrivent-ils explicitement le sensible ? Comment le définissent-ils ? Le sensible est-il en convergence avec le concept ? Autrement dit, le sensible figure-t-il dans la rhétorique et/ou dans l'immanence des œuvres ?
- 4) Que peut-on considérer aujourd'hui comme une sémiotique du sensible ?

Afin de répondre à ces questions, nous avons proposé les principes de l'historiographie linguistique, notamment ceux de Koerner (1996, 2014), Swiggers (2009, 2015), Auroux (2008) et Murray (1994, 1998), comme méthode de recherche pour notre thèse.

L'ambition générale de cette étude du sensible était de préciser et de définir la présence du concept de sensible au sein de la sémiotique greimassienne et post-greimassienne, en contextualisant son émergence et sa permanence dans les études sémiotiques contemporaines. Pour ce faire, nos objectifs spécifiques étaient les suivants :

- 1) Tracer le parcours du concept de sensible ;
- 2) Établir, à partir de la lecture des œuvres de Greimas, l'émergence du sensible et son impact ;
- 3) Comprendre, à travers les penseurs de la sémiotique post-greimassienne (Fontanille, Landowski et Zilberberg), la permanence du concept de sensible ;
- 4) Déterminer dans quelle mesure le sensible est présent dans la rhétorique et/ou l'immanence des œuvres ;
- 5) Délimiter le champ du sensible ainsi que son déploiement épistémologique dans les domaines de la corporéité, de la passionnalité et de la sensibilité.

Plan de thèse

Cinq chapitres composent notre étude. Le premier développe les aspects théorico-méthodologiques, c'est-à-dire l'historiographie linguistique. Nous avons d'abord élucidé le faire de l'historiographe, puis nous avons scindé notre point de vue entre deux écoles historiographiques afin de procéder aux analyses. Nous avons ensuite relevé, au sein de la sémiotique, des études historiques, que nous avons nommées historiographies « sauvages »²³², selon les termes de Fontanille (2017). Par la suite, nous avons pris à tâche de scruter l'historiographie au travers du prisme de la sémiotique, car une théorie du sens peut contribuer à l'analyse des modalités de construction des discours historiques. Finalement, nous avons défini notre *corpus* selon deux principes : le Groupe de Greimas et la réception théorique au Brésil.

Le deuxième chapitre porte sur la cartographie²³³ du sensible, dans laquelle se distribuent les domaines et les termes que nous avons déjà cités. Pour construire cette cartographie, nous avons utilisé trois types de dictionnaires : les dictionnaires de langue, de philosophie et de sémiotique.

²³² En ce qui concerne le terme « sauvage », nous le comprenons ici comme quelque chose qui se fait de manière intuitive, créative, « dévorante ».

²³³ Selon l'Association Cartographique Internationale, le terme « cartographie » désigne la discipline de la géographie qui concerne l'art, la science et la technologie de fabrication et d'utilisation des cartes. Dans notre thèse, ce terme est utilisé comme une métaphore afin de nous positionner dans l'espace du sensible en sémiotique et de mener nos analyses. La définition de la cartographie est disponible à l'adresse suivante : <https://icaci.org/mission/>.

Les troisième, quatrième et cinquième chapitres sont consacrés aux analyses, chacun d'eux traitant d'un domaine. Comme considérations finales, nous avons rappelé les questions de la recherche et les réponses possibles, en tenant compte des objectifs, afin de montrer qu'il n'est plus possible de parler aujourd'hui d'une sémiotique non-sensible²³⁴.

²³⁴ En raison de l'espace imparti pour ce résumé, seuls quelques aspects de chaque chapitre ont été présentés.

1. La méthodologie

[...] les propriétés accessibles à la pensée sauvage ne sont pas les mêmes que celles qui retiennent l'attention des savants. Selon chaque cas, le monde physique est abordé par des bouts opposés : l'un suprêmement concret, l'autre suprêmement abstrait ; et soit sous l'angle des qualités sensibles, soit sous celui des propriétés formelles

(La pensée sauvage, Lévi-Strauss, 1962, p. 356).

Pour analyser notre objet, à savoir l'émergence et la permanence du sensible dans la sémiotique discursive, nous avons privilégié la méthode de l'historiographie linguistique en utilisant les principes qui répondent le mieux aux réquisits des objectifs établis pour cette thèse. L'historiographie linguistique correspond *grosso modo* à la manière dont nous écrivons l'histoire des études de langage et de langue, et dans notre cas, l'histoire des études de sémiotique.

Pour Koerner (1996), l'historiographie est la façon d'écrire l'histoire en suivant des principes et il convient de garder à l'esprit qu'elle est une activité consciente par rapport à l'historiographe. Selon Altman (2009), cette activité est en fait une discipline à vocation scientifique, dont les buts principaux sont de décrire et d'expliquer le développement du fait linguistique étudié, sans le dissocier de son contexte (social et culturel) temporel. Chez Swiggers (2009), nous retrouvons une définition semblable à celle d'Altman : il s'agit de l'étude du développement des pratiques et des idées linguistiques.

Le rôle de l'historiographe consiste donc à décrire, à interpréter et à expliquer les faits de l'histoire linguistique (SWIGGERS, 2009). La tâche n'est pas si aisée, car l'accès aux sources peut poser des problèmes. Cependant, l'historiographe peut aujourd'hui s'affranchir des sources officielles et rechercher ses données parmi une variété de documents disponibles, par exemple, les entretiens, les images, les statistiques, etc.

Nous avons repris plusieurs exemples d'historiographie « sauvage », en hommage au texte de Fontanille, « les voies (voix) de l'affect » (2017), dans le dossier des *Actes sémiotiques*, qui rend aussi hommage au centenaire de Greimas. Lorsque Fontanille explore l'émergence de l'affect dans les œuvres de la pensée greimassienne et post-greimassienne, il emploie l'expression

« historiographie sauvage » afin de critiquer la stratégie des auteurs qui entendent absolument montrer dans leurs propres travaux l'apparition de nouveaux paradigmes. Le terme « sauvage » est tiré de l'œuvre de Lévi-Strauss, *La pensée sauvage* (1968), consacrée à Merleau-Ponty. Nous sommes alors en mesure de constituer ici un quatuor d'hommages et de références historiques : Merleau-Ponty – Lévi-Strauss – Greimas – Fontanille.

Nous poursuivons notre analyse sur les historiographies « sauvages » écrites par les sémioticiens eux-mêmes, car il est pertinent de penser que, de temps à autre, une discipline comme la sémiotique fera elle-même son retour historique. Pour nous aider dans cette typologie, nous avons utilisé le texte de Jean Cristtus Portela « Histoire des idées sémiotiques : entre chroniqueurs et innovateurs » (2018)²³⁵. Selon Portela, tous les sémioticiens sont un peu historiographes en raison de la nature de leur activité. Les chroniqueurs, il cite Anne Hénault (*Histoire de la sémiotique*, 1992) et Jean-Claude Coquet (*Sémiotique : l'école de Paris*, 1982), décrivent l'histoire de la sémiotique de façon romanesque, alors que les innovateurs, à l'instar de Claude Zilberberg (*Raison et poétique du sens*, 1988), suspendent le temps pour reconstruire un système historique (PORTELA, 2018).

De surcroît, le *corpus* de cette thèse nous a permis de noter que cet aller-retour sur l'histoire de la sémiotique est une pratique courante chez les sémioticiens, dont l'intention est souvent de montrer les ruptures et les continuités théoriques. De ce point de vue, les ruptures sont normalement très proches du leader de l'école de Paris – Greimas. Nous avons exploré cette hypothèse dans la section suivante, où nous avons constitué le groupe de la pensée greimassienne afin de comprendre les sources choisies à propos du sensible ainsi que les modalités de développement actuel des sémiotiques par rapport à leur position épistémologique.

Ce type d'historiographie « sauvage » est perceptible chez Fontanille lui-même ; une méthode d'écriture se manifeste chez cet auteur. Par exemple, dans *Sémiotique du visible* (1995), Fontanille fait une synthèse des accomplissements de la théorie (l'espace tensif, la perception, la modulation, etc.), notamment dans *Sémiotique du discours* (1998), dans *Sémiotique et littérature* (1999). Lorsqu'il rédige l'introduction de ces deux ouvrages, Fontanille procède à un retour sur la théorie. Il nous présente certaines définitions spécifiques (le carré sémiotique, le parcours génératif, la narrativité, etc.), les changements, les éléments repris par la théorie ainsi que les modalités d'évolution continue de la sémiotique. Cette même approche apparaît dans

²³⁵ História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. In: *Estudos Semióticos*, v. 14, n. 1, 2018.

l'introduction de *Corps et sens*, à propos du corps. L'ouvrage *Tension et signification* (1998, en collaboration avec Zilberberg), plus connu comme le troisième dictionnaire de sémiotique, manifeste également ce retour théorique, dans le but de transmettre un « savoir partagé » au lecteur, aux sémioticiens. En outre, ce type de « mémoire » ou de parcours des empreintes sémiotiques met en évidence deux points particuliers :

- a- la façon dont la théorie a changé, ajouté ou délaissé certains aspects/objets ; car la théorie est un projet « inachevé » et requiert de procéder à ces récapitulatifs afin que le lecteur s'y retrouve et comprenne les bouleversements théoriques ;
- b- ce type de retour historique (moyennant des petits manuels ou des synthèses) permet de saisir les relations entre la sémiotique et les autres domaines, et surtout le travail collectif du groupe, car il met en valeur les autres sémioticiens.

Fontanille nous a expliqué lui-même cette démarche lors d'un entretien qu'il nous a accordé. Nous en avons retranscrit un passage afin de montrer au lecteur comment l'auteur conçoit lui-même son faire métasémiotique :

[...] la manière dont on travaille, elle n'est pas forcément comprise, comprise par les gens qui sont très occupés par la sémiotique, mais qui ne sont pas attentifs du tout à la manière dont les autres travaillent. Oui, moi je suis très content de votre question, vous avez bien compris la manière dont je travaille. Je vous explique pourquoi. Parce que ce que j'ai observé dans les sciences humaines et dans les domaines proches qui comprennent la sémiotique, que c'est une tendance à ce que chacun produise sa petite œuvre, sa petite théorie, on vit ainsi longtemps, si possible toute une carrière, sans s'inquiéter trop de ce que les autres en font. J'ai noté, mais ce n'est pas seulement une propriété de la sémiotique, qu'il est assez rare que les gens d'une génération donnée utilisent les travaux des gens de la même génération, les citent et fassent (???) en effet [...] de grossissement et d'accumulation des connaissances. Ici, on ne se réfère qu'à la seule génération d'avant, ou si possible celle d'Aristote ((rire)), qui est forcément d'une génération d'avant. Donc, le résultat c'est que l'effort collectif est perdu, il y a des efforts individuels, mais qui ne laissent aucune trace [...]. Donc, moi je n'ai pas voulu travailler ainsi, mais je voulais travailler au moins pour qu'il y ait quelque chose à transmettre et que ça soit utilisable. Donc, le principe sur lequel j'ai toujours travaillé, c'est celui d'une science cumulative, où il n'y a pas de rupture épistémologique chaque fois qu'il y a un nouvel auteur et, donc, chaque fois que j'ouvre un nouveau chantier, je fais référence à tous ceux qui ont déjà travaillé dessus, les générations avant et actuelles, je fais le bilan de ce qui a déjà été conçu, établi pour pouvoir savoir quel est le pas suivant qu'on va franchir et y compris (???) pour contredire, peu importe, en tout cas,

même contredire c'est prolonger, que ce soit approuver, développer, contredire ou amender, c'est prolonger. Donc, ça, c'est une science cumulative et c'est la seule manière de savoir quand il y a de véritables ruptures. Imaginez que les physiciens, ils aient travaillé comme les sémioticiens, on n'aurait jamais pu voir la différence entre la physique classique et la physique quantique [...] (FONTANILLE, 2019, information verbale).

Ce faire du sémioticien est très repérable parmi ses œuvres (FONTANILLE, 1995a, 1998, 1999, 2004 etc.), comme nous l'avons décrit précédemment. Nous avons déjà cité Zilberberg, Hénault, Coquet et Fontanille ; chez Landowski, nous retrouvons la même démarche : l'ouvrage *Do inteligível ao sensível : em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*, dirigé par Landowski et Ana Cláudia de Oliveira, publié par la maison d'édition EDUC, nous montre, du point de vue historiographique, que ces informations sont indispensables pour la fondation du réseau de recherche, surtout lorsqu'il en est fait mention dans les premières pages de l'ouvrage : « publication du **Centre de Recherches Socio-sémiotiques** ».

De nature collective, cet ouvrage résulte du Colloque *Unidade e pluralidade: em torno da obra de A. J. Greimas*, qui s'est tenu à São Paulo en 1994. Ce colloque réunissait des chercheurs brésiliens en sciences humaines, qui considéraient la sémiotique comme un projet commun (LANDOWSKI, 1995). De cet ouvrage collectif, nous pouvons extraire, dans les pages de présentation, une contribution de Landowski sur l'histoire de la théorie. En outre, Landowski note que la fragmentation et l'unification figurent en même temps dans le parcours sémiotique, surtout après la disparition du maître (LANDOWSKI, 1995).

Ces différents aspects du groupe, la formation et la dispersion, ont été repris dans la section suivante, où nous établissons les principes d'analyse du *corpus* de cette étude.

1.2 LES PRINCIPES HISTORIOGRAPHIQUE-LINGUISTIQUE-SEMIOTIQUES POUR UN CONCEPT

En regard de l'histoire du savoir occidental, l'historiographie et la sémiotique se présentent comme deux nouvelles disciplines à vocation scientifique. Le domaine de l'historiographie présente des spécialisations que nous aurions pu intégrer dans nos analyses, mais nous avons préféré considérer les efforts méthodologiques propres à deux écoles, si tant est que l'on puisse les dénommer ainsi, l'école allemande, sous la direction de Konrad Koerner

(Pierre Swiggers), et l'école française, fondée par Sylvain Auroux. Cette réduction peut sembler excessive, mais elle convient au développement de notre étude. En somme, nous avons repris les principes de Koerner (1996, 2014a), de Swiggers (2009, 2015) et de Sylvain Auroux (1992, 2008).

Tout d'abord, afin de traiter le métalangage, nous avons repris les trois principes proposés par Koerner (1996) pour l'interprétation des sources de la recherche : la contextualisation, l'immanence et l'adéquation. Le premier principe, la contextualisation, concerne le climat d'opinion, autrement dit l'esprit de l'époque (le *zeitgeist*). Le deuxième, l'immanence, est une étude approfondie du travail cible pour récupérer les principaux concepts chez les auteurs choisis. Le troisième, l'adéquation, n'est utile que lorsque l'historiographe décide qu'il convient d'actualiser le vocabulaire du travail cible pour le rendre plus lisible à son lecteur.

Dans le but d'illustrer ces trois principes chez Greimas, nous avons repris une anecdote à propos de la publication de *Sémantique structurale*. Le parcours de l'historiographe commence lorsqu'il entre en contact avec son œuvre cible. Pour renforcer notre méthode immanente, nous nous sommes alors fondée sur la formule célèbre de Greimas: **Hors du texte, point de salut !** Ainsi, nous aurons pris garde de ne jamais plonger dans le contexte historique sans faire auparavant une étude attentive de notre *corpus*, dans ce cas, le parcours de la *sémantique*.

Notre histoire débute avec les troubles liés aux deux Guerres mondiales (cf. figure 1) et, dans le même temps, avec les révolutions scientifiques, telles que la théorie de la relativité, le Big Bang, autrement dit, selon les termes de Kuhn, par de vrais changements paradigmatiques dans la science et la manière de faire de la science. Cette période est aussi marquée par la séparation des Églises et de l'État (1911).

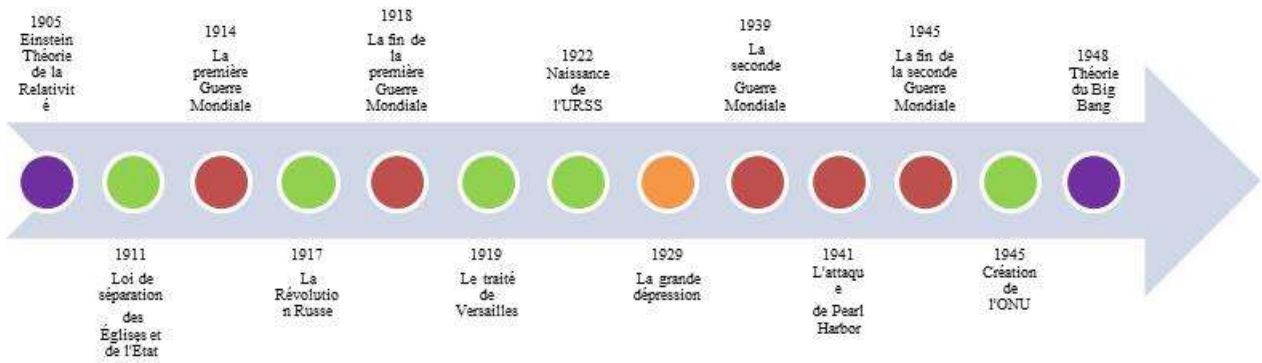


Figure 1: Principaux événements du XXe siècle (1905-1948)

Événements : scientifiques, économiques, politiques et guerres.

En ce qui a trait au domaine linguistique (cf. figure 2), une effervescence intellectuelle s’annonce avec la publication des écrits de Saussure (1916) et la naissance de la linguistique européenne. Selon François Dosse (2007), les années 1950 et 1960 ont témoigné la légitimation de la discipline ; le structuralisme triomphait :

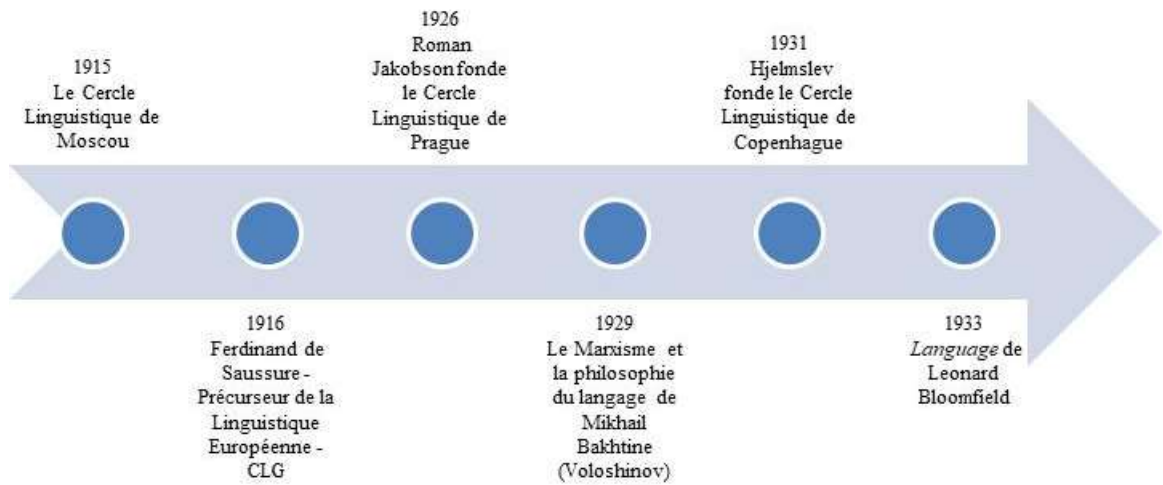


Figure 2. Les jalons de la linguistique moderne (1915-1933)

Lors des années de gloire du structuralisme, la linguistique a joué un rôle majeur pour les autres sciences sociales. Le résultat ? Plusieurs penseurs ont dirigé leurs efforts vers le structuralisme : Lévi-Strauss, Greimas, Lacan, Barthes, Genette, Todorov, Serres, Althusser, Bourdieu, Foucault, Derrida, Vernant (DOSSE, 2007). La *sémiotique* émerge dans ce contexte, au cours des années 1960. Du côté historique, en 1957, l'URSS lance le satellite Spoutnik. Il est permis de se demander si la sémiotique entretient un lien quelconque avec cet événement, car elle résulte d'un séminaire tenu entre 1963 et 1964 à l'institut Poincaré de l'École Polytechnique (DOSSE, 2007). Les lecteurs de Greimas savent que les modèles actantiels et de transformation narrative sont une « reformulation » du travail du russe V. I. Propp, publié en 1928 dans *Morphologie du conte merveilleux*, à une époque troublée de l'histoire russe. La première édition en langue anglaise, avec une traduction de Laurence Scott, paraît en 1958, sous le titre *The morphology of folktale*, aux éditions de l'University of Texas Press, en collaboration avec l'Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore and Linguistics. L'introduction de l'ouvrage est de Svatava Pirkova-Jakobson (1908-2000), qui, à cette époque, était l'épouse de Roman Jakobson, l'un des responsables du Comité de promotion des études culturelles slaves avancées.

Bien plus tard, en 1997, Alan Dundes a publié l'article « Binary opposition in myth: the Propp/Lévi-Strauss debate in retrospect », dans lequel il fournit de précieuses informations historiques. Par exemple, lors de la première édition de la *Morphologie*, seulement 1600 exemplaires ont été imprimés et l'introduction de l'ouvrage en occident est le fruit du travail de Thomas Sebeok, qui a organisé sa traduction en 1958. Trois ans avant, Lévi-Strauss participait à un symposium sur le mythe, mais ignorait encore ce travail.

Dans l'édition américaine, Thomas Sebeok remercie le Comité de promotion des études russes, dont Jakobson était l'un des directeurs. Selon Engerman (2009), depuis la Seconde Guerre mondiale et pendant la Guerre froide, les échanges académiques entre l'URSS et les États-Unis n'étaient pas si rares. Le titre de l'ouvrage d'Engerman est *Know your enemy. The rise and fall of America's soviet experts* : il faut donc connaître son ennemi. Cette relation s'est compliquée après l'épisode de Spoutnik en 1957. Coïncidence ou non, l'Université d'Indiana est responsable de la traduction de l'œuvre de Propp. On ne saurait donc écarter l'idée que cette institution, à travers ces rencontres fortuites, ait aussi participé à cette promotion des études slaves. Nous pouvons nous risquer à affirmer que, sans les efforts collectifs et intellectuels lors de la Guerre

froide ni les échanges entre les deux pays, qui ont amené à la lecture de Propp par Lévi-Strauss, et donc par Greimas, à l'apogée du structuralisme, les idées du modèle actantiel n'existeraient pas de la façon dont nous les connaissons dans *Sémantique structurale*.

Dans la section suivante, nous avons repris les principes historiographiques et nous y avons joint certains principes sémiotiques afin de nous seconder lors des analyses.

1.3 CONCEPTS HISTORIOGRAPHIQUES : UNE CONTRIBUTION DE LA SEMIOTIQUE

Reprenons nos choix des principes d'analyse : nous avons traité, dans les œuvres sémiotiques, les aspects liés aux influences. Pour ce faire, Koerner (2014a) a établi trois procédures : l'étude de la biographie (le background), l'étude comparative entre les textes publiés et non publiés de l'auteur (l'évidence textuelle), et l'étude des références explicitement utilisées par l'auteur (la reconnaissance publique).

Chez Swiggers (2007), la recherche procède selon trois phases distinctes, à savoir la description, l'interprétation et l'explication. Pour leur accomplissement, trois paramètres sont pris en compte : la couverture, la perspective et la profondeur. La première phase, la description, concerne la sélection des documents, la période, le champ géographique et la thématique de l'objet. La deuxième, l'interprétation, inclut deux perspectives, l'une interne et l'autre externe sur les idées et les pratiques liées à ces idées. Enfin, la troisième, l'explication, dépend de l'intérêt de l'historiographe et de ce qui peut être relevé de l'objet (ses limites).

Swiggers (2015) parle en outre d'un autre type d'analyse par « composants », qui sont divisés en heuristique, herméneutique et reconstruction systématique. Le « composant » heuristique est celui du traitement des sources, de la poursuite des matériels, des informations et de leurs contextes. Le « composant » herméneutique nous ramène à l'analyse et à l'interprétation du *corpus* qui prend en compte le contexte avant et après la production du savoir. Finalement, le dernier « composant », celui de la reconstruction systématique, requiert une nouvelle catégorisation des données déjà catégorisées.

Chez Auroux (2008), les savoirs ne peuvent pas être traités comme des événements, car ils n'ont pas de dates. En revanche, leurs publications en comportent. Ce sont donc les parutions des publications qui constituent des événements. Les principes définis par Auroux se fondent alors sur un point de vue plus philosophique à propos de l'histoire des idées. Selon l'auteur, le premier principe consiste à situer l'objet par rapport à un champ de phénomènes (définition

purement phénoménologique) ; le deuxième est de considérer que le savoir, en tant que produit historique, change constamment, au gré des interactions entre le contexte et les traditions (1992) ; enfin, le troisième principe est un historicisme modéré, car la valeur d'un savoir en tant que vérité par sa représentation est quelque chose à construire (1992).

Nous retrouvons également chez Auroux le concept des horizons de rétrospection. L'acte du savoir ainsi que la production du savoir sont attachés à une temporalité, car le sujet, au moment de la production, porte déjà en lui un réseau de savoirs préalables, coprésents, qui n'interviennent pas dans la temporalité. Ce sont, par exemple, les références à un travail qui présentent le savoir. Il s'agit précisément de ce qu'énonçait Fontanille (2019). Pour réaliser une science cumulative, il faut citer les travaux passés et les présenter à nouveau afin de construire une science qui relève du continu et pas uniquement de la rupture, surtout lorsque celle-ci n'a pas lieu d'être. Par conséquent, notre rôle consistait à restaurer, autour de la sémiotique du sensible, les idées tombées dans l'oubli, d'observer la présence ou non de continuités et de ruptures, et de déterminer leurs localisations.

Nous avons repris l'article de Portela (2018), car il met en relation la contribution réciproque entre la sémiotique et l'historiographie. Une historiographie sémiotisée s'intéressera au discours en tant que stratégie énonciative, à l'unification interne et externe ainsi qu'à l'incorporation du fait théorique (PORTELA, 2018). Selon Portela, la construction narrative historique sera considérée comme un objet sémiotique, comme une sémiotique-objet dont on peut analyser le discours, la narrativité, la tensivité, etc. L'objet est créé par les stratégies qui valorisent ou dévalorisent des aspects du « programme scientifique ». À propos de la problématique de l'analyse interne et externe, Portela explicite les relations de dépendance entre les discours, qui permettent à l'historiographe de saisir, dans le discours, l'univers sociolectal. Finalement, les faits théoriques sont appréhendés en tant que continuité ou discontinuité du système scientifique (PORTELA, 2018).

À ce premier schéma de l'historiographie *sémiotique*, nous avons associé trois autres principes. Lors des analyses du *corpus*, il nous semblait en effet qu'un point faisait défaut. Afin de résoudre ce problème, nous avons donc défini les principes citationnels, le bricolage et la dispersion intellectuelle.

Les citations tensives

Selon Saussure (2012), c'est le point de vue qui crée l'objet. Dans cette étude, nous ajoutons cependant que l'objet est aussi en partie le créateur de la méthodologie employée. Avec l'immanence, nous avons recherché les influences du sensible dans la sémiotique, mais les citations utilisées par les auteurs de notre *corpus* nous sont apparues comme une problématique à résoudre. Nous avons donc tenté de compléter les principes proposés par Koerner (2014a) à propos de l'influence, à savoir le background, l'évidence textuelle et la reconnaissance publique.

Nous avons alors suivi une réflexion en tant que référencement explicite, cela dit, nous avons posé les questions suivantes : pourquoi cite-t-on dans nos études ? Pour quelles raisons choisit-on certains auteurs et certains extraits ? Comment choisissons-nous le type de citation, directe ou indirecte ? Le fait de répondre à ces questions potentialise la revendication d'influence, expose les cadres de la pensée partagée entre des auteurs qui recherchent un même objet ou ont le même cadre théorique/méthodologique, révèle les sources en commun parmi ces auteurs ou ces groupes de recherche ainsi que le *zeitgeist* d'une période au cours de laquelle le savoir a été publié.

Chez Asknes, Langfeldt et Wouters (2019), nous avons retrouvé certaines raisons qui expliquent le fait que les sujets se citent les uns les autres. Selon Garfield (apud ASKNES, LANGFELDT et WOUTERS, 2019), ces raisons sont les suivantes :

1) Offrir une base
2) Identifier une méthodologie
3) Rendre hommage aux révolutionnaires
4) Identifier l'original qui décrit un concept éponyme
5) Identifier les publications originales
6) Critiquer les œuvres passées
7) Corriger un travail
8) Signaler un travail futur
9) Donner des indications aux travaux peu disséminés
10) Authentifier les données
11) Refuser
12) Disputer la priorité des crédits, parmi d'autres

(Adapté d'ASKNES ; LANGFELDT ; WOUTERS ; 2019, p. 4).

Les motifs possibles sont extrêmement variables, et définir une liste exhaustive et définitive semble une tâche impossible. Même si nous identifions des traditions, elles reposent sur des choix uniques ainsi que sur des modalités diverses, circonscrites par la sphère académique, sur des protocoles impérativement suivis, outre des préférences et des aspects particuliers.

Pour les citations, nous avons également repris cinq fonctions chez ces auteurs :

Travaux cités	Réfuté	Seulement observé	Révisé	Appliqué	Soutenu
Fonction de la citation	Négative	Superficielle	Comparée	Utilisée	Substantielle

Tableau 1. Différents types de citation (Adapté de AKSNES; LANGFELDT; WOUTERS, 2019, p. 4).

Chez Romancini (2010), nous retrouvons, dans la pratique de la citation, la paire cité-citant et le caractère récursif de ce processus. En effet, un auteur qui est cité peut s'en référer à d'autres. Nous sommes ainsi à même de retrouver, par le biais de ce processus, le réseau de citations et de références²³⁶.

Toutefois, l'aspect récursif des citations et de leurs fonctions nous renseigne insuffisamment sur une typologie citationnelle. Nous avons donc eu recours, pour identifier les influences présentes chez les sémioticiens, à la sémiotique tensive, qui semble en mesure de contribuer à une compréhension de la culture des citations et de ses valeurs.

Eu égard aux régimes du tri, du mélange (ZILBERBERG & FONTANILLE, 1998) et du métissage (ZILBERBERG, 2000), trois types de citations apparaissent dans la culture académique : la citation directe (courte ou longue), la citation indirecte et la citation de la citation. Pour développer notre hypothèse, nous avons aussi repris l'évidence textuelle de Koerner (2014a) : lorsque cette évidence est prouvée, l'assimilation entre deux énoncés, appelée ici « citation assimilée », est démontrée. Nous avons fait abstraction de la citation de citation, car, selon les

²³⁶ An operational relation is able to function in a network because of its position. Operations are expected to be reproduced if they carry functions. [...] Because of the recursivity involved, citations exhibit the collective character of scientific achievements at each moment in time. At the time of the scientific revolution, Newton expressed this collective character of the modern scientific enterprise with his well-known aphorism: 'If I have seen further, it is by standing on the shoulders of giants' (Merton 1965). These giants were scholars like Galileo, Kepler, and Huygens, with whom Newton sometimes communicated personally or in writing (LEYDESDORFF, 1998, s/p.).

normes (ABNT, APA, VANCOUVER, etc.), son occupation textuelle est semblable aux citations longues, courtes ou indirectes.

Sous le régime du tri (cf. figure 3), nous avons, en tonicité maximale, la citation directe longue, laquelle requiert une identification textuelle dans le texte-citant du texte-cité, ce qui manifeste par conséquent une séparation complète de deux énoncés. Dans l'espace contigu sur le graphique figure la citation directe courte, qui est normalement marquée dans le texte par des guillemets, en générant une totalité entre le texte-citant et le texte-cité. Dans les deux cas, la reconnaissance publique est explicite, car les informations de l'auteur, de l'année et de la page la rendent disponible à l'énonciataire.

En outre, comme cette reconnaissance reste identique à l'originale, la séparation totale intensifie l'énoncé-autre (le cité) dans le texte-citant, en produisant une valeur « plus » véridictoire, qui rend visible son sens et la source de l'influence, même si la fonction du texte reste superficielle, comparée ou niée, parmi les possibilités mentionnées antérieurement.

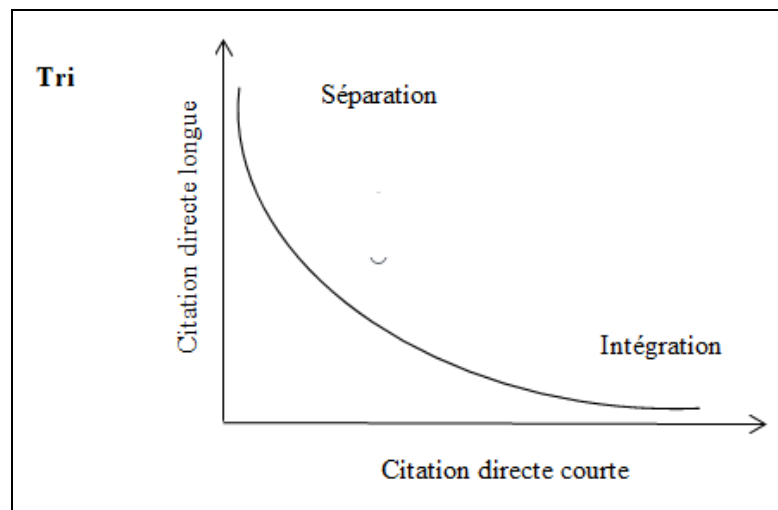


Figure 3. Typologie des citations tensives : le tri

Sous le régime du mélange (cf. figure 4), la récupération de la reconnaissance publique par l'historiographe exigera une étude plus profonde et rigoureuse lors de la sélection des évidences des sources utilisées par les auteurs cibles, consciemment ou non, étant donné que l'opération de mélange place les énoncés dans un état de brassage ou de fusion. Le brassage se

produit avec la paraphrase (citation indirecte). Dans certains cas, la source peut être retrouvée dans le texte-citant, ce qui rend plus aisée l'identification de l'influence.

Par contre, lorsque seul le nom de l'auteur et/ou l'année, sans page, sont indiqués, en s'éloignant conséquemment du texte-cité, l'énonciataire se voit obliger, le cas échéant, de rechercher lui-même l'extrait original. La citation assimilée, l'état de fusion, correspond à l'extension maximale des énoncés du texte-cité dans le texte-citant, ce qui rend difficile la reconnaissance publique si aucune évidence textuelle ne prouve cette influence. Cette opération peut se produire consciemment ou non, en raison de faits extralinguistiques qui peuvent interférer dans le texte-citant, par exemple, le contexte social, historique, politique et économique, le *zeitgeist*, la formation, etc.

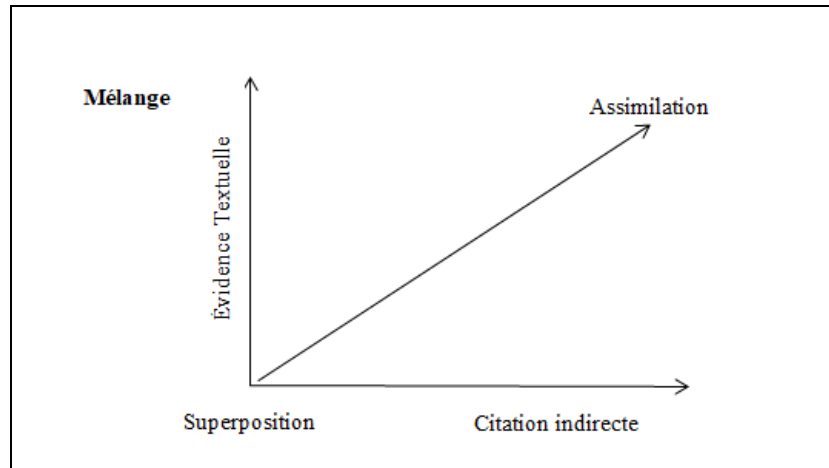


Figure 4: Typologie des citations tensives: le mélange

Finalement, nous pensons que cette typologie citationnelle peut collaborer à une analyse historiographique sémiotique, puisqu'elle contribue à la constitution des horizons de rétrospection (AUROUX, 2008), comme les avons examinés à propos de la production du savoir, dont le sujet cognitif n'est pas affecté par la temporalité. Ce sujet peut néanmoins être retrouvé dans sa présentification, car, à travers les références, ces horizons de rétrospection sont coprésents dans le discours.

Le principe suivant, le *bricolage*, un terme emprunté par Floch à Lévi-Strauss (*La pensée sauvage*, 1962) et figurant dans l'ouvrage *Identités visuelles* (1995), concerne aussi le niveau de l'énoncé, c'est-à-dire la façon dont les auteurs écrivent leurs œuvres, mais aussi la manière dont cette activité – ce parcours – peut changer l'interprétation des données.

Le bricolage historiographique

Ce terme de « bricolage » est intéressant pour l'activité scientifique. Floch affirme que Lévi-Strauss a construit son interprétation des mythes en utilisant la notion de bricolage, et, pour l'anthropologue, cette notion serait fondamentale pour la pensée humaine : « En effet, pour Cl. Lévi-Strauss, le bricolage n'est pas le fait de la seule pensée sauvage ; la pensée scientifique, elle aussi, bricole » (FLOCH, 1995, p. 5). Par ailleurs, Floch utilisera cette notion afin de parler de la praxis énonciative dans le visuel. Une phrase en particulier a attiré notre attention : le bricoleur fait « du neuf avec le vieux » (FLOCH, 1995, p. 6-7).

Nous pouvons homologuer cette idée avec le fait que le savant bricole aussi quand il cite, quand il apporte de nouvelles voix dans son texte, directement ou indirectement. Selon Floch, ce chemin est possible, car il évoque, pour la problématique de l'identité, des rapprochements entre plusieurs domaines : l'anthropologie, la philosophie et la sémiotique. Finalement, Floch laisse le soin au lecteur de sanctionner son texte, car il s'est lui-même montré « un peu (trop) bricoleur » dans l'écriture de son travail. Sans renoncer à son défi, il souligne « [...] qu'il existe aussi un droit au bricolage – sinon une vertu du bricolage – dans les recherches et les projets à vocation scientifique [en citant Greimas, en hommage] » (FLOCH, 1995, p. 8).

La sémiotique est une théorie qui bricole constamment. Le bricolage nous a donc été utile pour penser les stratégies de réécriture : par exemple, l'ouvrage *Passions sans nom*, publié par Landowski en 2004, est presque entièrement constitué, à l'exception du chapitre trois, comme l'auteur le signale, de textes qui ont déjà été publiés, et qui ont été réécrits pour cette nouvelle œuvre. Il s'agit de nouveau d'une pratique sémiotique. Elle est présente dans les œuvres de Greimas, *Du sens I, II* ; chez Fontanille, *Soma et séma* et *Corps et sens* ; chez Zilberberg, *Précis de grammaire tensive* et *Éléments de grammaire tensive*, pour ne citer que ces publications. Nous saisissons ici la vie du sémioticien en tant qu'auteur, qui expose à son énonciataire un texte se déplaçant dans le temps et l'espace, et dont la finitude temporelle peut être *fracturée* par la réécriture. L'œuvre a une fin momentanée. À l'instar de Floch, nous pensons que bricoler est bien une vertu.

Le bricolage historiographique nous a permis d'insérer une sous-catégorie au niveau de la reformulation conceptuelle, quoiqu'il s'agisse d'un type de réécriture. Ce nouveau cas se

distingue par l'intensité. Dans le premier cas, nous parlions d'une réécriture quasi totale, ou totale. Pour le second, nous traitons une reformulation ponctuelle. Koerner (1996) pense qu'une adéquation est effective lorsqu'il convient d'actualiser une terminologie afin de rendre l'œuvre lisible à l'énonciataire. Au sein des analyses de cette thèse, nous avons noté cette adéquation avec, par exemple, le parcours passionnel canonique, la source de sa première formulation et ses modifications au fil du temps. Par conséquent, nous avons nommé *adéquation conceptuelle* un changement dans le développement intellectuel de l'auteur à propos d'un point spécifique, d'une idée, d'un parcours, d'un concept, etc. ; un changement récupéré par les évidences textuelles dans l'activité d'immanence, par les citations et la contextualisation – le *zeitgeist*.

Ces deux notions permettent, par le procès de réécriture et de re-publication, d'observer les changements de point de vue, d'esthétique, la nécessité d'ajouter, de clarifier, d'écarter certains autres points. Tous ces aspects sont en mesure de contribuer à la reconstruction systématique d'une historiographie. Pour conclure, il incombe à l'historiographe de suivre ces empreintes laissées par l'auteur.

Dans la section suivante, nous avons abordé la formation du groupe de spécialité de Greimas, sa dispersion et sa réception au Brésil, ainsi que les deux principes pour sélectionner le *corpus* de cette thèse.

La formation du groupe de spécialité de sémiotique : contextualisation

Murray (1994, 1998), qui reprend les travaux de Mullins (1973), nous propose une typologie pour la formation des groupes de recherches scientifiques, c'est-à-dire pour la formation des groupes de spécialités. Quatre stades composent la formation de ce groupe et, dans cette étude, nous avons procédé à l'historiographie de la formation du groupe greimassien – reconnu aussi comme l'école de Paris. Nous avons recherché des hypothèses sur la dispersion intellectuelle et géographique du groupe, ce qui nous a aidée à élaborer l'étude du sensible dans la ou les sémiotiques du discours. Le premier stade est celui de la normalité, un leader organisationnel (ou plusieurs) est désigné autour d'un projet commun. Ce premier stade aboutit déjà à la formation d'un réseau intellectuel ainsi qu'à un accroissement des responsabilités. L'intracommunication augmente également et l'extracommunication diminue.

Le second stade correspond à la formation du groupe – le cluster. Les participants savent

qu'ils font partie d'un groupe et une reconnaissance publique existe. La présence des étudiants est plus importante, les travaux menés en collaboration suivent une tradition, un programme. Si l'institutionnalisation s'effectue, le groupe acquiert le statut d'élite dans un domaine. La transition vers le troisième stade n'est pas fixe. L'émergence d'un groupe de spécialité peut être observée, mais cette observation n'est possible que par rétrospection, car il s'agit d'une valeur formelle. Les étudiants réussissent seuls et sont intégrés à partir de leur lieu d'origine. Si ce nouveau paradigme fonctionne, le groupe parvient au dernier stade. Il devient une nouvelle science normale, avec une routine, une communauté scientifique qui travaille sur les questions liées au domaine d'étude et qui bénéficie d'un soutien institutionnel (MURRAY, 1994). Tous ces stades sont importants pour la formation du groupe, mais il convient de garder en vue trois autres aspects : de bonnes idées, un leader intellectuel et un leader organisationnel (MURRAY, 1998).

Selon ces principes, le groupe de spécialité en sémiotique greimassienne, au XXe siècle, en France et en particulier à Paris, se pose, comme assertion programmatique dans son projet initial et ses changements, l'ambition de construire « [...] une théorie générale de la signification qui permette de saisir les conditions d'émergence et des modes d'articulation du sens investi dans les discours, dans les pratiques et dans les objets de tout ordre » (LANDOWSKI, 2015, p. 15, notre traduction)²³⁷. En outre, le cercle de Greimas peut être appréhendé par sa production intellectuelle, par son organisation institutionnelle, développée grâce aux séminaires et aux publications des *Bulletins* et *Documents*, qui ont promu une large divulgation des travaux auprès des sémioticiens du monde entier ainsi qu'auprès des chercheurs intéressés, venant d'autres domaines.

D'après les travaux d'Hénault (2006), de Portela (2008), de Landowski (2015) et de Lemos (2017), nous pouvons synthétiser les propriétés sociales et intellectuelles du groupe *l'École de Paris*, au cours de ses premiers moments, en considérant la figure centrale de Greimas, ainsi que les participants, pour la période 1965-1972, lorsque les stades de Murray se succèdent :

RÉSUMÉ DU GROUPE DE SPÉCIALITÉS DE GREIMAS

²³⁷ « [...] uma teoria geral da significação que permite compreender as condições de emergência e dos modos de articulação do sentido investido nos discursos, nas práticas e nos objetos de toda ordem » (LANDOWSKI, 2015, p. 15).

Propriétés sociales et intellectuelles du groupe l'École de Paris (1965-1979)	
Leader intellectuel/organisationnel	A. J. Greimas
Centre de recherche	<p>1965 : Groupe de recherches sémio-linguistiques (GRSL) – Laboratoire d'anthropologie sociale de l'École pratique des hautes études et du Collège de France</p> <p>Participants : Paul Bouissac, Gérard Bucher, Michel de Certeau, Claude Chabrol, Catherine Clément, Jean Cohen, Jean-Claude Coquet, Oswald Ducrot, Paolo Fabbri, Gérard Genette, Julia Kristeva, Louis Marin, Christian Metz, Herman Parret, François Rastier, Lucien Sebag, Tzvetan Todorov, Armando Verdiglione.</p> <p>1972 : Installation du GRSL au 10, rue Monsieur-le-Prince, Paris 6e – Participants : Michel Arrivé, Françoise Bastide, Denis Bertrand, Jean-François Bordron, Claude Calame, Michel de Certeau, Corina Combet-Galland, Jean-Claude Coquet, Joseph Courtés, Jean Delorme, Paolo Fabbri, Jean-Marie Floch, Jacques Fontanille, Jacques Geninasca, Pierre Geoltrain, Manar Hammad, Anne Hénault, Éric Landowski, Louis Panier, Herman Parret, Paul Perron, Jean Petitot, François Rastier, Alain Renier, Felix Thürlemann, Claude Zilberberg...</p>
Contenu paradigmatique	<p>1967 : médias, genres ou thèmes particuliers</p> <p>1972 : thèmes particuliers</p> <p>À partir de 1978 : thèmes des Bulletins et des Documents</p>
Exemplaires	<p><i>Sémantique Structurale</i> – 1966</p> <p>« The interaction of semiotic constraints », publié par Greimas et François Rastier, dont le modèle deviendra le <i>carré sémiotique</i> – 1968.</p>
Revues	<p>1978 : création du Bulletin du GRSL – Greimas comme directeur et Anne Hénault à la rédaction.</p> <p>1979 : création des Documents du GRSL – Greimas comme directeur et Éric Landowski à la rédaction.</p>

Figure 5. (Adapté de Murray, 1994, 1998, p. 43 et de *Vie et œuvre d'A. J. Greimas* [1917-1992] de Thomas F. Broden, 2017)

Aujourd'hui, nous pouvons affirmer qu'il existe divers types de sémiotique et que tous sont nés au sein d'un même projet. Afin de comprendre les mouvements internes du groupe et de démontrer le processus dispersif intellectuel et géographique de la théorie, nous recourons à la sémiotique tensive. D'après Murray (1998), cette dispersion ou fragmentation du groupe est la conséquence de son succès, mais cela ne veut pas dire que le groupe disparaîtra. Cependant, la dispersion disciplinaire peut s'avérer néfaste, car le succès des intégrants (au niveau intradisciplinaire) s'accommode mal de l'interdisciplinarité, qui entrave le prestige individuel. Au sein d'un groupe, le mouvement vers les préférences d'une discipline est tout à fait perceptible. Dans une théorie telle que la sémiotique, qui est née de l'interdisciplinarité, ces préférences sont possiblement accentuées. À un moment donné, cette accentuation peut se transformer de telle manière qu'identifier toute ressemblance avec le projet collectif devient impossible.

Selon Murray (1998), la figure d'un leader intellectuel et organisationnel joue un rôle assez important et peut surmonter les effets de la dispersion du groupe. Par conséquent, nous avons considéré cette dispersion comme le cinquième stade de la constitution d'un groupe de spécialité. Chaque transformation est importante.

Dans le cas du groupe de Greimas, nous pensons que la disparition du leader est un élément de la dispersion. Nous tenons également compte de la dimension épistémologique de la sémiotique, car plusieurs fronts ont été ouverts par cette discipline. Par conséquent, il semble normal qu'un chercheur ayant ses préférences suive lui aussi l'un de ces chemins spécifiques. Nous sommes alors en présence de différentes approches et de différents chercheurs. Ces traits peuvent être observés en termes tensifs. Dans une corrélation inverse, nous avons la formation et la dispersion du groupe de Greimas (FONTANILLE, 2006 ; LANDOWSKI, 2015). Sur l'axe de l'intensité figure le leader. Plus le groupe est proche du leader, plus il est concentré. En revanche, plus le groupe s'en éloigne, moins il est concentré (ou plus dispersé), et il devient un groupe de spécialité.

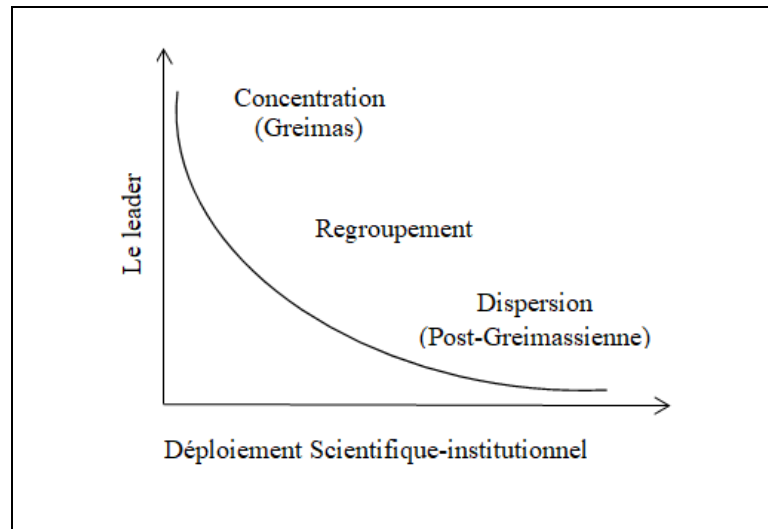


Figure 6. Formation et dispersion du groupe de spécialité de sémiotique

Même si cette dispersion n'est pas totale, des ruptures et des fragmentations, surtout théoriques, entre les participants du groupe se produisent. Nous verrons, grâce aux analyses du *corpus*, que ces ruptures sont également incomplètes.

Par ailleurs, nous avons constaté que la réception théorique nous a offert une perspective pour sélectionner, parmi les nombreuses publications de la pensée post-greimassienne, celles qui se présentent comme les plus pertinentes dans le champ étudié, le sensible, et dans la manière de faire de la sémiotique aujourd'hui.

Pour retracer ce parcours, nous nous sommes fondée sur un article de Diana Luz Pessoa de Barros, publié en 2012, « A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios ». Après l'introduction de Greimas au Brésil, en 1973, les sémioticiens brésiliens ont entamé un long chemin ainsi que des échanges productifs avec la sémiotique française. Ces premiers sémioticiens brésiliens ont joué un rôle majeur dans l'institution de la sémiotique au sein des universités brésiliennes (BARROS, 2012). La sémiotique s'est insérée, dans l'État de São Paulo, à l'*Universidade de São Paulo* et à la *Faculdade de São José do Rio Preto* (UNESP), grâce aux travaux d'Ignácio Assis Silva, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Alceu Dias Lima et Tiekio Yamaguchi Miyazaki (BARROS, 2012). En 1973, ce groupe a également lancé un processus de formation des sémioticiens brésiliens. L'inauguration de la revue sémiotique *Signification* a eu lieu la même année. Pour ce processus de sémiotisation, Barros ajoute une liste

de plusieurs groupes de sémiotique au Brésil. Toutefois, eu égard à nos objectifs, notre étude historique s'est plutôt orientée vers les groupes d'institutions de l'État de São de Paulo :

[...] le Groupe d'études sémiotiques de l'Universidade de São Paulo (GES-USP), sous la direction d'Ivã Lopes (et Norma Discini, Waldir Beividas, Elizabeth Harkot-de-la-Taille, Antonio Vicente Pietroforte, Luiz Tatit, Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin, parmi d'autres), le Centre de recherches Socio-sémiotiques (CPS), animé par Ana Cláudia de Oliveira, à la Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) ; à Araraquara, le Groupe CASA – Cahiers de Sémiotique Appliquée (Maria de Lourdes Baldan, Arnaldo Cortina, Renata Marchezan, Luiz Gonzaga Marchezan, Diana Junkes Toneto, Edna Maria Nascimento, Maria Celia Leonel, Marisa Gianecchini Gonçalves de Souza, Fabiane Regina Borsato, Matheus Nogueira Schwartzmann, Tiekko Yamaguchi Miyazaki, Vera Lúcia Abriata, parmi d'autres) ; à Bauru, le Groupe d'études sémiotiques en communication (GESCom-UNESP, avec Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz, Jean Cristtus Portela et Ana Sílvia Lopes Médola, parmi d'autres (BARROS, 2012, p. 157-158).

Au fil du temps, la constitution de ces groupes s'est modifiée – comme nous l'avons déjà observé à propos de la formation et de la dispersion des groupes de spécialités. Selon Barros (2012), chez certains chercheurs, deux approches occupent un espace significatif et se distribuent entre deux universités de São Paulo : l'Universidade de São Paulo, pour la sémiotique tensive, et la Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pour la socio-sémiotique. L'approche de Fontanille (la sémiotique des pratiques/empreintes/formes de vie) trouve son principal divulgateur en la personne de Jean Portela, qui, à cette époque, travaillait à Bauru. Le professeur Portela poursuit aujourd'hui ses travaux en Araraquara et participe aux côtés de Matheus Nogueira Schwartzmann, d'Edna Maria Nascimento et d'Arnaldo Cortina, parmi d'autres chercheurs, au groupe CASA/GPS.

En somme, les trois groupes (CASA/GPS, CPS et GES-USP) des universités *paulistas* (PUC, UNESP et USP) constituent notre réception de la pensée post-greimassienne au Brésil, dont les représentants sont Fontanille, Landowski et Zilberberg. Ces mêmes auteurs justifient également notre sélection des œuvres pour notre *corpus*, à savoir une production qui s'étend sur 50 ans, de 1956 à 2006. Nous avons ainsi retenu les publications suivantes :

Algirdas Julien Greimas

9. [1956] L'actualité du saussurisme ;

10. [1966] Sémantique Structurale ;
11. [1970] Du Sens : Essais Sémiotiques ;
12. [1976] Maupassant. La sémiotique du texte : exercices pratiques ;
13. [1983] Du sens II : Essais sémiotiques ;
14. [1986] Les passions – explorations sémiotiques ;
15. [1987] De l'imperfection ;
16. [1991] GREIMAS, A.J., FONTANILLE, J., Sémiotique des passions. Des états de choses aux états d'âme.

Claude Zilberberg

5. [1988] Raison et poétique du sens ;
6. [1988] Architecture, musique et langage dans « Eupalinos » de P. Valéry ;
7. [2002] Précis de grammaire tensive ;
8. [2006] Éléments de sémiotique tensive ;

Jacques Fontanille

8. [1986] Le tumulte modal : de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionnelle ;
9. [1989] Les passions de l'asthme ;
10. [1989] Les espaces subjectifs : introduction à la sémiotique de l'observateur ;
11. [1995] Sémiotique du visible ;
12. [1998] Sémiotique du discours ;
13. [1999] Sémiotique et littérature : essais de méthode ;
14. [2004] Soma et Séma ;

Eric Landowski

5. [1995] Apresentação. In: Do inteligível ao sensível : em torno da obra de Algirdas Julien Greimas ;
6. [1996] Viagem às nascentes do sentido ;
7. [2004] Passions sans nom. Essais de socio-sémiotique III ;
8. [2006] Les interactions risquées.

Dictionnaires de sémiotique

4. [1979] GREIMAS, A.J., J. COURTES, Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la théorie du langage ;
5. [1986] GREIMAS, A.J., J. COURTES, Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la théorie du langage, tome II ;
6. [1998] FONTANILLE, J.; C., ZILBERBERG, Tension et signification.

Le *corpus* une fois défini, nous avons procédé aux analyses. Nous avons tout d'abord établi une cartographie du sensible, comme nous le verrons dans la section suivante, puis nous avons examiné chez ces auteurs les trois domaines du sensible.

2. Cartographie du sensible

Si les théories progressent, c'est à reculons : elles s'avancent à pas lents vers leurs prémisses, ou plus exactement vers l'explicitation de leurs prémisses. La sémiotique n'a pas procédé autrement : il lui a fallu bien du temps pour recevoir la phorie et l'esthésie qui la mesure comme des catégories directrices de premier rang. Aussi, loin d'admettre et comme à contre-cœur l'affectivité, de la cantonner à la fonction modeste de complément circonstanciel de manière, nous recevons l'affectivité, sous la dénomination d'intensité, comme grandeur régissante du couple dérivé de la schizie inaugurale

(Précis de grammaire tensive, Zilberberg, 2002, p. 115)

Nous commençons ce parcours cartographique du sensible en reprenant chez Saussure le principe selon lequel il n'y a que des différences dans la langue. Notre culture et notre compréhension des choses se fondent sur cette logique, toute chose est définie par ce qu'elle n'est pas. Par conséquent, à quoi le sensible s'oppose-t-il ? On le distingue probablement par rapport à l'intelligible. Ce binarisme existe dès le début de l'histoire de la culture. Dans l'œuvre *L'Antéchrist*, du philosophe Nietzsche, publiée en 1888, nous nous apercevons, selon son interprétation de l'un de ses aphorismes sur le péché originel, que le grand ennemi de l'homme était la science, et non pas le sensible, car la science « rend les hommes divins ». L'homme ne doit pas penser et son obstination lui a valu comme châtiment d'être expulsé du paradis terrestre. L'homme, en dépit des efforts de « dieu » (les prières) pour le maintenir à l'écart de la science, a érigé son édifice du savoir. D'un point de vue historique, cet exemple est très spécifique et peu représentatif, car, dans cette opposition classique, le terme le plus généralement exclu est le sensible.

Par conséquent, nous avons tenté de traiter la cartographie dans divers champs afin d'identifier les oppositions et de les comparer en sémiotique. D'un autre côté, nous avons noté

que le vocabulaire qui circonscrit le sensible n'a pas de sens univoque, ce qui justifie notre choix de l'appréhender par le biais de divers champs du savoir. Les dictionnaires, sans épuiser réellement le sujet, nous ont servi d'outil. Les dictionnaires sémiotiques représentent, d'une certaine façon, le début des études sémantiques. Notre parcours s'est organisé comme suit : 1 – le sens commun avec le dictionnaire *Le Petit Robert* ; 2 – le savoir philosophique avec le *Dictionnaire de philosophie* de Nicola Abbagnano ; 3 – le savoir scientifique (spécialisé) avec les *Dictionnaires de sémiotique*. Nous partons donc du macro-univers pour aboutir au micro-univers.

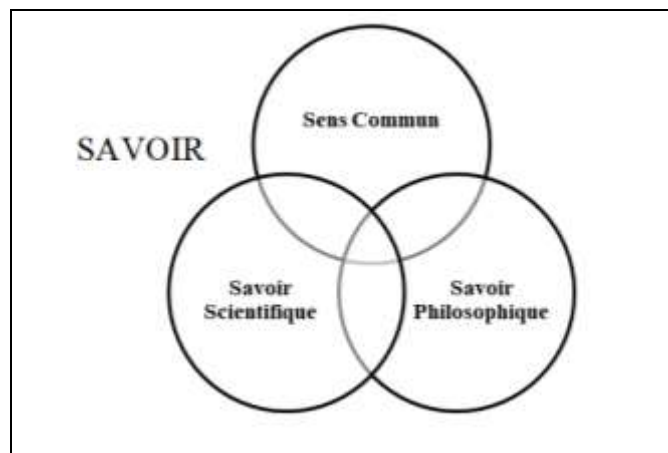


Figure 7. Les strates du savoir

Nous nous sommes ensuite interrogée sur la définition du sensible. Qu'est-ce que le sensible ? Selon *Le Petit Robert*, le sensible, du latin *sensibilis*, XIII^e siècle, signifie : « qui peut être senti » et du latin médiéval « qui peut sentir ». Autrement dit, qui est doté de la faculté d'éprouver des sensations, la dernière acception ayant une connotation active, et la première, passive. Le terme sensible appartient à la famille étymologique du verbe sentir, du latin *sentire*, dont le participe passé est *sensus*, « percevoir par les sens ; par l'intelligence » : « La famille évoque la perception, les impressions : *sens*, *sensation* (et *sensationnel*), *sensible* (avec *sensibiliser*) et *sensoriel*, *sensitif*, *sensibilité*, *senteur* [...], *ressentir*, *pressentir* et *pressentiment* ; *sensuel* et *sensualité* concernent les plaisirs des sens. Dans le domaine intellectuel : *sensé* et *insensé*, *non-sens* ("déraison" à l'origine) [...] ».

Dans cette sélection lexicale du dictionnaire, nous avons récupéré certaines oppositions entre le sensible et l'intelligible. Par exemple, dans le domaine intellectuel *sensé* est euphorisé, et

par conséquent désirable, et *insensé* est dysphorique. Le *sensé* est celui qui fait preuve de bon sens, de discernement, et s'oppose à l'*insensé*, qui en est dénué. L'idée du sentir en tant que sanction positive ou négative est apparue vers le XIIe siècle, où le bon sens est la « capacité de bien juger, sans passion, en présence de problèmes qui ne peuvent être résolus par un raisonnement scientifique ». Nous percevons alors l'opposition entre la science et la passion.

Pour Abbagnano (2007), dans le *Dictionnaire de philosophie*, le sensible est ce que l'on peut percevoir par les sens, ce qui implique la capacité de sentir, d'avoir du bon sens, ainsi que la capacité d'empathie (ABBAGNANO, 2007). Nous y retrouvons un lien avec la définition du sens du *Petit Robert*. Sur la base de ces deux définitions plus larges du sensible, nous avons repris, dans la sémiotique, les lexèmes de notre analyse (classés ici par ordre alphabétique) : affect, contagion, corps, émotion, esthésie, esthétique, passion, perception et sensation. Nous avons distribué ces lexèmes selon trois dimensions : la corporéité, la passionnalité et la sensibilité. La corporéité est le domaine du corps, notre véhicule au monde (un monde qui est aussi un corps – Körper), qui nous permet de l'appréhender par la sensibilité et la passionnalité. Le domaine de la sensibilité inclut les termes sensation, perception, contagion, esthésie et esthétique. Le domaine de la passionnalité inclut les termes affect, passion et émotion. Tous ces aspects, qui figurent dans le schéma *les domaines et les termes du sensible* (cf. figure 8)²³⁸, nous rappellent le sensible. Les analyses de la passion, de la perception et du corps apparaissent dans la prochaine section. Nous avons opté pour cet ordre, car nous suivons, comme paramètre d'ordonnance, l'évolution historique des efforts phoriques (d'après Jean Portela) explicites dans la sémiotisation de ces domaines et de ces termes (et des phénomènes qu'ils recouvrent).

²³⁸ S'agissant ici d'un résumé de thèse, nous n'avons pas repris les pages consacrées à chaque domaine.

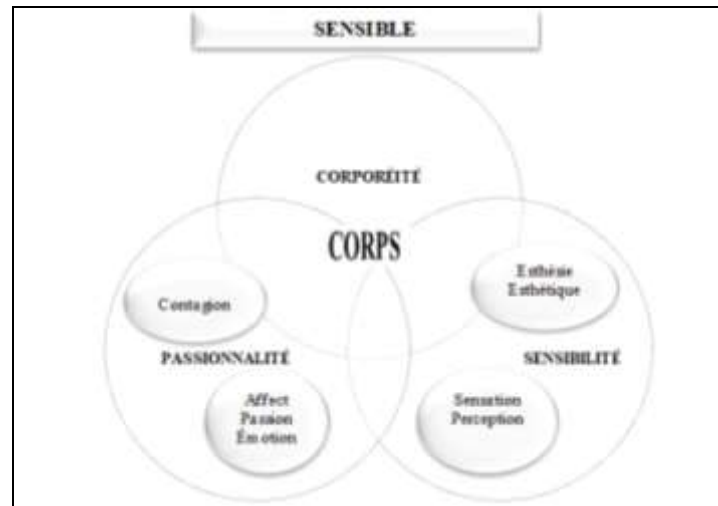


Figure 8. Les domaines et les termes du sensible²³⁹

2.1 LE DOMAINE DE LA PASSIONNALITE

Notre ambition de présenter, dans ces 50 pages, un aperçu substantiel de notre étude nous a amenée à écarter certaines parties de l'analyse et à souligner les points principaux du sensible chez Greimas et sa *petite bande de fidèles*. De prime abord, la tâche de retourner aux origines peut sembler inutile. Toutefois, du point de vue historiographique, les actants et les objets de valeur mis en scène dans cette étude – surtout dans la réception brésilienne – nous apprennent qu'une théorie du sens *per se* ne saurait ignorer le sens de son histoire. En outre, en 2017, au cours de l'année du centenaire de la naissance de Greimas, l'un des faits marquants chez les sémioticiens était la recherche de leurs origines, qu'elles soient théoriques ou personnelles, comme nous avons pu l'observer lors des divers congrès²⁴⁰ et hommages réalisés et publiés²⁴¹.

Récupérer le moment exact où débute la passion chez Greimas est loin d'être une tâche aisée. Les sémioticiens les plus compétents divergent sur ce type de problématique (voir ZILBERBERG, 2006, *virage modal*, FIORIN, 2007, sur *Du sens II* ; LIMA, 2014, sur le *Bulletin* 6). Toutefois, l'article de Fontanille, « Les voies (voix) de l'affect » (2017), semble cerner le

²³⁹ Il s'agit du schéma final après les analyses. Une première version a fait figurer la contagion dans le domaine de la sensibilité (cf. 2.1 Domaine de la passionnalité).

²⁴⁰ Colóquio Internacional Greimas (2017, PUC/SP: <https://www.greimas.com/copia-coloquio>) ; V Congresso Internacional da ABES (2017, UFF/RJ) ; Congrès AFS 2017 : Greimas aujourd'hui (2017, Unesco/Paris : <http://marechalmarine.wixsite.com/afs2017>) ; VII SEMINÁRIO DE SEMIÓTICA NA USP (2017, USP/SP : <http://semiotica.fflch.usp.br/node/642>), etc.

²⁴¹ A.J. Greimas. Sept lectures pour un centenaire : <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5668> ; *Uma homenagem ao centenário de Algirdas Julien Greimas* : <http://www.revistas.usp.br/esse/issue/view/10359> ; *Ainda para e sobre Algirdas Julien Greimas* : <http://www.revistas.usp.br/esse/issue/view/10548>, entre autres.

point de départ le plus éloigné : les recherches sur les passions, ou les pré-recherches consacrées à ce terme, ont commencé dans *Sémantique structurale* même, lorsque Greimas opère une réduction de l'inventaire de Souriau, dont les forces thématiques qu'il présente relèvent en quelque sorte du sensible (l'affectif et le passionnel sont traités en termes de désirs/nécessités et craintes), attendu que la réduction finale de Greimas aboutit au couple *obsession vs phobie* (FONTANILLE, 2017). Selon Fontanille, une corrélation existe entre les valeurs de la narrativité et les catégories modales du modèle actantiel, qui se déploieront par la suite dans la théorie des passions :

Et c'est justement sur cette corrélation – l'articulation entre les valeurs narratives et les qualifications modales des actants – qu'en « osant se prononcer », Greimas développera plus tard sa théorie des passions. C'est très précisément en revenant sur la distinction « obsession/phobie », reformulée dans les termes de la catégorie thymique, qu'il fera le lien entre d'un côté la polarisation des valeurs narratives et de l'autre la modalisation du spectacle actantiel (FONTANILLE, 2017, p. 5).

Dix ans après *Sémantique*, Greimas publie son premier manuel, *Maupassant. La sémiotique du texte : exercices pratiques*, dans lequel il analyse le conte *Deux amis* de Maupassant (1883). Dans la Ve séquence, l'auteur examine les conditions d'une bonne pêche et un intertexte apparaît avec Rousseau et sa description d'un état d'âme qui lui permet de « sentir avec plaisir son existence » (GREIMAS, 1976, p. 132). Nous pourrions argumenter que cet extrait appartient au terme de la *perception* ou même du *corps*. Or, nous sommes en présence d'un changement d'état d'âme des sujets qui cherchent la joie, et, pour y parvenir, ils se réduisent phénoménologiquement en s'unifiant (en participant) à l'univers. Dans cet extrait, les trois principaux termes du sensible sont mobilisés. Nous avons donc choisi de souligner la transformation passionnelle.

Greimas pose une intertextualité possible entre la bonne pêche de Maupassant et la description de Rousseau. Nous y retrouvons la *citation*, opération de mélange, à la tonicité moyenne, car nous n'avons pas de citation totale indirecte ni d'assimilation complète, comme l'exigerait une évidence textuelle. Dans le texte-citant figure le nom de « Rousseau » et entre guillemets : « état d'âme » et « sentir avec plaisir son existence ». Nous disposons alors des vestiges pour retrouver l'extrait du texte-cité auquel l'auteur fait référence afin de favoriser et de développer son analyse, en associant l'intelligible et le sensible dans une sémiotique des années

1970, connue comme classique et générative. Nous reprenons donc l'extrait de l'œuvre de Rousseau utilisé par Greimas, *Les rêveries du promeneur solitaire*, de 1782 :

Quand le soir approchait, je descendais des cimes de l'île et j'allais volontiers m'asseoir au bord du lac, sur la grève, dans quelque asile caché ; là le bruit des vagues et l'agitation de l'eau fixant mes sens et chassant de mon âme toute autre agitation la plongeaient dans une rêverie délicieuse où la nuit me surprenait souvent sans que je m'en fusse aperçu. Le flux et reflux de cette eau, son bruit continu mais renflé par intervalles frappant sans relâche mon oreille et mes yeux, suppléaient aux mouvements internes que la rêverie éteignait en moi et suffisaient pour me faire sentir avec plaisir mon existence, sans prendre la peine de penser. De temps à autre naissait quelque faible et courte réflexion sur l'instabilité des choses de ce monde dont la surface des eaux m'offrait l'image : mais bientôt ces impressions légères s'effaçaient dans l'uniformité du mouvement continu qui me berçait, et qui sans aucun concours actif de mon âme ne laissait pas de m'attacher au point qu'appelé par l'heure et par le signal convenu je ne pouvais m'arracher de là sans effort. (ROUSSEAU, [1782]2016, p. 126)

En fait, nous avons deux auteurs, la transformation d'état du sujet par l'effacement des activités du sujet de faire, comme l'interprète Greimas, via la perception, le corps et la passion. Ainsi, pour une bonne pêche, les personnages de Maupassant doivent remplir trois conditions. Selon Greimas (1976), toutes ces conditions sont négatives, comme nous l'observons dans les transformations suivantes :

- (4) « ils n'écoutaient plus rien »
 - (5) « ils ne pensaient plus à rien »
 - (6) « ils ignoraient le reste du monde »
- (GREIMAS, 1976, p. 132)

Dans le premier énoncé, les actants nient l'activité extérieure – l'extéroceptivité – du monde, les qualités sensibles du monde. Dans le deuxième, ils nient leur intelligence interne et l'**affect** que le sujet reçoit du monde – l'intéroceptivité. Selon Greimas, ils nient aussi l'être du sujet, se plongent dans un état de non-savoir, dont la dimension affective de l'*ignorer* unit l'intéroception et l'extéroception – on parle de la proprioceptivité. Par conséquent, sur le plan figuratif, une bonne pêche est la joie et la conscience que ce soit la pêche. Greimas réalise ici une

analyse phénoménologique, car la construction du sens passe par la visée du sujet du phénomène de monde, par ses perceptions, sensations et passions.

Nous pouvons conclure que la passion figure aux prémices de la sémiotique. Dans notre analyse, nous n'avons pas manqué de souligner certains aspects tout aussi importants pour le développement de ce terme dans la théorie décrite plus tard dans *Sémiotique des passions* ; le résultat des longues discussions du séminaire de Paris (voir *Les passions*, 1980, *Le désespoir*, 1981, *De la colère*, 1981, parmi d'autres publications du groupe), et *Sémiotique des passions*, en collaboration avec Fontanille²⁴², publiée en 1991.

Du point de vue de l'historiographie sémiotique, nous avons mis en valeur plusieurs éléments de cet ouvrage, particulièrement si l'on considère les déploiements de la théorie chez les post-greimassiens. Cela dit, nous montrerons l'émergence du parcours pathémique, qui suscite également des contradictions chez les sémioticiens. Ce dernier n'est-il apparu qu'en 1991 ? Dans *Sémiotique des passions*, Greimas et Fontanille en traitant la dimension pathémique au niveau du discours, affirment que les pathèmes sont indispensables pour pouvoir les appréhender dans un syntagme, dans ce cas, un syntagme passionnel. Ce parcours passionnel suit trois phases. La première est au niveau de la réalisation, c'est-à-dire la sensibilisation, le moment où les passions apparaissent dans le discours.

Les segments modaux sont choisis et potentialisés selon une *sensibilisation* qui les précède. D'après Greimas et Fontanille, cette *sensibilisation* ne peut être appréhendée que par ses effets, « [...] une fois que, la praxis énonciative ayant fait son œuvre, l'effet de sens passionnel est devenu un stéréotype, et le stéréotype un primitif passionnel dans un usage donné » (GREIMAS ; FONTANILLE, 1991, p. 156). Toutefois, la *constitution*, l'émergence du sujet pathémique, est préexistante à la *sensibilisation*. Puis, nous passons à la phase de la *disposition* « [qui] se définit comme un désir, comme un vouloir constant et caractéristique de l'individu [...] » (GREIMAS ; FONTANILLE, 1991, p. 93). Durant la *pathémisation*, la phase suivante, une transformation thymique se produit, dont le résultat est une *émotion*, définie comme « [...] un état pathémique qui affecte et mobilise tous les rôles du sujet passionné » (GREIMAS ; FONTANILLE, 1991, p. 270). L'émotion permet l'observation du comportement chez le sujet

²⁴² À propos de la rédaction de l'ouvrage, Fontanille révèle : « *Sémiotique des passions*, c'est autre chose : il y avait le recueil des notes de séminaire de Greimas (deux années consacrées aux passions), un recueil qui a été par ailleurs mis à disposition des chercheurs à la bibliothèque du Centre de Recherches Sémiotiques de Limoges. C'est à partir de ces notes que j'ai tout rédigé » (FONTANILLE, 2006, entretien avec Portela).

passionné, qui sera évalué éthiquement et esthétiquement. Les deux auteurs nomment *moralisation* cette dernière phase du parcours passionnel canonique (voir Greimas ; Fontanille, 1991, p. 271). Selon Bertrand (2003), ce parcours, qui est semblable au parcours narratif canonique, associe le parcours du faire à celui de l'être, la sémiotique de l'agir à celle du pâtir.

D'après Lima (2014), Fontanille a fait évoluer ce parcours. Dans la revue *Protée*, volume 21/1, le sémioticien a en effet élaboré une deuxième version. Cette fois, le parcours est conçu sans les subdivisions, en y ajoutant surtout la tensivité (LIMA, 2014) : *constitution – disposition – pathémisation – émotion – moralisation* (LIMA, 2014, p. 65). Selon Lima (2014), Fontanille a modifié une troisième fois ce parcours, en 1999, dans *Sémiotique des passions*. Le résultat était le suivant : *éveil affectif – disposition – pivot passionnel – émotion – moralisation*. L'éveil a remplacé la disposition, afin d'éviter toute confusion avec la constitution du parcours, et le pivot passionnel a fait son apparition. Pour Fontanille, il s'agit d'une étape majeure, car elle affecte le plan figuratif : « [...] c'est elle qui fixe dans la mémoire sensible du sujet les *scènes typiques*, obsédantes ou apaisantes, de sa passion [...] » (FONTANILLE, 1999, p. 80). Finalement, l'élément le plus surprenant est le commentaire de Fontanille à propos de la moralisation :

Mais, d'une manière plus générale, c'est la « contagion » affective que la moralisation cherche à contrôler et à limiter. Pour cela, elle procède à une évaluation des manifestations émotionnelles, effectuée du point de vue de la collectivité qui en est témoin et qui les interprète, et dont les résultats contribuent à réguler en quelque sorte l'échange passionnel et ses modes d'expression (FONTANILLE, 1999, p. 81).

Avant d'emprunter ce chemin contagieux exprimé dans cette citation, nous ouvrons une parenthèse sur le parcours passionnel. D'après le point de vue historiographique, le parcours passionnel est apparu peu de temps avant la *Sémiotique des passions*. Dans le *Bulletin* « Les passions », de 1986, l'article de Fontanille « Le tumulte modal : de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionnelle » évoque à la fois le parcours passionnel canonique et le sujet potentialisé (voir Fontanille, 1986, p. 23). Il s'agit, en fait, d'une corrélation entre les deux aspects. Selon Fontanille, les sujets réalisés et actualisés sont mis en relation avec l'objet, et les sujets virtualisés et potentialisés, avec un partenaire, c'est-à-dire qu'ils sont placés dans une relation intersubjective. Cette distribution rappelle celle des rôles du sujet du faire dans le parcours narratif canonique : « Il se dessine de ce fait, parallèlement au schéma narratif canonique, un schéma pathémique canonique [...] [qui] enchaînerait les rôles existentiels du sujet d'état, déterminés par les modalités de l'être » (FONTANILLE, 1986, p. 30). En conclusion, Fontanille

souhaite que la gestation de ce parcours soit moins longue que celle du parcours canonique narratif.

Trois ans après, dans « Les passions de l'asthme », apparaît la première formulation du parcours passionnel canonique. Lorsque Fontanille analyse l'asthmatique, il s'aperçoit que ce dernier adhère à l'éthique de la rétention à cause du nouvel apprentissage qu'il lui est imposé dès le moment où il découvre la maladie (FONTANILLE, 1989). À propos de ce parcours de l'asthmatique, le sémioticien explique :

La moralisation du comportement présuppose donc la *sensibilisation*, qu'elle est chargée de réguler. On distinguera à cet égard la « souffrance » proprement dite, avec ses formes variables, sa durée, de la « sensibilisation » qui, par le jeu des focalisations et des interactions entre le patient et l'entourage apparaît comme une véritable « performance sensible », un « acte » qu'il convient de distinguer de sa conséquence. La « sensibilisation » elle-même présuppose une « disposition », cette « identité modale » dynamique, convoquée en discours pour y figurer comme une passion. Enfin, la disposition modale présuppose une « constitution sensible » du sujet, qui serait en quelque sorte la « cause » originelle de l'asthme. (FONTANILLE, 1989, p. 38-39).

La première formulation du parcours pose donc les étapes suivantes (verticalement, sans sous-division, sans émotion et sans pathémisation) : constitution, disposition, sensibilisation, souffrance, moralisation (FONTANILLE, 1989, p. 39). Nous savons maintenant que ce parcours sera reformulé pendant au moins 13 ans, et nous pouvons considérer que le parcours présenté dans la *Sémiotique des passions* correspond en fait à sa deuxième reformulation. Nous sommes en présence de l'exemple parfait de l'adéquation intellectuelle (un sous-type du bricolage historiographique), car le parcours passionnel est un modèle spécifique, plusieurs fois remanié au nom de la cohérence théorique.

Dans la section suivante, nous nous intéressons au terme contagion ainsi qu'à la manière dont il est traité par la sémiotique.

Une remarque sur la contagion

Le terme contagion apparaît chez Fontanille dès 1989 dans le texte « Les passions de l'asthme », comme nous l'avons observé dans la citation antérieure à propos de la moralisation, puis dans *Sémiotique des passions* (1991, avec Greimas) ainsi que dans « L'émotion et le discours » (1996). Chez Landowski, elle figure d'abord dans l'article « Viagem às nascentes do

sentido » (1996), puis dans « Sémiotique gourmande » (1998), dans l'œuvre *Passions sans nom* (2004) et finalement dans *Les interaction risquées* (2006).

Nous entamons ce parcours avec l'article de Fontanille (1989). L'auteur prend une maladie, l'asthme, qui en soi n'est pas contagieuse, sauf quand elle est héréditaire, afin de parler des passions qu'elle suscite et de montrer que la forme du parcours passionnel de l'asthme est contagieuse. Cette étude de Fontanille se focalise sur l'identité modale du sujet. À propos de l'auto-engendrement modal, Fontanille note que quelque chose survient à l'asthmatique ainsi qu'aux gens qui lui sont proches. Selon le sémioticien, il s'agit d'une syntaxe intermodale **contagieuse**. Les difficultés ressenties par l'asthmatique pendant l'acte de la respiration sont semblables à celles pour éprouver le monde, telles qu'elles sont exprimées dans les entretiens par des sujets qui parlaient de « rétention affective » (FONTANILLE, 1989, p. 17). La souffrance affecte le corps et devient une passion. D'après Fontanille, cette angoisse est bi-isotope, car elle possède une configuration corporelle et psychique. Parmi les sujets interviewés, Fontanille a compris que la passion de l'asthme est contagieuse et qu'elle se dissémine lors de l'interaction entre le sujet-patient et les autres sujets de son entourage, via le dispositif modal sensibilisé (FONTANILLE, 1989, p. 28). Il ajoute qu'il peut en aller de même avec les autres passions.

Chez Landowski (1996), une première esquisse de la contagion du sens par la socio-sémiotique se manifeste. L'auteur analyse l'appréhension d'une œuvre d'art, la rencontre esthétique, puis se demande s'il serait possible, dans ce cas, de séparer l'émergence du sens du *faire sentir* ? Selon lui, l'esthétique et l'esthésique restent indissociables, particulièrement dans l'œuvre d'art. Il donne l'exemple de l'avertissement adressé aux visiteurs d'un musée : « Il est interdit de toucher ! ». Ce simple énoncé démontre qu'il existe « une invitation claire à rappeler que, dans la recherche de notre plaisir (ou du sens – c'est presque la même chose), nous ne pouvons pas séparer la composante esthésique de l'esthétique, et vice-versa » (LANDOWSKI, 1996, p. 38, notre traduction)²⁴³.

De surcroît, Landowski souligne que les manifestations du corps de l'autre dans notre quotidien suscitent chez nous une présence, c'est-à-dire un mode d'être qui peut être transféré (LANDOWSKI, 1996). Selon l'auteur, cette transmission corps à corps est une *indentification psychosomatique* sans la médiation entre sujet-objet (par exemple, bâiller). Landowski reconnaît

²⁴³ « [...] um claro convite a recordar que, na procura do nosso prazer (ou na do sentido – é quase a mesma coisa), não se pode separar o componente estésico do estético, e vice-versa » (LANDOWSKI, 1996, p. 38).

ce défaut de médiation en termes de régime d'union. Il prend un autre exemple, le rire, où se produit également une identification entre deux corps, et il s'agit d'un type de perturbation qui provoque une participation (de degrés variables) à notre expérience extériorisée par *sympathie* (LANDOWSKI, 1996, p. 39). Par conséquent, pour Landowski, le sens est senti.

Nous ne savons pas dans quelle mesure Landowski ignorait les textes de Fontanille sur la contagion. Cependant, sous plusieurs aspects, leurs approches sont semblables, quoique leurs points de départ diffèrent (l'asthme, le désespoir chez Fontanille ; et les passions sans nom chez Landowski). Dans *Passions sans nom* (2004), Landowski reprend le rire pour parler de la contagion et le compare avec la grippe, maladie réellement contagieuse. Ces deux approches illustrent donc notre schéma de la dispersion du groupe de spécialité de sémiotique. La dispersion sur l'axe de l'extensité ne se produit pas soudainement. Les préférences théoriques et autres peuvent être ressenties à divers moments dans le groupe, et les dialogues théoriques possibles sont interrompus avant même d'avoir une existence.

Selon Bueno *et al.* (2010), Landowski étudie les esthésies de l'ordre du collectif, qui surviennent en raison de la contagion, c'est-à-dire qu'il s'agit d'une manière de faire être, dont la condition minimale est le contact du corps à corps. C'est l'interaction entre les actants dans la présence de chacun (BUENO *et al.*, 2010).

Pour conclure cette section, nous reprendrons succinctement l'affect chez Zilberberg, dans le texte *Précis de grammaire tensive*, publié en 2002. Selon Zilberberg, l'affectivité n'est pas uniquement une autre invitée dans la production du sens. Elle dirige simplement l'ensemble du processus de sa constitution : « [...] elle se propose de coiffer la sémiotique des oppositions, qui demeure la charte du structuralisme, par une sémiotique des intervalles, en concordance avec le primat de l'affectivité, puisque nos vécus sont d'abord, peut-être seulement, des mesures » (ZILBERBERG, 2002, p. 111). En ce qui concerne le primat de l'affectivité, lorsque Zilberberg aborde la tensivité, en tant que structure générale, il explique que l'esthésie et la phorie, longtemps marginales, ont définitivement pris leur place au sein des catégories de « premier rang » dans la théorie : « Aussi, loin d'admettre et comme à contre-cœur l'affectivité, de la cantonner à la fonction modeste de complément circonstanciel de manière, nous recevons l'affectivité, sous la dénomination d'intensité, comme grandeur régissante du couple dérivé de la schizie inaugurale » (ZILBERBERG, 2002, p. 115). Zilberberg parle de la grandeur de l'intensité, qui, dans la tensivité, forme un couple avec l'extensité.

Selon la cartographie du sensible, la contagion appartient au domaine de la sensibilité. Toutefois, bien que Fontanille et Landowski évoquent le toucher inhérent à la contagion, les analyses des données nous ont montré que, chez eux, cette contagion relève davantage de la passionnalité.

2.2 LE DOMAINE DE LA SENSIBILITE

Pour ce résumé, nous avons focalisé certains aspects de la sensibilité, et nous avons débuté notre propos par la formule la plus célèbre de *Sémantique structurale* sur la perception : « [...] comme le lieu non-linguistique où se situe l’appréhension de la signification » (GREIMAS, 1966, p. 8). Cet énoncé représente le premier choix épistémologique de Greimas pour traiter le monde de la signification, c’est-à-dire le monde humain. Plusieurs sémioticiens ont repris ce passage (Beividas, Fontanille, Klinkenberg, Parret, Landowski, parmi d’autres), ce qui confirme le rôle de l’historiographie linguistique, surtout dans le cas de la sémiotique, puisque plusieurs points de vue se partagent le même projet.

La perception traitée chez Greimas est analogue à celle figurant chez Merleau-Ponty (2011). Selon Merleau-Ponty, nous sommes au monde et, par conséquent, nos perceptions s’explicitent, en permettant en même temps que l’homme se connaisse lui-même :

La perception n’est pas une science du monde, ce n’est pas même un acte, une prise de position délibérée, elle est le fond sur lequel tous les actes se détachent et elle est présupposée par eux. Le monde n’est pas un objet dont je possède par devers moi la loi de constitution, il est le milieu naturel et le champ de toutes mes pensées et de toutes mes perceptions explicites. La vérité n’« habite » pas seulement l’« homme intérieur », ou plutôt il n’y a pas d’homme intérieur, l’homme est au monde, c’est dans le monde qu’il se connaît (MERLEAU-PONTY).

Greimas entend alors établir la sémantique comme une tentative de décrire les figures du monde sensible. C’est la première fois que le mot apparaît dans *Sémantique structurale* (1966). Ce monde sensible signifie l’intérieur du monde – le monde dit sensible – et pour atteindre son objectif, Greimas met en œuvre les concepts phénoménologiques de proprioception, intéroception et extéroception. Puis, il définit une conception de la structure pour la signification, en laissant de côté, d’une certaine manière, les préconditions de la signification, à savoir le continu. La

perception joue un rôle important, même dans cette première phase de la sémiotique, car le fait d'admettre l'existence de discontinuités sur le plan de la perception et de découpages différentiels « créateurs de signification » était l'unique forme sous laquelle la problématique de la signification pouvait être traitée : « Nous percevons des différences et, grâce à cette perception, le monde “prend forme” devant nous et pour nous » (GREIMAS, 1966, p. 19).

Eu égard à la maxime saussurienne, selon laquelle, dans la langue, il n'y a que des différences, les conditions requises pour l'émergence du sens sont la présence simultanée d'au moins deux termes-objets ainsi que l'existence d'une relation entre eux deux. Au niveau des modes d'existence de ces termes-objets, Greimas traitera la perception en tant qu'identité et continuité. Le premier terme est un élément essentiel dans l'appréhension de deux termes-objets qui ont besoin de l'identité et de la différence. Le second est lié, selon Greimas, au discontinu. Il s'agit de la conjonction et de la disjonction.

D'après Beividas (2011), la perception n'apparaît chez Greimas que pour résoudre les apories de la théorie, ce qui semble être confirmé par un entretien entre Greimas et Parret (1987). Dans plusieurs passages de la *Sémantique*, Greimas met en valeur le sensible (les catégories du niveau sémiologique, par exemple). Ce premier Greimas considère l'acte perceptif comme le primat. Beividas (2011) pense cependant que l'acte sémiologique a une antécédence et qu'il est le primat heuristique de l'acte perceptif (BEIVIDAS, 2011). Dans cette perspective, le sémioticien brésilien développera ses études sur la sémioception.

Avant d'aborder la sensibilité dans les manuels et les synthèses de sémiotique, nous reprenons, chez Greimas et Fontanille, le rôle de la perception dans l'interaction entre le monde et l'homme, comme l'élément principal pour comprendre ce monde du sens :

[...] c'est la perception comme interaction de l'homme et de son environnement qui est la pierre de touche dans nos efforts pour comprendre le monde du sens commun et que c'est le corps propre qui permet à ce monde l'accès à l'univers du sens. Corps sentant, percevant, réagissant ; corps mobilisant tous les rôles épars du sujet, en un raidissement, un sursaut, un transport. Corps comme barrage et arrêt, conduisant à la somatisation, douloureuse ou heureuse, du sujet, mais aussi lieu de transit et de pathémisation qui ménage l'ouverture sur les modes d'existence sémiotique (GREIMAS ; FONTANILLE, 1991, p. 324).

Chez Greimas et Fontanille, le corps est le siège du sens. À vrai dire, le corps est le médiateur entre l'homme et le monde. Il s'agit d'un corps sentant, percevant, somatisant, de ce

lieu entre la pathémisation et l'émergence dans la sémiotique des modes d'existence de ce sujet-corps.

Les manuels et les synthèses de la sensibilité

Nous avons déjà relevé chez Greimas certains extraits de son manuel *Maupassant* afin de montrer comment le sensible est présent dès la première période de la sémiotique classique. Nous nous intéressons désormais aux manuels et aux synthèses des post-greimassiens. Un besoin ou un fort désir d'écrire ces manuels et ces synthèses de sémiotique semble en effet animer ces chercheurs. À titre d'exemple, nous citons, chez Fontanille, *Sémiotique du discours* et *Sémiotique et littérature*, chez Landowski, *Les interactions risquées* et chez Zilberberg, *Éléments de grammaire tensive* (continuation du *Précis de grammaire tensive*). Nous avons parcouru chacune de ces œuvres et récupéré les domaines de la sensibilité.

Sémiotique du discours, publiée en 1998 par Fontanille, est explicitement écrite comme un manuel. Fontanille affirme, dans le prologue, que son ouvrage est un manuel dédié aux étudiants, de la licence au doctorat, ainsi qu'à tous ceux qui sont intéressés par le sujet. L'objectif principal est de présenter une synthèse de la sémiotique entre les années 1980 et 1990.

Lorsqu'il aborde le signe, Fontanille conclut que la théorie de la signification saussurienne englobe la notion d'image qui, à son tour, évoque la perception. D'après lui, le chemin de la substance jusqu'à la forme n'est que le même mouvement entre le monde sensible et le signifiant (FONTANILLE, 1998). Fontanille opère alors une réduction entre, d'une part, la perception et la signification et, d'autre part, la forme d'un système de valeurs. Selon Fontanille (1998), les premiers termes concernent l'émergence de la signification dans la perception. Il s'agit, d'un côté, de la perception du monde extérieur – ou l'expression – qui produit les signifiants et, de l'autre, de la perception du monde intérieur – vouée aux aspects du sensible, tels que les affects et les sensations – qui produit les signifiés.

Ensuite, une fois les perceptions en interaction, les positions différentielles (les valeurs) apparaissent (FONTANILLE, 1998). Cette partie est en quelque sorte forte semblable à celle où Greimas présente sa définition de la structure dans *Sémantique structurale* ainsi qu'à ce qui se rapporte à l'articulation entre le plan extéroceptif et intéroceptif par la proprioception, que Fontanille aborde aussi dans une perspective hjelmeslevienne.

La sensibilité est donc toujours présente dans ces premiers travaux et nous poursuivons notre cheminement par un petit saut temporel de huit ans. En 2006, deux synthèses sémiotiques sont publiées : *Éléments de la grammaire tensive*, de Zilberberg, et *Les interactions risquées*, de Landowski, une publication qui suit une approche socio-sémiotique. Ces deux titres sont plus spécifiques que celui de Fontanille, qui essayait de synthétiser la sémiotique dans un cadre général. Les deux autres auteurs réalisent une synthèse plus proche de leurs propres domaines respectifs.

Selon Sémir Badir (2007), l'ouvrage *Éléments* présente un bref parcours des travaux de Zilberberg, car il procède de ses publications – il s'agit précisément d'un cas de bricolage historiographique – *Essai sur les modalités tensives* (1981) ; *Raison et poétique du sens* (1988) ; *Tension et signification* (1998, en collaboration avec Fontanille) ; *Précis de grammaire tensive* (2002). De surcroît, Badir attribue le statut de « dictionnaire » à cette œuvre pour les raisons suivantes :

[...] *Tension et Signification*, parut en 1998. Écrit en collaboration avec Jacques Fontanille, il se donne à lire sous une forme rarement employée pour un ouvrage de réflexion théorique : la forme d'un dictionnaire (encyclopédique, certes : seulement douze entrées). De cette forme dictionnaire, les *Éléments* héritent de deux manières : d'abord, en se donnant à lire *après* le dictionnaire, c'est-à-dire après que le vocabulaire théorique a été entièrement parcouru. Il y gagne immédiatement en cohérence, et l'on n'y trouve pas les hésitations habituelles à ce genre de projet. Ensuite, il présente un Glossaire, également généreux en explications et en développements (certaines entrées font plus de deux pages). Le Glossaire est une entreprise (admirable) d'élucidation des emprunts terminologiques et des fonctions conceptuelles (BADIR, 2007).

Ce compte-rendu de Badir, par son contenu, est très proche d'une historiographie « sauvage », puisqu'il nous montre certains aspects paratextuels, tels que le sommaire, le nombre de citations attribuées à Hjelmslev (136 fois), parmi d'autres informations qui contribuent à la compréhension de l'ouvrage sous notre perspective. Cela dit, la façon dont cet ouvrage de Zilberberg s'adresse à la communauté académique nous pousse à le considérer comme une synthèse.

Dans le but de montrer la sensibilité, nous avons extrait un passage de cette œuvre. Au deuxième chapitre, sur les valences tensives et les valeurs, la perception apparaît surtout via la phénoménologie de Cassirer, outre Merleau-Ponty. Chaque sémioticien, pour développer sa théorie, semble démontrer une préférence philosophique : « tous les grands » phénoménologues

sont certes cités, mais certains noms sonnent plus fort que d'autres. Husserl, Merleau-Ponty, Sartre, Cassirer, Valéry, parmi d'autres, sont les philosophes qui apparaissent le plus fréquemment.

Cassirer nous est donc présenté pour sa conception du « phénomène d'expression », dont les qualités sensibles et les propriétés expressives ne forment pas seulement une structure. Par exemple, le froid ou le chaud (selon Cassirer, cité par Zilberberg) s'adaptent, par la perception concrète, à une tonalité d'expression qui est à la fois déterminée et spécifique. Cette tonalité appréhende dans l'objet son mode d'apparition « globale », une propriété quelconque, et ce, indépendamment de l'interprétation objective (ZILBERBERG, 2006c).

Nous terminons ce commentaire sur la perception avec l'article « Pour saluer l'événement », car il constitue un complément des *Éléments*. Nous citons son épigraphe : « Chaque chose que tu vois est un événement et chaque idée, un événement, et toi-même qui te perçois par événements (et qui en es un à cet instant) tu es aussi capacité d'événements, – qui elle-même en est un. P. Valéry » (apud ZILBERBERG, 2008, p.1).

La dernière synthèse est de Landowski, publiée également en 2006, *Les interactions risquées*. Lorsqu'il aborde *la marginalité du sens*, Landowski décrit, via Barthes (1975), Merleau-Ponty (1945) et Greimas (1966 ? ; 1987 ?), la condition de l'homme, qui est condamné au sens. Une note en bas de page (voir Landowski, 2006, p. 10, note 4) révèle que Landowski fait référence à l'œuvre de Barthes et de Merleau-Ponty. Plus loin dans son texte, Landowski lance son hypothèse selon laquelle le sens, plutôt que d'imposer sa présence, reste toujours à conquérir ; il considère l'expérience du sens de la même manière que Greimas dans *De l'imperfection* (deuxième partie du livre) – d'où la présence, plus haut, de nos points d'interrogations pour les années de publication, nous y reviendrons –, comme une échappatoire pour caractériser notre condition d'écrivain (au moins).

Selon Landowski, Greimas répétait souvent une formule étrange, que Barthes avait empruntée à Merleau-Ponty (LANDOWSKI, 2006, p. 10). Pour notre part, la cohérence citationnelle est inversée, puisque Greimas utilisait la proposition selon laquelle nous sommes condamnés au sens dès *Sémantique structurale* : « On est naïvement étonné quand on se met à réfléchir sur la situation de l'homme qui, du matin au soir et de l'âge prénatal à la mort, est littéralement assailli par les significations qui le sollicitent partout, par les messages qui l'atteignent à tout instant et sous toutes les formes » (GREIMAS, 1966, p. 8). Chez Merleau-

Ponty, la source probable de la pensée de Greimas : « [...] Parce que nous sommes au monde, nous sommes condamnés au sens, et nous ne pouvons rien faire ni rien dire qui ne prenne un nom dans l'histoire » (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 26). Et, finalement, chez Barthes, comme le cite Landowski : « Par rapport à l'écrivain, le musicien est toujours fou (et l'écrivain, lui, ne peut jamais l'être, car il est condamné au sens) » (BARTHES, [1975]1982, p. 273). Ce réseau citationnel et relationnel une fois constaté, Landowski complète la formule et affirme qu'en fait, nous sommes condamnés à *construire* le sens.

Un autre aspect de la théorie de Landowski s'avère très intéressant pour aborder la perception. Pour les régimes d'interactions, et plus spécifiquement pour celui de l'ajustement, l'auteur définit en effet deux types de sensibilité : la perceptive et la réactive. Parmi les procès interactifs de sa théorie, Landowski s'efforce d'établir les relations entre les acteurs humains et les choses, et recherche, au sein de ces procès, l'expérience vécue dans la quotidienneté (LANDOWSKI, 2006). Après avoir établi les régularités du régime de programmation et de manipulation, il reconnaît la sensibilité comme le fondement du régime d'ajustement :

[...] la *sensibilité perceptive* qui nous permet non seulement d'éprouver par les sens les variations perceptibles du monde extérieur (liées à la présence d'autres corps-sujets ou aux éléments du monde-objet) et de ressentir les modulations internes affectant les états du corps propre, mais aussi d'interpréter l'ensemble de ces solutions de continuité en termes de sensations différenciées faisant elles-mêmes sens. Ensuite, une sensibilité que nous appellerons la *sensibilité réactive* : c'est celle que nous attribuons par exemple aux touches d'un clavier d'ordinateur ou à une pédale d'accélérateur lorsque nous disons qu'elles sont très, quelquefois trop, « sensibles ». (LANDOWSKI, 2006, p. 44).

En somme, Landowski souligne que l'adaptation et la manipulation, qui appartiennent respectivement aux régimes de programmation et de manipulation, n'apparaissent pas dans le régime d'ajustement. Cet ajustement opère alors entre semblables, par contagion entre les sujets, au niveau esthésique des relations entre sujets et objets (LANDOWSKI, 2006 ; 2014). Après la perception, nous abordons maintenant le domaine de la corporéité, le lien entre la passionnalité et la sensibilité.

2.3 LE DOMAINE DE LA CORPOREITE

« Dans le discours de la plupart des sciences humaines, le corps est un thème omniprésent depuis une vingtaine d'années : l'histoire, la sociologie, la poétique, l'anthropologie et la philosophie, la communication et la mercatique, parmi bien d'autres, en ont fait un motif de renouvellement et d'actualisation. Pourtant cette « incarnation » des sciences humaines se présente sous bien des figures différentes »

(Corps et sens, Fontanille, 2011, p. 1).

Dans cette analyse, nous avons pris un nouvel exemple de bricolage historiographique sur le corps. L'épigraphe ci-dessus résulte d'une comparaison entre la première formulation de Fontanille sur le corps dans *Soma et séma* (2004) et sa reformulation dans *Corps et sens* (2011). Comme l'affirmait Floch (1995), c'est faire du nouveau avec le vieux. Si nous récupérons le même extrait dans chaque œuvre, nous pourrions observer les changements diachroniques, au niveau du syntagme et du paradigme. Nous présentons ci-après ces deux extraits, celui de 2004, texte en gras, et celui de 2011 :

Partie 1 :

Dans le discours de la plupart des sciences humaines, le corps est revenu en force :

Dans le discours de la plupart des sciences humaines, le corps est un thème omniprésent depuis une vingtaine d'années :

Partie 2 :

en histoire, en sociologie, en poétique, en anthropologie et aussi... en sémiotique.

l'histoire, la sociologie, la poétique, l'anthropologie et la philosophie, la communication et la mercatique, parmi bien d'autres,

Partie 3 :

[pas de partie correspondante à cet extrait]

en ont fait un motif de renouvellement et d'actualisation.

Partie 4 :

Pourtant cette « incarnation » des sciences humaines (« embodiment », disent les « cognitivistes ») se présente sous bien des figures et des motifs différents.

Pourtant cette « incarnation » des sciences humaines se présente sous bien des figures différentes.

La première partie présente une différence entre les deux extraits, lorsqu'il est affirmé, d'un côté, que le corps est *revenu en force* et, de l'autre, que le corps est *omniprésent depuis une vingtaine d'années*. L'un part d'un point de rupture, tandis que l'autre, du continu. Dans la deuxième partie, la sémiotique passe d'un lieu principal aux réticences d'une existence « parmi bien d'autres ». La troisième partie montre un ajout : le thème requiert un renouvellement et une actualisation. Enfin, dans la quatrième partie, les sciences humaines, désormais *incarnées*, nous présentent le corps sous différentes perspectives, que l'auteur aborde pour en venir à la sémiotique. Ce petit extrait démontre comment le bricolage historiographique autorise une compréhension plus ample d'un domaine. Par la simple procédure de réécriture, le sens (peut) change(r).

Nous avons également divisé notre analyse de l'étude du corps en suivant une empreinte laissée par la sémiotique dès les études d'ordre canonique, à savoir les fractures du sens.

Précédemment, nous avons repris chez Landowski le réseau citationnel de « nous sommes condamnés au sens », via Merleau-Ponty, Greimas et Barthes. Pour notre part, nous sommes bien davantage condamnés à la routine – du travail de Sisyphe –, qui perd son sens jour après jour. En l'absence de *fracture*, de manque, de problème, nous ne saisissons plus rien, car nous n'avons pas de sens, ou mieux, nous perdons le sens. Lorsque nous observons attentivement les déploiements de certains concepts qui circonscrivent la sémiotique, nous constatons qu'ils s'amorcent à partir d'une fracture. Sans un manque, il n'y a pas d'histoire. Par exemple, les différents types de perception (extéroception, intéroception et proprioception) chez Merleau-Ponty sont expliqués par les maladies psychiques (le membre fantôme et l'anosognosie), et c'est par ce chemin qu'elles parviennent à la sémiotique greimassienne. En outre, le parcours narratif canonique nous est lui aussi parvenu à travers une théorie du manque, issue de Propp. Les premières fonctions de la *morphologie* du conte merveilleux explicitent en effet un problème, un manque, un défaut dans la *situation initiale*.

De l'imperfection est ici l'exemple le plus connu. Le terme *fracture* est introduit dans cette œuvre pour traiter l'émergence du sens esthétique et esthéticien. Selon Landowski (2004), cette théorie du sens est de nature catastrophiste. La liste se poursuit avec Fontanille et son étude sur l'asthme, en 1989, une maladie non-contagieuse, *lato sensu*, qui le devient néanmoins en fonction des interactions et à la faveur des modalisations passionnelles. De même, Landowski (2004), lorsqu'il examine la contagion, recherche deux types d'exemples pour différencier son approche. Il évoque la grippe, une maladie réellement contagieuse, et le rire, qui est une contagion du corps à corps, sans intermédiaire.

Mais pourquoi les maladies ? Selon *Le Petit Robert*, le terme « malade », du latin *male habitus* « qui se trouve en mauvais état » reflète une transformation d'état dans le corps. Chez Greimas (1970), dans l'article sur la gestualité, le corps apparaît comme un médiateur du procès de signification. L'auteur affirme que, dans le contexte spatial, où se tient la forme humaine, les catégories ou les formes du monde perçu ne sauraient être séparées. Néanmoins, Greimas les a séparément examinées :

Nous l'avons fait non seulement pour insister sur la nécessité de la description du corps en sa qualité d'objet perçu mais aussi pour marquer la séparation (confirmée par des recherches récentes portant sur l'apraxie) entre l'espace non humain, un *ailleurs*, vers lequel l'homme prolonge sa présence à l'aide du geste ou de l'outil et l'espace humain réduit, un *ici-là* où s'exerce sa gesticulation (Greimas, 1970, p. 58-59).

Sur la base de cette réflexion, Greimas s'intéresse à une nouvelle pathologie, l'apraxie, qui désigne l'incapacité chez le sujet d'exécuter volontairement des mouvements, et ce, indépendamment du fait qu'il sache ou non l'exécuter, et malgré une musculature saine.

Enfin, dans les *Éléments* (2006c), Zilberberg, qui entend démontrer l'articulation de l'aspect de la tonicité, prend comme exemple un extrait du texte de Stendhal, « Rome, Naples et Florence. *Voyage en Italie* » (1989), pour évoquer la relation entre l'espace et l'affectivité. Son exemple porte sur le *paroxysme*, un moment très intense de douleur ou de maladie. Pour Zilberberg, le phénomène apparaît pendant la découverte de Florence, qui évolue de l'état à l'événement, en direction du point d'émotion, compris ici comme un *paroxysme thymique* (ZILBERBERG, 2006c).

Cette analyse du corps du point de vue de la fracture qui fait naître le sens s'achève ici. Nous n'oublions pas cependant le désir de l'homme de fusionner avec le monde (ce désir

nostalgique), dans une *pancalie originelle*, car l'homme et le monde sont faits de la même étoffe. Carl Sagan, dans la série télévisée *Cosmos*, des années 1980, affirme : « Some part of our being knows this is where we came from. We long to return. And we can, because the cosmos is also within us. We're made of star stuff. We're a way of cosmos know itself » (SAGAN, 1980).

CONSIDÉRATIONS FINALES

[...] le savoir n'est pas seulement « partagé » entre les partenaires de la communication qui l'échangent, ni seulement « partagé » en divers fragments lors de la mise en discours, il est aussi, en un troisième sens, partagé, lors de sa reconstruction dans l'énoncé, entre l'observateur et l'informateur.

(Le savoir partagé, Fontanille, 1987, p. 209).

Mener une étude historiographique selon l'histoire des idées revient à réparer et à restaurer l'oubli de ces mêmes idées : selon Colombat *et al.* (2015), les savoirs se construisent sur la longue durée, et, conséquemment, ils s'accumulent. Cependant, la transmission de ces savoirs implique en même temps l'oubli de la mémoire cumulative. Notre rôle consiste donc à créer un « [...] produit de l'information sur le système scientifique que constituent les sciences du langage et [à] permet[tre] donc d'élargir, chez les chercheurs, ce que l'on peut appeler leur "horizon de rétrospection" [...] » (COLOMBAT *et al.*, 2015, p. 13). L'épigraphie précédente ainsi que cet extrait pointent un partage du savoir. Pour chaque reconstruction d'énoncé, nous avons mêlé les savoirs sémiotiques (du moins avons-nous essayé) dans le but de partager le savoir cumulatif et d'éviter l'oubli complet. Mais, d'une certaine façon, lorsque nous avons défini notre *corpus*, nous avons également mêlé l'oubli. Nous avons tenté, pour reprendre Husserl via Fontanille, de mener la meilleure analyse historiographique possible. Notre ambition était de présenter différents points de vue sur le sensible chez les sémioticiens. Néanmoins, il convenait de réduire, d'analyser, d'interpréter, et de réduire encore. Il en résulte un *corpus* qui suit finalement de près l'histoire du groupe de spécialité de Greimas et de sa réception théorique au Brésil.

En ce qui a trait aux questions sur les déploiements du sensible dans la sémiotique greimassienne et post-greimassienne, notre approche historiographique linguistique et sémiotique a révélé sa systématisation, son développement et sa description dans la rhétorique et l'immanence des œuvres.

En premier lieu, nous avons constaté l'émergence du sensible dès les premiers écrits de Greimas, en 1956, dans « L'actualité du Saussurisme ». Nous relevons cette émergence, par

exemple, dans la rhétorique de l'article. Puis, dans ses écrits en 1966 et en 1991 (en collaboration avec Fontanille), nous avons observé que le sensible figurait à la fois dans la rhétorique et dans l'immanence. Les textes les plus représentatifs de la sémiotique classique, comme le *Maupassant* de Greimas, font apparaître la problématique de la perception et de la passion. Le sensible est évoqué en continuité non seulement dans la sémiotique discursive, mais aussi dans les textes considérés comme appartenant au « tournant modal et phénoménologique ». Nous avons pu récupérer dans ses œuvres les trois domaines. Les déploiements s'avèrent parfois imparfaits en ce qui concerne la méthode employée, mais Greimas a laissé un terrain fertile pour ses disciples. Il convient toutefois d'ajouter que le mérite de tous ces travaux revient au groupe. Si la plupart des œuvres portent une signature individuelle, les thèmes approchant le sensible ont été largement discutés dans les séminaires de Paris, et nous confirmons notamment cette hypothèse par les dictionnaires.

En somme, la première systématisation du sensible nous parvient par le principe de perception et ses corrélats, en tant que lieu non-linguistique de la signification. La proprioception signalait déjà la problématique du corps, annonçait celle des passions en tant que modalités, l'insertion de l'esthésie et de l'esthétique, etc. Nous avons plus largement exploré ces thèmes chez les auteurs post-greimassiens. Nous avons observé la systématisation des passions dans un parcours canonique qui est antérieur à la *Sémiotique des passions* : Fontanille l'évoque déjà à partir de 1986. La contagion a été systématisée selon deux approches : la moralisation du parcours passionnel, chez Fontanille, le régime de l'union, en termes de sens senti, du corps à corps, chez Landowski. Deux initiatives, mais aucun dialogue.

Chez Zilberberg, nous observons le primat de l'affectivité. Elle apparaît comme le terme principal de l'intensité. En ce qui a trait au corps, un consensus semble se former sur le fait qu'il est le médiateur entre le sujet et le monde. Chez Fontanille, l'actant est traité en tant que corps, et vice versa. Chez Landowski, le sujet a un corps et il est reconnu par sa sensorialité, l'actant a une compétence esthésique. Chez Zilberberg, le corps du sujet est au centre de tout, par extensité, il existe au monde. Landowski s'intéresse aussi aux passions vécues au jour le jour, aux passions sans nom dans la langue. Nous sommes à même d'affirmer que le concept de sensible converge dans la théorie, qu'il est immanent non seulement dans la théorie, mais aussi dans la rhétorique des post-greimassiens.

Aujourd'hui, la sémiotique assume, dans son faire métasémiotique, la relation intrinsèque entre l'intelligible et le sensible. Dans le dictionnaire de langue, nous avons noté que le verbe sentir, selon le savoir du sens commun, signifie aussi percevoir par l'intelligence. Nous avons le *recto* et le *verso*.

Enfin, le sensible peut être traité en termes de tonicité dans l'histoire de la sémiotique. Si sa présence semble moins accusée dans certains travaux, elle n'en reste pas moins constante.

Certes, le sujet de cette étude est loin d'être épuisé. Nous n'avons étudié que certains domaines du sensible et beaucoup reste encore à faire. D'autres concepts méritent d'être examinés, ainsi que des chercheurs et des auteurs, non retenus pour ce travail, mais dont les recherches sur le sensible sont essentielles : Bordron, Coquet, Le groupe μ , Bertrand, Hénault, Parret, Marsciani, Fabbri, Floch, Beividas, Tatit, Discini, Lopes, Harkot-de-La-Taille, Fiorin, Cortina, Portela, Silva (Ignacio), Oliveira (Ana Claudia), Fernandes (Edna), Schwartzmann, Teixeira, parmi bien d'autres noms.

Pour conclure ce résumé, nous tenons à souligner qu'à l'instar de l'historiographe qui se cache derrière ces lignes, le travail historiographique a ses limites. Comme le dirait Swiggers (2017), cette activité relève d'une interprétation conditionnelle, car l'historiographe dépend des sources, et les analyses s'avèrent incomplètes et changeantes. De surcroît, il convient de ne pas négliger son caractère subjectif : l'analyse n'est ni définitive ni neutre, car elle se fonde toujours sur un point de vue. Par conséquent, le travail obtenu, s'il répond effectivement à l'objectif académique et personnel de rechercher et de récupérer certains aspects oubliés ainsi que d'en renforcer certains autres, apparaît forcément incomplet. Nous espérons pour le moins avoir pu raisonnablement contribuer à la trame historique du sensible, comme savoir cumulatif.